

RODRIGO GARCIA GARAY

O FONEMA – LINGUÍSTICA e HISTÓRIA

PORTO ALEGRE

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Garay, Rodrigo Garcia
O FONEMA - LINGUÍSTICA E HISTÓRIA / Rodrigo
Garcia Garay. -- 2016.
185 f.

Orientadora: Luiza Ely Milano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. fonema. 2. Fonologia. 3. Saussure. 4.
Courtenay. 5. sânscrito - grego - russo. I. Ely
Milano, Luiza , orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

O FONEMA – LINGUÍSTICA e HISTÓRIA

RODRIGO GARCIA GARAY
ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. LUIZA MILANO

Dissertação de Mestrado em TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE
2016

Para minha família, sem a qual não haveria história; em especial para minha mãe, Lúcia (in memoriam) e meu pai, Paulo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Luiza Milano pelo suporte, por compartilhar o conhecimento, e por acreditar no meu trabalho.

Agradeço à professora Ana Zandwais, que foi minha orientadora durante a graduação.

Agradeço imensamente ao professor Bruno Fregni Bassetto, cujos cursos me “*despertaram do sono profundo*”.

Agradeço aos professores do curso de Letras pela oportunidade para aprender, e pela paciência nos momentos difíceis.

Agradeço aos professores e professoras dos Departamentos de Grego e Latim (e aos colegas destas disciplinas igualmente) pela inestimável ajuda com as traduções, com os textos mais complicados e com indicações de leitura.

Agradeço ao prof. Craig Brandist (Sheffield University) pelo extenso material de pesquisa sobre Baudouin de Courtenay e pelas orientações de leitura.

Agradeço em especial ao pessoal da Biblioteca da PUC-RS, pela disponibilidade e atenção, principalmente no período em que nossa Biblioteca da Letras-UFRGS esteve fechada.

Agradeço às professoras Tanira Castro e Svitlana Voloshyna, pela gentil atenção e disponibilidade com minhas dúvidas nas traduções do russo, e em especial, agradeço à professora Denise Regina de Sales pela correção das minhas traduções dos dois textos em russo que apresento nos Anexos.

Agradeço aos meus colegas dos grupos de pesquisa e leitura pelas inúmeras manhãs e tardes agradáveis em que dividimos o saber.

Agradeço ao colega do curso de Letras, Marcelo Tassinari Rodrigues, pela inestimável ajuda com a tradução correta dos vocábulos em polonês.

ॐ शान्ति

RESUMO

O presente trabalho é o produto de minha pesquisa acerca dos aspectos históricos e linguísticos que subjazem o conceito do fonema. Nossa ideia originou-se a partir de dois extratos diferentes escritos pelo linguista russo Roman Jakobson: 1) sobre a gênese do fonema: “*A procura pelos constituintes diferenciais discretos mais elementares da linguagem nos faz remontar à doutrina do sphoṭa dos gramáticos do sânscrito e a concepção do στοιχείον de Platão, mas o verdadeiro estudo linguístico desses invariantes iniciou-se apenas em 1870*” (Jakobson, 1962:467); e 2) acerca dos fundadores da Fonologia: “*Os primeiros alicerces da Fonologia foram assentados por Baudouin de Courtenay, Ferdinand de Saussure e seus discípulos*” (Jakobson, 1962:232). Desta forma, tentamos realizar uma “*reconstrução*” desta trajetória histórica e linguística, dos nomes, fatos e teorias que formam o conceito da unidade fonológica no estudo científico da língua. Iniciamos com o estudo da ciência da linguagem na Índia antiga (em particular, o estudo da gramática do sânscrito), seguido pelo estudo do alfabeto grego (incluindo aí os problemas relativos à língua grega, assim como à Gramática e à Filosofia). Finalmente, tentamos fazer *um recorte* preciso do momento na história das ideias linguísticas quando o conceito científico do fonema foi delineado, definido e incorporado à terminologia da epistemologia linguística. Os grandes teóricos da escola incipiente da Linguística Geral, da Fonologia e do fonema, são, como disse Jakobson, o linguista e filólogo suíço Saussure, e o filólogo e foneticista polonês Courtenay; mas a história do fonema não é nada simples. Recentemente, um trabalho meticuloso por parte dos pesquisadores tem resgatado grande parte desta história já há muito esquecida, no que tange as teorias antigas dos gramáticos filósofos hindus e gregos, e os manuscritos de Saussure recentemente publicados, assim como os artigos de Courtenay e seus alunos (entre eles o polonês Mikołaj Kruszewski), escritos que, em sua maioria, permanecem sem tradução ao português. Nossa tarefa, então, foi trazer à luz esta história, seus desenvolvimentos no campo da Linguística em geral, e da Fonologia em particular. Realizamos nossa análise por meio de um cuidadoso estudo do fonema, um conceito no qual vários séculos de história e de ideias linguísticas estão sedimentados.

Palavras-chave: fonema, sânscrito, grego, Courtenay, Saussure, Fonologia.

ABSTRACT

The present work is the product of my research into the historical and linguistic aspects that underlie the concept of the phoneme. Our main idea originated from two different extracts by the Russian linguist Roman Jakobson: 1) on the genesis of the phoneme: “*the search for the ultimate discrete differential constituents of language can be traced back to the sphaṭa doctrine of the Sanskrit grammarians and to Plato’s conception of στοιχεῖον, but the actual linguistic study of these invariants started only in the 1870s*” (Jakobson, 1962:467); and 2) on the founders of Phonology: “*The first foundations of Phonology were laid by Baudouin de Courtenay, Ferdinand de Saussure and their disciples*” (Jakobson, 1962:232). Thus, we attempted a historical and linguistic *reconstruction* of names, facts and theories that comprise the concept of a phonological unit and that of the phonological structure of language. We started with the study of the Science of Language in ancient India (in particular the grammar of Sanskrit), followed by the study of the Greek alphabet (including its implications concerning the Greek language, as well as Grammar and Philosophy). Finally, we attempted a precise *cut*, so to speak, on the moment in the history of Linguistic ideas when the scientific concept of the phoneme was outlined, defined and incorporated into the terminology of modern linguistic epistemology. The great theoreticians of the incipient school of General Linguistics, of Phonology and of the phoneme are, as Jakobson stated, the Swiss linguist and philologist Saussure, and the Polish philologist and phonetician Courtenay; yet the story inside the phoneme is anything but a simple one. Recently, meticulous scholarship has rescued a great part of this long forgotten history, in what concerns the ancient theories of both the Hindu and the Greek grammarian-philosophers, and the unpublished manuscript works of Saussure and the works of Courtenay and his students (among them the Polish professor Mikołaj Kruszewski), works that so far have remained without translation into Portuguese. Our task, then, has been to bring this history to light, its developments in the field of Linguistics in general, and Phonology in particular. We have carried out this analysis by means of a careful study of the phoneme, a concept in which several hundred years of history and linguistic ideas have crystallized.

Key words: phoneme, Sanskrit, Greek, Courtenay, Saussure, Phonology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – “A Recompensa do Ouvir” – A Ciência da Linguagem Hindu..	18
1. Introdução.....	18
2. A Importância dos Sons para o Pensamento Hindu.....	19
2.1 <i>Vyākaraṇa e Saṃskaraṇa</i>	23
2.2 O Sânscrito.....	24
3. Os Vedas e a Tradição Oral.....	28
3.1 A Fonética Védica e a Fonética Clássica.....	30
3.2 <i>Chandas, Pada e Akṣara</i>	31
3.3 <i>Akṣara e Varṇa</i> – A Padronização do Sânscrito.....	32
3.4 Os Tratados de Fonética – <i>Prātiśākhya e Śikṣā</i>	34
3.5 O <i>Varṇasamāmnāya</i>	36
4. Pāṇini e o ‘ <i>Aṣṭādhyāyī</i> ’.....	43
4.1 Os Fonemas em Pāṇini – <i>Śivasūtrā</i>	46
4.2 <i>Guṇa e Vṛddhi</i>	52
5. Conclusão.....	56
CAPÍTULO II – “Légō, Gráphō” – A Ciência da Linguagem Grega.....	59
1. Introdução.....	59
2. Uma Língua, Vários Dialeto.....	61
2.1 Os Dialeto Falado.....	62
2.2 Os Dialeto Literário.....	63
2.3 Consequência da Variação Dialetal.....	64
3. As <i>Phoinikēia Grammata</i>	67
3.1 As <i>Grammata</i> e a Educação na Grécia Antiga.....	76
4. A Gramática Grega.....	81
4.1 A Filosofia Estóica – A Lógica, a Física e a Ética.....	83
4.2 A <i>Phoné</i>	85
4.3 Elemento e Letra.....	86

4.4 Elementos, Vogais, Consoantes e Sílabas.....	87
5. Conclusão.....	90
CAPÍTULO III – O Fonema e a Ciência da Linguagem Moderna.....	93
1. Introdução.....	93
2. <i>L'air du temps</i>	97
2.1 A Redescoberta do Sânscrito.....	98
2.2 A Ciência Comparatista das Línguas.....	101
2.3 O Consonantismo Indo-europeu	105
2.4 A Questão do Vocalismo Indo-europeu.....	108
2.5 A Crítica ao Modelo Comparatista.....	112
2.6 Leipzig.....	118
2.6.1 O Manifesto Neogramático.....	119
2.6.2 Contra o <i>Manifesto</i> – O Projeto Científico da Linguística Moderna.....	124
2.6.2.1 Forma e Substância.....	128
3. O Fonema.....	130
3.1 Dufriche-Desgenettes reinventa o Fonema.....	132
3.2 O <i>Milieu</i>	134
3.3 <i>Gramophone, microphone, telephone</i>	135
3.4 <i>Phonème, système</i> – O Fonema no ‘ <i>Mémoire</i> ’	136
3.4.1 Após o ‘ <i>Mémoire</i> ’: o Fonema no ‘ <i>Phonétique</i> ’	145
4. Considerações Finais.....	148
 Referências Bibliográficas.....	 151
 ANEXO I – Baudouin de Courtenay – Biografia.....	 159
ANEXO II – ‘ <i>O Fonema</i> ’ – Baudouin de Courtenay.....	162
ANEXO III – ‘ <i>A Fonologia</i> ’ – Baudouin de Courtenay	164
ANEXO IV – Texto da Defesa.....	177

INTRODUÇÃO

I. Do Fonema Científico

Tudo que existe tem uma história, e tudo o que existe tem um nome. Por vezes, algo que existe ao longo dos séculos – como uma língua – pode ter vários nomes, e estes nomes carregam nuances de significação que terminam por remodelar e redefinir este algo de forma diferente, como *algo único*. “*Palavra e nome não designam e significam; eles são e agem*” (Cassirer, 1955:40). O nome da presente dissertação – ‘*O Fonema – Linguística e História*’ – lhe define primeiramente o objeto de estudo, ou *tema*; em seguida o *escopo do campo científico* no qual este tema se insere; e finalmente, o *método de análise*. Partindo do princípio de que o fonema, como algo que existe, tem materialidade concreta no campo da Linguística, pois *que tem um nome* (embora seu aspecto de conceito científico tenha tido diferentes nomes no curso dos últimos três mil anos), nos propomos a examinar sua *história*. Isto significa examinar o conceito linguístico do fonema *esmiuçando* a sua história, seus diferentes nomes, as diferentes nuances de significado que lhe couberam no curso do tempo, os diferentes lugares onde foi estudado, as diferentes línguas em que foi descrito, assim como as diferentes teorias que lhe subjazem. Da mesma forma que o fonema tem nome e história, as teorias que foram desenvolvidas em torno deste conceito estão ligadas a pessoas, que igualmente tiveram um nome e uma história profundamente enraizada na história das ideias linguísticas. É neste campo do saber que encontramos Ferdinand Mongin de Saussure (1857 – 1913), Jan Baudouin de Courtenay (1845 –1929) e Mikołaj Kruszewski (1851 – 1887), os protagonistas deste trabalho, por terem sido os primeiros estudiosos modernos do conceito científico de *uma unidade fonológica*, assim como A. Dufriche-Desgenettes (1804 – 1878), o foneticista que deu à palavra grega φώνημα sua forma moderna *phonème*.

A primeira pergunta que nos vem à cabeça é: *mas, afinal o que é um fonema?* Esta é uma pergunta que não tem uma única resposta definitiva. Comumente (de um ponto de vista não especializado) dizemos que *os fonemas são os sons das letras do alfabeto*; esta não é uma definição adequada, embora já estabeleça uma relação difícil de desembaraçar: *o fonema e a letra*. Na verdade, entre todos os sons possíveis de uma língua e o número limitado de letras do

alfabeto não há uma simetria perfeita. Mas esta relação não está muito longe da verdade; a primeira resposta possível já foi dada no parágrafo acima: *um fonema é uma unidade fonológica*. Isto significa dizer que sendo *o que é fonológico* relacionado com o *som*, o fonema é uma *unidade de som*. Não se trata, obviamente, de todo e qualquer som, mas sim o som da voz humana, quando esta produz o que chamamos de língua. Podemos agora recorrer a uma definição especializada do que é um fonema: “*As menores unidades sonoras que podemos isolar na cadeia da fala e que servem para distinguir signos são chamadas de fonemas*” (segundo a ‘*Gramática Houaiss*’, Azeredo, 2008:374). Esta definição faz suscitar uma série de outras perguntas, tais como o que é a “*cadeia da fala*”, o que é um “*signo*”, como se distingue a “*menor unidade*” desta cadeia? Estes termos todos nos fazem remontar a Ferdinand de Saussure, cujos ensinamentos foram imortalizados postumamente, por seus alunos, no ‘*Cours de Linguistique Générale*’ (1916); é neste livro que encontramos outra definição:

A delimitação dos sons da *cadeia falada* só se pode apoiar, então, na *impressão acústica*; mas, para sua descrição, procede-se de modo diverso. Ela só poderia ser feita com base no ato articulatório, pois as unidades acústicas, tomadas em sua própria cadeia, não são analisáveis. Cumpre recorrer à cadeia dos movimentos de fonação; então se nota que ao mesmo som igual corresponde o mesmo ato: b (tempo acústico) = b' (tempo articulatório). As primeiras unidades que se obtêm ao dividir a cadeia falada, estarão compostas de b e b' ; chamam-se *fonemas*; *o fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada*, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma *unidade complexa*, que tem um pé em cada cadeia (Saussure, 2009:51 – meu grifo).

Podemos notar uma maior precisão desta definição em relação à primeira; ademais, ela introduz novos conceitos (*ato articulatório, impressão acústica, unidade acústica, fonação*), que nos remetem aos campos da Linguística que chamamos de Fonética e Fonologia. O artigo fundador da Fonologia moderna foi escrito pelo polonês Baudouin de Courtenay em 1899. Apresentamos uma tradução deste artigo (em conjunto com o primeiro artigo acerca do fonema) nos Anexos desta dissertação (Anexos II e III). A definição do que é a Fonologia e o fonema, como sua unidade científica foram detalhados pela primeira vez nestes artigos. Vejamos:

- 1) A Ciência da Linguagem em geral faz parte das ciências psicológicas; mais precisamente, está relacionada com a ciência psico-social. A Fonologia, contudo, consiste em um elo intermediário entre o conjunto das ciências naturais, geradas por meio de conexões externas, extra-humanas, e o conjunto das ciências da psique, para as quais o único fundamento, a causa única deve ser buscada nas associações de representações (Courtenay, 1963-I:353);
- 2) Fonema (do grego φωνή, φώνημα, “voz”) é um termo da Ciência da Língua: é uma unidade fonética, psiquicamente viva. Enquanto nos ocupamos com a fala transitória e a audição, nos é suficiente o termo “som” (звук), significando a unidade de pronúncia ou fonação mais simples, a qual produz um efeito acústico-fonético único. Mas se nos colocarmos no solo da língua real – a qual existe, em seu caráter ininterrupto e unicamente psíquico, apenas como um *mundo de representações mentais* (мир представлений) – não nos será mais suficiente a noção de som, e buscaremos outro termo, que signifique com maior ênfase o equivalente psíquico do som (Courtenay, 1963-I:351).

Uma rápida observação nas definições de Courtenay acima nos demonstra 1) que ele não fazia a distinção entre Fonética e Fonologia da mesma forma que a temos hoje (embora ele já fizesse a distinção entre o escopo das ciências naturais e psico-sociais ; e 2) justamente, a sua preocupação com o aspecto psicológico da língua, e com as *representações mentais*, isto é, com as imagens mentais formadas pelos sons, em distinção dos fenômenos físicos, tais como o som absoluto, ou seja, *o som quando desprovido de uma função linguística*, ou que não gera uma representação mental. Em outras palavras, o fonema de Courtenay está relacionado com o lado psíquico da língua, enquanto o de Saussure parece estar mais relacionado com o seu lado fisiológico e acústico.

Seguindo os passos iniciais de Courtenay, a distinção entre Fonética e Fonologia foi sistematizada em uma teoria ao redor da década de 1920, pelos integrantes do Círculo Linguístico de Praga. Nikolai Trubetzkoy (1890 – 1938) definiu estes dois campos distintos do estudo do som dentro do escopo da Linguística:

Designamos o estudo do som que pertence ao ato de fala pelo termo Fonética, e o estudo do som que pertence ao *sistema da língua* pelo termo Fonologia (Trubetzkoy, 1971:04 – meu grifo)¹.

¹ De fato, a primeira parte deste trecho ecoa quase *verbatim* os ensinamentos de Courtenay: “(...) *o estudo do som que está relacionado ao ato de fala (que por sua vez está relacionado com os fenômenos físicos concretos), usaria os métodos das ciências naturais, enquanto o estudo do som em relação ao sistema da língua usaria apenas os métodos da linguística, ou das ciências humanas, ou ciências sociais*”. Trubetzkoy não concorda com a noção do *fonema puramente psicológico* de Courtenay, embora ele fale da “*existência de uma língua na consciência dos membros de uma comunidade falante*” (Trubetzkoy, 1971:01-04).

Seu camarada Roman Jakobson (1896 – 1982), por sua vez, definiu o fonema como “o conceito básico da Fonologia”:

Com este termo designamos um conjunto daquelas propriedades de som coocorrentes as quais são usadas em uma dada língua, de forma a *distinguir palavras* de significados diferentes (Jakobson, 1962:231 – meu grifo).

Voltamos ao nosso ponto de partida, em que a característica principal do fonema – nesta definição de Jakobson, assim como na nossa primeira definição (Azeredo, ‘*Gramática Houaiss*’) – está baseada na ideia de uma “*unidade diferencial*”, capaz de distinguir palavras de significados diferentes.

As definições apresentadas acima nos permitem distinguir os seguintes elementos constitutivos dos fonemas: o elemento do som da voz humana; o aspecto psicológico do sistema da língua e seus signos; a dualidade som e ideia (representada por Trubetzkoy e Jakobson na distinção Fonética e Fonologia).

É fácil observar que, a cada definição, o escopo de conceitos técnicos aumenta em uma progressão, e novas nuances de significado são adicionadas. Começamos com uma palavra apenas – fonema, e agora já temos uma pequena constelação de outros nomes e significados que a flanqueiam; começamos com um campo científico (a Linguística) e agora temos mais dois subcampos distintos (Fonética e Fonologia).

Propomo-nos as seguintes perguntas então: se as noções desenvolvidas pelo Círculo de Praga foram calcadas nas definições seminais de Saussure e Courtenay – como confirma Jakobson: “o conceito do fonema foi primeiramente delineado nos trabalhos de Baudouin de Courtenay e F. de Saussure” (Jakobson, 1962:232) – quais foram as fontes de Saussure e Courtenay para elaboração de suas teorias acerca do fonema? Qual a relação do *phonème* de Desgenettes com o fonema em Saussure e Courtenay? Qual a relação do trabalho destes sábios com as análises do aluno de Courtenay, Mikołaj Kruszewski, como aquele que primeiro definiu o fonema em um trabalho científico publicado? E mais ainda, de onde surgiu, na história da Linguística, a ideia de *uma unidade mínima da cadeia fonológica*, isto é, a menor unidade de som da fala?

Até aqui examinamos alguns aspectos importantes do fonema à luz da ciência linguística moderna, ou seja, o fonema como unidade e como conceito desta ciência. Passamos agora, a examinar questões históricas acerca da noção da unidade e da epistemologia linguística.

II. Do Fonema Histórico

Dissemos acima que a História, nesta dissertação constitui nosso método de pesquisa. Eis o que entendemos pelo método histórico.

Em primeiro lugar, temos a acepção daquilo que se desenvolve *ao longo do tempo*; em novembro de 1891, Saussure pronunciou uma conferência na Universidade de Genebra, na qual disse:

É de outro ponto de vista, por conseguinte, que a ciência da linguagem reivindica o título de ciência histórica. É que toda a língua tem, em si mesma, uma *história que se desenrola perpetuamente*, feita de uma sucessão de acontecimentos linguísticos que, exteriormente, não tiveram repercussão e jamais foram inscritos pelo célebre buril da história; (...) Toda língua apresenta, um pouco como as grandes morainas que se vê nas nossas geleiras, *o painel de um prodigioso acúmulo de coisas trazidas através dos séculos, mas de coisas que têm uma data, e datas muito diferentes*, assim como se pode perceber, nos depósitos glaciares que eu usei na comparação, que tal pedaço de granito percorreu uma distância de muitas léguas, vindo dos mais altos cumes da cordilheira, enquanto que tal bloco de quartzo remonta apenas aos primeiros contrafortes da montanha... Assim, *a língua tem uma história*, o que é uma característica constante (Saussure, 2004:131 – meu grifo).

É natural, neste ponto, que nos façamos nova pergunta: *então, o que é história?* Recorremos à etimologia, ou seja, “*a história da palavra história*”; este é um vocábulo de origem grega. Segundo Robert Beekes, em seu ‘*Etymological Dictionary of Greek*’, o substantivo ἵστωρ significa “*o que conhece, o especialista*”; este substantivo está relacionado, por sua vez, com o verbo ἵστορέω “*ser testemunha ou especialista, dar testemunho, contar, descobrir, pesquisar*”. É daí que se originam tanto ἱστόριον “*testemunho*” quanto o nosso ἱστορία “*conhecimento, relato histórico, pesquisa, investigação*”. Os ancestrais indo-europeus dos vocábulos acima são *ueid “*ver, saber*” e *uidtor, um nome de agente para οἶδα “*eu sei*” (Beekes, 2010:602). Pois é isto que nos propomos: uma pesquisa científica, uma investigação formal que resulta no *relato histórico* (no sentido daquilo que se desloca e se transforma ao longo do tempo, como diz Saussure, relato

baseado em fatos, nomes e datas). Para tanto, estudamos o testemunho daqueles que conhecem estes assuntos, especialistas como Saussure, Courtenay, Kruszewski, Desgenettes, e também Jakobson, Benveniste, Whitney, Brugmann, Pāṇini, Aristóteles, Platão, entre todos os outros cujos nomes surgirão no desenvolvimento deste trabalho.

Nossa proposta então é utilizar o estudo histórico do fonema como *um artifício* para um aprofundamento da série de questões que expomos na primeira seção desta Introdução, questões de relevância para o campo da Linguística moderna. Os problemas propostos pela presente dissertação são, por um lado, problemas de cunho *subjetivo*, uma vez que dizem respeito à esfera das atividades humanas, como a língua, a Arte, a Religião, a Cultura e a própria História. Por outro lado, estão relacionados com problemas *objetivos*, isto é, tem relação com fatos que tem datas, estão relacionados a pessoas que tem nomes, e que viveram e trabalharam em locais determinados. Portanto, não é possível apresentar aos problemas propostos aqui apenas *respostas objetivas* e finais, e não é isso que faremos. Nossa tarefa é realizar um levantamento de dados relevantes dentro dos limites da tríade proposta pelo título, dados que possam *fomentar discussões* acerca não só do fonema, e da questão da unidade da cadeia da fala, mas igualmente da história das ideias linguísticas, do estudo do advento da própria Linguística como ciência, do estudo científico da estrutura fonológica da língua, do som e da ideia como materialidades, entre inúmeras outras questões que serão abordadas no decorrer do presente estudo².

Nosso ponto de partida no percurso histórico a que nos propomos, em busca das diferentes ideias cristalizadas no conceito do fonema, originou-se a partir de outro trecho de Roman Jakobson: “*A procura pelos constituintes diferenciais discretos mais elementares da linguagem nos faz remontar à doutrina do sphaṭa dos gramáticos do sânscrito e a concepção do στοιχείον de Platão, mas o verdadeiro estudo linguístico desses invariantes iniciou-se apenas em 1870*” (Jakobson, 1962:467). Está estabelecido nosso curso: remontaremos aos tempos antigos, dos sábios hindus no Capítulo I, à Filosofia e à Gramática gregas no Capítulo II e finalmente, ao limiar entre a Linguística Comparatista e a Linguística Geral moderna no Capítulo III.

² É importante mencionar meu débito intelectual para com os seguintes professores a partir de cujo trabalho fui capaz de desenvolver estas ideias: prof. Craig Brandist, prof. Valdir Flores, prof. Luiza Milano, prof. Ana Zandwais.

Uma última e fundamental palavra acerca da *importância da tradução* nesta dissertação: sendo o autor formado no curso de Bacharelado em Letras (Tradução em Línguas Modernas – Inglês-Português), e **ESTUDANTE** de línguas modernas e antigas (Português, Inglês, Russo, Romeno, Sânscrito, Grego, Latim, Hebraico, Árabe, Copta e Egípcio, entre outras), achou ele por bem apresentar: 1) alguns dos conceitos chave encontrados nas citações de autores clássicos *na língua e no alfabeto originais*, isto é, em *devanāgarī*, no alfabeto grego ou no cirílico, sempre que necessário, precedido pela tradução da palavra ou expressão *em português e em itálico* e do termo técnico original (entre parênteses); 2) duas traduções do russo ao português de artigos escritos por Baudouin de Courtenay (Anexos II e III).

Desta forma, todas as traduções apresentadas no corpo da dissertação são de minha autoria, exceto, é claro, por aqueles textos já traduzidos ao português; as traduções do sânscrito e do grego foram feitas por meio do estudo dos textos originais e da sua tradução ao inglês, sempre que a literatura bilíngue assim permitiu; meu objetivo primeiro foi o aperfeiçoamento do meu aprendizado pessoal nestas línguas, e também deixar um testemunho para aqueles leitores e aprendizes, que como eu, iniciaram seu estudo de um idioma “*catando palavras*” nos textos originais.

CAPÍTULO I – “A Recompensa do Ouvir” – A Ciência da Linguagem Hindu

1. Introdução

A ‘*Śrīmad Bhagavad Gītā*’, ou ‘A Canção do Senhor’ (em *devanāgarī*: श्रीमद्भगवद्गीता), um dos poemas mais caros à literatura clássica hindu – cantada em forma de um diálogo, em sânscrito – afirma acerca da sílaba mágica *om*:

ॐ तत् सत्³ – Estas palavras são lembradas como a designação tríplice do Brahman Absoluto. Por meio delas eram realizados *os Brāhmaṇas*, *os Vedas* e *os Yajñas* nos tempos antigos (‘*Śrīmad Bhagavad Gītā*’ – 17-23 – minha tradução / meu grifo).

A preocupação dos *brāhmaṇes* hindus com a pronúncia correta e a transmissão exata dos sons sagrados em sânscrito originou uma extensa e minuciosa tradição fonética e gramatical; a Gramática e a Fonética do sânscrito estão entre os tratados mais minuciosos já escritos em uma língua clássica, precedendo em minúcia (e no tempo) até mesmo os estudos gramáticos dos filósofos gregos⁴. Este capítulo aborda a questão das origens da Fonologia, assim como as questões pertinentes à estrutura fonológica da língua, as quais devem ser estudadas em conjunto com o estudo das origens do pensamento científico acerca da língua e da sua gramática; acima de tudo, nosso objetivo é investigar de 1) *onde e porque* surge a necessidade de *determinação de uma unidade fonológica na cadeia da fala* no contexto dos estudos da gramática hindu, e 2) qual é verdadeiramente esta unidade. Contudo, devemos enfatizar que não buscamos fazer uma superimposição dos conceitos do nosso pensamento moderno ocidental sobre o pensamento e a filosofia hindus; assim, sabemos de antemão que não encontraremos nem o fonema, tampouco a Fonologia como os concebe o nosso pensamento moderno, pois o cenário da filosofia gramatical (e sobretudo *religiosa*) védica hindu é peculiar, e deve ser analisado à luz das suas próprias categorias científicas e filosóficas. O que propomos é justamente o contrário: nosso intuito é demonstrar 1) como nosso pensamento linguístico (e científico) moderno, suas categorias e

³ “*Om tat sat*”, que significa “*Om assim é*”. Todos os caracteres em *devanāgarī* do presente capítulo foram extraídos da Wikipedia, do Wiktionary e do Wikisource.

⁴ Neste contexto, o termo Gramática deve ser compreendido como o estudo científico-analítico e sistemático do sânscrito (como língua individual, isto é, como objeto de estudo) e da filosofia da linguagem em geral, ou seja, Gramática aqui significa aquilo que comumente chamamos de Linguística nos dias de hoje.

conceitos, seu aparato analítico enfim, foi moldado em grande parte a partir do antigo conhecimento dos *Āryas*⁵, de sua religião e de sua ciência fonética-fonológica, e finalmente, 2) quais as consequências desta influência para os estudos da Fonologia moderna, e em particular, para a história da Linguística e o advento do conceito do fonema.

2. A Importância dos Sons para o Pensamento Hindu

A Índia antiga, ou a Índia dos *Āryas* (compreendida no espaço de tempo entre 3.000 a.C. e a era moderna) tem sido povoada por uma multiplicidade de povos e grupos étnicos, de diversas e vibrantes culturas expressas em diferentes línguas. A língua unificante, científico-religiosa, isto é, a língua dos quatro livros sagrados do conhecimento (os *Vedas*) é o *Sam-skritam* (संस्कृतम्), a linguagem “composta”, ou “refinada”, ou ainda, “sagrada”. O mais antigo destes livros, o ‘*Rg Veda*’ (do sânscrito *ṛc* ऋच् - “louvor”) – um livro de hinos consagrados às divindades do culto hindu *Agni* e *Indra* – havia sido composto em uma forma arcaica do sânscrito que hoje conhecemos como o indiano antigo, de onde se originaram tanto a língua clássica religiosa, ou seja, o sânscrito, quanto os *prakrits*, ou falares populares. O ‘*Rg Veda*’ consiste de dez *mandalas* (partes) contendo hinos compostos em diferentes metros poéticos, tais como o *gāyatrī*, *jagati* e o *triṣṭubh*:

Os resultados da produtividade mais ancestral do povo hindu são os hinos com os quais (quando haviam ultrapassado as fronteiras do país, e quando o seu horizonte geográfico ainda estava limitado pela bacia-hidrográfica do rio Indo e seus afluentes) eles louvavam os deuses (os poderes da natureza deificados) e acompanhavam os seus ritos de adoração comparativamente simples. Em qual período tais versos foram feitos e cantados não pode ser determinado de forma exata: pode ter sido já no segundo milênio a.C. Eles há muito eram transmitidos por meio da tradição oral, preservados com cuidado, e acrescidos de adições e imitações pelas gerações que se sucediam; a massa de textos crescia sem fim, e com a mudança de hábitos e crenças e práticas religiosas, era aplicada de diversas formas – cantada em extratos escolhidos, misturada com outro material em forma de liturgias, adaptada com maior ou menor distorção para auxiliar as necessidades de um cerimonial o qual se tornava de uma imensa elaboração e complexidade. E, em alguma época no curso da história, foi feita para a preservação uma grande

⁵ “Pessoa respeitável ou honrada; diz-se igualmente daquele que habita em *Āryāvarta* (ou Índia) a terra dos *āryas*.” (Calazans, 2010:293)

coleção de material de hinos, principalmente da sua parte mais antiga e genuína, da extensão de mais de mil hinos e dez mil versos, organizados de acordo com a sua autoria tradicional e assunto e métrica do hino: esta coleção é o ‘*Rig Veda*’, ou o ‘*Veda dos Versos*’ (*rc*) ou dos *hinos* (Whitney, 1879:xiii).

O interesse pelo estudo da Gramática – e em especial da Fonologia – surge no cenário hindu devido à necessidade de preservar e transmitir a revelação sagrada dos *Vedas*: “*era de uma enorme significância ritual que cada palavra usada nas récitas dos sacrifícios fosse pronunciada com correção absoluta*” (Burrow, 2001:47). Uma ciência completa (utilizamos a palavra ciência aqui como sinônimo de *conhecimento, estudo*) das formas corretas de pronunciar as palavras e entoar, cantar os hinos sagrados era, portanto, necessária, de forma a assegurar a sua eficácia mágica e a transmissão precisa – na forma e no sentido – dos ensinamentos sobre o mundo e o cosmos contidos nos hinos *ṛg*-védicos. Assim era realizada a manutenção do sânscrito como língua dos sábios, língua esta que possivelmente cumpria a função de assegurar a unidade político-religiosa dos diferentes reinos indianos. “*A literatura Védica foi produzida em diferentes áreas geográficas e era transmitida oralmente tanto de uma geração para a próxima, quanto de uma região para outra. Havia ainda o problema das diferentes línguas mães dos transmissores e seus intérpretes*” (Deshpande, 2000:173).

Os quatro *Vedas* formam uma coleção de textos chamados pelos sábios hindus de *śruti*, ou seja, “*o que deve ser ouvido*”, enquanto os seus comentários (inclusive os textos de análise gramatical e fonológica) eram chamados de *smṛti*, “*o que deve ser memorizado*”; ora, isto significa que o que chamamos de livros, em realidade eram centenas de textos sacros, compostos em milhares de versos *memorizados e transmitidos oralmente* pelos gurus aos discípulos, originando o que podemos chamar de “*recompensa ou fruto do ouvir*” (*śravana phala*), isto é, o aprendizado por meio do trabalho da audição e da memória, sem o recurso da escrita. Não há registro de um alfabeto e de um registro escrito dos *Vedas* até a o advento da escrita *Brahmi* (circa 7 a.C.). Em outras palavras: os textos sacros do hinduísmo têm sido transmitidos oralmente – em um esforço notável de memória e preservação da literatura oral – por mais de três mil anos.

A diferenciação típica da ciência ocidental entre o religioso e o científico não existe no pensamento hindu: os textos de comentário, ou *smṛti* surgem da necessidade de comentar e explicar passagens mais complicadas dos quatro *Vedas* (os textos religiosos *śruti*), possibilitando a sua compreensão e transmissão acurada. Estes textos auxiliares ficaram conhecidos igualmente

como *vedāṅga* (वेदाङ्ग), ou seja, “*membros do corpo dos Veda*”: a gramática, a fonologia, a etimologia, a ciência poética, a hermenêutica e a astrologia. Os textos científicos surgiram, portanto, do esforço pela preservação da literatura religiosa-filosófica. Por exemplo, acerca da importância do estudo gramatical para a obtenção dos benefícios oferecidos pelos *Vedas*, diz o gramático-filósofo Bhartṛhari, ao redor do séc. IV d.C.:

13 As palavras (*śabda* – शब्द) são o único guia para as verdades acerca do comportamento dos objetos, e não existe compreensão da verdade sobre as palavras sem a Gramática (*vyākaraṇa* – व्याकरण);

14 Um portal para a liberação, uma cura para as máculas da fala, purificadora de todas (outras) disciplinas, ela brilha quando aplicada a elas;

17 A alma que ultrapassou os erros nela (isto é, na Gramática) e que é capaz de estudar o *Veda*, observa aquele (*Brahman*) que é a fonte dos *Vedas*, cuja verdadeira alma é constituída pelo *Veda* (isto é, na forma de ॐ) (Pillai, 1971:03).

Quatro destes *vedāṅga* estão conectados diretamente com a linguagem. É destarte que não se pode amputar a ciência do conhecimento védico das partes componentes do *āṅga* (“*corpo*”) sacro dos *Vedas*, e assim sendo, é impossível separar a ciência da religião, da poesia e das ciências do conhecimento védico em geral – e uma vez que o sânscrito é o próprio veículo de transmissão destas ciências, é igualmente impossível separar qualquer estudo de caráter científico do estudo da linguagem, em particular da sua estrutura fônica – pois, não havendo o registro gráfico do sânscrito, o único meio disponível para a sua manutenção e transmissão acurada era o estudo dos seus sons, o que por sua vez exercia influência sobre todas as outras ciências e a sua metodologia de ensino. Devemos, a partir daqui, ter sempre em mente que o conhecimento hindu não pode ser tomado em separado do contexto social e político (a organização da sociedade em castas, por exemplo). No contexto tradicional das escolas dos *paṇḍit* (“*sábios*”) hindus, separar o conhecimento da poesia, da arte do bem entoar os hinos, da ritualística religiosa e principalmente, da noção da oferenda sacrificial, é não compreender a sua natureza Absoluta (holística). Portanto, se para os fins desta dissertação tomamos o ponto de vista da pesquisa histórico-linguística ocidental, em momento algum menosprezamos a relevância fundamental da religião hindu para estes estudos.

Assim, é possível que para o leigo a Índia esteja ligada a práticas religiosas/filosóficas milenares popularizadas no mundo ocidental moderno, tais como o *yoga*, os *mantras* e a conceitos como *nirvana*; já para o linguista, o nascimento da Fonética e da Fonologia modernas como práticas científicas sistematizadas pode ser encontrado na ciência-religião dos Vedas e dos seus textos complementares. Tais obras foram disseminadas na Europa no século XIX, tendo sido amplamente traduzidas e estudadas nas grandes universidades como Leipzig, Sorbonne, Oxford e Cambridge, por linguistas hoje de renome internacional como Saussure, Courtenay, Max Müller, Whitney e Monier-Williams. As primeiras tentativas de análise descritiva das diferentes maneiras de articular e enunciar os sons do sânscrito, que eram o próprio veículo para os significados que floresciam da filosofia e do conhecimento ancestral hindu, foram realizadas na Índia no milênio antes de Cristo. Conceitos próximos às noções modernas de *significante*, *significado*, *fonema* e o jargão técnico fonológico, de termos tais como *ponto e modo de articulação*, *tom e acento dos sons*, *duração*, *consoantes*, *vogais*, enfim, os conceitos tradicionais da Linguística moderna (assim como da Fonética e da Fonologia) já eram conhecidos e trabalhados pelos gramáticos hindus:

(...) o *vyākaraṇa* (Gramática) é a primeira descrição dos sons de uma língua do ponto de vista estritamente articulatório e por meio de sua manifestação mais visível: a classificação dos caracteres baseada na ordem das consoantes, agrupadas segundo modos e pontos de articulação (da garganta para os lábios) (...) (Fonseca e Ferreira, 1987:75).

Pāṇini (*floruit* IV a.C.), Patañjali (*fl.* II a.C.) e Bhartṛhari (*fl.* IV d.C.) são nomes essenciais da ciência gramatical e fonológica hindu: a influência de seus trabalhos e da sua metodologia ainda pode ser encontrada na metodologia de pesquisa da nossa escola moderna da Linguística e da Semiologia, desde a sua criação por Ferdinand de Saussure. É no estudo dos textos védicos e seus comentários e textos auxiliares que re-encontraremos conceitos chaves para a nossa análise, conceitos que nos levaram ao embate *fonema-sílaba*, no contexto da Gramática hindu: para os Gramáticos hindus, quais são as *akṣara* (“*unidades indivisíveis*”) da estrutura fônica da língua?

2.1 *Vyākaraṇa e Saṃskaraṇa*

A preocupação com as propriedades mágicas dos sons na ritualística hindu remonta aos tempos imemoriais da própria criação dos Vedas. Já a Ciência da Linguagem, que até aqui chamamos de Gramática, e que no contexto Védico hindu recebe o nome de *vyākaraṇa* (व्याकरण – ou “*análise*”) teve origem entre os séculos IV e II a.C. na Índia. Quanto ao princípio epistemológico-filosófico desta ciência, o sanscritista britânico Monier-Williams (1819-1899), compilador do grande ‘*A Sanskrit-English Dictionary – Etymologically and Philologically Arranged*’ (1899) tece o seguinte comentário:

O processo sintético que entra em operação no funcionamento destas leis pode ser chamado de *saṃskaraṇa* “*unificar, agrupar*”, ao qual eu me refiro quando falo de cada palavra do mais alto tipo de linguagem (chamado de *Saṃskrita*) que surge de um *dhātu* primário – um termo em sânscrito geralmente traduzido como “*raiz*”, mas aplicável a qualquer substância primordial, seja de palavras, ou pedras, ou de organismos vivos, que então, evoluem desta forma, passando por um processo de “*unificação*” pela combinação de seus elementos constituintes.

Além disso, o processo de “*unificação*” implica, naturalmente, a possibilidade do processo contrário, o *vyākaraṇa*, com o qual me refiro ao “*desfazer*” ou à “*decomposição*”: isto é, a resolução de uma palavra evoluída a partir de uma raiz de volta a seus elementos componentes. Desta forma ao tentarmos demonstrar estes processos de síntese e análise, *nós parecemos estar engajados, da mesma forma que um químico, no ato de combinar substâncias elementares transformando-as em formas sólidas*, e mais uma vez, *resolvendo* estas formas de volta aos seus ingredientes constituintes (Monier-Williams, 1981:xii – meu grifo).

Este princípio é fundamental para a compreensão correta da filosofia do pensamento hindu: seu *modus operandi* não se restringe de forma parcial a um só campo do saber, separado da vida real. Trata-se de uma filosofia do conhecimento holístico: ela é tanto ontológica, quanto epistemológica; o conhecimento do sânscrito converte-se então, do conhecimento de uma mera língua em particular (dentre várias existentes no mundo) no conhecimento da *língua mais elaborada*, uma porta que revela novas maneiras de experimentar e compreender o mundo. Podemos encontrar uma das possíveis respostas ao problema da unidade sonora na cadeia da fala (no caso do sânscrito, a unidade da recitação dos Vedas), neste processo de *vyākaraṇa-*

saṃskaraṇa, em outras palavras, no processo constante de *análise* e *síntese* que produz não somente a língua sagrada dos Vedas, mas toda e qualquer língua, assim como todos os elementos do nosso mundo físico.

2.2 O Sânscrito

A palavra *saṃ-s-kṛīta* é um particípio composto: o primeiro elemento é a preposição *saṃ* “com” (em grego σύν); após um *s* de ligação, temos o particípio passivo *kṛīta* (-tas, tã, tam), do verbo *kṛī*, “fazer” (do latim *creare*, *ceremonia*, em grego κρᾶίvo). O seu significado literal é “feito, criado ou completamente formado” (*con-fectus*), “perfeito” (Donaldson, 1859:137). Em conjunto com o substantivo *bhāṣā*, que significa “língua”, forma a expressão “língua aperfeiçoada, elaborada” (*saṃskṛīta bhāṣā* संस्कृत भाषा).

O sânscrito é uma língua Indo-ariana, cujos documentos são preservados em sua grande maioria em um tipo de silabário chamado *devanāgarī*, cujas origens remontam ao séc. XI d.C., segundo Monier-Williams (1981:xxviii). Esta língua tem sido utilizada desde aproximadamente o segundo milênio antes de Cristo, primeiramente como a língua oficial da liturgia védica (Hinduísmo) e depois do Budismo e do Jainismo, assim como da ciência e da literatura de prosa e poética da Índia. O sânscrito teve duas fases principais do ponto de vista histórico: *o sânscrito védico*, ou o Indiano antigo, isto é, a língua utilizada na compilação e transmissão das escrituras sagradas hindus, e *o sânscrito clássico*, representado pelas gramáticas de Pāṇini, Patañjali e Bhartṛhari, e pelos poemas épicos, como a ‘*Bhagavad-gītā*’. “*O sânscrito védico difere consideravelmente das formas épica e clássica mais tardias, da mesma forma que o grego homérico difere do grego ático*” (Sihler, 1995:03).

A estas duas evoluções do Indiano antigo, se opõem os *prakrits*, línguas literárias, que em geral recebiam o nome da região onde eram utilizadas, conforme explica o grande sanscritista americano William Dwight Whitney (1827–1894):

O nome “*Sânscrito*” (*saṃskṛīta*, “adornado, elaborado, aperfeiçoado”), o qual é popularmente aplicado à língua ancestral e sagrada da Índia, pertence mais propriamente apenas aquele dialeto o qual, regulado e estabelecido pelos trabalhos dos gramáticos nativos, tem tido pelos últimos dois mil anos ou mais uma vida artificial, igual aquela do Latim durante o mesmo período na Europa, como meio

de comunicação escrito e falado da casta da gente educada e dos sacerdotes; casta a qual até os dias de hoje executa este ofício. Esta língua é distinta, por um lado, dos dialetos tardios derivados – tais como as formas *Prākṛit* da linguagem, as quais tem monumentos datáveis já nos terceiro século antes de Cristo, e que estão representadas em inscrições e moedas, pela fala dos personagens incultos nos dramas sânscritos e por uma literatura limitada; o *Pāli*, um dialeto prakritico que se tornou a língua sagrada do Budismo na Ultraíndia⁶ e a serviço do qual ainda é utilizada; e ainda línguas mais tardias e transformadas que formam a transição para as línguas da Índia moderna. E, por outro lado, é distinta, ainda que bem menos em clareza e extensão dos dialetos mais antigos e das formas de discurso presentes na literatura canônica, o *Veda* e o *Brāhmaṇa* (Whitney, 1879:ix).

O filólogo e estudioso do sânscrito Max Müller (1823-1900) considerava ainda que o sânscrito fora assim chamado pois era uma língua “*feita para propósitos sagrados, e portanto, purificada, sagrada*” (Müller, 1866:02). Tal hipótese não é desprovida de sentido: de acordo com a explicação etimológica oferecida no início desta seção, o sânscrito seria a *língua elaborada, aperfeiçoada*, que possui todas as formas gramaticais e flexões para expressar plenamente seu conteúdo, e que não se deixa “*corromper*” pelas influências da língua vulgar; trata-se portanto, de uma língua especializada para os propósitos religiosos e científicos.

Não se sabe ao certo se o sânscrito, da forma que é preservado, foi uma língua falada; Calazans (2010:28) atribui ao sânscrito o status de língua artificial “*criada pela casta sacerdotal dos brahmanes, que serviu de base a todo o pensamento filosófico literário e religioso*”. Segundo Fonseca e Ferreira (1987:27), o gramático Pāṇini “*faz uma distinção entre as duas línguas usadas na época: o chandas – a língua dos hinos – e o bhāṣā, que corresponderia à língua falada*”. Não obstante, não há certeza que o sânscrito foi utilizado pelo povo como língua comum: “*como idioma falado, foi próprio das castas elevadas, detentoras e cultivadoras da mais alta cultura e por isso torna-se a língua nobre de toda a Índia*” (Jacobi apud Fonseca e Ferreira, 1987:28/29).

Whitney chama a literatura do sânscrito clássico (período pós-védico) de “*uma literatura artificial*”, devido ao fato de que “*tudo nela é métrico: não apenas obras poéticas, mas as narrativas, as histórias e os tratados científicos de toda a variedade são compostos em verso; uma literatura em prosa parece não existir*”, ao contrário da literatura pré-Pāṇini, tal como as obras conhecidas como *brāhmaṇa*, onde “*em longas sessões de prosa as cerimônias são*

⁶ Da expressão inglesa “*Farther India*”, literalmente “*a Índia mais distante*”, hoje em desuso. Indica o Vietnam, Cambodja, Laos e Singapura.

descritas, discutidas e explicadas, e há especulações tais como a etimologia” (Whitney, 1879: xii-xv). O uso da poesia e da métrica em textos de caráter científico é uma característica que parece estar relacionada à questão da memorização dos textos; este será um ponto relevante para a nossa análise a seguir.

Sobre suas características sintático-morfológicas: o sânscrito pode ser descrito como uma língua *sintética-flexional*: possui *casos* (como o latim e o grego clássico), chamados *vibhakti* (विभक्ति), oito ao todo (*nominativo, vocativo, acusativo, instrumental, dativo, ablativo, genitivo e locativo*, comumente seguindo esta mesma ordem nas tabelas sinópticas de declinação); tem três números (singular, dual e plural), três gêneros (masculino, feminino e neutro), e uma tabela sinóptica de flexões verbais de grande complexidade, além de um esquema dos papéis funcionais do nome na frase, que lhe é peculiar. Os nomes podem ser *agentes*, podem representar *um ato, um instrumento, um complemento* (dativo), *uma ablação, uma locação, uma contingência, uma concomitância, uma conexão* (complemento possessivo do nome) e finalmente *uma vocação* (Fonseca e Ferreira, 1987:188/189). Este esquema muito completo de papéis também é conhecido como “*papéis kāraka*” (de *kṛ* “fazer”, *kāraka* “aquele que participa de uma ação”, segundo a terminologia de Pāṇini) (Sharma, 2002:150) ou papéis “*papéis temáticos*” (Butt, 2006:17).

Declinação	Caso (terminologia ocidental)
<i>devás</i>	<i>Nominativo</i>
<i>déva</i>	<i>Vocativo</i>
<i>devám</i>	<i>Acusativo</i>
<i>devéna</i>	<i>Instrumental</i>
<i>devāya</i>	<i>Dativo</i>
<i>devāt</i>	<i>Ablativo</i>
<i>devásya</i>	<i>Genitivo</i>
<i>devé</i>	<i>Locativo</i>

Fig. 1 – Declinação das *formas do singular* do substantivo *devá* (“Deus”), segundo Whitney (1879:102). Observem-se as diferentes terminações que marcam cada caso *morfologicamente*.

Papel na frase	Definição	Caso	Exemplo em Pāṇini⁷
<i>apādāna</i>	o ponto fixo <i>de onde</i> algo parte	<i>Ablativo</i>	<i>sūtras</i> 1.4.24-1.4.29
<i>saṃpradāna</i>	aquele <i>a quem</i> algo agrada	<i>Dativo</i>	<i>sūtra</i> 1.4.33
<i>karaṇa</i>	o que serve como <i>instrumento</i>	<i>Instrumental</i>	<i>sūtra</i> 1.4.42
<i>adhikaraṇa</i>	<i>o locus</i> da ação	<i>Locativo</i>	<i>sūtra</i> 1.4.45
<i>karman</i>	<i>aquilo que é desejado</i> pelo agente	<i>Acusativo</i>	<i>sūtra</i> 1.4.49
<i>kartr</i>	<i>o agente</i>	<i>Nominativo</i>	<i>sūtra</i> 1.4.54

Fig. 2 – Esquema *simplificado* dos “papéis *kāraka*” e sua relação com os diferentes casos segundo Pāṇini (adaptado de Butt, 2006:17, Sharma, 2000:229-268)

O sânscrito é, acima de tudo, uma língua analisável de estrutura transparente, a qual pode ser facilmente separada em raízes e sufixos e terminações. Em sua forma aperfeiçoada, representada por Pāṇini, a gramática nativa consiste em um conjunto estabelecido de raízes, com regras sobre a extensão destas em temas e flexões, e sobre as modificações fonéticas [decorrentes destas flexões]; tais modificações envolvem uma ciência fonética de um mui alto caráter (Whitney, 1885:cxcvii-cc *apud* Vasu, 1891:viii).

Voltaremos a tratar destas questões morfo-fonológicas que envolvem os casos e os papéis *kāraka* do sânscrito na seção acerca da obra de Pāṇini. Por ora, nos voltamos para a questão do sânscrito escrito.

Todos os exemplos dados nas tabelas acima foram obviamente extraídos de cópias escritas de textos em sânscrito; de fato, toda a literatura base deste capítulo nos foi propiciada não pela cultura oral, mas pela ampla tradição escrita que o sânscrito engendrou, no oriente e no ocidente. Não há certeza de quando os *Vedas* e os poemas épicos como a ‘*Gītā*’ e o ‘*Mahābhārata*’ (o épico que contém a ‘*Gītā*’), ou as obras da Gramática foram registrados na forma escrita pela primeira vez e por quem. A tradição cita o sábio Vyāsa como autor tanto dos quatro *Vedas* quanto dos poemas. Calazans considera que, uma vez que a palavra *vyāsa* parece significar “*separar, descrever, difundir*”, este nome indicaria não um só autor, mas toda uma classe de “*vyāsas*”, responsáveis pela transmissão da tradição oral ao longo dos séculos. Quanto

⁷ Escolhemos uma *sutra* para cada exemplo de papel *kāraka*. Isto não esgota de maneira alguma os inúmeros outros exemplos minuciosos do ‘*Aṣṭādhyāyī*’.

ao registro escrito, uma lenda envolvendo Vyāsa e o deus Gaṇeṣa (o Gaṇapati) nos dá uma idéia acerca do primeiro registro escrito da tradição oral do sânscrito:

Através de sua suposta pena, Vyāsa afirma o desejo de escrever o drama, mas é a Gaṇapati que pede auxílio para passar à forma escrita todo o relato, enquanto o sábio recita o poema de cor. O ‘*Mahābhārata*’ descreve ainda no início do primeiro livro que Gaṇapati, não podendo acompanhar a declamação de Vyāsa, saltou várias palavras e versos. Este fato relata à veracidade a tradição oral de todo o conhecimento, assim como a dificuldade dos escribas em tentarem redigir o que ouviam declamado de um só fôlego (Calazans, 2010:36).

Portanto, ainda que a tradição oral e a escrita dos textos sagrados em sânscrito tenham coexistido – um fato que não podemos esclarecer completamente no presente estudo – a tradição oral prevaleceu na história do conhecimento védico e da Índia.

Finalmente, acerca da *teoria da escrita devanāgarī*: esta é essencialmente silábica e consonantal: “isto significa que ela considera como a unidade escrita não o som simples, mas a sílaba (*akṣara*); e além disso, como a parte substancial da sílaba, a consoante (ou consoantes) que procedem a vogal – esta última sendo meramente deduzida (...)” (Whitney, 1879:03). Observamos que na citação acima, Whitney faz referência à unidade que ele chama de *som simples* (e não fonema), pois tendo escrito ‘*A Sanskrit Grammar*’ em 1879, tal termo ainda não estava amplamente difundido nos meios acadêmicos (principalmente em Leipzig, onde o livro foi publicado pela primeira vez).

3. Os Vedas e a Tradição Oral

Como vimos anteriormente, a literatura sagrada hindu ortodoxa pode ser dividida em dois grupos de textos: os *śruti* (श्रुति *śru* “ouvir”) e os *smṛti* (स्मृति *smṛ* “lembrar”)⁸.

Os *śruti* são a revelação ancestral feita pelos ṛṣi (ऋषि “profeta”, “vidente”, “iniciado”) (Calazans, 2010:308), a qual tem sido transmitida oralmente pelos *Brāhmanes* (a primeira casta

⁸ Podemos aproximar a palavra *śruti* (do verbo *śṛṇōmi* “eu ouço” segundo Burrow, 2001:324) ao russo moderno слушать (“*slushat*”) “ouvir”; já *smṛti* é cognato do grego μάρτυς “*mártus*” (“*testemunha*”) e do latim eclesiástico *martyr* (Fick, 1874:459)

da sociedade hindu, dos iniciados na ciência e na literatura védica). Os *Vedas*⁹ são “os livros da sabedoria, do conhecimento”; quatro em número, compreendem uma “coleção” (*saṃhitā*): O ‘*R̥g Veda*’ (ऋग्वेद – “o Veda dos hinos de louvor”), o ‘*Yajur Veda*’ (यजुर्वेद – “o Veda do Yajus, ou oferendas sacrificiais”¹⁰), o ‘*Sāma Veda*’ (सामवेद – “o Veda dos Sāman, ou cânticos”). O quarto, o ‘*Atharva Veda*’ (अथर्ववेद: “o Veda de Atharvan”), não é considerado um Veda pelos hinduístas ortodoxos, por incluir práticas ligadas à magia (Calazans, 2010:312). Este último Veda, não obstante, é de interesse para os estudiosos do sânscrito por conter a maior quantidade de hinos (chamados de *mantras*) compostos em uma língua ainda védica (e portanto diferente dos trabalhos posteriores em sânscrito clássico) (Whitney, 1879:xiv). Basicamente, os *mantras* têm três formatos diferentes: os do ‘*R̥g Veda*’ são versos que devem ser recitados em voz alta; os do ‘*Yajur Veda*’, em prosa, devem ser recitados em um tom mais baixo, enquanto os mantras em metro do ‘*Sāma Veda*’ devem ser cantados durante as cerimônias (Monier-Williams, 1981:1015). Condição *sine qua non* para a própria existência dos textos sagrados hindus, o poder da palavra e do som está profundamente enraizado na história de sua criação:

A origem dos Vedas é atribuída à inspiração divina, por isso o corpo de textos é considerado como um livro de revelação (*śruti*) (...) os Vedas estão escritos em uma forma arcaica do sânscrito, que o gramático Pāṇini designa por *ārṣa* (आर्ष “arcaico”) ou *chandas* (छन्द: “diferente”, “rima”) (Calazans, 2010:312).

Ao longo dos séculos, o *sampradāya* (सम्प्रदाय “transmissão”) dos *Vedas* era feito de diferentes formas, envolvendo diferentes técnicas; as duas principais são a *recitação contínua* (*saṃhitāpāṭha*), ou recitação em forma analisada, *palavra por palavra* (*padapāṭha*). De forma a aprimorar as técnicas de transmissão dos textos sagrados, o *padapāṭha* envolvia o desmembramento dos versos em unidades sonoras, radicais e flexões, facilitando a memorização por parte dos aprendizes. Tal tipo de análise acabaria por originar a tradição do estudo formal do sânscrito (equivalente à nossa Morfologia e Fonética modernas). Esta tradição de ensino dos Vedas, essencialmente oral, está ligada ao caráter esotérico dos ensinamentos transmitidos

⁹ Em sânscrito *vidyā*, da raiz *vid* “saber, conhecer”, produzindo o perfeito *véda* “eu sei” cognato do grego οἶδα “eu sei”, do latim *videō* “vejo”, do alemão *wissen* “saber” (Sihler 1995:568).

¹⁰ O ‘*Yajur Veda*’ divide-se em dois corpos de textos – o *kṛṣṇa* (कृष्ण) ou *Yajur Negro* e o *śukla* (शुक्ल) ou *Yajur Branco*.

através da sucessão de gurus e aprendizes, ou *guru-paramparā* (गुरुपरम्परा) originando a importância da “*recompensa do ouvir*” ou *śravaṇa phala* (श्रावन् फल literalmente, “*o fruto da audição*”) (Britannica, 1978: 933 – vol.VIII).

As obras de Pāṇini, Patañjali e Bhartṛhari (as quais chamamos de Gramática, utilizando o conceito grego) por sua vez, compõem as obras conhecidas como *vyākaraṇa* (“*análise*” ou “*derivação*”), ou seja, uma minuciosa descrição gramatical da antiga linguagem dos Vedas, que por sua vez inserem-se na literatura *vedāṅga* (os textos que servem como complemento e comentário dos quatro livros sagrados). Existiam seis ciências complementares *vedāṅga*: a *śikṣā* (शिक्षा), equivalente à Fonética e à Fonologia modernas; o *nirukta* (निरुक्त), ou a Etimologia; o *vyākaraṇa*, (व्याकरण) ou Gramática; o *chandas* (छंदः), equivalente à nossa Poética; o *jyotiṣa* (ज्योतिष), ou Astrologia, e finalmente o *kalpa* (कल्पः), ou a Ciência Ritual (Bronkhorst, 2000:166).

As ciências linguísticas auxiliares estudam o sânscrito, conforme este é apresentado nos *Vedas*, a partir de diferentes pontos de vista: o som, o sentido, a morfo-sintaxe, e a métrica poética. Não é possível separar a ciência gramática da poética, ou da morfo-fonologia (o estudo da eufonia conhecida como *sandhi* – essencial para a compreensão do sânscrito). É mister lembrar que todas estas “*śāstra*” (शास्त्र “*ciência*”, ou “*escritura*” derivado da raiz *ṣas* “*ensinar*”) (Monier-Williams, 1981:xxv) fazem parte do *vedāṅga*, cujo propósito era essencialmente didático. Passamos agora à análise das origens do estudo da estrutura fônica da língua dos Vedas.

3.1 A Fonética Védica e a Fonética Clássica

O estudo formal descritivo dos sons do sânscrito, algo muito próximo do que poderíamos chamar de uma “*Fonética*” hindu (ainda que o seu propósito e natureza fossem diversos do nosso estudo moderno, sendo *teológicos* em essência), teve início ao redor do período linguístico que conhecemos como sânscrito clássico, ou seja, a época da gramática de Pāṇini. No período anterior, ou período védico (1500-500 a.C.) – subdividido em védico antigo e tardio – embora não houvesse um estudo analítico formal da fonologia dos Vedas por parte dos *brāhmanes*, uma série de conceitos fundamentais foram desenvolvidos, no que tange as unidades, o ritmo e a continuidade da recitação, em particular do ‘*R̥g Veda*’. No período clássico (500 a.C.), quando se

iniciam os estudos formais analíticos do sânscrito, aparecem as obras conhecidas como os *prātisākhya* e as *śikṣā* – algo equivalente ao que chamamos modernamente de “*tratados de fonética*” (Deshpande, 2000:138). Não obstante, foi ainda no período védico que se deram as primeiras subdivisões dos textos recitados em unidades sucessivamente menores; este *desmembramento* da récita original se aproxima da nossa procura por uma *unidade sonora*: “(...) *devemos procurar as origens dos sistemas formais de fonética nas especulações pré-formais a respeito dos sons em particular e da linguagem em geral, encontradas ao longo de todo período védico*” (Deshpande, 2000:138).

3.2 *Chandas, Pada e Akṣara*

As três palavras em sânscrito acima significam literalmente “*verso*”, “*pé*” e “*indivisível*”; como conceitos do aparato técnico de análise do texto recitado, são equivalentes aos nossos conceitos modernos de *metro poético*, *pé* (ou também *palavra sintática*) e *sílaba*; elas estão entre os termos mais antigos encontrados na literatura védica, e portanto, antecedem o trabalho de Pāṇini e os tratados de fonética. O *chandas*, ou métrica védica, compreendia diferentes metros, tais como a *gāyatrī* (“*canção*”), o *jagatī* (“*a terra*”) e o *triṣṭubh* (“*as três invocações*”), entre outros. O *pé poético* nos Vedas inicialmente é chamado *pada* (पद)¹¹. Já no período védico tardio, o *pada* pode designar, além do pé métrico, igualmente *uma palavra sintática*. Esta referência ao pé possivelmente deve-se ao fato de que os metros *anuṣṭubh* e o *triṣṭubh* tem cada um 4 *padas*, isto é, 4 pés, enquanto a linguagem é frequentemente comparada com a vaca sagrada (*go* – गौ) dos textos védicos (Deshpande, 2000:138). Mais tarde, surge o *pāda* (पाद) (obviamente uma derivação do *pada*, mas note-se a diferença em grafia e pronúncia); diferenciou-se, desta forma, a palavra sintática (पद) da medida poética (पाद). A sílaba, ou *akṣara* (अक्षर “*imperecível, indivisível*”) é um conceito fundamental presente no ‘*Ṛg Veda*’: no período védico, “*trata-se da unidade básica ou medida da língua*” (Deshpande, 2000:138), devido ao fato de que os metros poéticos deviam ter um número rigidamente pré-fixado de sílabas. Destarte, a *gāyatrī* contem 3 *pāda* com 8 *akṣara* cada, enquanto uma *jagatī* contém 4 *pāda* com 12 *akṣara* e uma *cakvarī*

¹¹ Esta palavra refere-se inicialmente ao pé como parte do corpo, e é encontrada em outras línguas indo-europeias, como o grego (πούς, gen. ποδός) e o latim (*pēs*, gen. *pēdis*) (Sihler, 1995:281).

(“*vaca*”) contém 4 pāda de 14 *akṣara* (Fonseca e Ferreira, 1987:437/438). Tal rigidez com o ritmo e a medida poética – a gênese da *unidade sonora* – está longe de ser unicamente uma preocupação estética; em realidade, a marcação acurada do ritmo por meio do pé poético servia como um dos recursos dos *paṇḍit* para a memorização dos textos sagrados; cumpre lembrar que estes eram recitados de forma rítmica contínua, sem o auxílio da escrita. No início de cada hino do ‘*Ṛg Veda*’, o *hotṛ* (“*aquele que preside o sacrifício*”), isto é, aquele que recita o texto e preside o ritual, devia informar o nome da divindade à quem o hino é dedicado, o nome do *ṛṣi* que revelara o texto, assim como o metro poético, de forma que a memorização e a recitação do hino fosse facilitada – os recitantes e os ouvintes conseguiam prever através da marcação do ritmo e dos acentos adequados, as palavras e o sentido correto do texto: o ritmo convertia-se em uma estratégia de memória¹². Por exemplo, o primeiro hino do ‘*Ṛg Veda*’ (hino 1.1¹³) é dedicado à *Agni* (o deus do fogo); o *ṛṣi* é *Madhuchchhandas* e o metro é a *gāyatrī* (Wilson, 1866:01). Era portanto, fundamental determinar uma unidade fonética que pudesse ser contada:

Parece-nos que a atenção dos antigos poetas-pensadores estava focada primordialmente naquelas unidades linguísticas que estavam, de algum modo, fixadas numericamente. Assim a menor unidade que pode ser contada é a sílaba. Por exemplo, existem oito sílabas em um pé *Gayatri*. Contudo, estas oito sílabas podem conter qualquer número de sons individuais; portanto, o número de sons não era um número contável (Deshpande, 2000:138).

3.3 *Akṣara* e *Varṇa* – A Padronização do Sânscrito

No período védico tardio, ao que parece, o *akṣara* foi desmembrado em uma unidade de som ainda menor. Além de *metro*, *pé*, *palavra* e *sílaba*, surge uma nova unidade, o “*som individual*” ou *varṇa* (वर्ण). Tal termo, na literatura védica, significava inicialmente “*cor da pele*”, a qual determinava a casta de uma pessoa na Índia antiga; a partir de então, passa a designar

¹² Acerca do conceito de “*ritmo*” diz Benveniste: “*A noção de “ritmo” é uma das idéias que englobam uma grande porção das atividades humanas. Talvez ela até sirva para caracterizar distintivamente os comportamentos humanos, individuais e coletivos, na medida em que tomamos consciência das durações e sucessões que os regulam, e igualmente quando, além da ordem do que é humano, projetamos um ritmo nas coisas e nos eventos. Esta vasta unificação do homem com a natureza sob a consideração de “tempo”, de intervalos e de retornos paralelos, teve por condição a emprego da própria palavra, a generalização, no vocabulário do pensamento ocidental moderno, do termo ritmo, que nos chega provinda, através do latim, da língua grega*” (Benveniste, 1966:328).

¹³ “*Agnimīḷe purohitam yajñasya devamṛtvijam , hotāram ratnadhātām*” isto é “*Eu saúdo Agni, o sacerdote escolhido, o ministrante do sacrifício que apresenta a oblação aos deuses, aquele que possui muita riqueza*” (Wilson, 1866:01).

também as unidades de som que compõem o *akṣara*. Em outras palavras, o *varṇa* pode ser colocado em simetria com a concepção moderna do fonema, uma vez que os textos recitados foram segmentados em uma unidade mínima verdadeiramente indivisível¹⁴: por exemplo, os gramáticos hindus citam regras tais como “*um único som individual (eka-varṇa – एकवर्ण) que compõe uma palavra (pada) é chamado de apr̥kta*” (Whitney, 1871:1 – 54). Com a divisão da sílaba, destarte, diferenciam-se as consoantes (*vyañjana – व्यञ्जन – “adornado”, “manifesto”*) das vogais (*svara – स्वर – “tom”*), e são delineadas características destes sons, tais como a propriedade de ser “*sonoro, vozeado*” (*ghoṣa – घोष*) ou “*sibilante*” (*uṣman – ऊष्मन्*) ou ainda, de ser produto das “*oclusões*” ou do “*contato*” (*sparsā – स्पर्शा*) (Deshpande, 2000:139, Whitney, 1871:1-1 a 1-14). É importante lembrar que as traduções dos conceitos técnicos dadas acima são baseadas em traduções que em geral aplicavam nomes da gramática Greco-latina às palavras em sânscrito; embora certa simetria possa ser estabelecida entre o sistema de nomenclatura terminológico ocidental e o sistema terminológico-conceitual dos gramáticos hindus, esta simetria não é perfeita, e as traduções devem ser compreendidas dentro de um determinado contexto profundamente enraizado nas categorias estabelecidas pela Gramática Comparativa do séc. XIX, da qual Whitney (um dos grandes tradutores de textos sânscritos) e Saussure são importantes expoentes.

O período védico cobre aproximadamente mil anos; com o passar dos séculos, não obstante, surgem dificuldades na transmissão da pronúncia acurada dos textos védicos, pois o sânscrito se transformara (da forma védica para a forma que seria chamada de clássica): muitas palavras passaram a significar seu oposto¹⁵, enquanto diferenças morfo-sintáticas podiam ser verificadas, o que prejudicava a compreensão dos hinos. Igualmente, a terminologia descritiva prolifera de forma confusa, de acordo com as prescrições das diferentes escolas védicas no

¹⁴ Fazemos uma referência aqui ao paradoxo contido na tradução literal da palavra *akṣara*, que é justamente “*indivisível*”, ou “*imperecível*”.

¹⁵ “A existência de homônimos frequentemente resulta na supressão de um dos componentes destes pares. A língua védica mais primitiva possuía *ásura* “senhor” (em avestan *ahura*) e *ásura* “demônio”. Apenas este último permanece em uso do período védico tardio em diante. Da mesma forma do par *arí* “devoto, digno de confiança” (de onde temos *árya*, *ārya*, (cf. hitita *ara* “amistoso, aliado”) e *arí* “inimigo” (<**ali*, cf. latim *alius*), apenas este último foi preservado. O védico *kārú* “cantor” (*kṛ* “celebrar”, cf. grego *κῆρῶξ* *kāpōξ* “arauto”) gera um *kārú* clássico significando “artesão” (*kṛ* “fazer, realizar”) (...)” (Burrow, 2001:40)

território da Índia. Por exemplo, um dos tratados sobre fonética védica (dos quais falaremos em maior detalhe na próxima sessão), se propõe, na *sutra* inicial, a fazer uma “*lista de varṇas*”, mas utiliza, na *sutra* seguinte a expressão *samānākṣarāṇi*, o que seria equivalente, na linguagem védica a lista das “*indivisíveis simples*”, significando os nove primeiros sons sem oclusão, ou seja, as vogais (Whitney, 1871:1-1 e 1-2). Esta aparente confusão na terminologia é explicada da seguinte forma: ao redor de 700 a. C. foram compilados catálogos dos sons do sânscrito, que alguns sábios chamavam de *akṣara-samāmnāya*, isto é, uma “*recitação cumulativa de akṣaras*”, enquanto outros diziam tratar-se de um *varṇa-samāmnāya* “*uma recitação cumulativa de sons individuais*”. Ao que parece, *varṇa* e *akṣara* haviam tornado-se cognatos: ambos significavam uma unidade de som indivisível, e podiam ser usados como sinônimos dentro de um mesmo texto, o que faz sentido se levarmos em conta a teoria da escrita *devanāgarī* (conforme explicado no final da seção 2.2 acima). Tal paradoxo será examinado mais adiante; por hora, basta compreendermos que não existia uma padronização científica desta terminologia, a qual admitia variações de acordo com as diferentes escolas védicas; daí adveio a necessidade de uma padronização da linguagem técnica descritiva da fonologia védica, a fim de assegurar a preservação correta dos textos memorizados: “*tal padronização era necessária, entre outras coisas, devido a uma lacuna diglósica cada vez maior entre os antigos textos védicos preservados oralmente e as formas correntes do sânscrito e das línguas vernaculares*” (Deshpande, 2000:140).

3.4 Os Tratados de Fonética – *Prātiśākhya* e *Śikṣā*

A multiplicidade de escolas, termos técnicos e variações na recitação dos textos sagrados engendrados pelos povos hindus deram origem ao meticuloso sistema de classificação fonética do sânscrito que floresceu no período clássico: é neste período que se inicia a composição dos tratados de Fonética de que falamos acima, as *śikṣā*, e os *prātiśākhya*. Não há um consenso quanto à antiguidade destas obras: Deshpande (2000:141) coloca os *prātiśākhya* num período anterior a Pāṇini (500 a.C.); autores mais antigos, como Ghosh (1938:xxx) contendem que “*a posição dos prātiśākhya na história da literatura fonética hindu parece ter sido muito mal compreendida*”, e embora os coloquem num período aproximado a 500 a.C., dizem ser estas obras um desenvolvimento mais tardio das *śikṣā*. É certo que o nome de um dos *vedāṅga* era

justamente *śikṣā*, derivado da raiz *śak*, a qual significa “*estar apto*”¹⁶. Não se sabe ao certo como esta palavra passou a designar o treinamento fonético (Ghosh, 1938:xxv). Contudo, os textos que chamamos de *śikṣā*, “*referem-se a um treinamento em geral, e ao treinamento fonético ou de recitação em particular*” (Deshpande, 2000:141). Segundo os ‘*Upaniṣad*’: tal treinamento enfatiza o reconhecimento correto dos seguintes elementos: *varṇa* (“*som*” ou “*fonema*”), *svara* (स्वर “*tom*”, ou “*vogal*”), *mātrā* (मात्रा “*quantidade*”), *bala* (बल “*força*”), *sama* (सम “*articulação equilibrada*”) e *santāna* (सन्तान “*continuidade*”) (Gosh, 1938:xxvi, Deshpande, 2000:141).

Nestes tratados, as diferentes práticas de recitação dos Vedas e os sons do sânscrito são descritos minuciosamente, determinando o catálogo fonêmico de acordo com detalhes articulatorios e as regras da elisão (*sandhi*), ou seja, produzindo uma descrição acurada das unidades sonoras que está muito próxima da nossa noção moderna do fonema. A *śikṣā* mais antiga conhecida é a ‘*Pāṇinīya Śikṣā*’, que como demonstra o título, é atribuída ao grande gramático Pāṇini.

Quanto aos *prāṭisākhya*, “*é uma certeza que o estudo gramatical destes textos, de cunho fonético, era zeloso e eficientemente realizado nas escolas brahmanicas; isto é atestado por nossa posse de um grande número destes prāṭisākhyas (...)*” (Whitney, 1879:x). Estes tratados em geral descrevem os detalhes de recitação e pronúncia correta de cada um dos *Vedas*; por exemplo, o ‘*Ṛgvedaprāṭisākhya*’ (ou seja, um ‘*Tratado Fonético do Ṛg Veda*’), assim como os outros tratados do gênero, filia-se à escola rigvédica, enquanto o ‘*Taittirīya-Prāṭisākhya*’ (texto traduzido do sânscrito por Whitney em 1871, o qual analisamos para os comentários da presente dissertação) comenta os detalhes de pronúncia, acentuação e elisão do texto do ‘*Yajur Veda Kṛṣṇa*’ (isto é, o ‘*Yajur Veda Negro*’). Tratam-se, portanto, de textos de caráter sectário; a própria palavra *śākhya* significa “*ramo*”, enquanto a expressão *prāṭisākhya* significa “*o que pertence à cada ramo ou texto*” (Deshpande, 2000:141, Whitney, 1879:x). Tanto as *śikṣā*, quanto os *prāṭisākhya* ocupam-se das minúcias da fonologia védica, em geral com questões como as formas

¹⁶ É possível encontrar algumas *śikṣā* modernas do sânscrito em formato de vídeo; trata-se, sem dúvida, de um grande auxílio moderno para o aprendiz desta língua. Da mesma forma que as *śikṣā* originais, o aprendiz é apresentado ao sânscrito por prática de recitação e repetição, aprendendo indutivamente a reconhecer elementos fonológicos essenciais como *varṇa*, *svara*, *mātrā*, *bala*, reconhecendo, ao mesmo tempo, o *sentido do texto repetido*. O aprendiz descobre, assim, o significado daquilo que repete e as regras do sânscrito que o permitem compreender o texto. (Ver Bibliografia para a referência dos vídeos). O termo *śikṣā* aplica-se ainda à instrução (educação) em geral na Índia; por exemplo, o site das universidades hindus é o *shiksha.com*.

de transmissão do texto dos *Vedas* (*padapāṭha* ou *saṃhitāpāṭha*), as regras da elisão (o *sandhi*, sobre o qual falaremos na seção seguinte); em determinadas partes do texto do *‘Taittīrīya-Prātiśākhya’*, por exemplo, faz-se um elenco de diversas palavras retiradas do *‘Yajur Veda’* para a qual são prescritas uma série de regras de pronúncia e elisão, definindo-se a posição deste ou daquele sábio acerca das formas corretas e incorretas: assim, nas sutras 13-5 e 13-6, ao falar dos sons individuais (*varṇānāma*), são explicadas as situações em que o som *anunāsika* (“nasal”) *n*, ao ser precedido pelas soantes *mūrdhanya* (“cerebrais”, isto é “retroflexas”) *ṛ ṝ ṛ̃* e pela *uśman* (“sibilante”) *ṣ*, acaba por tornar-se um *ṇ* retroflexo; segue-se então, uma lista de mais de trinta palavras do *‘Yajur Veda’* à guisa de exemplo, e a opinião de alguns sábios acerca dos casos mais complicados (Whitney, 1871:sutras 13-5 à 14-3). Este tipo de debate analítico acerca de exemplos particulares mais complicados dos *Vedas* contribuiu para o surgimento das gramáticas como a *‘Aṣṭādhyāyī’* de Pāṇini (Bronkhorst, 2000:167).

3.5 O *Varṇasamāmnāya*

Tanto o *‘Taittīrīya-Prātiśākhya’* (o tratado descritivo da fonética do *‘Yajur Veda’*), quanto as duas obras de Pāṇini (a *‘Pāṇinīya Śikṣā’* e o *‘Aṣṭādhyāyī’*) abrem com uma *lista dos sons* do sânscrito. O *‘Taittīrīya-Prātiśākhya’* inicia com seguinte frase: *atha varṇasamāmnāyaḥ*: (अथ वर्णसमाम्नायः), ou seja, “*agora [segue] a lista dos sons*” (Whitney, 1871:1-1), em seguida, a segunda *sutra* nos diz que “*os nove sons iniciais são vogais simples indivisíveis*” (1-2). Textos como o *‘Taittīrīya-Prātiśākhya’* nos explicam em detalhes desde a origem dos sons no corpo humano até as regras mais complexas da morfologia dos sons do sânscrito; por exemplo, segundo o tratado, o som tem sua origem “*através do movimento do ar na junção da garganta e do peito*” (sutra 2-2), enquanto as partes que “*conferem a qualidade audível ao som são o peito, a garganta, a cabeça, a boca e as narinas*” (sutra 2-3). “*Quando a garganta se fecha*” diz a sutra 2-4, “*o tom é produzido*”; “*quando a garganta está aberta, a respiração é produzida*” (2-5). Os “*locais de contato*” (*sparśa*) descritos no *‘Taittīrīya-Prātiśākhya’* (sutras 2-33 a 2-46) antecedem em muitos séculos a especificidade dos pontos de oclusão da fonética moderna. São estes: “*velar*” (कण्ठ्य *kaṇṭhya* “*garganta*”), “*palatal*” (तालव्य *tālavya* “*palato*”), “*cerebral*” (मूर्धन्य *mūrdhanya*

“coroa, topo”, equivalente ao moderno “retroflexo”¹⁷), “dental” (दन्त्य *dantya* “dente”) e “labial” (ओष्ठ्य *oṣṭhya* “lábio”) (Whitney, 1871:sutras 2-3 à 2-46). As sutras 2-20 até 2-23 descrevem as diferentes posições e contatos da língua (जिह्वा *jihvā*) com os pontos de oclusão citados acima: por exemplo, na ausência de instrução especial, a língua deve ficar posicionada para baixo (2-20), enquanto na pronúncia das vogais como o *i*, a porção média da língua aproxima-se do palato (2-22), e da mesma forma na pronúncia do *e* (2-23). Nestas sutras, descreve-se também a posição e nível de abertura dos lábios, para a pronúncia correta das vogais *a i u* e dos ditongos (vogais compostas) *e o ai au*.

Vogais (<i>svara</i>) Simples (<i>samāna</i>) Compostas (<i>sandhyakṣara</i>)	a ā i ī u ū ṛ ṝ ḷ ḹ अ आ इ ई उ ऊ ऋ ॠ				
	e o ai au ṁ ḥ ए ओ ऐ औ अँ अः				
Oclusivas (<i>sparśa</i>)	-VOZ	-VOZ	+VOZ	+VOZ	+VOZ
	-asp	+asp	-asp	+asp	-asp
	-nas	-nas	-nas	-nas	+nas
Velar (<i>kaṅṭhya</i>)	क <i>k</i>	ख <i>kh</i>	ग <i>g</i>	घ <i>gh</i>	ङ <i>ṅ</i>
Palatal (<i>tālavya</i>)	च <i>c</i>	छ <i>ch</i>	ज <i>j</i>	झ <i>jh</i>	ञ <i>ñ</i>
Cerebral (<i>mūrdhanya</i>)	ट <i>ṭ</i>	ठ <i>ṭh</i>	ड <i>ḍ</i>	ढ <i>ḍh</i>	ण <i>ṇ</i>
Dental (<i>dantya</i>)	त <i>t</i>	थ <i>th</i>	द <i>d</i>	ध <i>dh</i>	न <i>n</i>
Labial (<i>oṣṭhya</i>)	प <i>p</i>	फ <i>ph</i>	ब <i>b</i>	भ <i>bh</i>	म <i>m</i>
Semi-vogais (<i>antaḥsthā</i>)	y r l v य र ल व				
Aspiradas (<i>ūṣman</i>)	ś ṣ s h श ष स ह				

Fig 3 – O elenco fonêmico do sânscrito conforme os *prāṭisākhya*s e as *śikṣā* (adaptado da Tab. 19.1 – Deshpande, 2000:142)

¹⁷ Acerca das “cerebrais”, diz Burrow (2001:96): “a série cerebral (ṭ ṭh ḍ ḍh ṇ ṣ) do Indo-Ariano apresenta uma inovação contrária ao resto do Indo-Europeu. Este nome um tanto infeliz, uma tradução confusa do *mūrdhanya* sânscrito, data dos primeiros dias da filologia indo-ariana, e foi confirmado pelo hábito. Foneticamente, “retroflexo” ou “retrovertido” descrevem mais adequadamente estes sons que distinguem-se das dentais pois a ponta da língua é enrolada em direção ao topo da boca. Estes sons são caracteristicamente hindus (...)”. Com efeito, discordando do termo “cerebrais”, Whitney (1879:15) as chama de *linguais mudas* (*lingual mutes series*), e descreve sua pronúncia da seguinte maneira: “pronunciadas com a ponta da língua voltada para cima e recolhida em direção ao domo do palato (algo próximo da pronúncia do *r* suave inglês)”.

O arranjo fonêmico acima é utilizado hoje em dia como a “*ordem alfabética*” do sânscrito moderno; a teoria que o subjaz considera tanto o modo quanto o ponto de articulação dos fonemas que representa.

O nome de cada som do sânscrito é dado pelo som de cada letra em particular, seguido da palavra *kāra* (कार “*aquele que produz*”). Assim, *a-kāra* (“*aquele que produz o a*”) designa o som do *varṇa a* (Whitney, 1871: *sutra* 1-16), enquanto *i-kāra* designa o *varṇa i*; o mesmo se aplica às consoantes, como o *ka-kāra* (*k*), por exemplo. As exceções são os sons *jihvāmūlīya* e *upadhmānīya* (dois tipos de sons raros no sânscrito; são espécies de *emissão* não sonora após uma vogal¹⁸), o *anusvāra* (um som nasalizado posterior a uma vogal) e os *nāsikyās* (“*sons nasalizados*”), além do *repha* (“*rosnado*”, isto é, o som do *r*); todos estes têm o próprio nome, segundo o ‘*Taittīrīya-Prātiśākhya*’ (1-18), Müller (1866:04) e Whitney (1879:08).

Segundo o trabalho de Pāṇini (‘*Aṣṭādhyāyī*’ 1:2:27), no que concerne as *quantidades das vogais*, cada vogal pode ter três *mātrā* (“*medida*”): *ekamātrika* (“*uma medida*”), *dvimātrika* (“*duas medidas*”) ou *trimātrika* (“*três medidas*”) ou seja, cada vogal pode ser *hrasva* (“*breve*”), *dīrgha* (“*longa*”) e ainda *pluta* (“*protracta*”). Seguem alguns exemplos:

- *dadhi* “*iogurte*” – *i* (*hrasva*, ou *ekamātrika*);
- *kumarī* “*menina*” – *ī* (*dīrgha*, ou *dvimātrika*)
- “*Devadattā³, atra nvasi*” = “*Devadattaaa, você está aqui?*” – (*pluta*, ou *trimātrika*) (Sharma, 2000:96 / Vasu, 1891:84)

Quanto às consoantes, os gramáticos hindus dizem ter cada consoante a metade do tempo de uma vogal (Whitney, 1879:26 – Whitney, 1871:1-34/1-36). A questão que surge aqui naturalmente é “*a quanto tempo exatamente equivale tal medida*”? Segundo Sharma, “*os tratados śikṣā discutem vários aspectos desta questão. Houve igualmente uma tentativa de identificar tais unidades de duração [do tempo de um fonema] com os sons produzidos pelos pássaros*”, como por exemplo, o *kukūkū³* do galo (*kukkūṭa*) (Sharma, 2000:97).

¹⁸ Sobre estes dois sons, diz Müller (1866:03): “*Dois sons, as sibilantes gutural e labial, não têm representantes distintos no alfabeto sânscrito. Eles são chamados jihvāmūlīya, a sibilante da raiz lingual, formada próxima da base da língua; e o upadhmānīya, isto é, a sibilante labial*”.

Além da quantidade dos sons, existia ainda a característica do *peso da sílaba*, uma distinção dada por razões da métrica poética: as sílabas poderiam ser tanto *pesadas (guru)* quanto *leves (laghu)*: as pesadas são as sílabas que contém uma vogal longa, ou ainda uma vogal curta seguida por mais que uma consoante. A última sílaba de um *pāda*, portanto, pode ser tanto *guru* quanto *laghu* (Whitney, 1879:27).

Nas sutras 23-1 e 23-2, o ‘*Taittirīya-Prāṭisākhya*’ especifica como se diferenciam os *sons articulados*, ou seja, os critérios que determinam a *identidade* de cada fonema: a *emissão*, o *fechamento dos lábios*, a *posição do contato*, a *disposição do órgão onde é produzido o som* (a língua e os pontos de contato) e finalmente, a *quantidade* das vogais. Assim, um *a hrasva* é diferente de um *ā dīrgha* e de um *ā pluta*, enquanto um *ṭ mūrdhanya*, por ser retroflexo, difere do *t* simples, que é um som dental. Na Fonologia moderna, utilizam-se os pares mínimos para a diferenciação fonêmica; da mesma forma, nos tratados de Fonologia do sânscrito, o que diferencia um fonema de outro são os critérios fundamentais descritos acima, os quais concorrem para a pronúncia acurada de um determinado vocábulo, de forma que este *faça sentido* em um determinado contexto; uma palavra pronunciada com um determinado som produzido em uma posição e quantidade diferentes do que é prescrito engendra, portanto, uma palavra ininteligível; neste caso, pronunciou-se um som que não faz parte do *varṇasamāmnāya* (Deshpande, 2001:143).

Ainda segundo o ‘*Taittirīya-Prāṭisākhya*’, o som que combina-se com articulação é a origem do que chamamos de voz (*vāc*), a qual pode ter sete qualidades: ser inaudível, um murmúrio, um sussurro ou um resmungo, ser suave, média ou alta, sendo que “*a voz suave é produzida no peito, a média na garganta e a alta na cabeça*” (sutras 23-3 à 23-10). A produção das três qualidades essenciais da voz (suave, média e alta) são descritas nas sutras 22-9 a 22-11; destarte, “*tensão, firmeza e pequenez na abertura*” dão origem ao tom alto, enquanto “*relaxamento, suavidade e amplidão na abertura*” fazem surgir o tom baixo (Whitney, 1871:22-9 a 22-11).

Nas tabelas abaixo, podemos apreciar o nível de minúcia da terminologia fonológica da escola do sânscrito clássico descrita pelos gramáticos hindus (Fig. 4) e a organização tradicional desta terminologia e do “alfabeto” sânscrito em *devanāgarī* (fig.5):

Fig.4 – Tabela Terminológica da Fonologia do Sânscrito Clássico (conforme o trabalho de Fonseca e Ferreira (1987:87)).

TERMINOLOGIA DA TRADIÇÃO GRAMATICAL SÂNSCRITA - FONOLOGIA

Sistema fonológico: *akṣarasāmānāya* “conjunto de sílabas” अक्षरसमाम्नाय

Fonema: *akṣara* “imperecível” अक्षर, *varṇa* “cor” वर्ण

Sílaba: *akṣara* “imperecível”,

Vogal: *varṇa* “cor”, *svara* “tom, acento” स्वर

Vogal Breve: *hrasva* “breve” ह्रस्व

Vogal Longa: *dīrgha* “longo” दीर्घ

Ditongo: *saṁdhyakṣara* “fonema em juntura” संधियक्षर

Consoante: *vyañjana* “manifestação” व्यञ्जन

Semivogal: *antaḥsthā* “intermediário” अन्तःस्थ

Ponto de Articulação: *sthāna* “incidência” स्थान

Órgão Produtor: *karaṇa* “agente” करण

Oclusiva: *sparsā* “contato” स्पर्श

Garganta: *kaṇṭha* कण्ठ

Gutural: *kaṇṭhya* कण्ठ्य

Palato: *tālu* तालु

Palatal: *tālavya* तालव्य

Crânio: *mūrdhan* मूर्ध

Cerebral: *mūrdhanya* मूर्धन्य

Dente: *danta* दान्त

Dental: *dantya* दन्त्य

Lábio: *oṣṭha* ओष्ठ

Labial: *oṣṭhya* ओष्ठ्य

Nariz: *nāsika* नासिक

Nasal: *nāsikya* नासिक्य

Surda: *aghoṣa* “sem ruído” अघोष

Sonora: *ghoṣavant* “que faz ruído”

Sibilante: *soṣman* “que tem sopro” सोष्मन्

Hiato: *vivrta* “intervalo” विवृत

visarga “emissão” विसर्ग

virāma “cessação” विराम

anusvāra “completamento” अनुस्वार

anunāsika “nasalização” अनुनासिक

Nexo Fonético: *saṁyoga* “reunião” संयोग

Consoante Geminada: *dvirbhāva* “existência dupla” द्विर्भाव

Vogal Homogênea: *savarṇa* “vogal igual” सवर्ण

शक्ति

कण्ठ	तालव्य	ओष्ठ	मूर्धन्य	दन्त्य	कण्ठतालव्य	कण्ठोष्ठ	अनुस्वार								
अ	आ	इ	ई	उ	ऊ	ऋ	ॠ	ऌ	ॡ	ए	ऐ	ओ	औ	अं	अः
a	ā	i	ī	u	ū	r̄	ṝ	l̄	ḹ	e	ai	o	au	am	ah
त	ता	ति	ती	तु	तू	तृ	तृ	तू	तू	ते	तै	तो	तौ	तं	तः
exceptions:				रु	रू	रृ	रृ	रू	रू	रु	रू	रु	रू	रु	रू

Alphabetical Order

व्यञ्जन

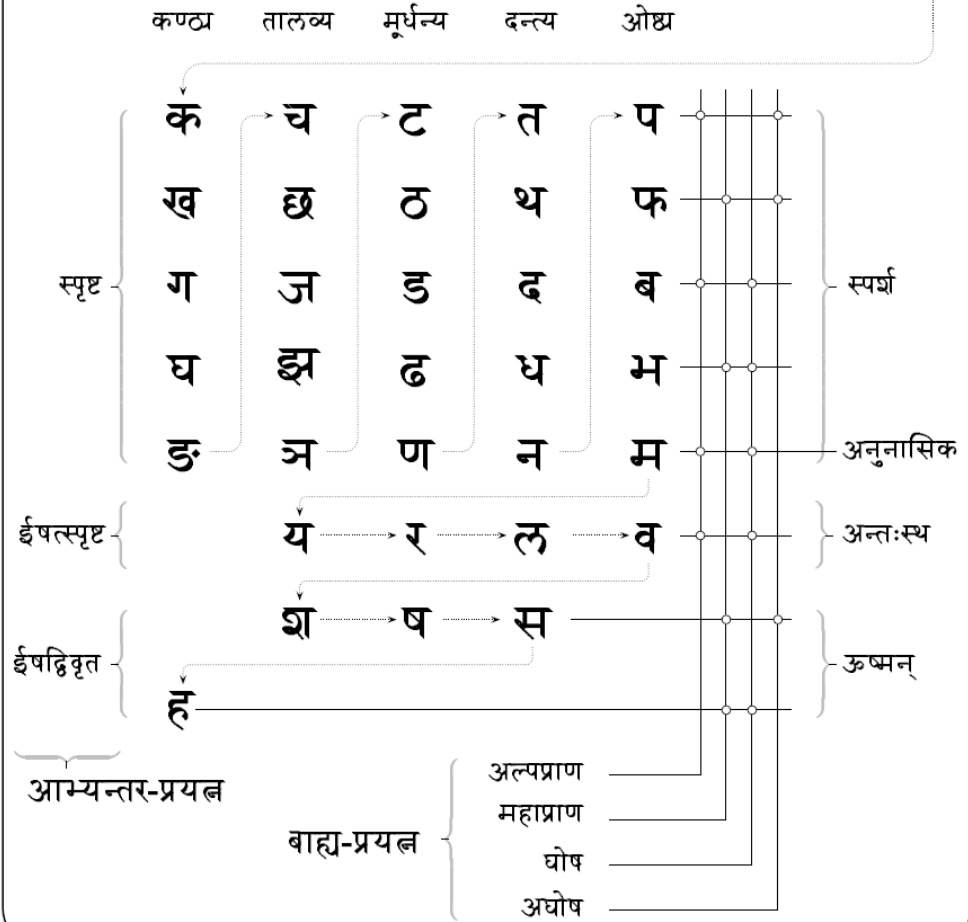


Fig. 5 (acima) – O “alfabeto” do sânscrito em *devanāgarī*, com as indicações das vogais (*śakti*), consoantes (*vyañjana*), semivogais (*antaḥstha*), seus pontos de contato (*sparśa*), esforço interno (*ābhyaantara-prayatna* ou a intensidade da oclusão dentro da cavidade bucal: *īṣat-spr̥ṣṭa* [o contato suave das semivogais] e *īṣad vivṛta* [a cavidade bucal levemente aberta para a pronúncia das sibilantes]), o esforço externo (*bāhya-prayatna* ou intensidade e sonoridade)¹⁹. Quanto ao controle da respiração (o *prānāyāma*, que influi na intensidade do esforço articulatório), o ‘*Yoga-darśana*’, atribuído a Patañjali, diz que este pode ser externo (*bāhya*), interno (*ābhyaantara*) ou estável (*stambha*) (Calazans, 2010:119).

O conhecimento dos textos fonte a serem recitados (os *Vedas*), assim como da terminologia dos exemplos contidos em textos como os *prātiśākhya* levava ao domínio da língua purificada para o ritual (*samskrita*), preparando o aprendiz para as exigências dos textos mais complexos; sem o domínio desta linguagem, não era possível compreender os *śruti*. “Peso e leveza, equilíbrio; breve e longa, protraída em quantidade; elisão, incremento e eufonia; estado natural, *vikrama*, *krama*; acentos agudo, grave e circunflexo; fôlego, tom e adjunção – tudo isto deve ser compreendido por aquele que conhece a língua dos Vedas” (24-5); após estes esforços de escuta e memorização, “aquele que conhece as distinções de acento e quantidade pode ir sentar-se junto aos professores” (24-6) (extraído do ‘*Taittīrya-Prātiśākhya*’). Segundo Monier Williams, os termos *krama* e *vikrama* listados acima, são originários do verbo *krāmati* (por sua vez, originário do *dhatu kram*), que significa “caminhar, ir até, dar passos, aproximar-se”; os conceitos de *krama* e *vikrama*, portanto, estão relacionados com

क्रम – *progredir passo a passo*, uma maneira ou método peculiar de ler os textos védicos, assim chamado porque a leitura procede do primeiro membro (letra ou palavra) para o segundo; então o segundo é repetido, e conectado com o terceiro; o terceiro é repetido e conectado com o quarto e assim por diante; tal método de leitura, com relação às palavras é chamado de *pada-krama*, e com relação às consoantes em conjunto é chamado de *varṇa-krama* (Monier Williams, 1981:319).

¹⁹ A figura foi extraída de Wikner, (1996:73); as definições acima, do Glossário do mesmo trabalho.

4. Pāṇini e o ‘*Aṣṭādhyāyī*’

Dentre os trabalhos da Ciência da Linguagem hindu conservados até os nossos dias, sem dúvida, a gramática do sábio Pāṇini chamada ‘*Aṣṭādhyāyī*’ (अष्टाध्यायी ‘*Os Oito Capítulos*’) é a que tem exercido a influência mais duradoura e de maior autoridade sobre o pensamento linguístico hindu, e como veremos adiante, sobre o pensamento e a metodologia científica dos estudos linguísticos ocidentais, após a sua redescoberta pelos estudiosos europeus e americanos do sânscrito (dentre os quais podemos citar Whitney, Monier Williams, Saussure, Courtenay e Kruszewski). Linguistas modernos de proeminência – como Bloomfield e Chomsky – “reconhecem o seu débito intelectual e metodológico para com o trabalho de Pāṇini” (Joseph, 2012:84). Courtenay, por exemplo, tinha em alta conta o trabalho do grande gramático hindu e escreveu que “os gramáticos hindus foram mestres incomparáveis na sistematização e classificação dos detalhes que estudaram” (Courtenay *apud* Jakobson, 1971:406 – nota 52).

Pāṇini é um patronímico que significa “*descendente de Paṇin*” (Monier Williams, 1875:172). O local de seu nascimento foi provavelmente Gandaharas, no atual Paquistão. A sua data de nascimento, contudo, é mais controversa: alguns sábios a colocam no séc. VII a.C., enquanto outros determinam seu nascimento após a invasão de Alexandre Magno (327 a. C.), devido à *sutra* 4.1.49, onde, ao explicar as regras da terminação feminina dos nomes, ele faz referência às *yavanānī* (यवनानी) – o que pode ser traduzido como *Iônica* (significando ou “mulher grega”, ou “letra grega”, isto é, o alfabeto grego)²⁰. Como o ‘*Grande Comentário*’ de Patañjali (uma obra posterior que analisa e comenta o ‘*Aṣṭādhyāyī*’) foi escrito no séc. II a.C., hoje se adota o ano 400 a.C. como data de nascimento aproximada do grande gramático hindu.

O propósito central do ‘*Aṣṭādhyāyī*’ era prescrever a forma correta do sânscrito:

A gramática de Pāṇini tinha por objetivo revelar o conhecimento das formas verbais corretas (शब्द *śabda*); o uso destas formas acompanhadas pelo conhecimento da gramática levava ao mérito religioso (धर्म *dharma*) (...) Patañjali identifica os falantes modelos de tal discurso correto: uma elite de *Brāhamanas*,

²⁰ “*Ἰωνες* [m. pl.] ‘Iônico’. Etimologia: As adaptações estrangeiras do nome tribal, em egípcio *jwn(n)*, hebraico *jāwān*, em persa antigo *yauna*, etc. apontam para uma pré forma *Ἰαῖφονες*, mas uma análise além desta forma é incerta (...) Uma vez que o significado próprio do nome é desconhecido, o nome permanece sem uma etimologia clara”. (Beekes, 2010:609)

chamados de *śiṣṭas*, que habitavam a área central da Índia chamada de *āryavartta* (“a morada do Arya”) (Cardona, 2000:113).

É importante considerarmos que o texto do ‘*Aṣṭādhyāyī*’ representa o ápice de uma tradição gramatical transmitida por uma escola de antiguidade bem maior, tradição esta que como vimos anteriormente, cumpriu por séculos seu papel essencial da transmissão oral dos textos védicos. Se creditamos esta gramática a Pāṇini, isto se deve ao fato de que ele é considerado pela tradição como o primeiro compilador das 3.959 *sūtrās*, ou “regras” (de acordo com Joseph, 2012:83) que compõem os oito capítulos de sua obra (embora ele faça referência à vários gramáticos que teriam trabalhado na compilação monolítica destas *sūtras* antes de seu próprio trabalho²¹). A transmissão das regras gramaticais descritivas do sistema linguístico do sânscrito em forma de *sūtras* visa facilitar a memorização por parte dos ouvintes; uma vez aprendida a metalinguagem básica do ‘*Aṣṭādhyāyī*’, é possível estabelecer, por meio da memorização e do estudo dos sons (isto é, dos fonemas e sílabas), a morfo-sintaxe do sânscrito:

Devo observar aqui que a palavra *sūtra* (derivada da raiz *śiv*, “costurar”, significa propriamente um “fio” (*string*) e que este nome era aplicado a qualquer série de regras ou aforismos, seja porque elas eram, figuradamente, costuradas em série, ou porque eram escritas em folhas ligadas por fios. Talvez seja essencial à verdadeira natureza de uma *sūtra* brahmânica que esta seja uma regra expressa tão brevemente quanto possível (...) nestas *sūtra* as letras e as sílabas são frequentemente utilizadas simbolicamente, *como signos algébricos* para indicar ideias que, ditas de outra maneira, precisariam de uma frase inteira ou mais para expressá-las de maneira completa (Monier Williams, 1875:158 – meu grifo).

Por outro lado, tal concisão torna a gramática de Pāṇini um trabalho de extrema complexidade para não iniciados. Como exemplo desta complexidade, citamos a coleção de traduções feitas pelo professor Rama Nath Sharma, da University of Hawaii, em que o primeiro volume (*Introduction to the Aṣṭādhyāyī of Pāṇini as a Grammatical Device*, 2002) é inteiramente dedicado ao estudo da metalinguagem e da terminologia necessária para se compreender as *sūtras*. Os exemplos para cada regra eram contidos em um comentário (transmitido com o texto original) que continha os casos a ser discutidos. Assim, a terminologia

²¹ “O próprio Pāṇini menciona diversos gramáticos que o precederam, tais como Āpiśali, Kāśyapa, Gārgya, Gālava, Ākravarmaṇa, Bhāradvāja, Sakaṭāyana, Sakalya, Senaka e Sphoṭāyana.” (Monier Williams, 1875:172)

básica consiste, a partir da *sūtra* (“regra”), em *vṛtti*, *vārttika*, *bhāṣya*, *prakriyā* e *siddhānta*, respectivamente “glosa”, “nota”, “exposição”, “derivação” e “teoria” (Sharma, 2002:01)

O ‘*Aṣṭādhyāyī*’ é um tipo de gramática descritiva sem paralelo na antiguidade clássica, ou seja, trata-se de um trabalho que difere da abordagem metodológica tradicional das gramáticas greco-romanas. Tomando o elenco de fonemas do sânscrito como ponto de partida, Pāṇini estabelece as regras morfo-fonológicas do *sandhi* (सन्धिः) – a *eufonia*, ou *elisão natural dos sons*. A compreensão do funcionamento do *sandhi* é essencial para que possamos falar (e hoje, escrever) o sânscrito corretamente, e compreendê-lo quando ouvimos uma instrução. A fim de melhor explicarmos o processo de formação do *sandhi*, recorremos a um guia introdutório, o ‘*A Practical Sanskrit Introductory*’:

Sandhi (सन्धि “colocar junto”) é o princípio dos sons que se unem natural e harmoniosamente, o que quer dizer, sem causar estranhamento ou travar a língua. (...) O *sandhi* é aplicado sempre que dois sons se unem. Na forma escrita, as letras são símbolos representando sons: em sânscrito a notação muda quando o som muda, e desta forma, o sânscrito tem uma escrita inerentemente fonética. (...) As regras do *sandhi* fazem sentido apenas no som, e não na escrita: assim, é importante, quando lermos ou escrevermos uma palavra, que a façamos soar em voz alta (ou na mente, ao menos) e que ouçamos tal som (Wikner, 1966:77 – meu grifo).

O leitor atento pode perceber que estamos seguindo o princípio filosófico da “decomposição” (*vyākaraṇa*) e da “composição” (*saṃskaraṇa*) estabelecido anteriormente (conforme explicado por Monier-Williams – seção 2.1). A própria palavra *sandhi* é criada pela elisão das palavras *sam* (“junto, com”) e *dhi* (“segurar, fixar”). A gramática *vyākaraṇa* é, ao mesmo tempo, tanto uma decomposição quanto uma composição: ela espelha a nossa fala contínua. Trata-se de um paradoxo: ao falarmos, estamos constantemente compondo e decompondo os sons e os sentidos; enquanto escolhemos nossas palavras (e as sílabas e fonemas que as compõe), decompondo; quando as enunciamos, compomos uma mensagem – todo este processo é realizado de forma simultânea.

Dá-se o mesmo com o ‘*Aṣṭādhyāyī*’. O texto da obra nos mostra que Pāṇini conhecia as técnicas de transmissão do texto dos *Vedas*, ou seja, sua forma analisada (*padapāṭha*) de onde era derivado o texto recitado de forma contínua (*saṃhitāpāṭha*); e a metodologia de seu sistema

gramatical “*tem um débito para com este sistema antigo*” (Cardona, 2000:114). Infere-se, igualmente, que o ouvinte aprendiz conhecia a fundo as regras fonológicas, as diferentes formas de *sandhi* e a metodologia de análise e composição contidas nos *prāthyśākhyā* e nas *śikṣā* de que falamos anteriormente.

Das bases formadas pelos *akṣara* primordiais (modernamente chamados de *sílabas*, seguindo a tradição greco-latina ocidental) surgem os *dhātu* (“*raízes*”, ou modernamente, *morfemas*); assim passamos às *pada* (“*palavra sintáticas*”), e destas, criam-se os *vākya* (“*enunciados*”), ou seja, principiámos com a morfo-fonologia, seguida pela morfo-sintaxe, e então, pela análise da sintaxe frasal. Conforme nos explica Saussure no ‘*Cours*’:

Nossas gramáticas européias operam com a quarta proporcional; elas explicam, por exemplo, a formação de um pretérito alemão, partindo de palavras completas; dizem aos alunos: sobre o modelo de *setzen* : *setzte* formem o pretérito de *lachen*, etc.. Ao contrário, a gramática hindu estudaria num capítulo determinado as raízes (*setz-*, *lach-*, etc.), em outro as terminações do pretérito (*-te*, etc.); daria os elementos resultantes da análise, e os alunos teriam de recompor as palavras completas. Em todo dicionário sânscrito, os verbos estão classificados na ordem que lhes consigna a raiz (Saussure, 2009:194).

4.1 Os fonemas em Pāṇini – Śīvasūtrā

Um catalogo chamado Śīvasūtrā (शिवसूत्रा) abre o ‘*Aṣṭādhyāyī*’ (assim como a ‘*Pāṇinīya Śikṣā*’). Trata-se de um preâmbulo a ser entoando antes da *sūtra* 1.1.1: uma versão diferente do *akṣarasāmamnāya*, ou *elenco essencial de sons indivisíveis* (seção 3.6). É a partir destes sons primordiais que as bases iniciais e os seus afixos serão formados. Sem conhecermos este elenco de sons, é impossível compreendermos as *sūtras* iniciais e, conseqüentemente, torna-se impossível compreender o funcionamento da lógica do ‘*Aṣṭādhyāyī*’. Embora hoje a Śīvasūtrā seja transmitido não mais oralmente, e sim por meio de livros escritos, devemos insistir *que não se trata de uma lista de letras* (o que daria ao ‘*Aṣṭādhyāyī*’ uma natureza essencialmente ligada à língua escrita) e sim uma lista de sons. É bem verdade que tampouco Pāṇini utiliza as *palavra fonema ou sílaba* (que são palavras de origem grega); devemos então, reformular a nossa definição da seguinte maneira: a Śīvasūtrā é um *elenco das unidades de som básicas que compõem o sânscrito*, que tanto podem ser consideradas *sílabas* (*akṣara* – “*indivisível*”) ou *fonemas* (*varṇa* – “*cor*”), ou seja, chegamos ao ponto do paradoxo *sílaba-fonema*. Para

podemos explicar melhor tal contradição, é preciso que consideremos alguns minutos a *Śivasūtrā* (Fig.6):

Śivasūtrā

1. अ इ उ ण	<i>a i u</i> Ṇ
2. ऋ लृ क	<i>r l</i> K
3. ए ओ ड	<i>e o</i> Ṇ̣
4. ऐ औ च	<i>ai au</i> C
5. ह य व र ट	<i>h^a y^a v^a r^a</i> Ṭ
6. ल ण	<i>l^a</i> Ṇ
7. ञ म ङ ण न म	<i>ñ^a m^a ṅ^a ṇ^a n^a</i> M
8. झ भ ञ	<i>jh^a bh^a</i> Ñ
9. घ ढ ध ष	<i>gh^a ḍh^a dh^a</i> Ṣ
10. ज ब ग ड द ष	<i>j^a b^a g^a ḍ^a d^a</i> Ś
11. ख फ छ ठ थ च ट त व	<i>kh^a ph^a ch^a ṭh^a th^a c^a ṭ^a t^a</i> V
12. क प य	<i>k^a p^a</i> Y
13. श ष स र	<i>ś^a ṣ^a s^a</i> R
14. ह ल	<i>h^a</i> L

Fig.6 – A *Śivasūtrā*, conforme a tradução do ‘*Aṣṭādhyāyī*’ por Nath Sharma (2002:01).

Trata-se de catorze grupos que abarcam o conjunto de fonemas/sílabas sânscrito, cada grupo compreendendo um conjunto de sons diferentes, separados por sons especiais que funcionam como *marcadores* (अनुबन्ध *anubandha*), ou *divisores* dos diferentes grupos. (Para facilitar a compreensão, em nossa tabela acima e no exemplo abaixo, os fonemas aparecem em letras minúsculas *em itálico*, e os *anubandha* em letras maiúsculas **em negrito**).

O primeiro grupo é o formado pelos três fonemas vocálicos essenciais do indo-europeu /*a i u* / separados do segundo grupo /*r l* / pelo *anubandha* (marcador) /**Ṇ**/. Os primeiros quatro grupos compreendem todos os fonemas vocálicos básicos do sânscrito, acrescidos dos quatro ditongos (*samdhyaḥsara*) *ai, au, e, o*, que estão compreendidos entre o fonema breve (*hrasva*) /*a*/ e o *anubandha* **C**:

a i u ण॑ र॑ । ण॑ क॑ e॑ o॑ ण॑ ai au C

Partindo-se do fonema primordial *a*, é possível entoar cada fonema seguinte (*i u r l*), alterando-se 1) a posição da língua, 2) a abertura da cavidade bucal, e 3) o nível de tensão das cordas vocais (conforme descrito na seção anterior nas instruções do ‘*Taittīrīya-Prāṭisākhya*’). Assim, com os lábios e a mandíbula “*não muito próximos, tampouco muito afastados*” (Whitney, 1871:2-12) – e com as cordas vocais tensas e a língua relaxada, entoa-se *a* (este fonema deve soar como o *u* na palavra inglesa “*but*”, ou o *a* inicial da palavra portuguesa “*amo*”). Partindo-se deste primeiro fonema, “*aproximando-se a porção medial da língua do palato*”, atinge-se o *i* (2-22). Deste som, “*formando-se um círculo com a boca mais fechada*” (2-24), com a garganta tensa e os lábios relaxados, atinge-se o *u*. (Wikner, 1996:02-05). Este é o primeiro grupo das *śakti*, ou “*energias*”²², isto é, os três primeiros de 16 fonemas vocálicos. Explica-se o nome *energias*: ao realizar o exercício de entonação respeitando-se com rigidez as posições do *órgão agente* (*karana*, neste caso, a língua) e os determinados pontos de articulação, respeitando-se ainda as regras de quantidade, e o nível de tensão na garganta, e sustentando-se o som final, o resultado é um sonoro *mantra* (para executar o exercício corretamente, não se deve pronunciar o *anubandha* ण॑, apenas as vogais *a i u*). Quanto ao número exato de vogais do sânscrito, não existe um consenso. Como dissemos acima, considera-se que as 3 vogais básicas são *a i u*; Whitney as chama de “*três vogais mais antigas e universais do indo-europeu*” (isto será fruto de décadas de discussão entre os Comparatistas do séc. XIX). Segundo o ‘*Taittīrīya-Prāṭisākhya*’ e o *Śivasūtrā* as vogais essenciais são nove; não entram nesta conta as vogais em *dīrgha-mātrā*, isto é, as vogais de quantidade longa. Subtende-se que o *hrasva a* representa três quantidades possíveis. O número de 16 vogais citado acima é segundo Wikner (fig. 3 - uma tabela mais moderna do sânscrito) que considera todas as vogais, breves e longas, além do *anusvāra aṃ* ँ (“*o som nasal posterior*”) e o *visarga aḥ* ः (“*uma emissão não sonora após uma vogal*”). Considerando que a palavra *svara* é traduzida por vogal, a ‘*Taittīrīya-Prāṭisākhya*’ confirma que os primeiros dezesseis sons são *svara* (*tons*), enquanto considera que os primeiros nove sons são *samānākṣaraṇi*, ou seja, “*os akṣara simples*”. Whitney traduz ambos os termos como *vogais* (Whitney, 1871:1-2/1-5). Tal número, por sua

²² Segundo Monier Williams (1981:1062) o conceito de *śakti* relaciona-se com a ideia de *energia* ou *poder* ativo da *personificação feminina* de um deus. O conceito de *śakti* como *som* (aqui, como *fonema*) provém da doutrina do Tantra.

vez, é contestado pela ‘*Pāṇinīya Śikṣā*’, que diz ter o sânscrito 21 *svara*. Para fins do presente trabalho, consideramos os dezesseis fonemas iniciais como fonemas vocálicos (conforme as figuras 1 e 3 acima). É preciso lembrar, no entanto, que para os gramáticos hindus, *ai au e o* são ditongos, ou seja, são *sons compostos*. Esta afirmação será disputada, no séc. XIX por Bopp, Whitney e outros estudiosos do sânscrito.

O segundo grupo dentre as vogais inclui as *soantes* (das quais trataremos em detalhe ao estudarmos a teoria de Saussure): *r* e *l*. Não se trata do *r* e *l* consonantais líquidos (como nas palavras “*r*-azão” e “*l*-ápis”). Vejamos: da posição do *u*, retornamos ao *i*, onde *a parte média da língua toca o palato*. Soa-se o *i*; para atingir o *r*, primeiramente, *deve ser encolher a ponta (frontal) da língua e “enrolá-la” até que se aproxime da parte posterior que está em contato com o palato*. Eis o som do *r*. Finalmente, para executar o *l*, partindo novamente do *i*, devemos *erguer a ponta da língua até que toque o ponto exatamente atrás dos dentes* (o que chamamos modernamente de *alveolar*).

Voltamos à figura 4: o restante da *Śivasūtrā* compreende os grupos de consoantes, cada grupo separado por um *anubandha* em particular. Os fonemas consonantais, portanto estão compreendidos entre os *anubandha C* (quarto *anubandha* desde o início da *sūtra*) e o último, *L*. A abreviatura *aL* no ‘*Aṣṭādhyāyī*’ compreende, portanto, todo o elenco de sons e a *hL* todas as consoantes.

As consoantes são representadas no esquema da figura 4: 1) em *nāgarī*; e 2) no alfabeto latino, em conjunto com uma pequena letra *a* em índice (*h^a, y^a, v^a, r^a*) o que significa que para cada oclusão consonantal, inclui-se um *a breve* (*hrasva a*) na sua pronúncia. Tal procedimento não é necessário na representação em *nāgarī* devido ao caráter silábico da escrita (por exemplo, a letra ऌ simboliza o *l* + vogal breve *a*, ou seja, a sílaba *la*). Esta é uma regra que o aprendiz deve conhecer previamente: segundo o ‘*Taittīrīya-Prātiśākhya*’, os sons consonantais devem “*ter um a-kāra interposto*” (Whitney, 1871:1-17). Como vimos na seção 3.6, um *a-kāra* é o nome que simboliza tanto o fonema quanto a letra *a*. Ora, isto se deve ao fato de que as consoantes só podem ser “*soadas*”, se estiverem unidas a uma vogal, ainda que esta seja um *a* quase imperceptível (uma semi-vogal, ou um *schwa* /ə/). Por exemplo, o *k* (produzido apenas

pela oclusão velar, sem estar ligado a uma vogal ou semi-vogal) é apenas um ruído (não uma sonorização) e o *k^a* (a oclusão velar seguida da vogal breve *a*) produz então, paradoxalmente, o que podemos chamar tanto de *fonema*, quanto de *sílaba* (o que os gramáticos hindus conheciam por *varṇa* e *akṣara*). Encontramos-nos no limiar entre estes dois conceitos, sem que nos seja possível definir entre um e outro; trata-se de uma questão do “*ponto de vista*”: do ponto de vista de uma unidade sonora principal (por exemplo, o *k^a*, sendo que o “*som principal*” é aquele produzido pela *oclusão velar não sonora*, ou seja, o ruído *k*) temos um fonema; como um fonema não subsiste sozinho (e que portanto *k* só deixa de ser um ruído e passa a “*existir*” como som, quando em união com um *a-kāra* – ou seja, o *a*), o que temos é uma sílaba, embora se possa discutir a questão do “*som principal*”, pois se *a* for considerado vocálico (e não semi-vocálico como o *schwa*), temos então dois sons principais bem distintos. Relembramos o que diz Whitney acerca da *definição da unidade* na teoria da escrita *devanāgarī* (que passou a ser usada em um período mais tardio, e na qual está registrada grande parte dos monumentos literários do sânscrito): “*ela considera como a unidade escrita, não o som simples, mas sim a sílaba (akṣara)*” pois a consoante é a “*parte substancial da sílaba*”, ao passo que as vogais são apenas implicitamente marcadas no texto. Isto engendra o princípio seguinte na escrita dos textos em sânscrito: os caracteres para vogais são usados “*apenas quando a vogal forma uma sílaba por si só, ou não é combinada com uma consoante que a precede, ou seja, quando é inicial, ou precedida por outra vogal*” (Whitney, 1879:08-09). Não obstante, na forma escrita uma consoante pode “*cancelar*” o som da vogal que lhe é normalmente anexada (geralmente quando a consoante em questão está na posição final), se tiver escrito abaixo um *virāma* (“*pausa*”, “*parada*”); assim, क representa *k^a*, enquanto o क् com *virāma* representa apenas a oclusão *k* (Whitney, 1879:05).

Acerca do *akṣara*, o ‘*Sanskrit-English Dictionary*’ de Monier Williams, traz a seguinte definição:

अक्षरः *akṣara (akshara)* [mfn]. *Imperecível, inalterável, uma sílaba, a sílaba OM, uma letra, uma vogal, uma palavra* (Monier-Williams, 1981:03 – meu grifo).

Assim, em sânscrito, *akṣara* equivale a uma sílaba ou a um som (como vimos na seção 3.4). Mas eis que, mais uma vez, na tradução de Monier-Williams, nos surge a ideia de *letra*

ligada àquela de som. Isto se deve à tradição filológica da época, pois apesar de o termo científico *fonema* já ter sido cunhado, ele ainda não era um conceito disseminado entre os linguistas. Consideremos que o ‘*Sanskrit Grammar*’ de Müller fora publicado em 1866, o ‘*A Sanskrit Grammar*’ de Whitney em 1879 e o ‘*A Sanskrit-English Dictionary*’ de Monier Williams em 1899. O trabalho em que a palavra fonema é publicada possivelmente pela primeira vez é o ‘*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*’ de Saussure, que aparecera em 1878; os artigos de Courtenay acerca do fonema e da Fonologia (como vimos na Introdução desta dissertação) foram publicados pela primeira vez no mesmo ano; a primeira definição do fonema em um artigo impresso, ao que tudo indica, pertence a Kruszewski (1891). Podemos inferir que o conceito que Monier Williams busca é exatamente a idéia de *um som representativo da língua* (para o pensamento sânscrito, um *indivisível*, para a teoria moderna, um *fonema*, portanto), em oposição a um *som não simbólico*; este conceito se opõe aquele do *dhvani*, termo que Monier Williams (1981:522) classifica como “*som vazio sem realidade*” (“*an empty sound without reality*”). Consideramos, desta forma, que a palavra *akṣara* refere-se tanto a uma *sílaba* – um conceito que os gramáticos sânscritos conheciam bem – e aquilo que hoje chamamos de fonema. Visto por este prisma (levando-se em consideração que o “*alfabeto*” sânscrito era “*entoado*”, e não escrito) a diferença entre sílaba e fonema é tão mínima (como ao soarmos *k* e *k^a*), que nos é impossível definir se estamos diante de uma *unidade mínima* (fonema) ou *da união de dois sons* (sílaba), pois como disse Saussure, os fonemas não ocorrem isoladamente: “(...) *é preciso definir a unidade fonatória, e, definida esta unidade, ver-se-á a ausência de qualquer diferença entre a unidade no encadeamento ou fora do encadeamento*” (Saussure, 2012:126). *Um fonema significa que existe outro fonema que lhe precede, e outro que lhe sucede*. A existência de fonemas aponta para existência de sílabas, e vice versa, portanto. São conceitos indivisíveis.

4.2 *Guṇa* e *Vṛddhi*

O conhecimento das regras do ‘*Taittīrīya-Prātiśākhya*’ e da *Śivasūtrā* nos permite analisar as primeiras *sutras* do ‘*Aṣṭādhyāyī*’, que são de natureza fonológica:

1.1.1 – *vṛddhir ādaic* (वृद्धिरादैच्)

1.1.2 – *adeṅ guṇaḥ* (अदेङ्गुणः)

Estas *sutras* explicam a terminologia utilizada no ‘*Aṣṭādhyāyī*’; são *sutras* contendo o que os gramáticos hindus chamam *samjñā* (संज्ञा), isto é, a *definição de um conceito científico*. Podemos traduzi-las da seguinte forma (segundo Joseph, 2012:84, Sharma, 2000:05 e Vasu, 1891:03):

1.1.1 – *vṛddhi* [significa] *ā* ou *aiC* [*ā ai au*]

1.1.2 – [o nome de] *a* e *eṅ* [*e o*] é *guṇa*

As primeiras duas *sutras* tratam dos graus de fortalecimento das vogais primárias: *vṛddhi* (वृद्धि “*aumento*”) e *guṇa* (गुण: “*qualidade*”, “*subdivisão*”) são os dois conceitos primordiais para a compreensão do funcionamento das alternâncias vocálicas que formam os substantivos e verbos em sânscrito e as elisões que ocorrem sob o nome de *sandhi*. Estas duas regras permaneceram soberanas (conhecidas como “*grau zero*”, “*grau pleno*” e “*grau estendido*” ou o *ablaut* dos textos de autores comparatistas como Franz Bopp (1791-1867) (Sihler, 1995:110) até a época de Saussure. Trata-se das modificações nos fonemas/morfemas que formam as raízes das palavras nas línguas chamadas de indo-européias (falaremos deste tópico na terceira parte). Para melhor compreendê-las, é preciso analisar a seguinte tabela:

vogal simples	<i>a</i>	<i>ī ī</i>	<i>ū ū</i>	<i>ṛ ṛ</i>	<i>ṛ²³</i>
<i>guṇa</i>	<i>a</i>	<i>e</i>	<i>o</i>	<i>ar</i>	<i>al</i>
<i>vṛddhi</i>	<i>ā</i>	<i>ai</i>	<i>au</i>	<i>ār</i>	<i>āl</i>

Fig. 7 – Tabela de formação dos graus *guṇa* e *vṛddhi* (conforme Wikner, 1996:78).

As vogais em *guṇa* e *vṛddhi* são essenciais nas formações do verbo sânscrito: toda raiz verbal contém ou um, ou outro; também na formação de substantivos, estes dois graus são essenciais. “Quando *a* (breve ou longo) é seguido por *guṇa* ou *vṛddhi*, o *vṛddhi* substitui os dois” (Wikner, 1996:79), ou conforme a definição de Fonseca e Ferreira (1987:121): “Quando *a*, breve ou longo, se encontra com um ditongo simples, contrai-se com ele num ditongo duplo”:

$$\bar{a}/\check{a} + e = ai$$

$$\bar{a}/\check{a} + o = au$$

$$\bar{a}/\check{a} + ai = ai$$

$$\bar{a}/\check{a} + au = au$$

Exemplos da vogal em *vṛddhi* (segundo Fonseca e Ferreira, 1987:121):

$$tatra + eti = trataiti \text{ “ele vai lá”}$$

$$apa + eti = apaīti \text{ “ele parte”}$$

$$divā + okas = divaukas \text{ “habitantes do céu”}$$

Exemplos do grau *guṇa* são: *pace* (“eu cozinho”) e *pacanti* (“eles cozinham”), do *dhatu pac* (“cozinhar”), acrescida das desinências número pessoais em *guṇa e* e *a-nti* (Sharma, 2000:06 e Vasu, 1891:04). *Śru* “ouvir”, em sua forma presente (terceira pessoa singular “ele ouve”) torna-se *śṛṇ-ó-ti* (Burrow, 2001:291). “Quando uma vogal *a* (breve ou longa) é seguida por uma das

²³ “Em sânscrito clássico existe apenas um caso de *l* vocálico: a raiz *klp* – “organizar” (Burrow, 2001:105). Podemos comparar esta forma com o védico *kṛp* – em latim *corpus*.”

cinco vogais simples que não *a* (breve ou longo), *guṇa* substitui as duas” (Wikner, 1996:79)²⁴, ou em outras palavras: “O encontro da vogal *a*, breve ou longa, com outra vogal resulta num ditongo simples” (Fonseca e Ferreira, 1987:120):

$$\bar{a}/\check{a} + \check{i}/\bar{i} = e$$

$$\bar{a}/\check{a} + \check{u}/\bar{u} = o$$

$$\bar{a}/\check{a} + \check{r} \bar{r} = ar$$

$$\bar{a}/\check{a} + \check{l} = al$$

Outros exemplos possíveis (segundo Fonseca e Ferreira, 1987: 120):

gaṇa + *iśa* = *Gaṇeśa* (गणेश) “o senhor das multidões”

mātā + *indrasya* + *asmi* = *mātendrasyāsmi* “eu sou a mãe de Indra”

hita + *upadesha* = *hitopadesha* “instrução útil”

parama + *iśvara* = *parameśvarah*: “o supremo soberano” (apelido do deus Kṛṣṇa)

Dando continuidade ao texto do ‘*Aṣṭādhyāyī*’, temos as seguintes *sutras*:

1.1.7 – *halo ’nantarāḥ saṃyogaḥ* (हलोऽनन्तराः संयोगः)

1.1.8 – *mukhanāsikāvachano ’nunāsikaḥ* (मुखनासिकावचनोऽनुनासिकः)

podem ser traduzidas como segue:

1.1.7 – as *hL* [consoantes] não interrompidas por *aC* [vogais] [são chamadas de] *saṃyoga*

1.1.8 – um som [produzido] pela boca e pelo nariz [é chamado] *anunāsikaḥ*

²⁴ O conceito de *guṇa* será retomado (assim como os diferentes *graus vocálicos* do indo-europeu) mais adiante.

O *anunāsikaḥ* foi mencionado anteriormente, quando falamos do ‘*Taittīrīya-Prātiśākhya*’; trata-se dos sons nasalizados: são estes os segmentos *ñ^a*, *ṅ^a*, *ṇ^a*, *n^a* e *m^a*, como o *ṇ* retroflexo no nome do deus *Kṛṣṇa* (कृष्ण). Neste mesmo nome, temos um exemplo de *saṃyoga*: as consoantes *ṣṇ*, que não são interrompidas por sons vocálicos.

Finalmente, retomamos a noção dos *papéis temáticos* (papéis *kāraka* – seção 2.2), e examinamos uma *sūtra* com conteúdo essencialmente morfológico, e a examinamos à luz dos desenvolvimentos fonológicos elaborados acima:

1.4.45 – *ādhāro ’dhikaraṇam* (आधारःऽअधिकरणम्)

Isto é:

1.4.45 – o *locus* [*ādhā*] [da ação (*kriyā*)] [é chamado] *adhikaraṇa*

Trata-se, mais uma vez, de uma *sūtra* com um *saṃjñā* (*conceito científico*): quando a ação envolve um *local* (*ādhā*), este papel na frase é chamado de *adhikaraṇa*; ele equivale ao oitavo caso do sânscrito, também chamado de *locativo*. Vejamos os exemplos:

- *kaṭe āste* – “no tapete [ele] senta”
- *kaṭe śete* – “no tapete [ele] se reclina”
- *devadattaḥ śete* – “Devadatta está reclinado”
- *kaṭe odanaṃ pacati devadattaḥ* - “Sobre o tapete, Devadatta está cozinhando o arroz” (Sharma, 2000:254).

Para compreender-se o funcionamento dos aspectos fonológico e morfológico desta regra, devemos observar as terminações marcadas em negrito: elas marcam os casos em que os diferentes substantivos são declinados. Observe-se que nas primeiras duas frases em sânscrito, temos apenas dois elementos: um local (*kaṭe* “no tapete”) e dois verbos (*āste*, voz médio-passiva, “estar sentado”, “sentar-se”, e *śete*, voz médio-passiva, “estar reclinado”, “reclinar-se”). A terminação em *guṇa e* é o sufixo do caso locativo (*no tapete, sobre o tapete*) – produzido a partir

do *sandhi* **a** + **i**²⁵; para os verbos, a forma *guṇada te* marca a terminação da terceira pessoa na voz médio-passiva. O terceiro exemplo tem o mesmo verbo na voz médio-passiva, mas não tem um locativo (i.e. não se explica *onde* a ação ocorre); a terminação em **ḥ** (*Devadattaḥ*) marca o sujeito da ação, ou o *agente*. Já no último exemplo, temos um enunciado com os seguintes elementos:

locativo + acusativo + verbo + agente

onde observamos claramente a terminação de cada caso (locativo **e** + acusativo **m** + [verbo **ti**] + agente **ḥ**), e a flexão verbal da terceira pessoa do presente do indicativo *na voz ativa paca-ti* (e não mais a forma *guṇada te*, que é marca da *voz médio-passiva*). Este é um exemplo do funcionamento da lógica do ‘*Aṣṭādhyāyī*’: nós partimos dos sons (*Śivasūtrā*), depois aprendemos seus nomes técnicos (*guṇa* e *vṛddhi*), em seguida analisamos a morfo-sintaxe da frase, claramente definida de acordo com o sistema de afixos (baseados nas possibilidades do *Śivasūtrā*). Estes afixos agora não são mais apenas sons, pois estão revestidos de um valor semântico, isto é, o som **e** passa à forma *guṇada*; em outras palavras, **e** *significa*²⁶; além de ser seu próprio som, é também uma terminação verbal que expressa *passividade* ou *ação reflexiva* (*śete*), ou uma *locação* (*kaṭe*).

5. Conclusão

Uma breve recapitulação: o objeto geral da presente dissertação é o estudo dos elementos da estrutura fônica da língua, sua história e seus aspectos linguísticos; o seu objeto central é o conceito do fonema. No artigo de Roman Jakobson ‘*A Escola Linguística Polonesa de Kazan e seu Lugar no Desenvolvimento da Fonologia*’ (‘*The Kazan School of Polish Linguistics and its Place in the Development of Phonology*’), encontramos duas citações importantes: 1) acerca do fonema: “*Esta descoberta, como muitos outros princípios da Linguística moderna, já havia sido delineada na antiguidade, mas fora posteriormente esquecida ou desconsiderada*”; e 2) acerca das teorias linguísticas do sânscrito: “*muitas descobertas da Linguística Geral moderna são de*

²⁵ “*O locativo singular é analisável em uma vogal do radical e a terminação normal –i: cf. grego οἴκοι, etc.*”. (Burrow, 2001:256). Desta forma, o **e** resultante é na realidade um *guṇa* (produto de uma elisão), uma vez que a terminação normal (sem o *guṇa*) do caso locativo em sânscrito é **-i**.

²⁶ Em linguagem científica moderna, o fonema **e** passa aqui a ser o que chamamos de *morfema*.

fato redescobertas de conceitos que foram desenvolvidos na Índia antiga e que foram lá aplicados para a descrição e análise das línguas” (J. Brough, 1931:21-46 *apud* Jakobson, 1971:394). Nossa análise de algumas destas teorias no presente capítulo pode corroborar estas duas afirmações; de fato, a noção de uma unidade mínima da cadeia da fala articulada, e a consequente segmentação desta cadeia nestas unidades, de forma que se possa contá-las, está próxima da noção moderna do fonema. É verdade que, no que toca a unidade fonológica mínima do sânscrito, não podemos resolver o paradoxo *akṣara* – *varṇa*; contudo, nem sempre tais questões de ordem subjetiva encontram uma resposta objetiva e definitiva; são questões que devem ser discutidas, de forma a se descobrir novas e diferentes nuances da realidade.

Tampouco é possível encapsular toda a tradição linguística hindu em apenas um capítulo; assim, tivemos de fazer escolhas, tanto do que incluir neste breve estudo, e do que excluir. Devemos, assim, fazer uma menção final a um conceito relevante que não mencionamos até aqui, e que está, de uma certa forma, relacionado com a questão do som e do sentido. Trata-se do conceito do *sphoṭa* (स्फोट), que, segundo Jakobson, “*designa a forma sonora com respeito ao seu valor semiótico, o qual “flui” (flows forth) a partir desta forma*” (Jakobson, 1971:394). Literalmente, trata-se do sentido que “*brot*” de uma forma sonora composta pelas unidades de uma determinada língua; tal conceito foi desenvolvido no trabalho de dois gramáticos hindus, Patañjali e Bhartṛhari, e tem sido relacionado modernamente tanto com o conceito do fonema quanto com o do signo saussuriano²⁷. Um estudo detalhado deste conceito pode acrescentar mais dados às pesquisas relativas à influência do pensamento linguístico-filosófico hindu no desenvolvimento da Linguística Geral moderna em particular.

Por último, buscamos exemplificar como a ciência da linguagem hindu está presente em todos os aspectos da vida da Índia antiga; ela transcende o mero campo da cientificidade – e nesta questão, difere muito da nossa concepção ocidental de ciência. A Ciência da Linguagem hindu liga-se intimamente não somente à teologia, mas também às questões práticas da ordem da vida diária. Na seção 2, mencionamos o quanto associamos, modernamente, o conhecimento milenar hindu com conceitos filosóficos hindus como *yoga* e *nirvana*, o primeiro comumente visto por

²⁷ “*Cada nível linguístico tem seu próprio tipo de sphoṭa: os gramáticos do sânscrito distinguiam desde o sphoṭa que corresponde às construções sintáticas e frases completas, até as combinações de morfemas e de palavras inteiras. Finalmente, na época de Patañjali, uma “letra-som” (varṇa-sphoṭa) havia sido definida como o nível mais primário do sphoṭa. Este conceito, que distinguia rigidamente os “sons da fala” (dhvani) e todos os outros tipos de ruídos e sons, corresponde em essência ao fonema moderno*” (Jakobson, 1971:394).

nossos olhos ocidentais como uma forma de *ginástica* e o segundo com a *paz duradoura*; assim, por exemplo, “atingir o nirvana” parece ser o objetivo daqueles que praticam o *yoga*. Contudo, mesmo na análise mais detalhada deste conceito (*nirvāṇa*) reencontramos a questão do som e da língua. Primeiramente segundo sir Monier Williams: *nirvāṇa* significa aquilo ou aquele “que é apagado, extinguido (como uma lâmpada ou o fogo), que se põe (como o sol), acalmado, quietado, domado ou morto (lit. que teve o fogo vital extinto)” (Monier-Williams, 1981:557). Calazans, por sua vez, desenvolve a ideia de “algo/alguém acalmado, quietado”; assim, o *nirvāṇa* também pode significar (além das ideias de “extinção”, “cessação”, “dissolução”) “parar de produzir som ou de existir espaço-temporalmente”, uma vez que esta palavra é composta de dois elementos: **nir* “remover” e *vāṇa* “som”²⁸, pois “o som (“o verbo”) é o meio pelo qual a existência emerge” (Calazans, 2010:119). Assim está escrito na ‘*Bhagavad Gītā*’:

यो ऽन्तःसुखो ऽन्तरारामस्तथान्तर्ज्योतिरेव यः ।
स योगी ब्रह्मनिर्वाणं ब्रह्मभूतो ऽधिगच्छति ॥५-२४॥

yo 'ntaḥsukho 'ntarārāmas tathāntarjyotir eva yaḥ ।
sa yogī brahmanirvāṇaṃ brahmabhūto 'dhigacchati ॥5-24॥

Aquele que encontra a felicidade através do Eu, que se contenta com Ele (o “*eu interior*”), e que é iluminado [pelo Conhecimento], tal *yogi* torna-se um com Brahman e alcança o *nirvāṇa* (Calazans, 2010:119 – 5:24)²⁹.

Apesar de considerado há muito uma língua morta, o sânscrito e seus fonemas continuam sua evolução histórica no novo milênio. Desde os anos noventa, a Índia tem visto um grande esforço coletivo em prol da revitalização do sânscrito, o qual permanece uma forma de *língua franca*, sendo ainda falado por uma parcela da população, em todo o território indiano e mantido vivo como a língua do Hinduísmo e de práticas milenares como o *yoga*.

²⁸ Pode-se tentar estabelecer uma conexão entre este *vāṇa* e a *φωνή* grega.

²⁹ Fonte do texto em *devanāgarī* acima: ‘*Bhagavad-Gita*’ (Large Print Edition – p.37 – disponível em: sanskritweb.net).

Capítulo II – “*Légō, Gráphō*” – A Ciência da Linguagem Grega

1. Introdução

A Grécia antiga nos deixou um legado de inestimável valor, tanto científico quanto artístico, nos mais diversos campos do conhecimento: a arquitetura, a escultura, a música, a poesia, a mitologia grega são alguns exemplos. Dentro dos limites impostos pelo nosso objeto de estudo – a língua e sua estrutura fonológica, e o fonema como *unidade mínima desta estrutura* em particular – três contribuições fundamentais do classicismo grego merecem nossa atenção: o alfabeto grego, a Gramática e a Filosofia.

Benveniste afirmava que “*a linguística ocidental nasceu da filosofia grega*”, pois “*nossa terminologia linguística é formada em grande parte por termos gregos adotados diretamente ou por meio de sua tradução latina*” (Benveniste, 1966:19). A maioria dos conceitos linguístico-fonológicos modernos (o fonema, na busca do qual partimos, e os demais conceitos relacionados ao estudo dos sons, tais como *a sílaba, os fones, ditongos, etc.*), assim como grande parte da terminologia gramatical (e científica) moderna, são oriundos de conceitos da gramática e da filosofia gregas; por exemplo, palavras tais como “*análise*”, “*síntese*”, “*tema*”, “*tese*”, entre outras. A própria palavra φώνημα (*phónema*), derivada do substantivo feminino ἡ φωνή, que significa “*som, som da voz humana*”³⁰, já era utilizada pelos poetas e filósofos gregos: ela aparece nas obras de Homero (850 a. C.) e na tragédia ‘*Philoctetes*’ de Sófocles (496 a.C.? – 406 a.C.). Os conceitos científicos modernos de que nos ocupamos nesta dissertação – a *fonologia, fonética, fonema*, e a noção do “*fônico*”, acrescidos do sufixo *logos*, todos derivam da *phoné*, que relaciona os sons da voz humana com o sistema linguístico. Igualmente, é da *epistème* (ἐπιστήμη) grega que surge a idéia do recorte de uma unidade de estudo científico, isto é, a determinação dos *elementos em um sistema do conhecimento*, ou *lógos*. No Capítulo I, vimos como os gramáticos hindus buscavam determinar uma unidade de som – o *akṣara* (a sílaba indivisível) – no intuito de preservar uma vasta literatura de cunho sacro e filosófico preservado de forma *essencialmente oral*. No presente capítulo, entramos no solo das letras gregas: a unidade elementar do som surge com a criação de uma escrita que passou a grafar cada segmento de som, tanto vocálico quanto

30 Eis a definição completa do “*Etymological Dictionary of Greek*”, de Robert Beekes: “*som da voz humana e de animais, tom, voz, pronúncia, discurso, fala, enunciação*” (Beekes, 2010:1601).

consonantal. Sua influência se faz sentir ainda hoje, seja neste próprio texto, escrito no alfabeto latino (o qual, por sua vez, está relacionado ao alfabeto grego). Se no campo da ciência da linguagem hindu, a sílaba parece ter sido a unidade mínima da cadeia da fala, no campo do estudo da linguagem grega, esta unidade passa a ser algo muito próximo ao que chamamos de fonema. Não obstante, no mundo grego (onde o conhecimento da escrita gozava de enorme prestígio), as noções de *som e letra* parecem ter se fundido de forma por vezes indivisível; esta dualidade será herdada pela escola filológica européia do séc. XIX. É assim que muitos nomes de ciências derivam dos verbos λέγω e γράφω, (“falo” e “escrevo”, os verbos que dão título a este capítulo): do *mito* (μῦθος), o *mitólogo* (μυθολόγος) cria a *mitologia* (μῦθολογία), assim como o *geógrafo* (γεωγράφος) descreve a *geografia* (γεωγραφία), ou seja, o estudo da γέα, ou γῆ, (“terra”) (Crosby & Schaeffer, 2009:121).

Ao iniciarmos o presente estudo do aspecto fônico da língua na antiguidade clássica grega entendemos que os três campos do saber que exploramos – o estudo das letras (τὰ γράμματα), a técnica de composição e subsequente análise destas mesmas letras (ἡ γραμματικὴ τέχνη) e o *amor pelo conhecimento*, ou o tratamento científico do conhecimento, isto é, a Filosofia (ἡ Φιλοσοφία), evoluíram historicamente em sincronia, e portanto devem ser analisados em conjunto; destarte, é do campo da Filosofia que tomamos nosso ponto de partida, a definição seminal de Aristóteles (384 – 322 a.C.) em ‘*De Interpretatione*’ (‘ΠΕΡΙ ἙΡΜΗΝΕΙΑΣ’):

As palavras expressadas *na voz* (ἐν τῇ φωνῇ) são os *símbolos das experiências mentais* (τὰ τῶν ἐν τῇ ψυχῇ παθημάτων σύμβολα), assim como as *palavras escritas* (τὰ γραφόμενα) são os símbolos das palavras faladas. Da mesma forma, nem todos os homens têm as mesmas letras, tampouco têm os mesmos sons em sua fala; contudo, as experiências mentais que estes sons simbolizam diretamente são as mesmas para todos, assim como são os mesmos os objetos dos quais nossas experiências são as imagens (Aristóteles, 1974:49 – I; Edghill, 47:01).

“Λόγος δέ ἐστι φωνῆ σημαντική”, isto é: “*a palavra é o som [da voz] que tem significado*” (Aristóteles, 1974:51 – IV; Edghill, 47:50). Traduzimos aqui o conceito de *logos*

como “*a palavra*”³¹. O sistema linguístico de que se compõe a palavra está fundamentado na capacidade do ser humano de *simbolizar* – isto é, de representar suas idéias (as “*experiências mentais*”, ou “*experiências sofridas pela psiquê*”), por meio dos sons, e estes, por conseguinte, por meio das letras: na *pólis* grega, o *homo loquens* é um *homo scribens*. Neste capítulo procuraremos responder às seguintes perguntas: 1) como surgiu o alfabeto grego e de que forma ele está relacionado com a questão das unidades mínimas de som na cadeia falada; 2) quais as conseqüências da dualidade *fala-escrita* para o nosso objeto de estudo; e 3) ainda, quais conclusões no campo da Fonologia (e para a teoria do fonema) podemos avançar a partir da análise dos escritos dos filósofos-gramáticos da Grécia Antiga.

2. Uma Língua, Diferentes Dialectos

A capacidade de dividir a cadeia da fala em unidades mínimas de som homogêneo é o fundamento da escrita alfabética; nesta, de uma forma idealizada, cada letra representa um determinado som – em linguagem moderna, cada *grafema* representa um determinado *fonema*. Nossa classificação moderna do repertório de fonemas de uma determinada língua requer que os falantes sejam capazes de reconhecer diferenças – por vezes muito sutis – entre os determinados sons que compõe este repertório, e que conferem nuances de significado e distinção entre os vocábulos que compõe tal língua. Encontramos, no estudo preliminar das variações dialetais do grego falado na antiguidade e do grego literário, inúmeras ilustrações destas variações fonêmicas, que por vezes distinguem claramente um dialeto do outro, e que, por sua vez, estão envolvidas diretamente com a criação e o aperfeiçoamento da escrita alfabética.

Os povos gregos chamavam a si próprios de *helenos*, por serem habitantes da *Hélade* (Ἑλλάς, Ἑλλάδος). O nome latino *Græci* (cujo cognato Γραικοί aparece no livro ‘*Meteorologica*’ – ‘ΜΕΤΕΩΡΟΛΟΓΙΚΑ’ – de Aristóteles) originou a nossa palavra *gregos* (Aristóteles, 1952:114-115 – I.XIV-352b; Smyth, 1920:01). Segundo Sihler (1995:10) podemos dividir a história antiga dos povos gregos em dois períodos: a “*era heróica*” (o período descrito por Homero) e o “*período histórico*”. Na *era heróica*, os gregos, que falavam os dialetos do

³¹ “ὁ λόγος, -ου [λέγω]: *dito, conto, palavra, discurso; razão, relato*”. (Crosby & Schaeffer, 2009:Greek-English Vocabulary:18)

“*Helênico antigo*”, podem ser divididos nos seguintes grupos étnicos: Áticos-Iônicos, Eólicos e os Arcado-Cipriotas (representantes do grego micênico). Após a grande invasão Dórica, já no período histórico, as tribos dos povos gregos se reagruparam nos seguintes grupos étnicos principais³²: os Eólicos, os Dóricos e os Iônicos-Áticos. Após um período de intensa migração, estes povos passaram a habitar diferentes partes do território da Grécia moderna, das ilhas gregas, de partes da Ásia e do sul da península itálica. Os poemas ‘*A Ilíada*’ (‘ΙΛΙΑΣ’) e ‘*A Odisséia*’ (‘ΟΔΥΣΣΕΙΑ’) de Homero são registros do período mais antigo; Homero chamava de Helenos uma tribo da Tessália, e os povos gregos em geral, de Aqueus, Argivos e Dânaos. (Goodwin, 1900:03).

Assim, as diferentes tribos que habitavam o território da Grécia são classificadas primordialmente, de acordo com os dialetos que falavam (e mais tarde nos quais escreviam), dialetos estes que são classificados, por sua vez, de acordo com as diferenças na pronúncia e na gramática que apresentam uns em relação aos outros. Em termos modernos, estas diferenças são distinguíveis por meio das letras, e conseqüentemente, dos fonemas que elas representavam.

2.1 Os Dialetos Falados

Segundo os relatos dos gramáticos antigos, os Eólios, os Dóricos e os Iônicos falavam cada qual o seu próprio dialeto, sendo que os dialetos eólico e dórico apresentavam certas afinidades entre si, assim como o iônico e o ático (inicialmente uma espécie de sub-dialeto iônico):

A divisão mais fundamental dos dialetos gregos é aquela que os divide entre os dialetos do Ocidente e do Oriente, que deve ser entendida como uma referência à localização destes dialetos antes das grandes migrações. Ao grupo oriental pertencem o Iônico e o Eólico, enquanto o Dórico pertence aos dialetos ocidentais. As pesquisas modernas referem-se aos dialetos ocidentais como os dialetos *tí*, enquanto os orientais são classificados como dialetos *si* (comparar o φέρωντι dórico com o φέρουσι iônico). Devido à sua chegada tardia às terras históricas, os

³² As civilizações minóica e micênica e as formas de escritas Linear A e B não são estudadas na presente dissertação. “A descoberta que a língua de 4.000 tabuinhas de barro encontrados em Micenas, Tebas, Pylos e Knossos era uma forma de grego coloca nosso conhecimento deste período em uma posição diferente. (...) Os textos na forma de grego Linear B são de aprox. 1250-1150 a.C., ou como alguns acreditam, de 1400 a.C.; em qualquer caso, tais datas antecedem em muito as datas prováveis das camadas homéricas. Os textos em si oferecem inúmeras dificuldades de interpretação e desapontam de um certo modo (...) mas eles provaram ser inestimáveis para nossa compreensão da linguagem pre-Homérica, ou Proto-Grego” (Sihler, 1995:09).

dóricos são os mais conservadores dentre os dialetos gregos antigos (por exemplo, eles preservaram o PIE **ǵ* and **w* até os tempos helênicos) (Bubenik, 2000:439).

No período anterior ao domínio macedônico e ao império construído por Alexandre Magno (356 - 323 a.C.), a Grécia não estava ainda unificada politicamente; ao contrário, estava fragmentada em diversas cidades estado, as *pólis*. Da mesma forma, a língua grega fragmentou-se nestes diversos dialetos. No que tange os dialetos falados, o dialeto éolico era falado na Eólia, em Lesbos e partes da Tessália e na Beócia. O dialeto dórico era falado no Peloponeso (os espartanos eram de origem dórica), em algumas ilhas do mar Egeu – Creta, Rodes, Melos – e em algumas partes do sul da Itália; o dialeto iônico era falado na Iônia, na maior parte das ilhas do mar Egeu, e em algumas partes da Sicília (Smyth, 1920:02).

2.2 Os Dialetos Literários

A partir destes dialetos falados, desenvolveram-se os dialetos literários, ou seja, “*os dialetos regionais ou arcaicos que se tornaram característicos de certas classes de literatura*”, os quais viriam ser determinados, mais tardiamente, não pelo local de proveniência dos autores, mas sim pelo tipo de literatura por eles escrita (Sihler, 1995:11). Assim, por exemplo, a poesia épica iônica (os trabalhos de Homero), a poesia coral dórica (que utilizava uma forma estilizada do dialeto dórico falado), a poesia eólica de Sapho (Lesbos), os primeiros trabalhos em prosa escritos em iônico e os dramas e as obras em prosa escritas no dialeto ático – o dialeto falado e escrito em Atenas, durante o predomínio político e cultural desta cidade (entre 500 e 300 a.C.) – permaneceram como língua escrita até aproximadamente 200 a.C. Todas estes dialetos literários terminaram por mesclar-se com o dialeto ático (Sihler, 1995:11-12), e por fim, engendraram a *koiné*.

Estes dialetos literários (preservados até nossos dias nas obras escritas e nos monumentos gregos) apresentam-se como uma mescla: não existia uma separação dialetal clara. No que tange a amálgama entre os dialetos iônico e ático, esta teve três fases: o iônico antigo (ou o iônico épico, dialeto de Homero e Hesíodo), o novo iônico (o dialeto de Heródoto de Helicarnasso) e o ático propriamente dito, o dialeto encontrado nas tragédias de Ésquilo e Sófocles, e nos trabalhos dos filósofos atenienses, como Platão e Aristóteles. O velho iônico (iônico épico) dos poemas de

Homero apresenta igualmente uma mistura com formas eólicas, o que se explica por uma “*zona de transição próxima à fronteira entre o eólico e o iônico*” (Sihler, 1995:11). Os escritores de prosa mais antigos, ao redor do séc. VI, e mais tarde filósofos e historiadores (como Heródoto no séc. V, que sendo proveniente de Helicarnasso, era de origem dórica), escreviam em iônico. Antes das guerras persas (490-479 a.C.), o dialeto iônico aparece como o dialeto mais influente: “*o iônico era utilizado como língua administrativa, mesmo nas comunidades vizinhas que não eram iônicas, e a influência iônica é aparente nas inscrições áticas da época*” (Bubenik, 2000:440). Após o período das guerras persas, a supremacia política e cultural ateniense (exercida pela confederação de Delos) faz com que o dialeto ático se torne a língua literária mais influente; o iônico não obstante, ainda estava mesclado com o dialeto ático dominante. “*Durante estes dois séculos testemunhamos a influência mútua do ático sobre o iônico e vice-versa. Alguns traços da influência ática podem ser vistos nas inscrições iônicas do séc. V nas ilhas Cíclades*” (Bubenik, 2000:440).

O poder político e cultural de Atenas fez, em tempo, com que o dialeto ático suplantasse os demais dialetos do grego literário e do grego falado. Não obstante, as inúmeras diferenças e modificações que surgiram no ático, devido à mescla com os demais dialetos, gradualmente acabaram por causar a sua decadência. Após o estabelecimento do império de Alexandre Magno, o dialeto comum, ou *koiné* (κοινή) marcou então a proeminência cultural e literária da cidade de Alexandria no Egito, onde floresceram os Gramáticos Alexandrinos (Goodwin, 1900:05).

2.3 Consequências da Variação Dialetal

A principal consequência da rica variação dialetal dos povos da Hélade é justamente, a sutil distinção (representada na escrita) dos sons das palavras de um dialeto para outro, a qual coloca em evidência certos fonemas (as vogais em particular, mas não apenas) formando uma série de alternâncias facilmente identificáveis quando nos dedicamos ao estudo das obras gregas clássicas: por exemplo, o dialeto iônico utiliza η onde o ático faz uso de α ; já o dórico e o eólico utilizam α onde o ático faz uso de η . Assim temos o iônico $\gamma\epsilon\upsilon\epsilon\eta$ para $\gamma\epsilon\upsilon\epsilon\alpha$ (“*linhagem*”), $\iota\eta\sigma\omicron\mu\alpha\iota$ para $\iota\alpha\sigma\omicron\mu\alpha\iota$ (futuro do verbo “*curar*”); a forma dórica $\tau\iota\mu\alpha\sigma\omega$ para o ático $\tau\iota\mu\eta\sigma\omega$ (de $\tau\iota\mu\acute{\alpha}\omega$, significando “*apreciar, estimar, honrar*”). O dialeto iônico, igualmente, não evita a

sucessão de vogais da mesma forma que o ático, o que significa que em geral, na escrita iônica se omite a contração vocálica característica do ático. Dentre inúmeros exemplos da diferente grafia e pronúncia de palavras gregas, podemos citar:

- o verbo *πρῶσσω* (“*atravessar, viajar, terminar, cumprir*” que no iônico épico é *πρήσσω*, e no ático torna-se *πράττω*). Deste verbo derivam os substantivos *πρῶξις* (“*realização, avanço, ato, execução*”), *πρῶγμα* (pós Homérico), *πρήγμα* (iônico) ou *πρήγμα* (em Heródoto), significando “*ato realizado, fato, negócios*”, segundo Beekes (2010:1229);
- o nome da deusa Atena – nos dialetos iônico e ático *Ἀθήνη*, no dialeto dórico *Ἀθάνα* – de onde temos o toponímico *Ἀθήναι*, a cidade de Atenas (dórico *Ἀθᾶναι*) (Beekes, 2010:29);
- o nome do deus Poseidon – *Ποσειδέων* (Heródoto, 2007:216 – II.50), *Ποσειδῶν* (ático) e *Ποτιδᾶν* (dórico);
- a palavra *μήτηρ* (iônico e ático), que significa “*mãe*”, *μάτηρ* no dialeto dórico (Beekes, 2010: 948);

Estas diferenças sutis entre os diversos falares do povo grego refletem-se nas letras que os registraram; por consequência, tais diferenças podem ser percebidas na literatura e na Gramática, a qual, sendo o estudo sistemático da língua, entre outros objetos de estudo “*tange os dialetos, como por exemplo, dizer que tal expressão é dórica, e que tal é eólica*” (S.Empiricus, 1987:47 – I. 78). No diálogo ‘*Crátilo*’ (‘*ΚΡΑΤΥΛΟΣ*’) de Platão, Sócrates nos oferece algumas informações acerca das diferenças dialetais, tanto no que tange diferenças *sincrônicas* (isto é, dos dialetos contemporâneos) e *diacrônicas* (diferenças entre o falar dos antigos e o falar à época de Sócrates):

SÓCRATES: (...) e se examinarmos com cuidado os nomes estrangeiros, logo descobrimos o que cada um deles significa. Por exemplo, o que nós chamamos de *ousía* (οὐσία), outros chamam de *essía* (ἔσσία) e outros ainda de *òsia* (ὠσία) (...) pois parece que nós próprios, no passado, chamávamos a *existência* (οὐσία) de *essía* (Platão, 1977:199 – 401 c)³³.

³³ As formas ὠσία e ἔσσία são em dialeto dórico; o eólico dizia ἔσσα (plural ἔντες) (Beekes, 2010:1131).

E mais ainda, no ‘Crátilo’, acerca do falar antigo:

SÓCRATES: Tu sabes que nossos antepassados faziam grande uso do *iota* (τὸ ἰῶτα) e do *delta* (τὸ δέλτα), sobretudo as mulheres, que conservam o *falar antigo* (τὴν ἀρχαίαν φωνήν) mais do que nós. Atualmente, substituímos o *iota* por *ei* (εἶ) e ou por *êta* (τὸ ἧτα), e o *delta* por *zeta* (τὸ ζῆτα), pois que são mais grandiosas (...) por exemplo, em tempos muito antigos, se dava ao dia o nome de *himéra* (ἰμέρα) ou *heméra* (ήμερα), enquanto que hoje o dia é chamado de *héméra* (ἡμέρα) (Platão, 1977:221 – 418 c – meu grifo).

Tal citação é relevante para o nosso estudo como meio de introdução da questão das alternâncias vocálicas no verbo e no substantivo, típicas do grego clássico:

vogal breve	α	ε	ι	ο	υ
vogal longa	η (ᾶ após ε ι ρ)	η	ῖ	ω	ῠ
	τιμᾶω “honro” τιμήσω “honrarei”	φιλέω “amo” φιλήσω “amarei”	ἰκᾶνω “venho” ἴκωνον “vinha”	δηλώω “mostro” δηλώσω “mostrarei”	φύσις “natureza” φῶλον “raça, tribo”

Fig.1 – Tabela das quantidades e graduação vocálicas – Observe-se a alternância regular entre vogais breves e longas na formação e flexão das palavras (adaptado de Smyth, 1920:14).

A questão da *percepção acústica* das diferenças na pronúncia dialetal no grego antigo nos remete ao processo da *segmentação* da cadeia da fala em unidades, que resultou na invenção do alfabeto grego:

A impressão acústica é definível? (...) Perfeitamente segura e clara, não precisa de nenhuma ajuda. Para diferenciar as letras de seu inimitável alfabeto, vocês acham que os gregos se puseram a estudar? Não. Eles simplesmente sentiram que *l* era uma impressão acústica diferente de *r*, e *r* diferente de *s*, etc. (Saussure, 2004:211).

3. As *Phoinikēia Grámmata*

“*Ex Oriente lux*”: a origem do alfabeto grego deve ser buscada no Oriente. Dois textos gregos sugerem esta hipótese; primeiramente, no diálogo ‘*Fedro*’ (‘ΦΑΙΔΡΟΣ’) de Platão, Sócrates narra a lenda da criação das letras no Egito:

SOCRATES: Pois ouvi acerca da cidade de Naukrátis no Egito, que aí havia um deus entre os antigos deuses, a quem o pássaro que chamam Ibis era sagrado, um deus cujo nome era Thoth (Θεῦθ). Foi ele primeiro a inventar os números (ἀριθμοί) e o cálculo (λογισμός), assim como a geometria (γεωμετρία), a astronomia (ἀστρονομία), e ainda os jogos de tabuleiro e de dados (πεττείας καὶ κυβείας), e em especial, *as letras* (τὰ γράμματα) (Platão:1868:135 – 274c – meu grifo).

O segundo texto é a narrativa de Heródoto de Helicarnasso (484-425 a.C), com a qual muitos pesquisadores modernos concordam: a escrita alfabética teria surgido da escrita fenícia. Esta, por sua vez, teria surgido em algum lugar próximo ao Sinai, no Egito³⁴, possivelmente a partir de uma adaptação da própria escrita hieroglífica egípcia, primordialmente ideográfica, ao contrário do fenício e do grego, que são sistemas de escritas fonéticos (Woodward, 2010:25/26). A expressão *Phoinikēia Grammata* significa exatamente “*as letras fenícias*” (τὰ φοινικία γράμματα); trata-se de uma expressão encontrada no *Livro V* (Τερψιχόρη) das ‘*Histórias*’ (‘ΙΣΤΟΡΙΑΙ’):

Os fenícios vindos com Cadmo, entre os quais estavam esses gefireus, introduziram numerosos conhecimentos entre os helenos quando se estabeleceram em seu território – entre outros, o conhecimento *das letras* (γράμματα), que os helenos até onde vai meu conhecimento, não possuíam anteriormente; de início, este alfabeto era o mesmo usado pelos fenícios; depois, como o passar do tempo,

³⁴ Segundo Meillet & Cohen (1924:97), Woodward (2010:25/26) e Keller (1958:117-120), pesquisas modernas apontam para o Egito como local da origem da escrita pré-alfabética fenícia, mais precisamente para um local chamado *Wadi el-Hôl*, próximo à antiga cidade de Luxor. Inscrições encontradas neste local em 1999 apresentam consistência com as inscrições encontradas por sir Flinders Petrie em *Serabit el-Khadim* (Sinai) em 1904. Ambas as inscrições utilizam símbolos egípcios (essencialmente ideográficos e silábicos) como letras para registrar uma língua essencialmente semítica, numa relação *som-estrutura* aliando os *fonemas semíticos* com *grafemas egípcios*, conforme demonstrado por sir Alan Gardiner. Estas inscrições são possivelmente uma forma primitiva da escrita canaanita, ancestral do aramaico, do hebraico e do fenício (todas línguas semíticas), e portanto, ancestrais dos caracteres do alfabeto e da escrita linear grega. “*Se considerarmos as conjeturas fornecidas por esta escrita “paleo-sinaitica” semita, somos levados a pensar que os inventores da escrita semítica teriam tido um conhecimento ao menos externo do sistema egípcio*” (Meillet & Cohen, 1924:97).

simultaneamente *com a língua* (τῆ φωνῆ), esses cadmeus mudaram também *a forma das letras* (τὸν ῥυθμὸν τῶν γραμμάτων) (Heródoto, 1941:V-58; Heródoto, 1985:274 – meu grifo).

A influência da cultura fenícia (devida à navegação e ao comércio) na região do Mediterrâneo já era documentada desde os tempos de Heródoto; os estudiosos teorizam que a escrita utilizada para registrar a língua semítica dos fenícios foi disseminada pelas suas navegações comerciais, ao longo de toda a costa mediterrânea – que incluía locais como Chipre, Creta, Sardenha e Espanha – onde ainda hoje existem vestígios da presença dos fenícios e de sua escrita. “*Uma vez que tanto os gregos quanto os fenícios navegavam as águas do Mediterrâneo, os povos falantes de grego poderiam ter encontrado a escrita fenícia com frequência em diferentes locais*” (Woodward, 2010:27).

Ainda segundo a narrativa de Heródoto, as regiões vizinhas às terras habitadas pelos fenícios na Hélade eram povoadas pelas tribos iônicas, as quais “*adotaram os caracteres aprendidos com os fenícios e passaram a usá-los com ligeiras modificações*” (Heródoto, 1941: V – 58, Heródoto, 1985:274). Desta forma, em um contexto Greco-fenício, num determinado ponto do Mediterrâneo, “*uma escrita semítica foi adaptada com sucesso como maneira de dar expressão gráfica à língua grega*” (Woodward, 2010:27).

É preciso esclarecer que o fenício e o grego são duas línguas que pertencem a diferentes famílias linguísticas – a primeira é uma língua semítica³⁵ (parente do hebraico e do aramaico) enquanto o grego é uma língua indo-européia (relacionada com o latim e o sânscrito)³⁶. A invenção do alfabeto grego pode ser mais bem definida como uma adaptação de um sistema de escrita essencialmente consonantal (o sistema fenício, que seguia o sistema semítico tradicional, o qual omite as vogais) para um sistema sem precedentes, que tentava registrar um caractere para cada som, ou seja cada letra equivaleria a apenas um fonema, quando visto de uma forma idealizada (em realidade, esta simetria perfeita entre o grafema e o fonema não é possível em língua natural alguma). Isto significa dizer que a grande invenção grega – o alfabeto moderno –

³⁵ “É exatamente o conjunto destas populações que os gregos chamavam de Fenícios, nome que é encontrado na mais importante de suas colônias: Pæni. Os Fenícios chamavam a si próprios pelo nome de Canã; tal nome é lido sobre medalhas, e os povos hebraicos o aplicavam de tal forma ao conjunto das populações fenícias, que a palavra “cananeu” passou, entre os hebreus, a significar geralmente mercador. Devido ao fato que os Fenícios falavam uma língua semítica, o linguista é levado inevitavelmente a concluir que eles próprios eram semitas” (Renan, 1858:182).

³⁶ “A língua dos Gregos está relacionada com as línguas dos Hindus (sânscrito), dos Persas (zend), dos Armenos, Albaneses, Eslovacos, Lituanos, Romanos, Celtas e Alemães. Estas várias línguas todas pertencem ao mesmo grupo e juntas constituem a família linguística do Indo-Europeu” (Smyth, 1920:01).

foi possivelmente o primeiro sistema de *letras* a grafar não apenas as consoantes, mas também as vogais, na história da humanidade. Certamente, foi necessário ao inventor do alfabeto um conhecimento fonológico tal que o permitisse “*segmentar*” a cadeia da fala do grego iônico em unidades, de forma que se formasse um repertório fechado com um número determinado de elementos sonoros, representados por um número determinado de caracteres emprestados ao fenício. Não se registrou o nome do inventor (ou dos inventores) do sistema alfabético grego, mas como diz Benveniste, “*é preciso fazer justiça aos precursores que não eram gramáticos e cuja obra sobrevive, geralmente de forma anônima e fundamental*”. Esta invenção (é bem verdade que talvez devêssemos chamá-la mais apropriadamente de *descoberta*) tem estado presente em quase todos os momentos da vida do homem desde então. “*Que um alfabeto possa ter sido inventado, que com um número reduzido de signos gráficos se possa colocar por escrito tudo o que é pronunciado, somente isto já demonstra a estrutura articulada da linguagem*” (Benveniste, 1966:24), e cabe dizer, isto demonstra igualmente um profundo conhecimento do funcionamento de tal estrutura.

Vejam os como se deu a passagem da escrita fenícia para a grega. O repertório da língua fenícia consistia em 22 fonemas consonantais; o elenco grego (séc. VIII a.C.) consistia em 17 fonemas consonantais apenas (Woodward, 2010:28). Na passagem do fenício para o alfabeto grego, diversos símbolos representando fonemas não existentes na língua grega, os fonemas *consonantais laríngeos* (ou semi-vocálicos) fenícios foram adaptados para representar as vogais gregas:

A escrita semita tem um número de signos que expressam as chamadas “*consoantes fracas*”, as quais não são fonêmicas em grego. O que os gregos fizeram, portanto, foi converter estes signos aparentemente desnecessários em vogais. Desta forma, o signo do *’āleph* semita, o qual expressa uma aspiração branda – algo como o som entre *w* e *e* na palavra ‘*however*’ – foi transformado na vogal **α** de *alpha*; o *hē* semita transformou-se no **ε** do *épsilon*; o *wāw* semita, usado nos períodos mais arcaicos do grego para a consoante **Ϝ** (*digamma*), também desenvolveu o valor vocálico do *u* de *upsilon*, colocado próximo ao fim do alfabeto, após *tau*; o *iōdh* semita tornou-se a vogal grega **ι** (*iōta*); e finalmente, o som enfático *’aiin* dos semitas foi convertido na vogal **ο** (*omikron*) (Gelb, 1952:181).

Não é tarefa das mais árduas, ao considerarmos as formas das letras fenícias em comparação com as letras do alfabeto grego, perceber a sua semelhança (ver figura 1, abaixo). Por fim, os nomes das letras gregas nos direcionam, indubitavelmente para a sua origem semítica:

Enquanto os nomes dos signos do alfabeto grego não podem ser explicados com a ajuda da língua grega, eles correspondem quase exatamente aos nomes das várias escritas semíticas. Desta forma *alpha*, *bēta*, *gamma*, *delta* gregos correspondem às formas *ʔāleph*, *bēth*, *gīmel*, *dāleth* semíticas, as quais têm os respectivos significados de “*boi*, *casa*, *camelo (?)* e *porta*”. (...) As letras gregas *iōta*, *pī* and *rhō* estão mais próximas às respectivas palavras fenícias e hebraicas *iōdh*, “*mão*”, *pē* “*boca*” and *rōš* “*cabeça*” (Gelb, 1952:176).

Já os fonemas semíticos *w* (*wāw*), *š* (*šādē*) e *q* (*qōph*), sem paralelo no sistema fonético grego clássico, apareciam ainda no período do grego antigo como as letras *digamma*, *qoppa* e *san*:

No período antigo havia duas outras letras: (1) *F*, *Fαυ*, *vau*, chamada *digamma* (isto é, duplo *gamma*) devido ao seu formato. Era inserida após *ε*, e era pronunciada como *w*. *F* foi utilizada na escrita da Beócia até 200 a. C.; (2) *Q* *κοππα*, *koppa*, a qual era inserida após *π*. Outro *s*, chamado *σαν* é encontrado no signo *Ϝ*, chamado *sampi*, ou seja, *san* + *pi* (Smyth, 1920:08).

No Capítulo I, falamos acerca do parentesco entre o perfeito grego *oīda* (“*eu vi*”, que equivale a “*eu sei*”) e o verbo latino *videō* (“*eu vejo*”) e o perfeito sânscrito *veda* (“*eu sei*”) (Cap. I, seção 3, nota 6). Este parentesco parece menos evidente no perfeito grego que nas duas outras formas; contudo se prefixarmos o *digamma* ao verbo – *Ϝoīda* (pronúncia-se *woida*), e imaginarmos a raiz *Ϝid* (**wid*) (Sihler, 1995:568), a semelhança torna-se notável. Muitas formas podem ser aproximadas entre o grego, o latim e demais línguas indo-europeias (como o sânscrito) se considerarmos a perda desta aspirada (em posição inicial ou pré-vocálica), a qual “*é vista por vezes em formas mais antigas do grego, e por vezes nas línguas parentes*”; podemos supor a existência de um *digamma* na comparação das formas gregas e latinas (entre parênteses): *βoũς* “*boi*” (*bovis*), *oĩvoς* “*vinho*” (*vinum*), *δĩoς* “*deus*” (*divus*), *ĩς* “*força*” (*vis*), *oĩkoς* “*casa*” (*vicus*) (Goodwin, 1900:22). O *digamma* foi mantido nos repertórios Eólico e Dórico por um longo tempo após seu desaparecimento no Jônico e no Ático, o qual se deu em tempos muito antigos,

embora a prosódia homérica nos dê “*ampla evidência de sua existência*” (Sihler, 1995:184)³⁷. Tal fato aponta para o desaparecimento do fonema /w/ em iônico, ou sua transformação em *spiritus asper* (quando em posição inicial):

- PIE *wid-tor – “conhecedor” > G ἵστωρ “sábio”
- PIE *westi – “morada” > G ἑστία “lareira, lar” : L Vesta “deusa dos lares” (Ἑστία, em iônico Ἴστίη) (Sihler, 1995:183).

Quanto à diferença entre *san* e *sigma*, uma citação de Heródoto nos diz o seguinte:

(...) seus nomes [dos persas], criados para corresponder às suas formas corporais ou à sua magnificência, todos terminam com a mesma *letra* (γράμμα), aquela que os Dóricos chamam *san* e os Iônicos *sigma* (τὸ Δωριέες μὲν σὰν καλέουσι, Ἴωνες δὲ σίγμα) (Heródoto, 2007:115 – I 139).

Uma nota do ‘*Cours*’ de Saussure elucida a questão do *kappa* e do *koppa*:

As mesmas inscrições oferecem dois signos para o *k*, o *kappa* e o *koppa*, mas o fato é diferente: tratava-se de consignar dois matizes reais da pronúncia, pois o *k* era por vezes *palatal*, outras *velar*; além disso o *koppa* desapareceu mais tarde (Saussure, 2009:50 – nota 1 – meu grifo).

No sistema da língua grega antiga as vogais possuíam *quantidade vocálica* (o que é essencial para a determinação da acentuação); destarte, as vogais podiam ser de três tipos: ou *longas* (μακρὰ), ou *breves* (βραχέα), ou ainda, *tanto longas quanto breves* (δίχρονα ou ἀμφίβολα). É desta forma que surgem letras que não existiam na escrita fenícia: o signo *ô-mega* ω (*ō* longo, em oposição ao *o-mikron* que representa o som do *o* breve), η (representando *ē* longo, em oposição ao *e* breve, ou *é-pilon*), e a finalmente os signos para as aspiradas Φ Χ Ψ, igualmente inexistentes no repertório fenício (Gelb, 1952:182).

³⁷ “A letra *F* (φω) é de ocorrência freqüente nas inscrições da maioria dos dialetos gregos exceto pelo Ático-Iônico e no de Lesbos (...) ela sobreviveu em alguns dialetos até o séc. II a.C., e até mesmo nos dias de hoje na relíquia Lacônica (Lacedemonia) isolada conhecida como Tsakonian” (Sihler, 1995:182).

Os diferentes povos gregos usavam variações diferentes para a representação *letra/fonema*. O modelo tradicional do alfabeto grego, como o temos hoje (ver Fig. 3 abaixo), é o alfabeto conhecido como iônico, o qual foi adotado em Atenas ao redor de 403 a.C.; o ponto de vista tradicional diz tratar-se *do ancestral* dos alfabetos da maioria das línguas ocidentais, como o alfabeto latino, utilizado para as línguas inglesa, portuguesa, espanhola etc.³⁸ (Smyth, 1920:08). Entretanto, Sihler acredita que “*mesmo o que era dado como certeza – que os alfabetos itálicos com certeza derivavam do grego – já foi desafiado por evidências de que as escritas itálicas na verdade têm a mesma fonte que a escrita grega*” (Sihler, 1995:18).

Nas próximas páginas, podemos observar as seguintes tabelas comparativas:

Fig. 2 – Alfabetos Grego e Fenício, segundo Woodward 2010:37 (table 3.2), acrescidos dos seus valores fonêmicos (página 59) (símbolos adaptados a partir de en.wikipedia.org/wiki/History_of_the_Greek_alphabet).

Fig. 3 – O alfabeto grego clássico (iônico), segundo Crosby & Schaeffer (2009:xxiii). Observação: este alfabeto (em relação à figura anterior) é acrescido 1) das letras **Υ Φ Χ Ψ** e a letra **Ω**, introduzida pelos iônicos e 2) das letras cursivas minúsculas, introduzidas no séc. IX, pelos gramáticos bizantinos, em conjunto com os nomes *e psilón* e *u psilón*, *ô méga* e *o mikron* (Platão, 1990:516 - nota 32) (Página 60).

³⁸ Inicialmente, os gregos utilizavam apenas as letras maiúsculas. Antes de 403 a.C., o alfabeto ático registrava **E** para as letras **ε** e **η**, para o ditongo **ει** e **O** para as letras **ο** e **ω**. (Smyth, 1920:08)

Silabário Fenício

Alfabeto Grego

Ⲁ	/ʔ/	'alep	Α	A	/ā/, /ǎ/	alpha
ⲁ	/b/	bet	Β	B	/b/	beta
Ⲃ	/g/	gimel	Γ	Γ	/g/	gamma
ⲃ	/d/	daleth	Δ	Δ	/d/	delta
Ⲅ	/h/	he	Ε	E	/ě/, /ē/	epsilon
ⲅ	/w/	waw	Ϝ	F	/w/	wau
Ⲇ	/d ^z /	zayin	Ζ	Z	[z+d]	zeta
ⲇ	/ħ/	ḥeth	Η	H	/h/, /ē/	heta
Ⲉ	/tʰ/	ṭeth	Θ	Θ	/t ^h /	theta
ⲉ	/y/	yod	Ι	I	/ī/, /ĩ/	iota
Ⲋ	/k/	kap	Κ	K	/k/	kappa
ⲋ	/l/	lamedh	Λ	Λ	/l/	lambda
Ⲍ	/m/	mem	Μ	M	/m/	mu
ⲍ	/n/	nun	Ν	N	/n/	nu
Ⲏ	/t ^s /	samek	Ξ	Ξ	[k + s]	xi
ⲏ	/ʕ/	'ayin	Ο	O	/ō/ /ö/	omikron
Ⲑ	/p/	pe	Π	Π	/p/	pi
ⲑ	/t ^s /	ṣade	Μ	M	/t ^s /	(san)
Ⲓ	/kʰ/	qop	Ϟ	Q	/k/ retroflexo	(koppa)
ⲓ	/r/	reš	Ρ	P	/r/	rho
Ⲕ	/s/	šin	Σ	Σ	/s/	sigma
ⲕ	/t/	taw	Τ	T	/t/	tau

A α	ἄλφα
B β	βῆτα
Γ γ	γάμμα
Δ δ	δέλτα
E ε	ἒ ψιλόν
Z ζ	ζῆτα
H η	ἦτα
Θ θ	θῆτα
I ι	ἰῶτα
K κ	κάππα
Λ λ	λά(μ)βδα
M μ	μῶ
N ν	νῶ
Ξ ξ	ξῖ
O ο	ὀ μῖκρόν
Π π	πῖ
P ρ	ῥῶ
Σ σ ς	σίγμα
T τ	ταῶ
Υ υ	ὕ ψιλόν
Φ φ	φῖ
X χ	χῖ
Ψ ψ	ψῖ
Ω ω	ὦ μέγα

A criação do alfabeto grego aponta para um conhecimento intuitivo das possibilidades de desmembramento da cadeia da fala em unidades. Ainda não podemos falar de Fonologia, ou Fonética, no sentido moderno destas disciplinas, mas aqui já estamos no limiar entre o mero conhecimento dos sons do alfabeto, e a disciplina mais complexa que seria chamada de

Gramática – a antecessora da nossa ciência linguística moderna, que por sua vez é a “*mãe*” da Fonologia e da Fonética. A grande inovação da escrita fonológica grega é, portanto, a antecessora do que séculos mais tarde, os linguistas – não por acaso, estudiosos do sânscrito e do grego – terminariam por chamar de *fonema*: o primeiro passo foi a segmentação da cadeia da fala em unidades elementares mínimas. A invenção de um alfabeto fonológico como o grego nos propicia a possibilidade da percepção linguística em dois planos separados da consciência ao mesmo tempo: a dualidade som-visão, ou seja, som-letra. Cada letra na sua forma escrita representa uma unidade com identidade sonora; tal divisão, aparentemente tão lógica para o nosso mundo moderno, ocorreu apenas com o advento do alfabeto.

Nesse sentido, o alfabeto grego primitivo merece nossa admiração. Cada som é representado por um único signo gráfico e, reciprocamente cada signo corresponde a um som simples, sempre o mesmo. É uma descoberta de gênio, que os latinos herdaram. Na escrita da palavra *bárbaros* (BAPBAPOS), cada letra corresponde a um tempo homogêneo (...) Os outros povos não perceberam esse princípio, e seus alfabetos não analisam a cadeia falada em suas fases acústicas homogêneas. Os cipriotas por exemplo, se detiveram em unidades mais complexas do tipo *pa, ti, ko*, etc. (...) Os semitas assinalavam só as consoantes: um termo como *bárbaros* teria sido escrito BRBRS³⁹ (Saussure, 2009:50).

É preciso considerar que os *sistemas consonantais semíticos* (ou *alfa-silabários*), como da língua fenícia, do hebraico e do aramaico, na realidade dispunham do sistema das *matres lectionis*, isto é, utilizavam alguns dos símbolos consonantais para grafar /*ā*/ /*ī*/ /*ū*/; contudo, “*em primeiro lugar, o emprego da mater lectionis era sempre opcional. Em segundo lugar, em todos os casos o valor normal do símbolo era o de um segmento consonantal*” (Sihler, 1995:18). No grego, ao contrário, o **A** indica sempre uma vogal.

³⁹ A tradição semítica preservava com igual cuidado a palavra falada e a escrita. Para tanto, a escrita semítica, tradicionalmente, preservava apenas as consoantes, omitindo as vogais, os acentos e a pontuação. “*Os acentos hebraicos regulam a recitação dos textos bíblicos nas sinagogas. Observe-se, porém que os rolos das sinagogas não têm pontuação, sendo que as vogais e acentos são recitados de memória*” (Kelley, 1998:37). A explicação desta tradição: “*No mundo antigo, quase toda leitura, pública ou privada, era feita em voz alta, ou seja, os textos eram frequentemente convertidos para o modo oral. Em decorrência disto, os autores escreviam tanto para os ouvidos quanto para os olhos (...). Neste contexto, não é difícil entender que, para os hebreus, as escrituras eram palavras, frases ditas pelo Todo-Poderoso ao profeta, no monte Sinai (...). A porção ditada era conhecida como a Torah Oral, enquanto o registro em pergaminho (rolo) era conhecido como a Torah Escrita (Pentateuco)*” (Dutra, 2013:253).

A invenção-descoberta do alfabeto fonológico grego e o seu ensino nas escolas do mundo helênico podem ser considerados dois fatores que terminariam por popularizar a escrita no mundo ocidental, principalmente após o domínio de Alexandre Magno.

3.1 As *Grammata* e a Educação na Grécia Antiga

O nascimento da ciência da linguagem grega, a *grammatike tékhne* (ἡ γραμματικὴ τέχνη), a ancestral da nossa Linguística moderna, partilha de uma profunda ligação com a invenção do alfabeto grego e com a popularização da escrita no mundo antigo. O conceito essencial de uma ciência *gramática* remete 1) à sua relação com as *grammata* (τὰ γράμματα), ou seja, as letras do alfabeto grego e 2) à relação destas, por sua vez com o verbo *gráphein* (γράφειν), isto é, *escrever* (ou *desenhar*) aquilo que era representado primordialmente através dos sons. O conhecedor da arte de *grafar* as *grammata* era γραμματικός (*grammatikós*), ou “aquele instruído nos signos púnicos de Cadmo” (τὰ Φοινικικὰ σήματα Κάδμου) (S.Empiricus, 1987:33-I.54). Ao longo dos séculos, a técnica gramática passou por diversas fases (às quais daremos um tratamento detalhado na seção seguinte). Basta-nos, por ora, considerar que ao redor do séc. IV a. C., a palavra γραμματικός refere-se a alguém que era versado na Gramática, o que significava saber ler e escrever, e além disso, classificar as vogais e as consoantes (Schmidhauser, 2010:499), como podemos confirmar com o testemunho do ‘*Crátilo*’:

Nós, pois, devemos começar também por distinguir *as vogais* (τὰ φωνήεντα), e logo, classificar as espécies dos elementos que não conotam *nem som nem ruído* (τὰ τε ἄφωνα καὶ ἄφθογγα) – assim é como dizem os conhecedores destas matérias; logo, teremos de passar aos *elementos* (τὰ στοιχεῖα) que, sem ser vogais, não obstante, são tampouco mudas e as suas diferentes espécies (...) (Platão, 1990:539; Platão, 1977:230–424c – meu grifo).

O fato que os *grammatistés* (os mestres nas escolas gregas) já distinguiam entre vogais, consoantes e semivogais nos é de grande valia: isto nos remete ao programa de educação grego, no qual o *grammatistés* ensinava aos meninos a arte/técnica de escrita e leitura – um dos passos fundamentais para que o *homo loquens* seja um cidadão na *pólis* é tornar-se um *homo scribens*.

Quando considerarmos o período compreendido entre 800 e 300 a.C (período Arcaico-Clássico), no que tange a educação linguística dos gregos, há poucas informações. Sabe-se que, à

época de Platão, os meninos passam por um programa educacional em escolas onde aprendem a ler e escrever com os *grammatistês*. Destarte, os alunos aprendem a recitar poemas, e pouco a pouco, aprendem a arte do comentário (Schenkeveld, 2000:431). Por exemplo, Sócrates, no ‘*Crátilo*’, diz acerca daqueles “*que se dedicam ao estudo dos ritmos*”, ou seja, o estudo da música e da poesia:

SÓCRATES – Assim o fazem os que se dedicam *aos ritmos* (τοῖς ῥυθμοῖς): começam por distinguir *os valores dos elementos* (τὰς δυνάμεις τῶν στοιχείων), logo *o valor das sílabas* (τῶν συλλαβῶν) e então, e apenas então, entram no estudo dos ritmos. (...) (Platão, 1990:539; Platão, 1977:230– 424c – meu grifo).

Ao redor dos quinze anos de idade, após o treinamento da leitura e pronúncia correta das obras poéticas, os aprendizes são enviados aos sofistas, para receber a educação mais avançada: “*este treinamento é bastante focado em ouvir e preparar discursos modelo (...) através dos quais os pupilos recebem treinamento no uso de diferentes tipos de argumentos*” (Schenkeveld, 2000:431). No período Clássico, os alunos podem frequentar escolas como a Academia (de Platão) e mais tarde o Liceu (de Aristóteles), onde “*a atenção aos aspectos formais da linguagem está bastante presente, tanto na preparação de discursos quanto no estudo da lógica*” (Schenkeveld, 2000:431) – conforme dissemos anteriormente, a Gramática é uma ciência profundamente relacionada com a Filosofia.

A Gramática (...) foi um dos pilares da educação na Antiguidade e na Idade Média. Assim, encontramos exemplos da análise gramatical em textos antigos de todos os gêneros – de Retórica e Filosofia à Medicina e Teologia. Sua influência foi bem além do mundo grego (Schmidhauser, 2010:500).

É mister salientar que, quando dissemos que os meninos aprender a *ler e escrever*, isto supõe um domínio considerável de técnicas de *análise morfo-sintática*, incluindo a divisão do texto em *unidades de som* (os *elementos* e as *sílabas*), *colocação correta do acento* e pronúncia correta das *quantidades vocálicas*.

Conforme vimos no capítulo anterior acerca da ciência gramatical hindu, a capacidade de análise dos textos orais védicos era essencial para que os discípulos pudessem compreender (e reproduzir) o conhecimento védico passado pelos gurus em sua língua sagrada, o sânscrito – sem o recurso da escrita, contudo. Aqui, no solo grego, a tradição oral (a recitação dos textos poéticos

de Homero, ‘*A Ilíada*’ e ‘*A Odisseia*’) coexiste com a tradição escrita: nas escolas, se *aprende a ler em voz alta* (ou seja, *recitar*) os textos de Homero da forma correta (com acentuação, interpontuação, e elementos da prosódia apropriada) (Di Benedetto, 2000:397). A definição do que significa a leitura correta nos é dada pela ‘*Arte da Gramática*’ (‘*ΤΕΧΝΗ ΓΡΑΜΜΑΤΙΚΗ*’) de Dionísio Trácio (*circa* 100 a.C.)

A leitura (ἀνάγνωσις) é a pronúncia perfeita de produções poéticas ou em prosa. Ela deve ser realizada de acordo com a expressão (καθ’ ὑπόκρισιν), a prosódia (κατὰ προσωιδίαν) e as pausas (ou segmentação, κατὰ διαστολήν). Através da expressão aprendemos o mérito de uma peça; por meio da prosódia, a arte do leitor; e por meio das pausas, o sentido que se pretende expressar. Desta forma lemos a tragédia de forma heróica, a comédia de forma conversacional, as elegias de forma emocionante, os épicos de forma contínua, a poesia lírica de forma musical e as lamentações de forma contida e pesarosa. Qualquer leitura feita sem a observância devida destas regras não faz jus aos méritos dos poetas e torna os hábitos dos leitores ridículos. (D.Trácio, 1874:04 – Cap.II)

A origem da tradição gramatical grega também está relacionada às diferenças dialetais e às mudanças pelas quais estes dialetos passaram ao longo dos séculos. Esta tradição foi aperfeiçoada pelo trabalho dos mestres que ensinavam a leitura correta nas escolas gregas. “*Os trabalhos de Homero (850 a. C.) eram a base da educação grega, mas a língua grega entre os séc. V e III a.C. havia mudado tanto que as explicações da linguagem de Homero eram importantes no curriculum escolar. Observações tomadas de trabalhos de gramática mais antigos são encontrados em Platão, Aristóteles, e nos Estóicos*” (Campbell, 2003:82).

É preciso esclarecer que no período anterior aos gramáticos alexandrinos (antes do séc. II a.C.), os textos gregos não eram grafados da mesma forma que nossos textos modernos, ou seja, os primeiros autores gregos não faziam o uso extenso de sinais gráficos de pontuação, acentuação e os demais recursos modernos de que dispomos; tais textos são conhecidos como *scriptio continua*⁴⁰, o que significa sem espaçamento entre as palavras (e igualmente sem marcas de acentuação ou pontuação). Para realizar a leitura correta, pressupunha-se a habilidade da *partição*

⁴⁰ Ao contrário da escrita da esquerda para a direita, o grego primitivo utilizava na escrita o método chamado *bustrophédon*, no qual o início alternava entre a margem esquerda e direita e assim por diante (βουστροφηδόν, adv. “*que dá voltas como o boi que ara*”) (Liddell & Scott, 1948:326).

(ἐπιμερισμός) – esta consiste na leitura do texto, seguida da análise do metro e a divisão do texto em diferentes partes do discurso:

A partir do que chamamos *epimerismoí* (*partitiones*), temos uma ideia de como os aprendizes são ensinados a aplicar seu conhecimento gramatical em um texto poético. Ao ler um texto grego escrito em *scriptio continua*, um aprendiz deve primeiro aplicar o método da partição (*merismós*) e assim separar as palavras individuais com os acentos corretos e a pontuação. A partição é igualmente usada em um nível mais avançado de conhecimento gramatical e agora se torna uma classificação das partes do discurso com os seus acidentés (Schenkeveld, 2000:434).

As seguintes transliterações do grego antigo em *scriptio continua* para a escrita grega do período clássico – a primeira de uma inscrição encontrada em um vaso ateniense de 800 a.C. e a segunda de uma inscrição na Basílica de Hagia Sophia – nos dão uma ideia das dificuldades enfrentadas pelos discípulos ao aprender a leitura em voz alta (ainda que na escrita linear grega as vogais fossem grafadas nos locais onde cabiam, ao contrário da escrita semita, por exemplo):

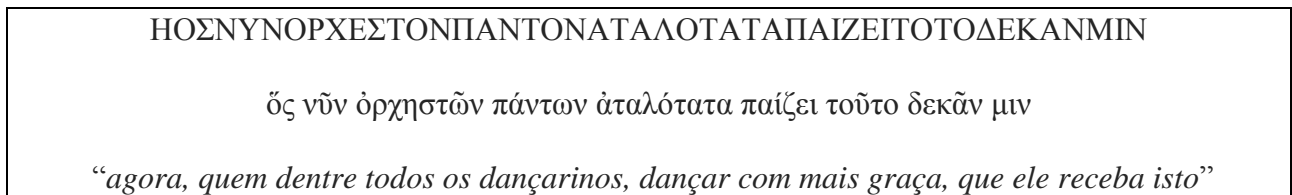


Fig. 4 – Inscrição do vaso *dipylon* ateniense: comparação entre a escrita contínua do grego antigo (inscrição ao topo), a transliteração ao grego clássico com as marcações de *acentos*, *quantidades* e com os *spiritus lenis e asper* (inscrição do meio), e a tradução ao português (conforme Gelb, 1952:181).

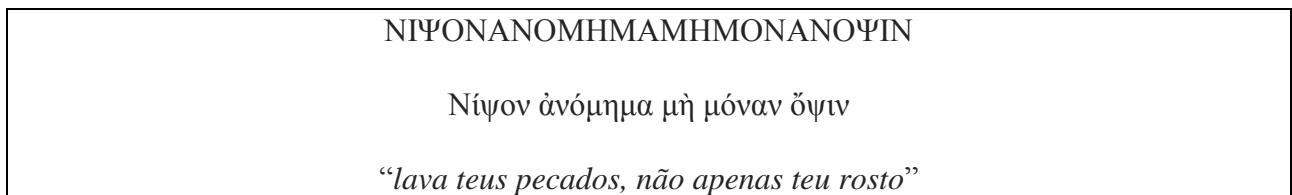


Fig. 5 – Inscrição encontrada na fonte sagrada de *Hagia Sophia* (inscrição superior), seguida de sua transliteração para o grego clássico, e a sua tradução ao português. Trata-se de um *palíndromo*, circa 350 d.C. (Crosby & Schaeffer, 2009:98).

Os acentos, por vezes, são a única maneira de distinguir palavras de sentidos diferentes, mas grafadas da mesma forma; por exemplo, θερμός (“*quente*”) e θέρμος (“*tremoço*”⁴¹) ou εἶμι (“*eu vou*”) e εἶμι (“*eu sou*”) (Crosby & Schaeffer, 2009:xxvi). As inscrições acima incluem a versão com as marcas de acentuação cuja invenção é atribuída a Aristóphanes de Bizâncio, bibliotecário da Biblioteca de Alexandria ao redor de 200 a.C; seu objetivo era padronizar a acentuação correta, marcar a variação do uso dialetal e facilitar o aprendizado do grego por estrangeiros (Smyth, 1920:38).

É a partir do testemunho de Sextus Empiricus (séc. II d.C.) que podemos detalhar um pouco mais a metodologia de ensino da leitura; ele descreve como a *escansão* – uma técnica originária da poética – está relacionada com a divisão das *partes do discurso*:

Mas deixemo-los dizer-nos como eles dividem o discurso em partes. Uma vez que a *divisão dos metros* (τῶν μέτρων) se dá principalmente em suas duas partes mais necessárias, a saber, a *escansão* (τὸ βαίνειν) – isto é, a *divisão em pés* (τοὺς πόδας) – e a *distinção das partes da frase* (τὰ τοῦ λόγου μέρη διαίρεσει (...)) (S. Empiricus, 1987:95- I.158/159 – meu grifo).

Já havíamos tratado da *escansão* de textos poéticos em *pés métricos* e em partes do discurso ao falarmos das unidades da métrica dos hinos védicos hindus. Recordemos: no período anterior ao sânscrito clássico, o pé poético (*pada*) confundia-se com a palavra sintática. Na tradição grega, temos o *poús* (πούς, πόδες), o *pé poético*, o qual está ligado (como na tradição sânscrita), à divisão (*diérese*) do discurso (*logos*) em partes constitutivas. Saber distinguir as diferentes partes do discurso – *elementos ou letras, sílabas, conjunção nome, verbo, artigo, caso* – é essencial para a colocação dos acentos e a pronúncia correta de cada palavra.

No campo da produção escrita por parte dos aprendizes, outro importante tema de estudo é a *ortografia* (ἡ ὀρθογραφία), literalmente, a “*grafia correta*”, a qual, segundo S.Empiricus (1987:101 – I.169), tem três modos distintos:

⁴¹ Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: **Tremoço** [do grego *thérmos*, através do árabe *turmus*] (p.1405).

- 1) *quantidade* (ή ποσότης), quando é questionado, por exemplo, se a letra *iota* deve ser adicionada no caso dativo;
- 2) *qualidade* (ή ποιότης), quando se questiona se nomes como σμιλίον (*smilíon* – “pequeno cinzel”) e Σμύρνα (a cidade portuária de *Smyrna*) devem ser escritos com a letra *sigma* ou com *zeta*;
- 3) *divisão* (ὁ μερισμός), quando se questiona se na palavra ὄβριμος (“*forte, poderoso*”), por exemplo, o *beta* está no início da segunda sílaba, ou no final da primeira.

Empiricus chama este tipo de conhecimento de *tekhnología*, ou seja, o conhecimento técnico sobre a arte da escrita, e diz ainda que “*os técnicos lutam e sempre vão lutar uns com os outros até a eternidade, insistindo em escrever a mesma palavra desta ou daquela maneira*” (S.Empíricus, 1987:103 – I.170). Tais desentendimentos entre os *técnicos* (isto é, os *gramáticos*) surgiam devido às inúmeras diferenças dialetais no mundo helênico. O caso da letra *iota* sufixada representar o dativo singular e a terminação em *nu* (que marca o caso acusativo singular), ilustram apropriadamente a realidade do idioma grego – uma língua flexional, de casos gramaticais – no qual, por vezes, uma letra (ou um fonema, dependendo do ponto de análise) marca uma nuance de significação diferente. Estas regras, como vimos na citação do ‘*Crátilo*’ (apresentada na seção 3.1) estão sob a égide da γραμματική τέχνη.

4. A Gramática Grega

Em sua obra ‘*Contra os Professores*’ (‘ΠΡΟΣ ΜΑΘΗΜΑΤΙΚΟΥΣ’), Empiricus define a dualidade do termo *a arte das letras* (isto é, a Gramática), em seus sentidos geral e específico, no mundo grego à sua época (séc. II d.C.):

O termo “*arte das letras*” (γραμματική) é usado, como homônimo, tanto no sentido geral quanto no sentido especial. No sentido geral, significa *o conhecimento das letras* (ή τῶν γραμμάτων εἶδησις) de todo e qualquer tipo, sejam gregas ou bárbaras, o qual comumente chamamos “*gramático*”; em seu sentido especial é aplicado à *arte aperfeiçoada* (ή ἐντελής τέχνη) elaborada por Crates de Malo, Aristófanos e Aristarco (S.Empiricus, 1987:27 – I.44).

Na época em que viveu Empiricus, portanto, a arte das letras já ultrapassara o mero conhecimento das *grammata*: tratava-se já de um conhecimento mais aprofundado, uma “investigação da sua descoberta e natureza, das partes do discurso compostas por tais letras, e demais assuntos do mesmo calibre”, a qual vai além do simples “ensino dos elementos (τὰ στοιχεῖα) e suas combinações” (S.Empiricus, 1987:31 – I.49).

Sob a égide desta disciplina estão tanto os sons, quanto as representações destes: a ciência dos sons é parte da ciência das letras “através das quais representamos os sons articulados” (S. Empiricus, 1987:29 – I.45). Esta dualidade *som-letra* terminaria por criar a problemática discutida muitos séculos após, por Saussure e Courtenay (de que trataremos no Cap.III). Contudo, as descrições de Empiricus são de uma data bastante posterior, digamos, ao tratado ‘A Arte da Gramática’ de Dionísio Trácio, que é a Gramática mais antiga de que dispomos: ela foi compilada ao redor de 100 a.C. (devemos dizer, contudo, que os debates acerca de sua autenticidade ainda continuam em aberto).

A Gramática grega originou-se do estudo das letras e do processo de educação nestas mesmas letras; podemos dizer ainda, que a Gramática desenvolveu-se como uma das disciplinas analíticas mais fundamentais da Filosofia. Quatro nomes são essenciais quando estudamos a história das diferentes fases da Gramática e da Filosofia: Platão (427 – 347 a.C), Aristóteles (384 – 322 a.C.), o estóico Crisipo⁴² (280 – 206 a.C.) e o gramático Dionísio Trácio⁴³ (170 – 90 a.C.). Descrições dos primórdios de uma “análise gramatical” da língua grega podem ser encontradas nos trabalhos de Platão (como nos exemplos do ‘Crátilo’ ao longo deste capítulo) e subsequentemente nas investigações de Aristóteles no campo da Lógica, da Poética e da Retórica. As primeiras teorias acerca da linguagem no mundo grego, do *lógos* e de suas partes componentes são fruto das investigações analíticas e filosóficas destes dois grandes de Atenas. Em suas obras, encontramos tanto as bases da futura Filosofia Estóica e suas preocupações com as questões pertinentes à linguagem (*phoné*), quanto da ‘arte da Gramática’, que seria desenvolvida no séc. II pelos gramáticos alexandrinos. Por exemplo, as partes do discurso conforme descritas por Aristóteles no Cap. XX da ‘Poética’ são o *elemento* (στοιχεῖον), a *sílaba*

⁴² Crisipo de Solis, nasceu em Solis (ou em Tarsus), em 282 a.C, segundo o biógrafo Diógenes Laércio (Laertius, 1925:287 – VII.179). Ele chegou a Atenas ainda jovem, para estudar filosofia com Zenão de Cítio (350 – 258 a.C.), fundador da escola conhecida como *Stoa*. Consta que antes tenha praticado o atletismo (Laertius, 1925:287 – VII.179). Faleceu em 206 a.C.

⁴³ Dionísio o Trácio: gramático e filólogo nascido em Alexandria no ano de 170 a.C.. Foi discípulo de Aristarco; os fragmentos de sua obra ‘A Arte da Gramática’ são nossa fonte principal de conhecimento acerca desta disciplina no período após o domínio de Alexandre Magno e do advento da *koiné*. Faleceu em 90 a.C.

(συλλαβή), a *conjunção* (σύνδεσμος), o *nome* (ὄνομα), o *verbo* (ῥῆμα), o *artigo* (ἄρθρον), o *caso* (πτῶσις) e a *enunciação* (λόγος). Já em sua ‘*A Arte da Gramática*’, Dionísio Trácio considera que a palavra (λέξις) é a menor parte do *lógos* ordenado. Assim, o seu *lógos* é uma combinação de palavras e consiste de oito partes: o *nome* (ὄνομα), o *verbo* (ῥῆμα), o *particípio* (μετοχή), o *artigo* (ἄρθρον), o *pronome* (ἀντωνυμία), a *preposição* (πρόθεσις), o *advérbio* (ἐπίρρημα) e a *conjunção* (σύνδεσμος); os elementos e as sílabas são as partes que compõem a palavra. Entre a ‘*Poética*’ de Aristóteles e a ‘*Gramática*’ de Dionísio Trácio haviam passado aproximadamente dois séculos.

Os elementos básicos da *grammatiké* dos filósofos atenienses, e os desenvolvimentos da *phoné* dos Estóicos estão presentes na obra de Dionísio Trácio; ele organiza a sua Gramática em seis partes diferentes, e a sua análise principia com a *anagnose*, ou a *leitura analítica em voz alta*, feita pelo conhecedor da *prosódia*⁴⁴. Em seguida temos a *exegese* dos *tropos* ou torneios, ou ainda figuras poéticas; a terceira é a explicação das *glosas*, isto é, do vocabulário mais complexo e abstruso, e das *histórias*, a quarta a *investigação* (ou *descoberta*) das *etimologias*, a quinta parte cobre a *analogia* e a sexta e última parte, *a crítica dos poemas*⁴⁵. A definição do que é a Gramática abre a obra do Trácio: “*Grammatiké é um conhecimento experimental (ἐμπειρία) das palavras mais comumente ditas pelos poetas e compositores de prosa*” (γραμματική ἐστὶν ἐμπειρία τῶν παρὰ ποιηταῖς τε καὶ συγγραφεῦσιν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ λεγομένων). (D.Trácio, 1874:04).

4.1 Filosofia Estóica – A Lógica, a Física e a Ética

Saímos brevemente do curso proposto para o presente trabalho, no intuito de estudar os primórdios da Gramática. Devemos agora analisar brevemente a filosofia dos Estóicos, pois aqui encontramos elementos de importância relativos aos primórdios do estudo científico do som e da

⁴⁴ “*A noção de ἀνάγνωσκαι era de fato utilizada na gramática alexandrina em conexão com a leitura correta de acordo com o prescrito por cada gramático. Especificamente “ἀνάγνωσις ἐντριβής κατὰ προσοδίαν”, refere-se à “determinação do acento correto de uma palavra”*” (Di Benedetto, 2000:396, S.Empiricus, 1987:141 - I.250).

⁴⁵ “*μέρη δὲ αὐτῆς ἐστὶν ἕξ· πρῶτον ἀνάγνωσις ἐντριβής κατὰ προσοδίαν, δεύτερον ἐξήγησις κατὰ τοὺς ἐνυπάρχοντας ποιητικούς τρόπους, τρίτον γλωσσῶν τε καὶ ἱστοριῶν πρόχειρος ἀπόδοσις, τέταρτον ἐτυμολογίας εὔρεσις, πέμπτον ἀναλογίας ἐκλογισμός, ἕκτον κρίσις ποιημάτων, ὃ δὲ κάλλιστόν ἐστι πάντων τῶν ἐν τῇ τέχνῃ*” (Dionísio Trácio, ἀ’ περὶ γραμματικῆς, tradução segundo Di Benedetto, 2000:395).

linguagem. As obras da Stoa representam importantes avanços entre as ideias de Aristóteles e a Gramática de Dionísio Trácio, principalmente por seu estudo da língua falada, a *phoné*.

De uma maneira geral, a Filosofia dos estóicos, sistematizada por Crisipo, abrange três campos: a física, a ética e a lógica. Segundo os preceitos estóicos, nenhuma destas partes pode ser estudada independentemente das outras – estas três ciências unidas são comparáveis a “*uma cidadela fortemente murada e governada pela razão*” (Laertius, 1925:151 – VII.40); alguns filósofos (como Zenão e Crisipo) iniciavam o estudo da Filosofia estóica pela Lógica, seguida da Física e da Ética (Laertius, 1925:151 – VII.40-41). A definição dos três campos é a que segue:

- 1) a *Lógica* (ἡ Λογική), se ocupa do *lógos* (*linguagem e razão*), e se bifurca em campos distintos, o da ciência Retórica (ἡ Ῥητορική) – a arte “*de falar bem sobre os assuntos propostos pela narrativa pura*” – e da Dialética (ἡ Διαλεκτική) – a ciência “*da discussão correta dos assuntos por meio de pergunta e resposta*” (Laetius, 1925:153 – VII.42);
- 2) a *Física* (ἡ Φυσική) estuda o mundo e a natureza;
- 3) a *Ética* (ἡ Ἠθική), se ocupa de como vivemos em harmonia com este mundo.

A Dialética se subdivide em dois campos: aquele que alguns tradutores dos textos antigos chamam de “*linguagem*” – mas cujo original grego é *phoné* (ἡ Φωνή), o que podemos chamar de “*língua falada*”, “*som*” ou “*voz*”, ou seja, a língua *in actu* através da voz humana – e o *semainómenon* (σημαινόμενον), particípio passivo que podemos traduzir por “*aquilo que é significado*”. A *phoné* abarcava o estudo da *língua/fala escrita* (ἡ ἐγγράμματη φωνή), *das partes do discurso* (τὰ τοῦ λόγου μέρη), além do estudo da *poética* (περὶ ποιημάτων) e da *música* (περὶ μουσικῆς).

4.2 A *Phoné*

É neste campo que encontramos o tema exato que interessa ao presente trabalho, pois a ciência da *Phoné* se ocupa dos *sons organizados como língua*, sons que formam um *sistema lógico*, ou *lógos*. Iniciamos então com a pergunta: o que é a voz? Para os estóicos, a voz (ἡ φωνή) é a “*percussão do ar*” ou o “*objeto próprio do sentido da audição*” (τὸ ἴδιον αἰσθητὸν ἀκοῆς) (Diógenes de Babilônia apud Laertius, 1925:165 – VII.56). A voz animal é *inarticulada*, enquanto a voz dos homens, utilizada para a comunicação, é *articulada*. O som articulado é chamado de *lexis* (λέξις), ou seja, o som articulado pelos homens conforma a *fala*, ou a *expressão verbal*. Um ponto de grande importância é a natureza corpórea da voz:

Além disto, a voz, de acordo com os Estóicos, é algo corpóreo (...) *pois tudo o que produz um efeito é corpo* (πᾶν γὰρ τὸ ποιοῦν σῶμά ἐστι); e a voz, pois que procede daqueles que a pronunciam para aqueles que a ouvem, produz um efeito de fato. Reduzida à escrita, aquilo que era voz se torna *expressão verbal* (λέξις) (...) (Laertius, 1925:165 – VII.56 – meu grifo).

Neste ponto, a filosofia estóica concorda com a asserção de Aristóteles (a qual citamos no início deste capítulo): “o *lógos é o som [da voz] com sentido*”, adicionando que tal som “*é emitido a partir da mente*” (“λόγος δέ ἐστι φωνή σημαντικὴ ἀπὸ διανοίας ἐκπεμπομένη”) (Laertius, 1925:165 – VII.56)⁴⁶.

Não obstante, Empiricus – o qual, lembramos, escreveu em uma época bastante posterior a Crisipo – nos informa que os Estóicos dizem ser a voz corpórea, enquanto o *lekton*, ou seja, o *sentido*, é de natureza incorpórea. A *phoné* difere do *lekton*, por consequência: “*pois quando ela é enunciada, todos os homens, sejam Gregos ou bárbaros, sejam pessoas simples ou cultas, a ouvem*”. Já o *lógos* e as suas partes, “*são entendidos apenas pelos gregos e aqueles que têm este conhecimento*” (S.Empiricus, 1987:93– I.56), ou seja, a língua, em sua dualidade é um fenômeno tanto físico quanto psíquico, mas acima de tudo, o seu aspecto psíquico (o *lekton*, *qua significado saussureano*) é primordialmente social. O significado não habita na voz humana, mas sim nas

⁴⁶ Podemos questionar acerca do débito de Courtenay para com a teoria de Aristóteles e, neste particular (“*som emitido a partir da mente*”) para com os estóicos: em seu artigo ‘*A Fonologia*’ (ver anexo III), Courtenay distingue três direções distintas do fenômeno linguístico: a *centrípeto*, a *centrífuga* e na direção do centro da cerebração, ou seja, “*a partir da mente*”.

mentes que conformam a sociedade que o produz. Esta lógica seria explorada séculos mais tarde por Saussure (por influência de Whitney) e Courtenay.

As variações de pronúncia da língua grega dentro do mundo helênico (seção 2 do presente capítulo) são parte do estudo do “*dialeto*”:

Dialeto (διάλεκτος) significa a variedade da fala que é marcada em uma parte do mundo grego como distinta de outra [variedade], ou que do lado dos gregos é distinta de outras raças; ou ainda, significa uma forma peculiar a uma região em particular, isto é, tem certa qualidade linguística: por exemplo, em ático a palavra para “mar” não é θάλασσα mas θάλαττα, e em iônico “dia” não é ἡμέρα mas sim ἡμέρη (Laertius, 1925:165 – VII.56).

Uma vez definida a voz, e suas demais subdivisões, chegamos ao nosso ponto de interesse principal: τὰ στοιχεῖα (τὰ στοιχεῖα), os *elementos* indivisíveis desta mesma voz (sob a forma de fala), e a subsequente complicação entre os conceitos de som-letra. Até aqui, o som confunde-se com a letra. Agora, passamos a delinear o que viria a ser, séculos mais tarde, (e em conjunto com as teorias do *akṣara* sânscrito) o conceito da unidade diferencial dos sons da cadeia da fala, ou seja, o fonema.

4.3 Elementos e Letras

Nesta seção, examinaremos três definições do que é um elemento e como este é relacionado com a letra. A definição *par excellence* do que é um *elemento* (por vezes traduzido por *letra*) é encontrada no capítulo XX da ‘*Poética*’: “[o elemento] é um som indivisível (φωνὴ ἀδιαίρετος), mas não todo e qualquer som, e sim apenas aquele que compõe um som inteligível. Pois mesmo os animais produzem sons indivisíveis, nenhum dos quais eu chamo de elemento” (‘*Works of Aristotle – Poetics*’, cap. XX:3337).

Na Gramática dos Estóicos, e conforme as descrições da ‘*Arte da Gramática*’ de Dionísio Trácio, os elementos da linguagem são formados pelas vinte e quatro *letras* (“Τῆς δὲ λέξεως στοιχεῖά ἐστι τὰ εἰκοσιτέσσαρα γράμματα” – D. Laertius, 1925:165 – VII.56). Segundo o Trácio, os elementos são chamados de letras devido ao fato de serem formados por linhas e marcas, “*pois grapsai* (γράφαι), *entre os antigos, significava fazer marcas* (ξῦσαι)”. Elas também são

chamadas de *elementos* (στοιχεῖα) por terem uma *série ou arranjo* (τὸ ἔχειν στοιχόν τινα καὶ τάξιν) (D. Trácio, 1974:05 – VII).

A *complicação som-letra* surge com a definição do que é uma letra para os gramáticos:

“A *letra*” (τὸ γράμμα), contudo, tem três significados: 1) o som em particular ou *elemento* da fala (τό στοιχεῖον); 2) seu símbolo escrito ou *caractere* (ὁ χαρακτήρ); 3) seu *nome* (τό ὄνομα), como *alpha* é o nome do som *A* (D. Laertius, 1925:165 – VII.56 – meu grifo).

Destarte, os elementos da língua grega⁴⁷ são “*os vinte e quatro elementos da voz humana*”; no processo de classificação destes sons já existe uma diferenciação entre a “*letra escrita*” e o seu *valor*, a sua “*força*” ou “*função*” (ἡ δυνάμις⁴⁸), isto é seu *som potencial*. Esta diferenciação é atestada por Sexto Empírico (1987:59 – I.99), o qual, consoante com Aristóteles, Diógenes Laércio e com Dionísio Trácio, nos dá a classificação tradicional dos sons vocálicos e dos sons consonantais. Tal classificação depende não da forma grafada e sim da *natureza vocal do elemento*, em outras palavras, de *sua força enquanto potencialidade sonora* (pois a letra grafada apenas representa uma realidade discursiva que é acionada pelo som da voz humana; voltamos sempre à afirmação de Aristóteles em de ‘*De Interpretatione*’ – ver a Introdução do presente capítulo).

4.4 Elementos, Vogais, Consoantes e Sílabas

A divisão aristotélica dos elementos da voz, assim como a sua característica *indivisível* (semelhante ao *akṣara* hindu), tem sido a mesma desde a antiguidade; mesmo as gramáticas modernas do grego clássico a reconhecem: as vogais (“*as que sem o impacto da língua ou do lábio produzem um som perceptível*”), as consoantes (ou *mudas*, pois segundo Aristóteles “*com tal impacto não produzem som, mas tornam-se audíveis ao unirem-se a uma vogal*”) e as semi vogais (“*aquelas que com o impacto da língua e do lábio produzem som audível*”). Os gramáticos

⁴⁷ Lembramos que os gramáticos gregos ocupavam-se apenas do estudo de sua própria língua; não havia uma “*gramática geral*” na acepção moderna.

⁴⁸ ‘*A Greek-English Lexicon*’ de Liddell & Scott (1948:452) nos fornece as seguintes definições para o substantivo ἡ δύναμις, δυνάμειος [f]: “5 II. Poder, faculdade, capacidade; 2. Força elementar, tal como o calor, o frio, etc.; b. propriedade, qualidade, poder produtivo (...) e. na música, a função, o valor de uma nota na escala (...) **b. o valor fonético dos sons e letras**; 5. poderes mágicos” (meu grifo).

gregos reconhecem sete elementos “*que soam*” (φωνήεντα): *a e ē i o u ō* (α ε η ι ο υ ω). Dentre as vogais, há ainda três tipos: duas longas (μακρά) *ē ō* (η ω); duas breves (βραχεία): *e o* (ε ο) e três “*dícronas*” (δίχρονα), ou “*metabólicas*” (as que possuem as duas quantidades): *a i u* (α ι υ). Existem ainda os seis ditongos *ai au ei eu oi ou* (αι αυ ει ευ οι ου) (D.Trácio, 1874:05 – VII; S.Empiricus, 1987:59 – I.99).

Os dezessete elementos restantes são chamados de *consoantes* (σύμφωναι) uma vez que “*por si próprios eles não tem som, mas produzem um som apenas quando combinados com as vogais*” (D.Trácio, 1874:05 – VII). Dentre as consoantes oito são *semivogais* (ήμίφωναι): *z d l m n ksi r s psi* (ζ λ μ ν ξ ρ σ ψ), pois “*pois, sendo menos facilmente soadas que as vogais, quando se tenta pronunciá-las sozinhas, elas resultam em chiados e murmúrios*” (D.Trácio, 1874:06 – VII). As outras nove são “*sem som*” (ἄφωνα) ou “*mudas*” (“*pois tem um som menos agradável que as outras*”): *b g d th k p t ph kh* (β γ δ θ κ π τ φ χ). Além destas características das consoantes, há ainda as de “*espírito áspero*”, ou com “*aspiração*” (δασέα): *th ph kh* (θ φ χ) e as *suaves* (ψιλά): *k p t* (κ π τ), sendo que apenas o *r* admite as duas possibilidades (ῥ ῑ). Fechando a classificação das consoantes, o Trácio diz serem ζ ξ e ψ “*duplas*” (διπλᾶ), pois são formadas por sons duplos, *z d ks e ps*. (D.Trácio, 1874:06 – VII).

Dentro da classificação das consoantes, Dionísio Trácio nos informa ainda que os elementos finais dos nomes masculinos no caso nominativo, no singular são em número de cinco: *v ξ ρ σ ψ* como em Δίωv (*Díon*), Φοῖνιξ (*fenício*), Νέστωρ (*Néstor*), Πάρις (*Páris*), Πέλοψ (*Pélops*); dos nomes femininos, são oito: *α η ω ν ξ ρ σ ψ* como em Μοῦσα (*Musa*), Ἑλένη (*Helena*), Κλειώ (*Clio*), χελιδών (*andorinha*), ἑλιξ (*espiral*), μήτηρ (*mãe*), Θέτις (*Thétis*), λαῖλαψ (*furacão*); dos neutros, seis: *α ι ν ρ σ υ*, como em ἄρμα (*carruagem*), μέλι (*mel*), δένδρον (*árvore*), ὕδωρ (*água*), δέπας (*taça*), δόρυ (*lança*). Os elementos finais do dual são três: *α ε ω* como em Ἀτρείδα (os dois Atridas); Ἔκτορε, φίλω; e dos plurais, são quatro *ι ς α η*, como em φίλοι (*amigos*) βιβλία (*livros*) βέλη (*flechas*) (D.Trácio, 1874:05-06 – VII).

Aristóteles, por sua vez, diz que uma sílaba (συλλαβή) é um som “*sem significado*” (ἄσημος) composto por uma consoante e uma vogal; segundo o relato do Trácio e de Empíricus (D. Trácio, 1874:06-07 – VII; S.Empiricus, 1987:73 – I.121-122), a sílaba pode ainda ser *longa* (μακρὰ συλλαβή); *curta* (βραχεῖα συλλαβή), ou *comum* (κοινή συλλαβή). Uma sílaba é longa *por*

natureza (φύσει) em três maneiras diferentes, e *por posição* (θέσει)⁴⁹ em cinco maneiras diferentes. Começamos com a sílaba naturalmente longa; segundo o Trácio (1874:07 – IX) esta é produzida quando contém:

- *um elemento naturalmente longo*, como na palavra ἠώς (“*aurora*”), que contém η e ω, ou seja, duas vogais naturalmente longas;
- *duas vogais combinadas* (ditongo), como no caso da palavra αἰεί (“*sempre*”);
- *um elemento “comum”* (κοινόν), pronunciado com *tensão longa*, como no caso da palavra Ἄρης (“*Ares*”), onde o α é *dícrono* e recebe maior tensão na pronúncia.

Uma sílaba pode ser *longa por posição* quando:

- termina em duas consoantes, como em ἄλς (*sal*);
- quando uma vogal breve é seguida por duas consoantes, como em ἀγρός (*campo*);
- quando termina em uma única consoante e a próxima sílaba inicia com uma consoante, como em ἔργον (*trabalho*) – ou quando é seguida por uma consoante dupla, como em ἔξω (*fora*) – ou quando termina em uma consoante dupla, como em ἄναξ (“*dominus*”);

Uma sílaba que termina em vogal é *aberta*, enquanto uma que termina em consoante é *fechada*; “*desta forma, na palavra μή-τηρ a primeira sílaba é aberta, a segunda fechada*” (Smyth, 1920:35).

⁴⁹ A palavra posição θέσις aqui não está relacionada com a posição da sílaba ou letra, mas sim com o que foi estabelecido por “*convenção*”, “*arbitrário*”, em oposição ao que é “*natural*” (φύσις) (D.Trácio, 1874:07 – IX – nota *).

5. Conclusão

Encerramos este capítulo com algumas considerações finais acerca das palavras do ‘Crátilo’:

SÓCRATES: Pois bem, meu grande amigo: por acaso nosso legislador não há de saber *pôr em sons e sílabas* (τοὺς φθόγγους καὶ τὰς συλλαβὰς) o *nome que é naturalmente apropriado a cada objeto*, e há de saber manter os olhos fixos no nome ideal, a fim de criar e estabelecer todos os nomes, se quiser ter autoridade como aquele que coloca os nomes? (Platão, 1990:513; Platão, 1977:182 – 389d – meu grifo).

Dois vocábulos, utilizados por Platão nos são relevantes: as palavras gregas *phthongos* (φθόγγος) e *sullabé* (συλλαβή). A primeira significa “*som articulado*”, “*som da voz*”⁵⁰, cujo morfema base é encontrado no verbo *phthengomai* (φθέγγομαι), que por sua vez significa “*pronunciar um som, soar, elevar a voz, falar (em Homero)*” (Beekes, 2010:1568). Esta palavra ainda é usada hoje em dia, para designarmos certos elementos fundamentais no campo da fonologia moderna, os *ditongos* (em inglês *diphthongs*), do grego δίφθογγος (*di-phthongos*), isto é, “*a união de duas vogais em uma sílaba*” (Crosby & Schaeffer, 2009:xxv). A segunda palavra (συλλαβή) (cuja definição aristotélica e as classificações de Dionísio Trácio foram mencionadas na seção acima, e que, portanto, retomamos aqui) significa, em sua acepção mais geral, aquilo “*que é tomado em conjunto, diversas letras tomadas em conjunto de forma a gerar um som, sílaba*” (Liddell & Scott, 1948:1672); faz par, por sua vez com o verbo *sullambano* (συλλαμβάνω) “*coletar, tomar em conjunto, reunir tropas espalhadas*” (Liddell & Scott, 1948:1672). Sócrates (isto é, Platão) define o poder do legislador de colocar “*o nome natural verdadeiro de cada coisa em sons e sílabas*” (Platão, 389d): os nomes são expressos pela voz humana (φωνή) em “*phthóngos*” e “*sullabas*”. Desta forma, nos aproximamos, mais uma vez, da noção de sons elementares mínimos (*fonemas*): estes são uma divisão da sílaba. As sílabas tomadas em conjunto formam uma palavra (*um nome*, em Platão); não seria errado afirmar, portanto, que a noção da unidade mínima da estrutura da língua já era conhecida (ainda que com nomes diversos) na gramática da Grécia antiga. Por exemplo, Sexto Empírico explica como os

⁵⁰ “Qualquer som claro e distinto, em particular, o da voz humana” (Liddell & Scott, 1948:1929).

filósofos gramáticos diferenciam o *elemento* (o componente da sílaba) do *som* (a força dinâmica que compõe este mesmo elemento), ou seja, o *stokheion* é composto pelo *phthongos*:

Pois o “*elemento*” (τὸ στοιχεῖον) deve ser julgado como sendo tal principalmente devido ao fato de que tem *um som não composto* (φθόγγος ἀσύνθετος), e que tem uma qualidade única, tal como *alpha*, *épsilon* e *omikron* e o resto (S.Empiricus, 1987:69 – I.117 – meu grifo).

Nosso objetivo geral neste capítulo foi realizar uma investigação da ciência gramatical e filosófica da Grécia Antiga; o objetivo particular foi o levantamento de dados relativos ao fonema, isto é, a noção de uma unidade da estrutura sonora da língua. Esta noção de unidade é encontrada no alfabeto grego, o protótipo da escrita fonêmica. Ademais, o estudo da *epistemologia do som* e de suas categorias por parte dos filósofos-gramáticos como Platão, Aristóteles, os Estoicos e os gramáticos de Alexandria nos revela uma série de conceitos os quais irão se fundir com categorias da gramática hindu (promovida pela redescoberta do sânscrito e o início dos estudos comparatistas no séc. XIX). Tal fusão de doutrinas irá modelar as bases da Linguística e da Fonologia modernas. Devido ao seu apego aos monumentos literários escritos nas línguas clássicas, os filólogos comparatistas terminariam por confundir *som*, *letra* e *fonema* (como veremos no próximo capítulo). Nas palavras de Baudouin de Courtenay:

Os elementos mais simples da linguagem escrita *não correspondem* exatamente aos elementos dos sons da linguagem. Em geral, os elementos mais simples da escrita são os *grafemas*, isto é, representações das letras e das sílabas, enquanto os fonemas correspondentes – as *representações dos sons* – podem ser decompostos em elementos fonéticos e acústicos mais elementares, os quais são *psicologicamente determinados* (Courtenay, 1929 *apud* Stankiewicz, 1972:285 – meu grifo).

Não obstante, segundo Courtenay, ainda que letras não sejam equivalentes dos fonemas, “*sem a representação em grafemas não teria sido formada em nossas mentes a representação*

dos fonemas como unidades discretas, articulatórias e acústicas” (Courtenay, 1915 *apud* Stankiewicz, 1972:34).

Prestes a iniciar um novo capítulo no estudo da estrutura fônica da língua, voltamos a reencontrar os elementos fundamentais definidos por Aristóteles em *‘De Interpretatione’*: *a voz, a psique e a escrita*; estes elementos serão a base das teorias linguísticas desenvolvidas no séc. XIX.

CAPÍTULO III – O Fonema e a Ciência da Linguagem Moderna

1. Introdução

(...) Se o fonema é um som composto por nossa orelha (...) dado um determinado ruído (*bruit*), nós não sabemos se o poderemos chamar de fonema. Nós não nos deixamos frear pela escolha do termo; foi indispensável inventar um termo qualquer para uma idéia ancestral já totalmente definida no espírito dos linguistas. Ideia que é quase exatamente aquela do “*Laut*” alemão e que antes designávamos pela palavra “*letra*”, a qual empregávamos abusivamente por falta de outro termo (Saussure, 1995:88 – Cahier 3 – 6r).

As palavras acima, extraídas do caderno chamado ‘*Phonétique*’ ou ‘*Manuscrito de Harvard – Houghton Library*’⁵¹ foram escritas ao redor de 1881 por Ferdinand de Saussure, então professor de línguas germânicas (além de estudioso do sânscrito, do grego e do latim) na École des Hautes Études de Paris. Este trecho parece tentar responder a questão “*o que é um fonema?*”. Na realidade, todo o manuscrito trata de problemas envolvendo a Fonética e a Fonologia da língua e avança alguns pontos de vista inovadores acerca do fonema e da sílaba nas línguas indo-européias. A afirmação de Saussure, à primeira vista, pode não nos parecer inovadora, uma vez que está próxima da nossa concepção moderna do fonema; entretanto, ao contextualizarmos a escritura do ‘*Phonétique*’ em um momento do séc. XIX em que a teoria do fonema mal havia sido criada, a citação acima toma outro valor. Ao redor desta época, em que Saussure iniciava seus cursos em Paris, suas teorias acerca da língua como um “*sistema de signos arbitrários*”, a própria teoria do signo e a dicotomia *langue* e *parole* estavam apenas sendo esboçadas e até chegar aos cursos de Linguística Geral (ministrados entre 1907 e 1911), Saussure ainda reformularia muitas de suas idéias acerca da língua e dos sons que a compõe. Infelizmente, Saussure jamais editou ou publicou os textos que compõe o ‘*Phonétique*’, de forma que seu testemunho permanece aquele de um “*manuscrito não oficial*”. O conceito *fonema* havia sido cunhado cerca de sete anos antes, em uma reunião da Société de Linguistique de Paris, por um foneticista amador pouco conhecido, A. Dufriche Desgenettes. Tratava-se, por conseguinte, de um conceito científico ainda pouco difundido entre os membros do meio acadêmico, e pouco

⁵¹ “A presença de um conspicuo grupo de manuscritos saussureanos junto à Houghton Library da Universidade de Oxford foi apontada em 1969 nos Cahiers Ferdinand de Saussure por Roman Jakobson no artigo ‘Saussure’s unpublished reflexions on phonemes’ (Jakobson, 1969). Como se percebe pelo próprio título do artigo, o interesse do autor se concentrava sobretudo nos escritos de argumento fonético (...)” (Saussure, 1995:1 - Premessa).

presente em trabalhos publicados, exceto pelo ‘*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues Indo-Européennes*’ de 1878, escrito pelo próprio Saussure, e pelos trabalhos pouco conhecidos no Ocidente de dois linguistas poloneses, Baudouin de Courtenay e Mikołaj Kruszewski. Destarte, quando Saussure enfatiza o fato de que a palavra “*letra*” já não mais servia aos linguistas e que um novo conceito, próximo da palavra alemã para “*som*” era necessário, nos encontramos não apenas no limiar entre a Filologia Comparatista do séc.XIX e a Linguística moderna, mas também no momento em que os estudos da linguagem européia e mundial entravam num período revolucionário que iria modificar completamente o seu paradigma, a sua metodologia, e suas categorias científicas; enfim, o fonema, neste contexto, reflete um momento de transição nos estudos da linguagem e a subsequente criação de um *novo projeto científico*, o qual iria definir, entre outras coisas, “*a tarefa do linguista*” e novas categorias epistemológicas.

No mesmo ano de 1881, mas do outro lado da Europa, na Universidade Imperial de Kazan (Império Russo), o polonês Jan Baudouin de Courtenay, já professor titular de sânscrito, grego, latim e línguas eslavas, escreve e publica um artigo intitulado ‘*Algumas Seções da “Gramática Comparada” das Línguas Eslavas*’ (‘Некоторые отделы “Сравнительной Грамматики” славянских языков’), no qual figuram os seguintes comentários:

Até agora nós poderíamos contentar-nos com um termo como *o som* (звук), uma vez que não se lhe contrapõe nenhum outro. No futuro, tal termo nos satisfará apenas em determinados casos. O som é um termo puramente antropofônico, uma unidade antropofônica indivisível (...) é evidente que as grandezas fonéticas (compostas por correlativos e correspondentes) não podem ser identificadas com os sons e que teremos de empregar outro termo. Portanto, utilizaremos o termo *fonema* (фонема). *Pois bem, o fonema é indivisível, é a soma das propriedades antropofônicas gerais da parte fonética de uma determinada palavra (...)* (Courtenay, 1963-I:120/121 – meu grifo).

A citação do caderno de Saussure e esta definição da natureza e das características do fonema estão entre as primeiras escritas (acerca deste tópico) na segunda metade do séc. XIX. A coincidência do ano e do tema (o que é um fonema e a sua relevância como unidade da estrutura sonora da língua) não se deve ao acaso. Saussure e Courtenay eram membros da Société de Linguistique de Paris, e haviam se encontrado pessoalmente em sessões da Société justamente no ano de 1881 (Joseph, 2012:237); além disso, os dois partilhavam de um interesse comum pelos estudos de Fonologia, e haviam completado seus estudos na mesma universidade (Universidade

de Leipzig), que não por acaso era o centro da Linguística mundial, e que desde 1871 estava em ebulição com as teorias *avant garde* dos chamados Neogramáticos (cujo objeto de estudo principal, *grosso modo*, focava-se justamente nas transformações fonológicas entre línguas parentes do Indo-europeu e na busca pelas leis que as regem). Do ponto de vista linguístico moderno, o fonema de Saussure está mais próximo do que hoje chamamos de “fones” – as realizações materiais não significativas dos fonemas – o que Courtenay chama de “*unidade antropofônica*”, ou seja, o som em si, como fenômeno físico. Mas, cumpre lembrar que nesta época, tampouco existia a distinção *fone-fonema (unidade particular versus unidade absoluta)* – uma distinção que seria definida pelo Círculo Linguístico de Praga somente nos anos 1920. Ao longo de sua carreira, Saussure trabalhou com inúmeras “*facetas*” do fonema, sem, no entanto, avançar alguma que tenha sido definitiva; é comum aceitar (talvez apressadamente) a definição dada pelo ‘*Cours*’⁵² como a definição saussureana deste conceito (veremos o porquê na seção acerca de Saussure). Já a definição dada por Courtenay passaria por inúmeras revisões; também devemos lembrar que ele não trabalhava sozinho, mas (ao redor dos anos 1880) estava à frente de um grupo de estudiosos conhecido como a Escola de Kazan; dentre os membros deste grupo destacava-se o também polonês Mikolaj Kruszewski. Juntos, eles debruçaram-se sobre questões de Fonologia e Fonética bastante avançadas para a época; Courtenay escreveu um sem número de artigos sobre Fonética e Fonologia, e muitos destes contêm noções ligeiramente diferentes do que seria um fonema (de uma maneira geral, a sua obra pode ser dividida em duas fases principais, uma mais voltada para as alternâncias sonoras e outra mais voltada para a psicologia e a teoria do fonema). A asserção de Saussure, no entanto, nos remete a um detalhe essencial para que possamos compreender a história deste termo: ele se contrapõe aos termos *Laut (som)* e *letra*, que à época eram amplamente utilizados como se fossem sinônimos e como se aplicassem perfeitamente a um mesmo objeto. Na realidade, trata-se de uma diferença que poucos linguistas da época – exceto Saussure e Courtenay, Kruszewski e poucos outros – conseguiam antever: a distinção entre o estudo das línguas antigas, como o grego clássico, (“*mantidas vivas*” essencialmente por meio da letra escrita) e o estudo das línguas vivas (ou línguas faladas), como o russo, o polonês e as línguas neolatinas (línguas que ainda têm falantes, assim preservando a sua estrutura fônica). O advento do fonema, portanto, mais do que um simples neologismo linguístico assinala um rompimento com as tradições da Linguística Histórico-Comparativa (de

⁵² ‘Apêndice de Fonologia – Capítulo I – As Espécies Fonológicas’ (2009:51).

Bopp, Grimm e Schleicher), que se ocupava primordialmente dos monumentos literários em línguas antigas; por seu trabalho sem par e adiante de seu tempo, Saussure é considerado o fundador da Linguística moderna, da Semiologia e um dos precursores do Estruturalismo; Courtenay, embora menos conhecido que seu camarada genebrino, é igualmente considerado pelos estudiosos um dos pais do Estruturalismo (seus trabalhos foram estudados por Jakobson e Trubetzkoy, dois dos maiores expoentes do Círculo de Praga e do Estruturalismo), e o fundador da Fonologia Moderna. Dois artigos seminais acerca da Fonologia e do Fonema⁵³ foram publicados por Courtenay; a este é ainda creditada a invenção dos termos *morfema* e *grafema* (conceitos chave da Linguística que igualmente eram “*inexistentes*” até então). Em conjunto com Courtenay, temos ainda o papel preponderante de seu aluno, Kruszewsky, que em seu curto período de vida, trabalhou incessantemente sobre as unidades fonológicas e suas alternâncias regulares nas línguas modernas. Em sua ‘*Primeira Conferência na Universidade de Genebra*’, proferida em 1891, Saussure cita os nomes de Courtenay e Kruszewski entre “*aqueles que fazem avançar o conhecimento da linguagem*” (Saussure, 2004:129). Sabemos também que Saussure possuía em sua biblioteca uma cópia da obra de Kruszewski ‘*Sobre as Alternâncias Sonoras*’ (‘*Über die Lautabwechslung*’) também de 1881⁵⁴, onde, em uma nota de rodapé, figura aquela que é possivelmente a primeira definição impressa do fonema como conceito científico:

Eu proponho o termo *fonema* para designar a unidade fonética (isto é, aquilo que é foneticamente indivisível) em oposição ao termo *som*, o qual designaria a unidade antropofônica. A vantagem e a inevitabilidade de tal designação (e de tal conceito) são óbvias *a priori*. De maneira a tornar o termo ainda mais convincente, contudo, eu desejo demonstrar o seguinte: o correlativo do *i* grego (em *élipon* : *leípō*) será a sequência *ei*; o correlativo do *u* russo (em *smuščén’je* “*embaraço*” : *sm’at’én’je* “*confusão*” = *smuščénje* : *smjaténje*) fará par com a palatalização da consoante que o precede. O correspondente do *olo* russo será *lo* em polonês (cf. *golova* russo : *głowa* “*cabeça*”); da mesma forma o *ml’* russo : *m’* polonês (em russo *z’eml’já* : polonês *z’iem’ia* “*terra*”). A unidade fonética pode, portanto, ser igual *a mais que um som*, ou até mesmo *um único som em conjunto com uma qualidade* [aqui: a palatalização] *de outro som* (Kruszewski, 1999:14).

A definição elaborada por Kruszewski do fonema como unidade fonética substituta do som (um fenômeno antropofônico, isto é, físico) está de acordo com nossa ideia contemporânea

⁵³ Ver traduções destes artigos em anexo.

⁵⁴ Kruszewski, 1999:02.

do fonema como *uma unidade da cadeia da fala*; seus exemplos e sua definição do que compõe esta unidade apontam indubitavelmente para sua fonte (confirmada por Courtenay⁵⁵): o ‘*Mémoire*’ de Saussure. Não obstante o seu posicionamento morfo-fonético em relação ao fonema, a definição de Kruszewski está um passo adiante das obras comparativas da época, pois coloca lado a lado o estudo do grego, do russo e do polonês, ou seja, ele apóia sua hipótese na comparação de dados oferecidos por línguas modernas faladas e para tal, sugere o emprego de um novo termo, libertando-se, por assim dizer, do apego à letra.

Em nosso estudo acerca da *estrutura fônica* da língua, remontamos à antiguidade – desde a Índia Antiga passando pela Grécia Clássica – na procura das origens histórico-linguísticas da noção de uma unidade mínima dentro dos quadros desta estrutura, ou seja, viajamos no tempo em busca das origens do conceito do fonema. Neste capítulo estudaremos 1) o nascimento da ciência Linguística moderna; 2) em particular, a questão da estrutura fônica da língua e do fonema, e como eles estão relacionados com esta Linguística incipiente. Assim, nos transpomos da antiguidade clássica hindu e grega para a Europa do séc. XIX, na tentativa de compreender como se deu o salto do fonema *histórico* para o fonema *científico*. Ao iniciarmos o estudo desta passagem e do advento do fonema, da Fonologia e da Linguística modernas, encontramos o cenário acadêmico europeu (tanto no campo das ciências em geral, quanto da ciência da linguagem em particular) constituído em torno da *comparação* e da *reconstrução*. Este também é o século do estabelecimento de idéias revolucionárias como o darwinismo, a psicologia e a sociologia nos estudos universitários, ideias as quais imprimiram fortemente a sua marca nos estudos da linguagem⁵⁶.

2. *L’air du Temps*

O período da história das idéias linguísticas no séc. XIX foi marcado por uma profunda mudança no paradigma dos estudos linguísticos, da própria concepção de língua e da sua metodologia. Esta dissertação iniciou-se com o estudo do sânscrito e da ciência da linguagem hindu; ademais, dissemos acima que tanto Saussure quanto Courtenay eram professores de

⁵⁵ “[Kruszewski] propôs os termos “*correlativo*”, “*correspondente*” (...) e “*fonema*” (termo tomado emprestado de de Saussure, mas empregado com outro sentido) (Courtenay, 1963-I:126).

⁵⁶ Courtenay lista a psicologia e o darwinismo como dois dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento da Linguística moderna (Courtenay, 1963-II:04). Sem dúvida, a sua compreensão da língua como um fenômeno psíquico e social acima de tudo, tem por base estes dois campos de estudo que floresceram no séc. XIX.

sânscrito; para que possamos compreender o quadro dos estudos da linguagem de sua época, é preciso entender a importância desta língua para a metodologia científica europeia (e mundial) do séc. XIX; por exemplo, o ‘*Cours*’ nos diz que sem a descoberta do sânscrito, a ciência comparatista de Bopp, que dominou a linguística europeia na primeira metade do século, não teria sido possível (Saussure, 2009:08).

2.1 A Redescoberta do Sânscrito

O sânscrito (e obviamente os grandes expoentes da literatura hindu) fora “*redescoberto*” aos olhos e ouvidos ocidentais no séc. XVI, o século das explorações marítimas⁵⁷. Diversos viajantes, incluindo os exploradores e os padres jesuítas portugueses documentaram a semelhança da língua sagrada hindu com o grego, o latim e outras línguas europeias. Ao redor de 1580, o viajante italiano Filippo Sassetti, escreveu de Goa, na Índia a vários senhores florentinos dando-lhes notícia da língua dos gentios, o “*sanscruta*” (Sassetti, 1855:415 – CX). Segundo o italiano, esta língua, que parecia ser muito antiga, guardava muitas semelhanças com o vernáculo italiano falado à época e era aprendida pelos hindus como o grego e o latim entre os europeus:

Parece-me que podemos dizer que a enfermidade deste século é que em todas as partes do mundo as ciências sejam em língua diferente daquele que é falada; desta doença é acometida também esta gente toda, pois que é muito diferente a sua língua daquela da ciência, a qual, para aprender são necessários seis anos (...); mas estes têm a gramática e dela se servem. A língua em si é agradável e tem um belo som, devido aos seus muitos *elementos*⁵⁸, que chegam a 53 (...) os quais fazem nascer todos dos diferentes movimentos da boca e da língua. Eles traduzem na sua língua [o sânscrito] todos os nossos conceitos, e estimam que não podemos fazer o mesmo da sua língua para a nossa, pela falta de pelos menos metade dos elementos, se não mais. É bem verdade que proferir as suas palavras com o seu som e acento (ou seja, aquilo que querem dizer) traz muita dificuldade (...) (Sassetti, 1855:283 – LXXXVIII – meu grifo).

⁵⁷ “*Através das viagens, conquistas, do comércio e da colonização a partir do séc. XVI em diante, a Europa tomou conhecimento de uma ampla variedade de línguas. O conhecimento acerca de línguas da África, Ásia e da América tornou-se disponível sob a forma de lista de palavras, gramáticas, dicionários e textos religiosos, e tentativas de classificar estas línguas vieram a seguir*” (Campbell, 2003:85).

⁵⁸ Como vimos no Capítulo II, “*elementos*” aqui são os *elementos platônicos* do ‘*Crátilo*’, ou seja, de um ponto de vista significam os fonemas, de outro, as letras que os representam.

A partir do séc. XVII inicia-se um grande trabalho de pesquisa, compilação e decifração das línguas vernaculares hindus, do sânscrito e de sua vasta literatura. Cerca de duzentos anos após a notícia de Sasseti, em 1786, o orientalista inglês sir William Jones (1746-1794) lê um trabalho na Asiatic Society of Calcutta em que diz:

O sânscrito, seja qual for a sua antiguidade, é de uma estrutura maravilhosa; mais perfeito que o grego, mais copioso que o latim e mais elegantemente refinado que ambos, ainda que mantenha com as duas uma afinidade mais forte, tanto no que diz respeito aos verbos quanto nas formas da gramática, do que seria possível produzir por acidente; [uma afinidade] tão forte, realmente, que nenhum filólogo pode examinar as três, sem acreditar que tenham surgido de uma fonte comum, a qual, quiçá não mais existe: existe uma razão similar, embora não de tamanha força, para supor que tanto o gótico e o celta, embora misturados com um idioma muito diferente, tiveram como mesma origem o sânscrito; e o persa antigo pode ser adicionado à mesma família, se este fosse o lugar para discutir questões que concernem às antiguidades da Pérsia. Os caracteres, nos quais a língua da Índia fora originalmente escrita, são chamados “*Nágarī*”, de “*Nagara*”, (“*cidade*”), em conjunto com a palavra “*Deva*”, que por vezes lhe é prefixada, pois eles crêem ter sido instruídos pela própria *Divindade*, a qual lhes prescreveu a ordem artificial em uma voz vinda do céu (Jones, 1786 – meu grifo)⁵⁹.

Relembrando o nosso estudo do Capítulo I, é interessante notar que sir William Jones, o qual viveu e estudou na Índia, fala dos caracteres da escrita *devanāgarī*, já há alguns séculos em pleno uso como veículo escrito do sânscrito (embora ainda persistisse a tradição védica oral).

A partir de então, o estudo da linguagem ocidental passou a desenvolver gradualmente as duas tendências metodológicas que iriam finalmente definir a abordagem linguística mais proeminente do início do séc. XIX: a *comparação* e a *genética* das línguas.

Em 1805 o orientalista e matemático inglês Colebrook (1765-1837) publica a ‘*Sanskrit Grammar*’, uma gramática científica baseada no modelo de Pāṇini; em 1808 Friedrich von

⁵⁹ Também enfatizamos que Jones não foi o primeiro a estudar o parentesco do sânscrito com outros idiomas (antigos e modernos); por esta época, os “*jesuítas portugueses e alguns franciscanos já há muito [desde 1548] laboravam na aprendizagem das línguas vernáculas e nas traduções do sânscrito e do malabar ao português e vice-versa*” e “*podemos mesmo tirar a evidência que os padres portugueses já tinham adquirido a prática de falar e pregar nas línguas locais antes de Sasseti ter ali chegado*” (Calazans, 2010:26/27). Segundo Calazans, os padres aprenderam inicialmente a falar o concani, um vernáculo falado que se aproxima do sânscrito clássico, e logo em seguida, foi-lhes mais fácil assimilar o sânscrito. Não obstante, é a Jones (um juiz de Direito e estudioso dos códigos de leis hindus, escritos em sânscrito, fundador das Sociedades Asiáticas de Calcutá e Bengala e autor de inúmeras publicações) que normalmente se credita a difusão da idéia do parentesco do grupo das línguas indo-européias, que é portanto considerado o fundador da Filologia comparatista. Há, no entanto, publicações anteriores que relatam o parentesco genético das línguas orientais como o persa e o sânscrito com as línguas clássicas, como por exemplo o trabalho do autor Andreas Jäger, já em 1686 (Campbell, 2003:88)

Schlegel (1772-1829) publica o seu ‘*Über die Sprache und Weisheit der Indier*’ (‘*Acerca da Língua e da Sabedoria dos Hindus*’), e finalmente, em 1816, o alemão Franz Bopp (1791-1867), após 4 anos de estudo da língua sânscrita e do persa na Biblioteca Nacional de Paris, lança a sua obra ‘*Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprachen*’ (‘*Acerca do Sistema de Conjugação do Sânscrito em Comparação com as Línguas Grega, Latina, Persa e Germânica*’); segundo Joseph (2012:84), esta obra “*revolucionou o estudo da língua tanto quanto o ‘Cours’ de Saussure*” (publicado cem anos mais tarde). Nela, Bopp estuda em detalhe o particular sistema de conjugação verbal destas línguas; em pouco tempo, a Linguística Comparatista de Bopp e sua escola domina as grandes universidades européias. Já em 1818 corre a notícia dos primeiros cursos de sânscrito nas universidades alemãs (Fonseca e Ferreira, 1987:69) e o parentesco do sânscrito com o grego e o latim, além do persa antigo e das línguas do ramo eslavo, passa a ser estudado ao redor do mundo, na busca das raízes indo-européias entre todas estas línguas; inicia-se o exaustivo trabalho de compilar e contrastar dados destas comparações na tentativa de reconstruir uma proto-língua, o ancestral perdido das línguas indo-européias, que chamamos comumente de Proto Indo Europeu (doravante PIE); esta é tendência “*genética*” na Linguística. Entre 1833-1852 Bopp (então professor de Sânscrito e Linguística Comparada na Universidade de Berlim) pública o paragon entre todas estas línguas, fruto de anos de pesquisa: o ‘*Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Armenischen, Griechischen, Lateinischen, Litauischen, Altslawischen, Gotischen und Deutschen*’ (‘*Gramática Comparada do Sânscrito, Zend, Armeno, Grego, Latim, Lituano, Eslavo Antigo, Gótico e do Alemão*’). Assim teve início a escola da Gramática Histórico-Comparativa⁶⁰, cujos princípios metodológicos e objetivos permaneceriam como o modelo da pesquisa linguística até meados de 1870. O advento do sânscrito ao posto central que ele passa a ocupar a partir de Bopp marca, além disso, a substituição da tríade de línguas sagradas (hebraico, grego e latim) por uma nova tríade

⁶⁰ É bem verdade que a Gramática Comparativa de Bopp e a Gramática Histórica de Grimm representam duas tendências diferentes da mesma escola: “*Em conjunto com a gramática comparativa desenvolveu-se a gramática “histórica”, que compunha dos monumentos da língua seu material, o qual ela arranhou de acordo com o desenvolvimento ininterrupto e gradual da língua. Jakob Grimm deve ser considerado o fundador da gramática histórica, em seu entendimento mais elevado, no campo das línguas germânicas (1819)*” (Courtenay, 1963 – II:05). No entanto, neste trabalho, consideraremos as duas sempre em conjunto, pois o estudo detalhado destas tendências está além do escopo da presente dissertação. Para um estudo mais aprofundado do assunto, ver Joseph (2012), Campbell (2003).

(sânscrito, grego e latim), fato que está ligado à fundamentação da noção européia de nação (o estudo da formação das línguas e povos Indo-arianos, ou Indo-europeus) (Joseph, 2012:84).⁶¹

2.2 A Ciência Comparatista das Línguas: Comparação e Reconstrução

Mas, o que era exatamente a Ciência Comparativa da Linguagem? Por mais de 50 anos (após a publicação do compendio de Bopp acerca dos sistemas verbais comparados em 1816) os estudiosos compilaram um grande número de gramáticas das línguas indo-européias e traçaram comparações por meio destas entre as línguas orientais (como o sânscrito, o persa antigo e o armeno) e as línguas clássicas: “(...) *de um feixe de línguas aparentadas, como o grego, o latim, o antigo eslavo, etc. pôde-se, por comparação, tirar os elementos primitivos comuns que contêm, e reconstruir o essencial da língua indo-européia, tal como existia antes de diferenciar-se no espaço*” (Saussure, 2009:248). Assim constituiu-se o método comparativo e a sua Escola; sistematizou-se a Linguística Indo-européia, o que representou um avanço em termos de ideias linguísticas: “*esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas de uma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito*” (Saussure, 2009:08). No entanto, até aproximadamente 1870, a Gramática Comparativa contentou-se tão somente com a compilação de grande quantidade de material gramático e sua comparação, mas “*não chegou a constituir a verdadeira ciência da Linguística*”, uma vez que “*jamais se preocupou em determinar a natureza de seu objeto de estudo*”, ou ainda, “*foi exclusivamente comparativa, em vez de histórica*” (Saussure, 2009:10).

Aqui, dois pontos devem ser analisados quanto à questão do método comparativo de Bopp, para que possamos abordar o problema da estrutura fônica da língua: 1) qual a verdadeira importância do sânscrito para os estudos da linguagem da época, e 2) qual a sua relação com o advento da teoria do fonema. O ‘*Cours*’ (Introdução – Capítulo I) nos explica que “*não se pode estabelecer a forma primitiva de um signo único e isolado, ao passo que dois signos diferentes, mas da mesma origem, como o latim pater, o sânscrito pitar, ou o radical do latim ger-ō e o de*

⁶¹ Embora a “*Linguística*” da primeira metade do séc. XIX pesquisasse primordialmente as línguas indo-européias, havia igualmente um ramo desta escola – menos predominante, de fato – que buscava o parentesco destas línguas com línguas externas a este filo linguístico: Bopp estudou as relações do indo-europeu com o kartvélico, com o malaio-polinésio. Wilhelm van Humboldt estudou a língua polinésia kavi, e Graziardo Ascoli afirmava que o filo indo-europeu e o semítico eram relacionados (Bomhard, 1999:101). Como podemos ver, não obstante, o centro funcional das pesquisas linguísticas do séc. XIX era o estudo do indo-europeu, e principalmente, do sânscrito.

ges-tus, deixam já entrever, por via de sua comparação a unidade diacrônica que os vincula (...)” (Saussure, 2004:248). Por conseguinte, a resposta à primeira questão é: o sânscrito foi particularmente importante para a Gramática Comparativa por permitir o estabelecimento de um novo parâmetro, muito rico no sentido da comparação (em conjunto com o grego e o latim), o que possibilitou a reconstrução de uma hipotética *língua mãe* dos idiomas indo-europeus, o PIE; isto, por sua vez, permitiu um maior esclarecimento das relações entre os diferentes ramos originados pelo PIE, entre eles, a proximidade da família indo-européia e indo-ariana dos idiomas indo-iranianos, isto é, do ramo oriental do PIE, como o armeno, e línguas há muito extintas, como o hitita.

Quanto à questão do fonema, consideremos, primeiramente, o paradigma de dois substantivos cognatos, *genus* (em latim) e γένος (em grego)⁶²:

	Grego		Latim		Sânscrito	
Nom.	γένος	γένεα	<i>genus</i>	<i>genera</i>	<i>jánas</i>	<i>jánāmsi</i>
Gen.	γένεος	γενέων	<i>generis</i>	<i>generum</i>	<i>jánasas</i>	<i>jánasām</i>
Dat.	γένεϊ	γένεσι	<i>generi</i>	<i>generibus</i>	<i>jánase</i>	<i>jánobhyas</i>
Ac.	γένος	γένεα	<i>genus</i>	<i>genera</i>	<i>jánas</i>	<i>jánāmsi</i>
Abl.			<i>genere</i>	<i>generibus</i>	<i>jánasas</i>	<i>jánobhyas</i>
Inst.					<i>jánasā</i>	<i>jánobhis</i>
Loc.					<i>jánasi</i>	<i>jánaḥsu</i>
Voc.	γένος	γένεα	<i>genus</i>	<i>genera</i>	<i>jánas</i>	<i>jánāmsi</i>

Fig.1 – Paradigma Greco-latino e sânscrito dos substantivos γένος/*genus*/*jánas*

Comparadas as formas Greco-latinas, percebemos imediatamente sua óbvia semelhança. Contudo, observamos que com a introdução do terceiro paradigma em sânscrito (sobre o qual Saussure frisa: “*admitindo provisoriamente que janas represente a forma primitiva*”) conclui-se que “*um s deve ter desaparecido nas formas gregas géne(s)os etc., cada vez que ele se achasse colocado entre duas vogais*” (Saussure, 2009:09). Saussure conclui, igualmente, que no paradigma latino, o *s* transformou-se em *r*. O ‘*Cours*’ enfatiza ainda que o sânscrito “*está em*

⁶² Ancestrais das formas modernas *gens* (francês), *gente* (português), *gentleman* (em inglês).

condições excepcionalmente favoráveis de aclarar semelhante comparação [como terceiro testemunho ao lado do grego e do latim]”, mas que, por outro lado, “*transtornou completamente o sistema vocálico* [dos idiomas indo-europeus]” (Saussure, 2009:09); a questão do vocalismo indo-europeu é bastante relevante para o presente estudo. Podemos ainda aproximar as formas do dativo e do ablativo plural latinos de seus equivalentes em sânscrito, *generibus* e *jánobhyas*, as quais guardam grande semelhança no que toca as suas terminações (e tão dessemelhantes do dativo grego γένεσι).

Portanto, a resposta à segunda questão é: as comparações entre as línguas parentes, enriquecidas pelo novo parâmetro representado pelo sânscrito, possibilitaram aos linguistas não apenas um grande conhecimento de sua “*macro-estrutura*”, representada pelos sistemas verbais e questões de sintaxe, mas igualmente da “*micro-estrutura*” (seus sistemas fonológicos, suas unidades fonológicas e a sua relação com questões morfológicas). Desta forma, tornou-se possível a reconstrução da proto língua (o PIE), *elemento por elemento*; o nascimento do conceito do fonema jaz na percepção muito apropriada que tais elementos não são compostos pelo som material apenas, ou tampouco a letra que os representa, mas que se trata de elementos de um código, de um sistema: os sons da língua, além de um fenômeno físico, são sons representativos, ou seja, são *sons semânticos* (φωνή σημαντική), como descritos por Aristóteles (ver Capítulo II – Introdução). Acerca da *essência dual* da língua, diz Saussure no Caderno III do ‘*Phonétique*’:

A linguagem se compõe de um sistema de oposições acústicas e mesmo o prolongamento de um elemento não existe para auxiliar a caracterizar um conjunto de sons, uma palavra, mas sim para fornecer um elemento de oposição a mais (...) (Saussure, 1995:91 – 7r).

Ou ainda, no manuscrito ‘*De la Double Essence du Langage*’:

A presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa a primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável, do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS E RELATIVAS que criam um estado de língua (Saussure, 2004:27).

Graças ao conhecimento do sânscrito (e do zend-avestan e do persa antigo, que fazem parte do ramo indo-iraniano) adicionado como terceiro (ou quarto) elemento às comparações

entre os ramos greco-latino e o eslavo, por exemplo, foram explicados inúmeros casos da intrincada alternância *vogal-consoante* nos sufixos dos casos (as línguas indo-europeias antigas são línguas flexionais). Um exemplo é a terminação do acusativo singular grego em **α**, como em ἄνῆρ : ἄνδρ**α** (nos temas sincopados em consoante líquida), que difere do acusativo em **v** de ἄνθρωπος : ἄνθρωπ**ον**, mas pode ser aproximado ao acusativo masculino em **a** do russo (человек : человека). Equivalente ao grego ἄνθρωπ**ον** é o acusativo latino em **m** – *homo* : *hominem*, mas que por sua vez, difere da terminação do acusativo russo. Esta alternância (**α** : **v** : **a** : **m**) foi elucidada com a teoria das *soantes* do indo-europeu⁶³, avançada em Leipzig inicialmente por Brugmann e Osthoff, e finalmente definida de forma magistral por Saussure em seu ‘*Mémoire*’; trata-se de um exemplo da estreita relação *fonema-morfema*, ou seja, da relação *som x sentido*. A teoria foi comprovada com base no testemunho das terminações do sânscrito – a única língua do ramo indo-europeu a manter as soantes líquidas e nasais (**r ! m n**) no repertório de vogais. Trataremos das *soantes* mais adiante; basta por hora compreendermos que o sânscrito, dado o seu *status* de língua mais antiga do ramo indo-europeu, foi um valioso novo elemento nas comparações, possibilitando uma espécie de *análise microscópica da língua*, totalmente nova até então. Tal forma de análise engendrou 1) um grande conhecimento do funcionamento dos sistemas de cada língua do ramo indo-europeu em particular e de sua história, principalmente no que concerne as transformações linguísticas ao longo dos séculos; e 2) uma compreensão cada vez maior da língua como um fenômeno tanto psíquico quanto físico. Desta última, decorreu que a língua começou a ser abordada de diferentes *pontos de vista*, sendo os principais o seu aspecto mental-social e seu aspecto articulatorio-individual. Finalmente, podemos acrescentar que além dos dados essenciais para as comparações e reconstruções da família das línguas indo-européias, o domínio do sânscrito trouxe à luz da ciência um grande número de trabalhos científicos escritos nesta língua, e como vimos no Cap. I desta dissertação, um grande número destes trabalhos era dedicado à gramática e a ciência linguística, e em particular à Fonética articulatória. Entre esses, incluímos os inúmeros tratados de Fonética e Fonologia, traduzidos por sábios como Whitney, um linguista que exerceu grande influência sobre Saussure e sobre os círculos neogramáticos em

⁶³ De fato, nos diz o ‘*Cours*’: “*Outras vezes, é a desinência que se cinde em duas. O indo-europeu caracterizava todos os acusativos singulares por um mesmo final –m (*ek₁wom, *owim, *podm, *māterm etc). Em latim, não ocorreu nenhuma mudança radical neste particular; mas em grego o tratamento muito diferente da nasal soante e consoante criou duas séries distintas de formas: híppon, ó(w)in : poda, mātera*” (Saussure, 2009:179). Esta correspondência é confirmada por Andrew Sihler: “*O acusativo sg. em substantivos masculinos e femininos é marcado por *m (o qual é automaticamente *m após uma consoante)*” (Sihler, 1995:250) e ainda, acerca da alternância regular entre ***m** e **α**: “*PIE *dék_{mt} “dez” > G δέκα, L decem : Véd. dáśa*” (Sihler, 1995:96).

Leipzig. O conhecimento da existência das unidades mínimas fonológicas – por meio da teoria dos alfabetos grego e latino – acrescido do paradoxo *akṣara x varṇa* presente nos trabalhos hindus certamente influenciou nas primeiras hipóteses acerca das consoantes e das vogais das línguas indo-européias, e por conseguinte, acerca do fonema como uma subdivisão da sílaba, ou seja, como unidade mínima da cadeia da fala. Assim, em uma lista de fatores que contribuíram para o desenvolvimento da Linguística moderna, Baudouin de Courtenay cita “*a familiarização com as teorias dos gramáticos Hindus*”, as quais “*aumentaram a nossa compreensão das nuances fonéticas e a habilidade de analisar e segmentar as palavras em suas partes constituintes*”. Ele considera, acerca da Gramática Comparatista do séc. XIX que “*seu método proveio dos gramáticos hindus, com quem os comparatistas aprenderam a análise da língua e a divisão das palavras em elementos constituintes*”, o que levou a compilação dos “*dicionários comparativos*” em diversas línguas (Courtenay, 1963 – II:04).

2.3 O Consonantismo Indo-europeu e as Leis de Grimm, Grassmann e Verner

Um ponto importante acerca do método comparativo, desta forma, concerne às alternâncias consonantais dentro do quadro das línguas indo-européias. Já na época em que Saussure estudou em Leipzig, sabia-se que dentro deste quadro (incluindo-se aí línguas como o gótico e o inglês antigo) as consoantes mudam de acordo com um padrão, o qual poderia ser traçado partindo-se das formas reconstruídas do PIE.

Este padrão foi estudado e descrito por três leis linguísticas conhecidas como a *lei de Grimm* (1822), a *lei de Grassmann* (1862) e a *lei de Verner* (1877)⁶⁴; estas três leis foram essenciais para o desenvolvimento dos estudos comparatistas pois, entre si, resolveram os casos das alternâncias consonantais nas línguas indo-européias, tomando como partida formas reconstruídas do PIE. Inicialmente, Grimm reconheceu a importância das alternâncias sonoras dentro do grupo de línguas parentes do indo-germânico; sua lei, também chamada de “*primeira mudança consonantal germânica*” explica as “*diferenças notáveis entre as oclusivas e as*

⁶⁴ Elaboradas, respectivamente, por Jacob Grimm (1785–1863), Hermann Grassmann (1809-1877), Karl Verner (1846-1896).

fricativas do grego e do latim e as consoantes cognatas nas línguas germânicas” (Sihler, 1995:144), com a alternância **p-f** (em posição inicial ou inter vocálica):

- PIE ***p**H₂tér > Ved. *pitṛ* : G *πατήρ*, L *pater*, OE *fæder*, IM *father*
- PIE **apo* “para longe” > Ved. *ápa* : G *ἀπό*, L *ap* em *aperiō* “abrir”, Go. *af*, IA/IM *of* (Sihler, 1995:145).

Assim, a lei de Grimm explica a seguinte transição:

- **p, t, k** PIE transformam-se em **f, θ, h** germânicos

Esta lei não resolvia todos os casos, contudo, deixando certo número de exceções, nas quais não se observavam as transformações prescritas. Os casos envolvendo a alternância entre consoantes aspiradas e não aspiradas no grego e no sânscrito foram explicados pela lei de Grassmann; “*oclusivas aspiradas sonoras em sílabas sucessivas eram comuns nas reconstruções do PIE, mas no grego (e também no índico) tais sequências virtualmente desapareciam, por meio da dissimilação: quase invariavelmente a primeira aspirada se torna uma oclusiva simples*” (Sihler, 1995:142). Assim, temos:

- PIE ***b^hewd^h** “tomar consciência” > Ved. *bód^hati* : G *πεύθομαι*⁶⁵, IA *béodan* “acordar-se” (IM to *bid* = “oferecer”, *forebode* “presságio”)

A lei de Grassmann, portanto, explica esta alternância:

- **bh, dh, gh** em PIE transformam-se em **b, d, g** em sânscrito e grego.

Finalmente, os casos (no indo-germânico) em que **p t k** não se transformavam em **f θ h** e sim **b, d** [ou **ð**] **g** (isto é, não seguiam a lei de Grimm) foram explicados pela lei de Verner: “*nos casos [em PIE] em que p t k são precedidos por uma vogal não tônica e seguidos por uma tônica,*

⁶⁵ “Forma épica de *πυνθάομαι* (Homero, Od. III.87): “descobrir, perguntar, inquirir, investigar” (Beekes, 2010:1258).

a consoante não estará sujeita à lei de Grimm”, ou seja, *p t k* não se transformam em *f θ h* [não sonoras] e sim nas sonoras *b, d* [ou *ð*] *g*. Isto explica porque na palavra inglesa moderna *father*, por exemplo, o *th* é sonoro (/ð/) e não mudo (/θ/), como prescreve a lei de Grimm: trata-se de um caso onde houve uma transição do acento indo-europeu da segunda sílaba (*patēr*) para a primeira nas línguas germânicas (por exemplo, no inglês *fáther* “pai”); o primeiro desenvolvimento no caso do inglês moderno foi a sonorização de *t* em *d*, e depois a passagem para o *ð* (Joseph, 2012:96/97).

O estudo detalhado destas leis está, infelizmente, além do escopo da presente dissertação; a sua importância para nosso estudo, não obstante, jaz no fato de que foi através delas que se deu início ao estudo científico da *influência do ambiente fonético* (ou dos *sons circundantes* ao fonema, como na lei de Grassmann) e da *influência da acentuação e da tônica*, como na lei de Verner (Joseph, 2012:97), que seria mais tarde explorada por Saussure em seus trabalhos sobre a acentuação do lituano⁶⁶. Estas são questões de grande relevância para a Linguística e a Fonologia, pois aliam questões fonológicas, morfológicas e de acentuação, que pertencem a ambas⁶⁷.

⁶⁶ Saussure, na realidade, se opunha à formulação da lei de Verner: “Essa fórmula atribui o papel ativo ao acento e introduz uma cláusula restritiva para o *þ* inicial. Em realidade o fenômeno é muito diferente: em germânico, como em latim, *þ* [fricativa interdental surda] tendia a sonorizar-se espontaneamente no interior da palavra; somente o acento colocado na vogal precedente o pode impedir (...) o acento é um obstáculo, em vez de ser a causa provocadora” (Saussure, 2009:169).

⁶⁷ Por exemplo, em 1899, Courtenay escreveu: “Uma parte muito importante da Fonética Geral é a ciência da acentuação (*ударение*) e seu número incomensurável de variedades formativas. Esta [ciência] concerne à relação da acentuação com: cada parte separada da palavra (tanto as partes pronunciadas quanto as partes semânticas); as combinações de sons e as proposições completas; e a sua influência sobre a natureza dos sons, etc.” (Courtenay, 1963-I:357 – ver Anexo III da presente dissertação, p. 171).

Português	Sânscrito	Grego	Latim	Russo moderno
<i>trans-firo</i>	<i>b^hárami</i>	φέρω	<i>ferō</i>	<i>беры́</i>
<i>trans-feres</i>	<i>b^háراسi</i>	φέρεις	<i>fers</i>	<i>берёшь</i>
<i>trans-ferre</i>	<i>b^háراتi</i>	φέρει	<i>fert</i>	<i>берёт</i>
<i>trans-ferimos</i>	<i>b^háramas</i>	φέρουμεν	<i>ferimus</i>	<i>берём</i>
<i>trans-feris</i>	<i>b^háрата</i>	φέρετε	<i>fertis</i>	<i>берёте</i>
<i>trans-ferem</i>	<i>b^háραντι</i>	φέρουσι(v)	<i>ferunt</i>	<i>беры́т</i>

Fig. 2 – Tabela comparativa dos verbos oriundos da raiz PIE **b^her* (“trazer, carregar, levar, pegar”) em português (*transferir*), sânscrito (*bhárati*), grego (φέρω), latim (*fero*) e russo (*берать*). Nesta tabela, podemos observar a alternância regular entre os fonemas iniciais aspirados (representados pelas letras *b^h* e *φ* [*p^h*]) e os fonemas /*f*/ e /*b*/ (adaptado de Störig, 90:42, Beekes, 2010:1563 e Castro, 2005:114), além da questão da *mudança da tônica*.

2.4 A Questão do Vocalismo Indo-europeu

Apesar do esclarecimento do funcionamento das alternâncias consonantais propiciado pelas leis de Grimm, Grassmann e Verner, a alternância das vogais dentro do mesmo grupo de línguas era um assunto mais complicado. À primeira vista (como podemos observar nos exemplos dados na seção anterior), havia uma alternância regular. Na tabela da fig. 2 acima, por exemplo, se nos fixarmos na vogal da sílaba radical, percebemos que onde o sânscrito mostra um *a* regular ao longo de toda a conjugação, o latim, o grego e o russo mostram *e*. Estas são variações encontradas na comparação entre línguas parentes; podemos ainda, observar este fenômeno, chamado *Ablaut* (a alternância vocálica, conforme definida por Grimm⁶⁸), nas alternâncias greco-latinas entre verbo e substantivo:

⁶⁸ Segundo Bassetto (2010:53) “Alternância ou *Ablaut* (“desvio de som”), termo criado por Jacob Grimm, também denominada *apofonia*, é definida por Hans Krahe como a “alteração normal, herdada da língua comum, de determinadas vogais, em partes fixas, etimologicamente idênticas, de uma mesma palavra” (Linguística Indoeuropeia, p.72). São exemplos de alternância o gr. λείπω λέλοιπα ἔλιπον; lat. *fidus, foedus, fides*; al. *sing, sang, gesungen*; ingl. *sing sang sung*. Em geral, os indoeuropeístas atribuem o fenômeno da alternância ao acento apenas, sem relacioná-lo especificamente com questões morfológicas ou semânticas, como faz Trubetzkoy, por exemplo,

- G *leípo* – *tá loípa* > “deixo (abandono) – o resto”
- G *légo* – *ho lógos* > “falo – o discurso”
- G *pémpo* – *he pompé* > “envio – a procissão”
- L *tegō* – *toga* > “cubro – a toga”

Se as alternâncias vocálicas nestes exemplos parecem seguir um padrão bem estabelecido, isto se dá por tratar-se de uma alternância dentro da mesma língua (isto é, dentro do quadro do grego, ou dentro do quadro do latim). Ao observarmos um quadro mais amplo, incluindo mais línguas parentes, as alternâncias ocorrem de uma forma mais complexa:

Sânscrito	Grego ático	Latim	Francês	Inglês	Alemão	Russo	Português
<i>mātár</i>	μήτηρ	<i>māter</i>	<i>mère</i>	<i>mother</i>	<i>Mutter</i>	<i>мамь</i>	<i>mãe</i>

Fig. 3 – Tabela comparativa da palavra “*mãe*” em diferentes idiomas do ramo indo-europeu. Observa-se bem a questão do vocalismo difuso, além da alternância entre vogais longas e breves (adaptado de Störig, 1990:42, Beekes, 2010:948).

Esta questão acerca do estudo das alternâncias vocálicas do indo-europeu deve ser examinada com cuidado, por diferentes razões: 1) a alternância vocálica no modelo do *guṇa* (*a e o*) e *vṛddhi* (*ā ai au*) sânscrito, que é uma marca típica das línguas indo-européias, determina nuances de sentido e função no sistema de casos dos substantivos e no sistema verbal destas línguas, como nos exemplos acima, ou nas formas *write-wrote-written*⁶⁹ do inglês moderno; 2) este debate estava em grande voga nas universidades européias – em particular na Universidade de Leipzig – no curso dos 1870. Tais debates acerca do vocalismo das línguas indo-européias marcam uma nascente distinção entre os estudos comparatistas-históricos (que se ocupavam primordialmente dos sistemas gramaticais como um todo, sobretudo o paradigma verbal, entre as línguas parentes) e os estudos do chamado grupo dos Neogramáticos (que estudavam primordialmente as leis que regiam as alternâncias sonoras, de caráter mais morfo-fonológico). Isto explica, por um lado, a preocupação do jovem Saussure e de Courtenay com o assunto: em

para quem a alternância se prende a distinções gramaticais, tais como número, gênero, tempos e modos verbais, etc. (morfologia)”.

⁶⁹ Observe-se o *r* semi-vocálico (*ri, ro*), cognato do *ṛ* vocálico do sânscrito.

1877 o primeiro publicaria um artigo intitulado ‘*Essai d’une distinction des différents “a” Indo-européens*’, além do conhecido ‘*Mémoire*’ de 1878, enquanto Courtenay e Kruszewski publicam uma série de trabalhos fundadores de morfo-fonologia, os quais tratam justamente das alternâncias sonoras e do fenômeno linguístico conhecido como *analogia*. Finalmente, o terceiro ponto é que debates deste tipo, que concernem à morfologia e à fonologia de línguas antigas – ainda que não se possa abstrair totalmente a forte influência das línguas européias modernas, nas quais ainda se percebem os ecos distantes da influência genética do védico, do grego e do latim (como vimos nos exemplos em francês, inglês e português acima) – estabeleceram as bases científicas da Morfologia e da Fonologia modernas.

A questão do sistema primitivo de vogais seria fundamental para o desenvolvimento dos estudos linguísticos iniciais do jovem Saussure. A primeira parte do ‘*Mémoire*’ (de que trataremos em detalhe numa seção a seguir) trata do quadro de diferentes hipóteses propostas para um sistema vocálico do PIE; embora os detalhes deste tema estejam além do escopo do presente estudo, uma visão resumida é necessária para o estabelecimento ulterior da questão do fonema. Vejamos então.

No séc. XIX, os estudiosos acreditavam, baseados nas hipóteses de Grimm, que o PIE tinha um sistema com apenas três vogais *a i u*; Grimm havia fundamentado esta teoria com a observação do sistema vocálico do sânscrito védico, e do gótico, que partilhavam das mesmas três vogais. Como as vogais *e o* em sânscrito eram consideradas *ditongos* (isto é, as formas *guṇa* dos ditongos *ai au*), isto significava que o sistema vocálico destas línguas era comparativamente mais simples que os sistemas do grego (com sete vogais) e do latim (com suas cinco vogais – dez se contarmos as formas breves e longas) (Joseph, 2012:89; Bassetto, 2010:20). Bopp demonstrou que onde as línguas européias apresentavam *a e o* regularmente, as línguas orientais mostravam *a* (por exemplo, sânscrito *pada*, grego *πούς, ποδός*, latim *pēs*, inglês *foot*); isto o levou a crer que *e o* greco-latinos haviam surgido a partir de um mesmo *a* PIE, ou seja, onde as raízes reconstruídas tinham *a*, o latim e o grego mostrariam *e o* (Joseph, 2012:90). As suspeitas de Bopp não eram desprovidas de peso, pois eram baseadas na observação da alternância vocálica da raiz do verbo grego (primordialmente em *α ε ω*), como nos exemplos *δέρκομαι* (“olhar”) *δέδορκα* (perfeito) e *ἔδράκην* (aoristo) (ver Fig.1, seção 2.3, Capítulo II). Georg Curtius (1820-1885), por sua vez, demonstrou na Universidade de Leipzig, que entre o período onde havia apenas um povo falante de uma única língua mãe (o PIE) e o período histórico em que esta língua mãe se fragmentou nas

línguas filhas indo-européias, hipoteticamente houvera um período intermediário, quando ocorrera uma primeira separação do PIE em duas grandes famílias, a saber, o grupo Asiático (sânscrito, zend e persa antigo) e o grupo Europeu (grego, latim, germânico e o eslavo). Curtius formou esta hipótese e teorizou que durante “*este período, uma parte dos a [da língua mãe] havia – sob o efeito de uma influência desconhecida – sofrido um enfraquecimento tornando-se e*” [nas línguas européias]; mais tarde, ocorrera uma “*segunda cisão do a que produziu o*” [igualmente das línguas européias] (Saussure, 1879:02). Tal constatação de Curtius pode ser exemplificada pela comparação dos substantivos com tema em *a* em sânscrito, que equivalem ao tema em *o* em grego e em latim (*aśvas* = ἵππος = *equus*).

Em 1861, August Schleicher (1821-1868) teceu a hipótese dos três *graus vocálicos* (como o *gūṇa* e o *vṛddhi* sânscritos) que fortaleciam o *a* do Indo-europeu, da seguinte forma: *a aa āa*. Este sistema contemplava apenas o Indo-europeu, e deixava de lado as evoluções deste *a* nas línguas européias. Finalmente, em 1871, o germanista Arthur Amelung procurou explicar o sistema de Schleicher levando em conta a constatação de Curtius acerca do *e* das línguas européias: “*tal e é, aos seus olhos, o único representante normal do a não reforçado*” (Saussure, 1878:04). O *a* de Amelung compreende também *o*, para as línguas européias; Amelung os designa por *ā*; quanto ao segundo reforço de Schleicher (*āa*), Amelung utiliza *â*, equivalendo-o ao *a* longo das línguas européias.

Como vemos nos esquemas acima, a teorização fora levada a um nível de tal abstração (considerado “*algébrico*” por muitos cientistas), que configurava uma maneira verdadeiramente nova de pensar a Linguística:

Isto tornou possível e exigiu ao mesmo tempo uma nova maneira de pensar, na qual a língua mãe poderia ser imaginada em uma forma que não havia sido atestada em nenhuma das línguas filhas; *a evidência era algébrica* em vez de textual, e os princípios abstratos e idealistas, em vez de fundamentados na observação. Não era uma mudança que a geração mais antiga já estabelecida de linguistas estava pronta para realizar. Mas ela desencadeou uma súbita erupção de *insights* em alguns estudiosos. O epicentro foi a Universidade de Leipzig e o ano em que ocorreu foi 1876, precisamente quando o jovem Ferdinand de Saussure lá chegou para realizar seus primeiros estudos formais de Linguística (Joseph, 2012:97 – meu grifo).

Com o surgimento da escola dos Neogramáticos em Leipzig, e principalmente, com a disseminação do trabalho do jovem Saussure acerca do sistema primitivo das vogais, a

Linguística pouco a pouco tomaria a sua forma de ciência moderna; não esqueçamos que com o trabalho de Courtenay, a Fonologia seria alçada ao nível de ciência de plenos direitos. Da criação destas novas maneiras de pensar, que consolidaram uma nova Ciência da Língua, decorre a consequência quase óbvia: esta nova ciência requeria um novo aparato terminológico; assim gradualmente surgiram muitos dos conceitos sem os quais a Linguística como a entendemos modernamente seria impensável.

2.5 A Crítica ao Modelo Comparatista

Saussure, Courtenay e Kruszewski teceram inúmeras críticas ao modelo da ciência comparatista da língua. Iniciamos com a questão da primazia do sânscrito como protótipo do PIE; é importante ressaltar que embora Saussure concedesse ao sânscrito a sua devida importância no quadro comparatista, ele discordava do “*papel exagerado e quase exclusivo*” que lhe fora atribuído:

(...) como se trata do mais antigo documento do indo-europeu, tal documento foi promovido à dignidade de protótipo. Uma coisa é supor o indo-europeu engendrando o sânscrito, o grego, o eslavo, o céltico, o itálico, e outra é colocar uma dessas línguas no lugar do indo-europeu. É claro que tal hipótese nunca foi formulada tão categoricamente quanto acabamos de fazê-lo, mas na prática ela era tacitamente admitida (Saussure, 2009:251)⁷⁰.

Encontramos um eco às palavras de Saussure no trabalho de Courtenay:

“(...) a linguística livrou-se da noção que o sânscrito constituía a proto língua dos indo-europeus, ou que o antigo eslavo eclesiástico foi a proto língua dos eslavos; foi compreendido que as proto línguas destas famílias linguísticas e destes povos não puderam ser preservadas devido às mudanças em diversas direções” (Stankiewicz, 1972:241).

Courtenay – professor de sânscrito, assim como Saussure – por um lado, louvava a “*ciência extraordinariamente refinada*” dos gramáticos hindus, e por outro, censurava-lhes a falta

⁷⁰ O indo-europeu da época de Saussure é equivalente ao Proto Indo Europeu (PIE) moderno. Quanto ao papel de protótipo, diz Andrew Sihler: “*O índico, o iraniano e o dárdico são línguas descendentes do Proto-Indo-Iraniano. As formas mais antigas destas línguas figuram entre as mais importantes fontes de informação acerca do PIE, e de fato foram um tanto superestimadas neste respeito – nos primeiros anos dos estudos IE, o sânscrito era considerado nada menos que um dialeto do PIE*” (Sihler, 1995:02).

do “*espírito histórico*” nos estudos linguísticos. Segundo ele as noções de *guṇa* e *vṛddhi* dos gramáticos do sânscrito, “*as quais entraram nos estudos da gramática comparatista européia com o nome de ablaut*”, foram muito bem desenvolvidas pelos linguistas europeus, a ponto de superar a ciência dos gramáticos hindus, pois os primeiros “*introduziram em sua pesquisa a noção da cronologia (хронологии)*” e porque suas pesquisas eram “*baseadas em materiais de maior amplitude comparativa, fundamentados sobre a comparação de um maior número de línguas*” (Courtenay, 1963 – I:267).

Em segundo lugar, por conseguinte, nos voltamos para as considerações acerca da metodologia da escola que compilava tais “*dicionários e gramáticas comparativas*”; os seus princípios mais básicos seriam refutados tanto por Saussure quanto por Courtenay e Kruszewski e igualmente pela escola dominante (na época que Courtenay e Saussure estudaram em Leipzig), a dos Neogramáticos. Começemos pelo ponto de vista saussuriano: no ‘*Cours*’, após reconhecer o mérito de Bopp e a importância fundamental da sua escola, ele critica seus principais erros. O primeiro é que a escola comparatista “*jamais chegou a constituir verdadeiramente a ciência da Linguística*”, pois “*jamais se preocupou em determinar a natureza de seu objeto de estudo*”, e portanto, falhou em estabelecer um método apropriado. As investigações dos comparatistas foram baseadas apenas nas reconstruções das línguas indo-européias, e eles nunca se indagaram “*ao que levavam as comparações que faziam*” (Saussure, 2009:10). Citando Bréal, Saussure diz que nesta época “*considerava-se a língua um quarto reino da natureza*”, uma espécie de esfera à parte dos fatos humanos. Outra citação de Saussure nos esclarece o porquê de sua oposição a Bopp e sua escola:

A escola fundada por Franz Bopp, no começo deste século, não considerava a linguagem sob o aspecto de um *fenômeno* e nem, portanto, seu caráter exclusivo de exercício de uma faculdade da alma. Hoje ela é frequentemente censurada por ter negligenciado, em sua *essência*, o objeto de que pretendia tratar. (...) Na realidade, é o *objeto que mudou* (...) (Saussure, 2004:116 – meu grifo).

As ciências com diferentes objetos de pesquisa a que se refere Saussure são a Linguística Comparatista e a Linguística Geral; hoje em dia fazemos a distinção entre Filologia (cujo objeto

de estudo são os textos em idiomas antigos), e a Linguística (que estuda as manifestações, ou fenômenos, pertencentes às línguas faladas como um todo)⁷¹.

O apego à língua escrita (*langue écrite*) e o menosprezo pela língua viva (*langue vivante*) é outro erro mencionado por Saussure: a escola de Bopp “só viu o idioma através do véu da escritura”, pois para os comparatistas “não há fala, há apenas conjuntos de letras” (Saussure, 2004:116). Eis porque esta escola incorreu no erro de “atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, fora dos indivíduos falantes”: uma vez que os filólogos comparatistas se ocupavam primordialmente de línguas extintas, como o sânscrito, o grego e o latim (das quais não mais subsistiam falantes, apenas o registro escrito), a língua realmente podia ser tomada “fora” da sociedade, pois estas sociedades (védica, grega e romana) simplesmente já não mais existiam. Isto marca uma diferença crucial de posicionamento entre a visão dos sábios da escola filológica e os linguistas da nova geração como Saussure e Courtenay, pois estes consideravam a língua como um fenômeno social, que não pode ser tomado à parte do indivíduo que fala: “A língua existe apenas nos cérebros individuais, apenas no espírito, na psique dos indivíduos, das pessoas que compõe uma determinada comunidade linguística” (Courtenay, 1963-II:71). Assim, a realidade muda completamente ao mudarmos o foco do sânscrito (que então era considerado uma língua morta ou *artificial*) e do latim para línguas vivas, digamos, o português ou o inglês – neste caso, a fala é o grande *motor* dos fenômenos linguísticos.

Tanto Courtenay quanto seu aluno e colaborador Kruszewski compartilhavam da opinião de Saussure sobre a importância do estudo da *langue vivante*, pela simples razão que um estudo verdadeiramente científico deveria apoiar-se sobre dados que pudessem ser comprovados cientificamente; isto fica claro na definição do fonema elaborada por Kruszewski (ver Introdução, presente capítulo). Na Introdução do ‘*Sobre as Alternâncias Sonoras*’, Kruszewski argumenta

⁷¹ Segundo Saussure, antes do advento da Linguística Geral e da determinação clara de seu objeto de estudo (a *langue*), houve três fases distintas de ciência da linguagem: a Gramática grega, a Filologia e a Filologia (ou Gramática) Comparada. Para evitarmos um mal entendido, é importante esclarecermos que a terminologia moderna considera como “*filológica*” ambas as escolas que Saussure trata em separado, a escola dos filólogos, propriamente dita (a qual iniciara em 1777 com o trabalho de Friedrich August Wolf), e dos comparatistas (que tivera início em 1816 com o trabalho de Bopp). Os filólogos se serviam da crítica como método próprio para cumprir seu propósito de “*comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura*” (semelhante à Gramática védica e grega, como vimos nos primeiros dois capítulos). Por outro lado, a “*crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita (langue écrite) e esquece a língua viva (langue vivante); aliás, a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente*” (Saussure, 2009:08). Hoje em dia, consideramos Filologia tanto a segunda quanto a terceira escolas mencionadas por Saussure.

que a Linguística, sob a égide comparatista de Bopp é uma ciência “*que procura esclarecer as relações recíprocas dentro da família das línguas indo-européias, procurando reconstruir a proto língua e seus subgrupos*”; ele completa o raciocínio com a afirmação: “*não é necessário dizer que nada disto pode ser considerado uma ciência*”. (Kruszewski, 1999:07). Para Kruszewski, a principal consequência dos estudos filológicos comparatistas é a “*negligência para com o estudo das línguas modernas*”. Isto se deve, segundo este linguista, principalmente, ao treinamento filológico e histórico nos cursos de ciências humanas da época. Um linguista educado pela escola comparatista do séc. XIX estaria muito distante do nosso treinamento linguístico moderno: os linguistas de então “*eram eruditos, mas não necessariamente bons teóricos*” (ao contrário de Kruszewski, o qual Courtenay considerava um excelente teórico, devido a sua extensiva educação em Psicologia e Filosofia). Além disso, “*todos conheciam grego, latim e por vezes hebraico de seus dias de escola, e a maioria deles estudara sânscrito na universidade, além das línguas germânicas antigas*” (Davies, 2006:11). Portanto, em geral, os linguistas do séc. XIX dominavam o campo específico de diferentes línguas, mas não necessariamente o campo teórico da *língua como um fenômeno*; além disso, em geral, as línguas estudadas eram línguas sacras, clássicas (das quais já não subsistiam falantes). Este é um dado importante, pois elucida outra questão acerca do estudo da “*tríade linguística indo-européia*”: no séc. XIX não seria possível tornar-se um linguista em uma grande universidade passando ao largo do estudo da língua sagrada dos hindus, ou tampouco dos idiomas clássicos, o que significa que nem Saussure, tampouco Courtenay ou Kruszewski escolheram estudá-las por diletantismo. Isto é relevante, pois por um lado, é verdade que o *currículo* da escola comparatista lhes impôs uma série de restrições (quanto ao método e o objeto de estudo), mas por outro, o estudo das gramáticas e tratados de fonologia védica em sânscrito, e das obras dos filósofos e gramáticos gregos lhes forneceriam um treinamento sem par no que se refere à fundamentação de uma série de questões relativas às categorias linguísticas e epistemológicas. Como vimos no Capítulo II (Introdução), Benveniste nos lembra que “*a linguística ocidental nasceu da filosofia grega*”; além disso, ele considera que “*a abordagem descritiva, a noção de sistema, a preocupação de levar a análise até suas unidades mais elementares*” tiveram como precursores os gramáticos hindus, entre eles Pāṇini, e aqueles não-gramáticos que primeiro compilaram o alfabeto greco-latino (Benveniste, 1966:19-24).

Não obstante, dentro do espírito revolucionário da época, Kruszewski considerava que devido ao treinamento essencialmente filológico (cujas bases ele próprio recebera por meio de Courtenay), a escola de Bopp padecia de um “*viés arqueológico*”, uma vez que se dedicava quase exclusivamente ao estudo das línguas antigas. Isto significava um erro do ponto de vista da análise fonética, se considerarmos que 1) “*a Fonética está relacionada não com signos escritos, mas com os sons que tais signos representam, o que significa que não temos acesso direto à Fonologia das línguas clássicas*”; 2) “*a ortografia nos dá um acesso a um número limitado de fenômenos fonéticos*” nestas línguas (Kruszewski, 1990:09). Em outras palavras, a Filologia dedicava-se – em uma profundidade verdadeiramente admirável, é preciso admitir – apenas ao estudo dos textos, e incorria no erro de considerar a “*tríade indo-européia*” como padrão metodológico para a Linguística, negligenciando quase totalmente as manifestações da língua viva. Mesmo o sânscrito – que até hoje tem falantes no mundo – era visto como um objeto de estudo estritamente textual; foi justamente da insatisfação com as limitações deste tipo de abordagem filológica (ou “*arqueológica*”) que passou-se a discutir as questões que se tornariam centrais para a Linguística do séc. XX. Courtenay igualmente proclamava, já nos 1870 que “*o estudo das línguas faladas deve anteceder a pesquisa das línguas que já desapareceram*” (Courtenay, 1963 – I: 349). Não é de admirar que ele se tornaria o mentor de alguns dos mais proeminentes linguistas filósofos da futura União Soviética (entre eles Lev Sherba, Evgueni Polivanov e Lev Iakubinski), os quais manifestavam uma preocupação com o estudo da *palavra viva* (живое слово), isto é, dos dialetos e da multiplicidade e variação linguística (um assunto que infelizmente está além do escopo do presente trabalho⁷²).

Desta forma, pouco a pouco ocorreu a separação entre Filologia e Linguística; em termos saussurianos, foi necessário diferenciar-se a *sincronia* da *diacronia*, ou seja, a Linguística que estuda os *estados de língua* (*etat de langue*) da língua viva e a Linguística que estuda as diferentes evoluções dos estados de uma determinada língua longo do tempo (que hoje conhecemos como Filologia). A incapacidade de perceber esta dualidade interna da Linguística, constitui, para Saussure, um grave erro:

⁷² Acerca deste tema, conferir os trabalhos de Brandist, ‘*Repensando o Círculo de Bakhtin*’ (2012) e ‘*The Bakhtin Circle – In the Master’s Absence*’ (2004), onde o leitor poderá encontrar uma análise aprofunda destas questões.

Desde que a Linguística moderna existe, pode-se dizer que se absorve inteiramente na diacronia. A gramática comparada do indo-europeu utiliza os dados que tem em mãos para reconstruir hipoteticamente um tipo de língua antecedente; a comparação é para ela, apenas um meio de reconstruir o passado (Saussure, 2009:97)

Esta incapacidade de perceber a diferença entre o estudo das línguas antigas e do mecanismo de funcionamento das línguas modernas é resultado da “*concepção de língua híbrida e vacilante de Bopp*”, segundo Saussure (Saussure, 2009:97).

Consideramos assim, que o estudo diacrônico se dá primordialmente sobre os testemunhos escritos deixados pelos diferentes povos, enquanto o estudo sincrônico pode aliar aos testemunhos da escrita, aqueles da fala viva. Acerca desta diferenciação, diz Courtenay:

A linguística libertou-se até um ponto considerável da influência da filologia e do domínio da letra sobre o som. Ela passou a distinguir com rigidez o discurso da fala do texto escrito. Em vez da noção de mudanças arbitrárias de letras que havia sido sustentada pelos filólogos, ela introduziu pela primeira vez o conceito da mudança de som para som, e por conseguinte, o conceito de alternância (Stankewicz, 1972:240).

Uma última palavra acerca das críticas ao método comparatista: em sua palestra inaugural na Universidade de São Petersburgo em 1871, ‘*Alguns Comentários Gerais sobre a Ciência da Língua e sobre a Língua*’ (‘Некоторые Общие Замечания о языковедении и языке’)⁷³ Courtenay já atentava para a superação do comparatismo exacerbado, que confundia o método com o objetivo da pesquisa. Segundo ele, é verdade que a “*comparação (сравнение) é uma das operações essenciais de todas as ciências, pois nela baseiam-se os processos do raciocínio em geral*”, mas deste ponto de vista, todas as ciências merecem o título de comparativas – por exemplo, a matemática compara grandezas e obtém seus dados por meio destas comparações e deduções. Portanto, a comparação é um meio de “*generalizar os fatos e pavimentar a estrada para o método dedutivo*”, isto é, a “*comparação é um dos métodos da ciência e não seu objetivo*”, o que significa que ela “*não é um privilégio exclusivo da ciência da linguagem, mas de*

⁷³ O subtítulo desta palestra é ‘*Palestra Inaugural da Cátedra de Gramática Comparativa das Línguas Indo-européias*’, apresentada entre 17 e 29 de Dezembro de 1870 na Universidade de São Petersburgo (Courtenay, 1963-I:47-78).

um modo geral é um patrimônio de todas as ciências, sem exceção” (Courtenay, 1963 – I:56/57). Saussure, da mesma maneira, afirma que “*a comparação é uma condição necessária de toda reconstituição histórica*”, mas que “*por si só, não nos permite concluir nada*” (Saussure, 2009:10). Estas citações são relevantes, pois colocam em um contexto bastante específico a insatisfação dos linguistas da época para com os estreitos limites metodológicos e dedutivos impostos pela Linguística indo-européia (isto é, a escola histórico-comparatista). Ela também nos remete ao contexto da transformação radical no campo da ciência da linguagem no final dos 1870, a qual estava sendo articulada na Universidade de Leipzig, e contra cujos critérios Saussure e Courtenay modelaram muitos de seus pontos de vista linguísticos e fonológicos.

2.6 Leipzig

Segundo Joseph (2012:97), podemos identificar a gênese destas idéias inovadoras na influência acadêmica exercida pelo movimento dos Neogramáticos na Universidade de Leipzig; tanto Saussure quanto Courtenay estudaram nesta Universidade, que à época era o grande centro da Linguística (isto é, Linguística Comparatista) mundial; (além destes ilustres alunos, já mencionamos que Whitney lá estudara e que era tido em alta conta pelos acadêmicos alemães). Courtenay obteve seu doutorado com a dissertação ‘*Sobre a Língua Polonesa Antiga antes do séc. XIV*’ em 1870; em Leipzig, oito anos mais tarde, Saussure publicou sua ‘*Dissertação sobre o Sistema Primitivo das Vogais nas Línguas Indo-Européias*’ (o conhecido ‘*Mémoire*’), e aí recebeu seu doutorado em fevereiro de 1880, pela sua tese ‘*Acerca do Emprego do Genitivo Absoluto em Sânscrito*’ (‘*De l’emploi du génitif absolu em sanscrit*’). O conhecido *Manifesto* do movimento dos Neogramáticos (o qual estabeleceria suas bases metodológicas e definiria o seu rompimento com os princípios da pesquisa linguística do período Romântico de Bopp e Grimm) seria lançado apenas em 1878; mesmo assim, podemos traçar alguns paralelos possíveis entre os trabalhos dos Neogramáticos e as primeiras pesquisas de Courtenay em Kazan (o qual absorveu muitas das influências do meio em que estudou) e definitivamente entre os primeiros e os trabalhos histórico-comparatistas do jovem Saussure, que teve pelo menos três dos Neogramáticos por professores. Nesta seção, tentaremos descobrir a gênese da preocupação com os estudos fonológicos nos trabalhos de ambos os autores (ensinamentos, que por sua vez seriam passados para Kruszewski por Courtenay na Universidade de Kazan) e principalmente como se

estabeleceu o campo científico para o advento do fonema (que segundo a afirmação de Saussure, parece estar diretamente ligado ao “*Laut alemão*”). Saussure é reconhecido como o fundador da Linguística Moderna, e dissemos anteriormente que Courtenay faz jus ao título de fundador da Fonologia; podemos relacionar as pesquisas desenvolvidas no *milieu* acadêmico de Leipzig ao principal mérito de Saussure e Courtenay, isto é, a questão fundamental do *projeto epistemológico*⁷⁴ da nova ciência, tanto a fonológica, elaborado por Courtenay e Kruszewski em Kazan (já no início dos 1870) quanto a ciência linguística e a semiológica, conforme definidas por Saussure em seus cursos de Linguística Geral, a partir de 1907 (embora o seu projeto científico já estivesse sendo esboçado, como vemos pelos seus escritos, desde 1880). A influência da nova escola da Linguística Comparatista foi sem dúvida, fundamental, mas é justamente nas lacunas deixadas por esta escola, lacunas às quais Saussure, Courtenay e Kruszewski contrapõem novas idéias, sobretudo a proposta de *unidades científicas*⁷⁵ (como o fonema e morfema, entre outras) com as quais a nova ciência deve trabalhar para merecer o *status* de epistemologia – que encontraremos os princípios fundadores da Linguística Geral.

2.6.1 O Manifesto Neogramático e as Questões Linguísticas

Quando Saussure chegou à Leipzig para realizar seus estudos avançados, ao final do ano de 1876, dois artigos científicos e seus respectivos autores estavam no centro de todas as atenções: tratava-se dos indo-europeístas Karl Brugmann (1849 – 1919) e Hermann Osthoff (1847 – 1909), e seus respectivos ensaios acerca das “*soantes*”, isto é, “*sons que podem desempenhar o papel tanto de vogais quanto consoantes*” no quadro das línguas européias (Joseph, 2012:186). A teorias das soantes líquidas e nasais estava relacionada com o tipo de metodologia e pesquisa que iria definir o programa da pesquisa do movimento dos Neogramáticos (*Junggrammatiker Richtung*), liderados por Brugmann, Osthoff e August Leskien (1840 – 1916) a partir de 1878, e que significaria um rompimento com a escola comparatista e sua metodologia. Grosso modo, as *soantes líquidas* do indo-europeu, segundo Osthoff eram antepassadas do *! r* vocálicos do sânscrito, que podem equivaler a uma vogal (como o fonema

⁷⁴ Acerca do projeto científico de Saussure e de sua influência na configuração do paradigma estruturalista de Benveniste e Hjelmslev, ver ‘*Ensinar Saussure? Sim, mas como?*’ in Caminho das Letras, (Flores, 2015:124).

⁷⁵ Acerca do projeto científico e a determinação de suas unidades, ver ‘*Jakobson a Fonologia e a Herança Saussureana*’ (ibidem, Milano, 2015:101).

final da palavra *oncle* em francês); já as *soantes nasais* de Brugmann são os antepassados indo-europeus do *ṅ ṁ* do sânscrito. Esta hipótese era importante, pois explicava em parte a questão da evolução do vocalismo de línguas como o latim, o grego, em relação ao sânscrito, e de línguas parentes modernas como as línguas neolatinas e as línguas germânicas, especialmente em casos que os estudiosos não conseguiam resolver por meio da etimologia comparada, como por exemplo, o confuso paradigma vocálico no quadro das línguas indo-européias. Brugmann propõe, no artigo ‘*As Nasalis Sonans na Língua Original Indo-européia*’ (‘*Nasalis sonans in der indogermanischen Grundsprache*’) de 1876, que a proto-língua (o ancestral lingüístico do sânscrito, do grego e do latim) parecia conter um prefixo negativo *ṅ* (equivalente ao ँ, o “*não*” sânscrito). Este prefixo podia ser adicionado a um número de palavras de certas categorias gramaticais, e acabou por produzir uma mudança fonológica fundamental, refletida no prefixo negativo em grego *α* (como na palavra *átomo*), e o prefixo latino *in* (presente na palavra portuguesa *indescritível*) e no prefixo germânico *un* (como em *unheimlich* “*inquietante*” e *unknown*) (Joseph, 2012:206). Em outras palavras, o *Laut ṅ* desapareceu nas línguas filhas, mas deixou um rastro, perceptível na vogal *alfa* como prefixo privativo do grego, e nas vogais nasalizadas dos prefixos negativos neolatinos e germânicos, o que explicava em parte uma das várias questões insolúveis do vocalismo. No que toca as líquidas soantes, Osthoff percebeu que existia uma alternância regular entre o *r* vocálico com o grupo silábico *ar* (Joseph, 2012:206). O artigo de Brugmann prenuncia a radical proposta neogramática: recorrendo ao livro de Eduard Sievers (igualmente um neogramático) ‘*Fundamentos da Fisiologia dos Sons*’ (‘*Grundzüge der Lautphysiologie*’), Brugmann invoca a autoridade da Fonética Articulatória para comprovar sua hipótese:

(...) as líquidas *r* e *l* e as nasais *n*, *m* e *ṅ* podem ser tanto vogais quanto consoantes. Ele [Sievers] nos ensina, por exemplo, que na pronúncia usual de *rittn* e *handl*, *n* e *l* formam o todo da segunda sílaba, e na verdade por criarem a sílaba, devem ser designados como vogais. Da mesma forma, uma grande distinção deve ser feita entre as *nasalis sonans* como em *rittn*, *ātṁ* e as *nasalis consonans* como em *berittne*, *ātme*; nas primeiras palavras, a nasal carrega o acento da sílaba final, enquanto nas outras o acento cai sobre o *e* (Brugmann, 1876).

Brugmann é inovador para a época, pois examina uma questão morfológica por meio da fonética, e determina uma resposta possível para tal problema utilizando observações baseadas

em questões da articulação dos sons. Em outras palavras, ele trabalha, no mesmo texto, dados do estudo da reconstrução do indo-europeu (o campo da Linguística Comparatista *par excellence*) e a fonética das línguas modernas, uma “*novidade*” introduzida pelos Neogramáticos, isto é, a preocupação com o aspecto fisiológico da língua. O ponto chave destas especulações no que tange nossa questão do fonema é o seguinte: estamos tratando de sons reais (como os sons verificáveis das línguas modernas) ou de uma reconstrução? Mesmo Bopp, em seu ‘*Auführliches Lehrgebäude der Sanskrita-Sprache*’ reconhecia que, tratando-se o sânscrito de uma língua morta (*ein todte Sprache*), não é possível definir com precisão a pronúncia de suas letras (Bopp, 1827:09).

Em junho de 1878, Brugmann e Osthoff lançaram um periódico chamado ‘*Investigações Morfológicas na Esfera das Línguas Indo-européias*’ (*Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen*). O prefácio deste periódico é considerado hoje em dia o *manifesto* do movimento Neogramático. Neste *manifesto*, questões fundamentais para a tendência da pesquisa linguística conforme preconizada por Brugmann, Osthoff e outros professores de Linguística Comparada foram estabelecidos. O *manifesto* entraria para a história por colocar em cheque as opiniões dos linguistas mais experientes, e por expressar as dúvidas que fervilhavam na mente dos jovens linguistas, insatisfeitos com a limitação metodológica imposta pelas reconstruções do indo-europeu – questões que iam de encontro a alguns dos princípios mais caros aos comparatistas da velha guarda. Como diz o ‘*Cours*’, a nova escola “*fez a guerra contra os comparatistas e sua terminologia*” (Saussure, 2009:12).

A primeira questão abordada pelos Neogramáticos faz eco à crítica de Saussure quanto à língua ser tomada como uma esfera à parte do falante: “*as línguas foram investigadas com grande entusiasmo [pela velha escola], mas o homem que fala, muito pouco*” (Brugmann, 1878). Segundo a nova abordagem, o verdadeiro objetivo do linguista comparatista é perceber que o mecanismo da fala humana se desdobra em dois aspectos, um mental e um físico. A Fonética Articulatória trata justamente do mecanismo físico da fala humana, enquanto a Psicologia analisa os fatores psicológicos que regulam as mudanças sonoras, e estas duas ciências devem ser empregadas para que o linguista compreenda o mecanismo por trás das mudanças sonoras, mesmo as mais simples. A noção de que a Fonética é uma ciência que se encontra na fronteira entre o estudo físico (da percepção acústica), o estudo fisiológico (da articulação e do aparato articulador) e a Ciência da Língua (*Sprachwissenschaft*) é a primeira asserção do ‘*Grundzüge*’ de

Sievers (I. Posição Atual, Objetivos e Métodos da Fonética). Estas posições que acabamos de expor, a saber, a *dualidade* (psíquico-física) *da língua* e a *natureza trina da Fonética* (física, fisiológica e psíquica) foram desenvolvidas por Saussure (no manuscrito chamado ‘*La Double Essence du Langage*’ por exemplo, além do material das palestras que compuseram o ‘*Cours*’), e aperfeiçoadas por Courtenay e Kruszewski; a influência dos Neogramáticos pode ser verificada principalmente na insistência de Courtenay e Saussure no caráter psicológico da língua.

Como Saussure e Courtenay, Brugmann tece suas próprias críticas à escola comparatista: segundo o sábio alemão, os comparatistas, embora tenham aceitado até certo ponto as descobertas da Fonética Articulatória, negligenciaram totalmente a questão psicológica dos fenômenos, o que resultou em erros fundamentais:

Tais erros originaram-se na falha em reconhecer o fato que mesmo as mudanças e transformações que ocorrem apenas na camada externa de uma forma de fala e que afetam apenas a expressão fonética do pensamento são devidas ao processo psicológico o qual ocorre anteriormente à materialização do som pelos órgãos vocais (Brugmann, 1876).

Outra importante questão levantada pelo *manifesto* é a oposição à noção (sustentada pela velha escola) de que as línguas em seu estado mais recente representam uma forma decadente, um estágio de declínio, das línguas “*mais perfeitas*” (como o sânscrito); em tal ponto de vista está localizada a gênese do privilégio quase exclusivo do sânscrito como padrão linguístico, e finalmente, do descaso para com as línguas modernas, em favor do estudo da reconstrução do indo-europeu. Segundo Brugmann e Osthoff, a metodologia para tal reconstrução, baseada sobre dados desconhecidos, não faz sentido, pois deve-se “*partir daquilo que é conhecido para então avançar em direção ao desconhecido*”: é claro que o conhecido aqui quer dizer as línguas faladas, ainda vivas, que oferecem dois elementos essenciais segundo a ótica Neogramática: falantes vivos e dados fonológicos verificáveis. Desta forma, os campos da filologia eslava, da filologia românica e da germânica são os que estão mais bem preparados metodologicamente para a pesquisa comparatista, uma vez que as mudanças na superfície fonológica das línguas modernas estudadas por estas disciplinas podem ser documentadas com base em textos; tais mudanças podem ser comprovadas com a fala popular, a fala coloquial do dia a dia, diretamente acessível nas línguas neolatinas, neo-germânicas e eslavas, ao contrário do indo-europeu, do grego e do latim, por exemplo. Isto está perfeitamente de acordo com a opinião de Saussure,

conforme expressa no ‘*Cours*’ (2009:11), e além do mais, demonstra porque linguistas como Courtenay – que era titular da cadeira de Linguística Comparada das Línguas Clássicas além de Linguística Comparada das Línguas Eslavas – estavam mais bem preparados para desempenhar uma pesquisa verdadeiramente científica (conforme vimos na seção anterior, segundo as palavras de Kruszewsky). Outro avanço dos Neogramáticos, além do impulso à pesquisa das línguas modernas, foi a proposta do estudo dos dialetos, pois estes são ricos em diferenças fônicas, “*sons vivos do presente que permitem a possibilidade de se compreender corretamente as letras que representam as línguas do passado*” (Brugmann, 1878); as letras, como vimos acima, são representações pouco confiáveis do som pronunciado, e os dialetos modernos são, portanto, mais confiáveis, no sentido da pesquisa fonética, do que os dialetos do passado (que subsistem unicamente por meio da palavra escrita). Brugmann faz a pergunta: “*Quando o linguista pode ouvir com seus próprios ouvidos como as coisas acontecem na vida da língua, porque ele iria preferir formar suas idéias sobre a consistência e a inconsistência dos sistemas fonológicos apenas com base na transmissão escrita, inexata e não confiável, das línguas antigas?*” (Brugmann, 1878).

O *manifesto* estabelece claramente dois princípios básicos da pesquisa neogramática, que merecem nossa atenção, pois além de estar diretamente ligados com a questão dos fonemas, demonstram como o movimento procurou se libertar da influência romântica de Bopp e Grimm:

Primeiramente, toda *mudança de som*, desde que ocorra mecanicamente, ocorre de acordo com leis que não admitem exceção. Isto é, a direção da *mudança do som* é sempre a mesma para todos os membros de uma comunidade linguística, exceto quando ocorre uma divisão em dialetos; e todas as palavras, nas quais o som que foi sujeito à mudança aparece na mesma relação, são afetadas por tal mudança, sem exceção.

Em segundo lugar, uma vez que está claro que a associação da forma, isto é, a criação de novas formas linguísticas por analogia desempenha um papel importante na vida das línguas mais recentes, este tipo de inovação linguística deve ser reconhecido sem hesitação para aos períodos mais antigos igualmente. Tal princípio deve não apenas ser reconhecido, mas, igualmente utilizado da mesma forma que é empregado para a explicação dos fenômenos linguísticos dos períodos mais tardios (Brugmann, 1878 – meu grifo).

Nesta declaração estão delineados os princípios teóricos de caráter geral acerca da língua, da comunidade de falantes, e das leis articulatórias, ou leis mecânicas dos sons. Para a época – e

o local – onde estas idéias foram propostas pela primeira vez, elas significavam um grande passo adiante; mesmo Saussure reconhece a importância dos Neogramáticos:

Foi a escola dos neogramáticos que atribuiu pela primeira vez à analogia o seu verdadeiro lugar, mostrando que ela, juntamente com as mudanças fonéticas é o grande fator de evolução das línguas, o processo pela qual estas passam de um estado de organização para outro (Saussure, 2009:189).

A analogia é o processo de criação de novas formas linguísticas dentro de uma determinada comunidade, baseando-se em um modelo já existente. Brugmann e Osthoff oferecem o seguinte modelo: do nominativo grego *híppos* (latim *equus*) temos a terminação plural *hippoi* – *equi*. Aqui existe uma óbvia semelhança de formas. Ao contrastarmos estas formas com o plural do védico *asvās* (todas as palavras significando *cavalos*), não se pode explicar a troca do sufixo plural de *ās* para *i* (considerando que o védico representa a forma mais ancestral entre estas três), ou tampouco o plural neolatino e neogermânico moderno em *s* (no inglês *horses* e no português *éguas*). Nos casos em que as transformações sonoras não podem explicar mudanças na superfície fonológica da língua – os quais são abundantes nas tentativas de reconstrução do quadro das línguas indo-européias – o “*ultimum refugium*” dos Neogramáticos seria então a analogia, ou seja, percepção da *semelhança na diferença*, e que esta semelhança na forma espelha uma semelhança no significado e na função (Joseph, 2012:227).

O conceito da analogia seria desenvolvido por Saussure em seus cursos de Linguística Geral – podemos na verdade dizer que Saussure não só avançou este conceito, mas superou as noções neogramáticas. Agora, devemos abordar a questão dos erros da escola dos Neogramáticos e como, a partir destes, Saussure e Courtenay desenvolveram o seu projeto científico.

2.6.2 Contra o *Manifesto*: o Projeto Científico da Linguística Moderna

Até aqui, quase todos os pontos de vanguarda levantados por Saussure, Courtenay e Kruszewski (que expomos na seção anterior) podem ser colocados em paralelo com os trabalhos fundadores dos Neogramáticos; encontramos alguns pontos importantes da teoria saussuriana e de Courtenay-Kruszewski nestes trabalhos, como a *analogia*, a importância da Fonética Articulatória, a importância do estudo das línguas vivas e dos dialetos, a dualidade da língua; isto

demonstra a influência geradora do *milieu* acadêmico de Leipzig no trabalho futuro dos nossos linguistas. O *manifesto* propôs idéias e abordagens realmente inovadoras para a época; contudo, o resultado deste *manifesto* não conseguiu superar as dificuldades impostas pela terminologia e a falta da delimitação precisa do objeto de estudo por parte da escola Histórico-Comparatista. Por exemplo, em 1897, Brugmann proferiu uma palestra em Princeton na ocasião da celebração do aniversário sesquicentenário desta Universidade; ele dissertou sobre o tema do ‘*Gênero dos Substantivos nas Línguas Indo-Européias*’. Citando uma dentre as inúmeras contribuições de importância de Whitney para a ciência da linguagem, Brugmann traz novamente a questão das línguas modernas e das línguas antigas:

Ao explicarmos fenômenos pre-históricos da linguagem, devemos supor nenhum outro fator além daqueles que observamos e estimamos no período histórico da linguagem. Os fatores que produzem mudanças na fala humana cinco mil ou dez mil anos atrás não podem ser essencialmente diferentes daqueles que estão operando agora para transformar as línguas vivas. É com base neste princípio que olhamos hoje para o problema mui discutido da Filologia indo-européia com vistas muito diferentes daquelas sustentadas pelos fundadores da Filologia Comparativa e seus sucessores imediatos (Brugmann, 1897:01/02).

Esta citação demonstra com clareza a lacuna por trás da abordagem aparentemente inovadora dos Neogramáticos: a sua Linguística nunca ultrapassou os limites daquela Comparatista, ou avançou verdadeiramente ao campo da Linguística Teórica, pois permaneceu – como bem diz Brugmann – dentro dos limites impostos pela Filologia. Mesmo a proposta metodológica da análise das línguas vivas visa unicamente o estudo das línguas antigas: o objeto de estudo continuou sendo o PIE; cumpre dizer que este objeto foi acordado entre os filólogos de forma tácita, pois não consta que jamais tenha sido rigorosamente definido, como fez Saussure quando definiu o objeto de estudo e a unidade da Linguística e da Semiologia (a língua e o signo linguístico), e Courtenay, em sua palestra inaugural, em que define claramente seu *objeto de estudo* (a língua), as *partes constituintes de sua ciência* (Gramática, Fonética e Morfologia) e as *unidades científicas* com as quais lida. No plano filológico dos Neogramáticos, a abordagem dos sistemas fonológicos das línguas vivas não passou de um mero artifício para o estudo do indo-europeu, ainda que devamos convir que de uma perspectiva (um ponto de vista, na terminologia saussuriana) completamente novo; mas, a despeito disso, a preocupação com o “*homem que fala*” era meramente a base para a comprovação de hipóteses sobre os “*homens que falavam*” o indo-

europeu; a perspectiva genética continuou a permear os estudos neogramáticos. Sem dúvida, foi nesta falha da escola dos Neogramáticos, que Saussure e Courtenay souberam delinear um projeto epistemológico claro e realmente novo. Podemos avançar hipóteses acerca da falha de execução da proposta inovadora de Brugmann, Osthoff e Leskien: uma delas parece ter sido a dificuldade imposta pela audiência e pelos leitores de suas palestras, em sua grande maioria, membros da escola comparatista educados pelos professores da velha guarda; ou seja, para se fazer entender era preciso “*falar a linguagem*” desta audiência. Mas como propagar novas ideias sobre as línguas modernas e dialetos se a audiência, em predominância, “*comunica-se*” por meio da terminologia e das categorias proveniente do estudo das línguas antigas?

“A escola nova, após ter reconhecido os defeitos da antiga doutrina, o que era fácil, contentou-se em rejeitar a teoria, ao passo que, na prática, ficava como que embaraçada por um aparato científico que, apesar de tudo, não podia dispensar” (Saussure, 2009:215).

O problema visto por este ângulo, Saussure e Courtenay, que estavam à margem da escola dominante da época, ou seja, este trabalhando em Kazan, aquele em Genebra (ambas as cidades fora do circuito das grandes universidades européias no séc. XIX) se encontraram de certa forma mais livres, por assim dizer, para criar e divulgar inovações num programa de estudos, que geralmente, era rigorosamente calcado na tradição dos grandes que os antecederam. Não é por acaso, que os livros mais conhecidos de Brugmann (escritos em conjunto com Berthold Delbrück (1842-1922)), por exemplo, sejam os dois primeiros tomos do ‘*Grundriß der Vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*’ (‘*Esboço da Gramática Comparada das Línguas Indo-germânicas*’), que tratam de questões da Filologia indo-européia (fonologia, morfologia e sintaxe) e da reconstrução do Proto Indo Europeu. É preciso fazer justiça ao seu trabalho, no entanto: as questões sobre o gênero dos substantivos – uma questão essencialmente morfológica – tratada na palestra em Princeton examina a língua de um ponto de vista realmente interessante e com um fôlego renovado; os exemplos, contudo, são em sua maioria exemplos tirados do sânscrito, do grego, do latim e do gótico (com algumas exceções em línguas modernas como o alemão e o inglês). Isto não se deve ao acaso: os exemplos são dados em línguas indo-européias que a audiência reconheceria devido ao seu treinamento “*essencialmente histórico e filológico*” (nas palavras de Kruszewski). Alguns poderão levantar a questão de que Saussure, no ‘*Cours*’, por exemplo, faz igualmente inúmeras comparações, citando exemplos em sânscrito, grego e

latim: devemos, contudo, ter em mente que 1) a audiência universitária do final do séc. XIX tivera um treinamento essencialmente comparatista, que como dissemos acima parece ter sido um dos problemas enfrentados pela proposta dos Neogramáticos, e possivelmente por Saussure (uma vez que não é uma transição simples mudar completamente o objeto de pesquisa e os métodos cristalizados por longos anos por uma escola já enraizada no programa universitário) e que, por conseguinte, o ataque à autoridade exercida por mais de meio século pelos trabalhos de Bopp foi recebido com certa desconfiança, como quase todas as inovações em geral o são; e 2) no ‘*Cours*’ Saussure oferece, igualmente, um número de exemplos em línguas modernas, como o russo e o inglês, e notadamente no alemão e no francês, língua na qual possuía o *Sprachgefühl*, isto é, a “intuição do falante nativo” (Joseph, 2012:212).

É bem verdade que Brugmann, Osthoff, Sievers, Leskien inovam ao abordar questões de Morfologia e Fonética, dois campos de estudo da linguagem que estavam em seus primeiros passos como ciência. No entanto, a Morfologia do ‘*Morphologische Untersuchungen*’, a Fonética do ‘*Grundzüge*’, por exemplo, não tinham definido uma unidade do mecanismo morfológico e fonológico das suas ciências; o *morfema* seria definido como unidade morfológica⁷⁶, e o *grafema* como unidade gráfica ou equivalente da letra, por Courtenay (que goza do privilégio de ter sido o inventor destes dois termos) e o *fonema*, um conceito cunhado em Paris em 1873, seria popularizado no ‘*Mémoire*’ de Saussure (não por acaso, no mesmo ano do *Manifesto*). Portanto, o que queremos dizer, é que enquanto ciência, a escola dos Neogramáticos representou uma tendência, sem dúvida inovadora, da escola Comparatista, mas não foi muito além: permaneceu filológica; pois, entre outras coisas, carecia de um projeto epistemológico bem definido; não determinou claramente um objeto de estudo, tampouco definiu unidades metodológicas que dotassem sua pesquisa de um escopo verdadeiramente científico:

Se nomearmos a ciência não devido às suas orientações transitórias, ou tampouco de acordo com as operações científicas que por ela são realizadas, mas sim de acordo com o *objeto de pesquisa*, sendo que neste caso, à semelhança das Ciências Naturais (o nome mais conveniente para esta ciência), o seu *objeto é a língua*, não haverá mais Gramática Comparativa, nem Ciência Comparativa da Língua, ou Gramática Explicativa (*erklärende Grammatik*), nem tampouco uma Ciência

⁷⁶ Por exemplo, temos a seguinte definição do morfema por Courtenay: “*Morfema: a parte da palavra que possui autonomia psicológica e que pela mesma razão não pode ser dividida* [em unidades menores]. *Consequentemente, esta unidade abarca conceitos tais como a raiz (radix), todos os afixos possíveis (sufixos, prefixos), e terminações que são expoentes de relações sintáticas*” (Stankiewicz, 1972:153).

Explicativa da Língua (*erklärende Sprachwissenschaft*), tampouco uma Filologia Comparada (Филология), e sim, somente o estudo geral das línguas e da fala humana, uma Ciência da Língua (Языковедение), ou finalmente, a Linguística (Лингвистика)⁷⁷. Tal nome em nada a predetermina, apenas lhe indica o objeto em cujo campo propõe-se questões científicas (Courtenay, 1963 – I:56 – meu grifo).

Quanto à diferenciação entre a Ciência da Linguagem e a Filologia, Courtenay considera ainda que a Filologia não é uma ciência homogênea e objetiva pois “*é uma reunião de partes de diferentes ciências (a Ciência da Linguagem, a mitologia, a história, a literatura, a história das culturas, etc.), reunidas em um todo identitário*” (Courtenay, 1963-I:56 – nota 19). Concordando com Saussure, Courtenay considera que este é o molde onde se encaixam a Filologia clássica (Greco-latina) e a Filologia do sânscrito, das línguas germânicas, eslavas e românicas.

2.6.2.1 Forma e Substância

Por ora, abordaremos outro ponto importante do projeto científico da Linguística: a questão da dualidade *forma* e *substância*. Este é um tema que está diretamente relacionado à compreensão correta por parte dos linguistas *da natureza de seu objeto de estudo*. Podemos dizer que a pesquisa dos Neogramáticos, no que tange a questão do *Laut (som)* e das alternâncias sonoras no campo das línguas indo-européias, de um modo geral, parece ter tomado uma *abordagem mais orientada em relação à substância (substance-based approach)* (Thibault, 1997:83), ou seja, se aproximou mais da *realização material do som* como *substância sonora*. Em outras palavras, houve uma falha por parte dos neogramáticos em perceber que as alternâncias são, em suma, *alternâncias de formas*. Isto é um erro (segundo o ‘*Cours*’), pois “*a língua é forma e não substância*”:

Nunca nos compenetraremos bastante desta verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de designar as coisas da língua provém da suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno linguístico (Saussure, 2009:141).

⁷⁷ Courtenay sugere o nome “*Glótica*” como alternativa para a Linguística.

O ‘*Cours*’ (2009:141) nos dá o exemplo do jogo de oposições que podem marcar o plural em alemão: por exemplo, *Nacht* : *Nächte* (*noite* : *noites* em português). Em português o que marca o plural é a presença do *fonema/morfema*⁷⁸ *s*; sua ausência marca o singular, mas apenas no jogo de relações entre estes dois itens. Em alemão o que marca o plural é a metafoia (*ä*) acrescida do *e* final, mas, mais uma vez, isto marca o plural apenas no jogo de relações diferenciais entre *Nacht* : *Nächte*: “*tomados isoladamente, nem Nacht, nem Nächte são nada; logo, tudo é oposição*”. Saussure compara os dois termos com uma fórmula algébrica *a/b*. A oposição não é entre a realização material dos sons *a* : *ä* ou *ø* : *s*, mas entre as formas potenciais que engendram tais fonemas, nos ambientes determinados (nas palavras *Nacht* ou *noite*, neste caso). “*A língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos*”, ou seja, seus termos são fruto de um *jogo de relações opositivas*, sempre em transformação. É claro que se subentende uma pessoa que “*executa*” os sons, que os pronuncia. No entanto, para a *langue* de Saussure, o que tem mais valor é o jogo das oposições, isto é, uma unidade é definida não apenas por sua substância, mas por sua diferença das outras unidades (sejam fonemas, sejam signos).

Outro ponto importante: os Neogramáticos não conseguiram desenvolver plenamente a diferença entre aquilo que é sincrônico e os fenômenos de ordem diacrônica. Isto se deve a uma aparente incapacidade de perceber a língua como um sistema de signos, uma vez que estavam orientados em relação aos fatos materiais das mudanças sonoras e as reconstruções do Proto Indo Europeu; ademais, as conclusões neogramáticas baseavam-se em *constatações sincrônicas* (as evidências oferecidas por línguas modernas, como o lituano, ou os dialetos) sobrepostas a *hipóteses diacrônicas* (as reconstruções).

Da mesma forma que o ‘*Cours*’ diz que Bopp e seus seguidores confundiram o som e a letra, os novos linguistas confundiram o *Laut* (som material, físico) com o fonema (uma unidade dentro de um sistema, segundo Saussure; uma representação psíquica das propriedades articulatórias que produzem tal som, para Courtenay ou uma unidade morfo-fonética, para Kruszewski). O cerne do problema, no entanto, é o fato de o fonema fora definido como uma unidade da Fonologia há pouquíssimo tempo (à época das hipóteses neogramáticas), e comumente, onde hoje utilizamos a noção do fonema, os linguistas utilizavam ora *som* ora *letra*, seguindo a terminologia consagrada pelo uso. Este foi um dos grandes trunfos do jovem Saussure

⁷⁸ O elemento *s* pode ser chamado fonema (do ponto de vista de sua característica de som e articulação), mas se o consideramos do ponto de vista de *sua função e valor* como marcador do plural na língua portuguesa, trata-se de um *morfema* (desinência nominal).

e do duo Courtenay-Kruszewski: a percepção de que o som físico, de ordem material não é a real unidade do estudo da Fonologia e da Linguística. Como o conceito do fonema ainda não havia sido aprofundado, ocorre que, ao pesquisarmos em textos antigos (pré-1900), em geral, encontramos referências aos *sons* ou *letras da língua*, onde hoje em dia encontraríamos *fonema*; isto pode ser verificado nas citações de Monier-Williams, Whitney e de alguns dos autores clássicos que apresentamos nos capítulos I e II.

A busca e a definição da unidade real do estudo fonológico (e linguístico) fazem parte da sistematização da metodologia e da ciência linguística organizada por Saussure (Milano, 2015:105) e da ciência fonológica por Courtenay-Kruszewski. Assim, na próxima seção, examinaremos o surgimento desta unidade, ou seja, o advento do fonema; por hora, concluímos este retorno histórico (necessário para que possamos estabelecer claramente em que contexto surgiu o fonema) retomando a asserção de Saussure no ‘*Phonétique*’: “*foi indispensável inventar um termo qualquer para uma idéia ancestral já totalmente definida no espírito dos linguistas*”, ou seja, foi preciso diferenciar o *Laut* (um som material da língua) do *fonema*, uma *potencialidade* [psíquica, acústica e fisiológica] *dentro de um sistema linguístico*.

3. O Fonema

É fato que o termo fonema foi criado (ou re-criado) na segunda metade do séc. XIX; o *conceito científico* encapsulado neste termo, contudo, difere sobremaneira quando comparamos diacronicamente o fonema de 1873 com o fonema da Linguística moderna. O objetivo da presente dissertação foi esmiuçar os importantes aspectos *cristalizados na palavra fonema* e no conceito de uma *unidade fonológica* que o subjaz, de forma a esclarecer a sua posição fundamental na estrutura fônica da língua e nos estudos da linguagem.

Já dissemos anteriormente que, no que concerne a história das idéias linguísticas, o advento do fonema como conceito científico refletiu uma profunda mudança no paradigma das pesquisas linguísticas, isto é, seu nascimento se deu em um momento da história da Linguística em que o foco do projeto científico passou do estudo histórico-comparativo exclusivo das línguas indo-europeias para uma teoria geral do funcionamento da língua e da linguagem; este é um dado relevante para a história das ideias linguísticas:

O fonema é um conceito central para a Linguística, cuja definição varia de escola para escola, mas o qual basicamente designa *as unidades significantes de som, uma unidade mínima de som capaz de modificar o significado de uma palavra*. Alguns teóricos especulam que com o final da Primeira Guerra Mundial, os linguistas estavam felizes em poder se livrar da dominação alemã representada pelo historicismo neogramático que tinha predominado até então; certamente, novas correntes, parcialmente convergentes, mas com características individuais diferentes, surgiram não apenas na Alemanha, mas também na Suíça com de Saussure, na Rússia com Baudouin de Courtenay e na América com Boas (Campbell, 2003:95 – meu grifo).

Segundo Jakobson (1962:232), por sua vez, enquanto os fundamentos da Fonologia foram desenvolvidos pelos trabalhos de Saussure e Courtenay, a “*elaboração sistemática da Fonologia*” e a definição científica do fonema como conceito central de uma ciência devidamente sistematizada, deu-se apenas no período do pós guerra, ou seja, após a publicação do ‘*Cours*’ póstumo de Saussure (1916), uma obra que rapidamente popularizou-se nos círculos linguísticos ao redor do mundo, e que, propôs não apenas ideias inovadoras, mas o fez por meio de um manejo peculiar da terminologia. Infelizmente, Saussure não viveu para testemunhar o resultado de sua obra de re-estruturação da epistemologia linguística; Courtenay, que viveu até 1929, no entanto, certamente testemunhou a gradual transformação no campo das ideias linguísticas que se deu a partir da publicação do ‘*Cours*’ – quando o livro foi publicado Baudouin contava 71 anos e já havia publicado muitas de suas ideias principais (Alpatov, 2005:43). O fonema é um destes conceitos inovadores, ao lado da tríade *signo-significante-significado*, da dualidade *langue-parole*, etc.; é verdade que Saussure não criou nenhum destes termos, mas a sua reforma metodológica, refletida na re-estruturação de conceitos já conhecidos (e na disseminação de neologismos como o fonema) pode com certeza lhe ser creditada, assim como ao duo Courtenay-Kruszewski.

Refazer o traçado do termo fonema, desde a sua possível cunhagem por Dufriche-Desgenettes até a sua adoção por Saussure não é uma tarefa fácil, embora estejamos falando de um período de apenas cinco anos; ademais, não podemos descrevê-la aqui de forma definitiva. Nos últimos anos, diversos estudos escritos por renomados professores do campo da Linguística e da Fonologia têm revisitado esta história, e a reescrito com novas nuances e possibilidades. Entre os artigos publicados acerca das origens do fonema, apenas três parecem ter tido um aprofundamento de pesquisa científica suficiente para nos dar um relato mais confiável dos fatos. Falamos dos artigos de John E. Joseph, intitulado ‘*Dufriche-Desgenettes and the Birth of the*

Phoneme' (1999); de Joachim Mugdan, intitulado '*The Origin of the Phoneme: Farewell to a Myth*' (1987); e finalmente, de Jakobson, intitulado '*The Kazan's School of Polish Linguistics and its Place in the International Development of Phonology*' (1971). Cada um destes artigos tem a sua importância para o presente trabalho: o primeiro pelo relato detalhado da vida e obra de Desgenettes, e principalmente, pelo resgate da história da criação do termo *phonème*; o segundo pelo resgate da vida e obra de Courtenay e Kruszewski por parte de um estudioso que empreendeu um projeto cuidadoso de pesquisa acerca destes linguistas e de sua teorização do fonema; e o terceiro pelo resgate da história da Escola de Kazan, de Courtenay e Kruszewski, por parte de Jakobson, o qual, sendo russo, bebeu diretamente da fonte instaurada pelos trabalhos dos poloneses, com cerca de apenas trinta anos de distanciamento. Não é demais dizer que em todos os trabalhos acima mencionados, a figura de Ferdinand de Saussure é igualmente fundamental e a sua conexão (e a do fonema) com seus camaradas poloneses é explorada em maior detalhe. Passemos então, à criação do *phonème* por Desgenettes.

3.1 Dufriche-Desgenettes reinventa o Fonema

A vida de A. Dufriche-Desgenettes (1804-1878) foi apenas recentemente investigada com sucesso por John E. Joseph (que é igualmente autor de uma biografia de Saussure, publicada em 2012). As poucas informações que dispomos, portanto, são fruto da investigação de Joseph nos arquivos da Bibliothèque Nationale Française, os quais contém 11 cartas (catalogadas alfabeticamente de A-K) de Desgenettes ao romanista francês Louis Havet (1849 – 1925); estas informações foram publicadas por Joseph no artigo acima referido e na biografia de Saussure ('*Saussure*', 2012:236-237 – Capítulo 7). Por meio deste estudo, sabemos que Desgenettes foi um comerciante, etnógrafo, poeta e foneticista amador, cuja maior glória parece ter sido sua reinvenção do termo *phonème*, a qual se deu provavelmente em uma reunião da Société de Linguistique de Paris, no dia 24 de Maio de 1873; o artigo acerca das consoantes nasais no qual ele utiliza tal termo pela primeira vez não foi publicado, mas recebeu uma menção favorável no *Bulletin* da Société (Joseph, 1999:58).

Desgenettes era um foneticista autodidata, e alguns dos trabalhos que escreveu acerca de sistemas fonológicos, contaram com a parceria de Havet, que em geral os editava e os lia durante as reuniões da Société, devido a um problema de visão do autor (Joseph, 1999:70). Tendo viajado

como marinheiro ao Oceano Índico, o Pacífico Sul e as Américas entre 1820 e 1860, Desgenettes registrou e comparou os inventários de sons de inúmeras línguas, o que lhe conferia um conhecimento de primeira mão de seus aspectos fonéticos; 1830 foi possivelmente “*a data de início do interesse de Dufriche pelo que pode ser chamado de uma fonética universal*” (Joseph, 1999:57).

Em 1866, Dufriche foi um dos fundadores da acima mencionada Societé de Linguistique de Paris, na qual, dada a evidência fornecida por suas cartas a Havet e algumas menções publicadas em jornais da época, ele jamais gozou de grande prestígio. Ao que parece, ele esteve sempre em uma posição marginalizada entre os vetustos sábios da Societé, o que explicaria, em parte, a sua proximidade do jovem Havet, que já era então um proeminente latinista.

Há certa controvérsia no que diz respeito ao significado do *phonème* original: Joseph nos informa que “*Dufriche e Havet haviam utilizado o termo “fonema” para indicar uma unidade de som que ocorre regularmente em uma língua – o equivalente fonético da “letra”*” (Joseph, 2012:236); podemos notar que esta explicação está em consonância com a citação do caderno ‘*Phonétique*’ de Saussure (que abriu o presente capítulo). Segundo Jakobson, Dufriche “*propôs o uso de uma palavra equivalente ao “Sprachlaut” alemão ao invés do canhestro “son du langage”*” (Jakobson, 1971:396). Mugdan contesta esta conexão entre o fonema e o Laut, e cita a seguinte definição dada por Havet em 1874: “*Phonème, um termo que tomei emprestado de M. Dufriche-Desgenettes [...], designa qualquer som articulado [son articulé], seja vogal ou consoante*”. (Havet, 1874:321 *apud* Mugdan, 1987:140). Esta citação é confirmada por Joseph (1999:70).

Segundo a pesquisa de Joseph, Desgenettes apreciava a criação de neologismos, e além do *phonème* ele propôs a adoção de uma série de outros termos, as quais, não obstante, foram invariavelmente rejeitados pelos membros da Societé. Entre estas, podemos citar *ambigène* (para a consoante lábio-palatal) e *phtongoïde* (para uma semivogal ou *glide*). Outro dado interessante diz respeito à questão da diferenciação *Phonologie-Phonétique*: na carta H endereçada a Havet, Desgenettes agradece a ajuda deste contra os “*detratores da fonologia*” (“*les contempteurs de la phonologie*”), ou seja, aqueles que não concordam com o nome de “*uma ciência ainda tão jovem*”; Dufriche diz ainda: “*não pretendo substituir fonética por este nome [fonologia]: existem aí certamente duas nuances diferentes*” (Desgenettes, carta H [8 de Dezembro 1874] *apud* Joseph, 1999:66). De certa forma, Desgenettes, por suas ideias e pela criação de neologismos,

(assim como Saussure e Courtenay) parece estar à frente de seu tempo: além da diferenciação Fonologia-Fonética, que prenuncia os trabalhos do Círculo Linguístico de Praga (e que é mencionada *en passant* por Saussure no ‘*Cours*’ [2009:42], e por Courtenay [1963-I: 353]), Desgenettes propôs um triângulo analítico do sistema de vogais do Francês, muito semelhante ao triângulo das vogais moderno (Joseph, 1999:66-67) e criou um sistema de transcrição fonética perpetuado na França em alguns guias fonéticos até 1950 (Joseph, 1999:71), o qual antecedeu em muitos anos os trabalhos do Alfabeto Fonético Internacional (doravante IPA) de Paul Passy (1849 – 1940).

3.2 O *Milieu*

Devemos agora fazer duas considerações; primeiramente, acerca do papel central desempenhado pela Société de Linguistique de Paris na origem do fonema. Primeiramente, se consideramos a Universidade de Leipzig o epicentro germânico onde foram desenvolvidas as noções relevantes que levaram às descobertas científicas de Saussure e Courtenay (ainda que estes tenham em realidade *se oposto* às principais ideias dos Neogramáticos), a Société foi o *milieu* parisiense onde o fonema se desenvolveu, primeiramente como neologismo, nos trabalhos de Desgenettes e Havet, e em seguida como um conceito científico, com a chegada de Saussure à Paris como Professor de Gótico na École des Hautes Études em 1881, e através de seus encontros com Courtenay (em pessoa) e com os trabalhos de Kruszewski (lidos por Courtenay), os quais se deram na mesma Société. Saussure tornou-se membro da Société em 1876 (um ano após a morte de Desgenettes); sua primeira visita à Paris parece ter ocorrido apenas em 1879 (Joseph, 2012:258), e no entanto, o *phonème* aparece já no ‘*Mémoire*’, o qual foi escrito no verão de 1878 em Leipzig. De onde teria o jovem Saussure tomado conhecimento deste termo? A hipótese mais provável (aceita por Joseph e Jakobson) é que Saussure travou contato com o fonema nos trabalhos de Havet; Mugdan, no entanto, considera isto apenas uma conjectura, pois “*Saussure poderia ter encontrado o termo nos escritos de Dufriche, ou alhures*” (Mugdan, 1987:141). Realmente, como veremos a seguir, quanto ao fonema do ‘*Mémoire*’ existem inúmeras hipóteses, e poucos dados concretos. O ‘*Mémoire*’ permanece até hoje como o primeiro trabalho publicado em que aparece tal termo, pelo menos aos olhos do grande público e mesmo de muitos linguistas, pois poucos conhecem o trabalho de Havet, e um número ainda menor de pessoas conhece a

história de Desgenettes. Quanto ao papel de local primeiro onde o fonema converge como *significante e significado*, este, até onde sabemos, cabe à Sociétés.

3.3 *Gramophone, telephone, microphone*

Em segundo lugar, quanto à palavra fonema em si, este é, a nosso ver, um *pseudo-neologismo*: não se trata de uma criação totalmente original, e sim de uma adaptação, uma palavra, recriada primordialmente por meio de uma mudança de acento: do grego φώνημα para o francês *phonème*. Sabemos que em meados da década de 1870, a palavra grega *phoné* estava em voga. Em 1876 (o ano da eleição de Saussure como membro do Sociétés) o escocês Graham-Bell desenvolvera o *telefone*, e em 1877, Thomas Edison ganhou a patente pela invenção do *fonógrafo* (também conhecido como *gramofone*), o que tornou possível pela primeira vez, a gravação da voz humana; além disso, Edison e o inglês David Edward Hughes haviam desenvolvido neste mesmo ano o *microfone* (que era chamado também de *transmissor*). É verdade que existe um hiato de três anos entre o advento do *phonème* e a aparição do *telephone*; mas entre este e a escritura e publicação do ‘*Mémoire*’, haviam passado já três anos, nos quais as invenções “*fônicas*” possivelmente já gozavam de um certo prestígio nos altos círculos. De fato, sabemos que Baudouin estava bem a par da significância destas invenções e sua importância para o estudo linguístico: um comentário escrito em 1882, extraído dos ‘*Otryvki*’ (‘*Fragmentos*’) da obra de Courtenay, incluído no artigo ‘*The Kazan School of Linguistics and its Place in the International Development of Phonology*’ (escrito por Roman Jakobson) nos oferece esta pista muito precisa:

Sem dúvida, ferramentas físicas recém-inventadas tais como o *telefone*, o *microfone* e o *fonógrafo* podem oferecer um serviço muito importante para a Antropofônica. (...) Com tais aparelhos auditivos (acústicos) as sensações serão transferidas para o campo mais objetivo da ótica: os sons serão reproduzidos pelas formas visíveis de certos movimentos (Courtenay: pp. 4f, 61f *apud* Jakobson, 1971:413 – meu grifo)

É bem possível que estas invenções tenham tido alguma relação – ou seria uma feliz coincidência? – com a adoção de um termo que também incluía a auspiciosa palavra grega *phoné*. Tais comentários encontram um eco no ‘*Cours*’: Saussure teria dito que “*para poder dispor, em*

todos os casos, de documentos diretos [das línguas faladas], seria mister que se tivesse feito, em todas as épocas, aquilo que se faz atualmente em Viena e Paris: uma coleção de mostras fonográficas de todas as línguas” (Saussure, 2009:33).

3.4 Phonème, Système – O Fonema no ‘Mémoire’

Duas palavras que se encontram no cerne das pesquisas de Saussure (e nas suas hipóteses que concernem o projeto de uma Linguística Geral) partilham de uma estreita relação no ‘Mémoire’: trata-se, obviamente dos conceitos de *sistema* e *fonema*. O ‘Mémoire’ é uma obra de importância para nossa pesquisa, uma vez que ela representa um ponto alto na tradição dos trabalhos comparatistas, além de ser um dos dois livros publicados em vida pelo próprio Saussure. Ademais, o fonema nesta obra representa não somente a diferenciação terminológica entre duas escolas, mas principalmente, a diferenciação incipiente entre o som (elemento físico), a letra (elemento gráfico) e *uma unidade fonológica representativa dentro de um sistema*, um dos elementos básicos nos projetos científicos de Saussure (a unidade no sistema) e Courtenay (a unidade fonológica). A noção de sistema parece ter sido tomada dos trabalhos de Whitney por Saussure; vejamos o que diz Benveniste acerca deste conceito:

Quando os linguistas começaram, seguindo o exemplo de Saussure, a ver a língua nela mesma e por ela mesma, eles reconheceram o princípio que iria se tornar o princípio fundamental da linguística moderna: que a língua *forma um sistema*. Isto vale para toda a linguagem, qualquer que seja a cultura onde ela esteja em uso, em qualquer estado histórico em que a tomemos. Da base ao cume, desde os sons até as formas de expressão mais complexas, *a língua é um arranjo sistemático das partes* (Benveniste, 1966:21 – meu grifo).

Enquanto a definição do que é um sistema é bastante clara, o primeiro problema que enfrentamos quanto ao fonema no ‘Mémoire’ é justamente a falta de uma definição exata para este conceito, uma resposta que seja à pergunta “*o que é um fonema ?*” do ponto de vista científico da análise proposta por Saussure; o então jovem de 21 anos simplesmente não definiu o conceito em seu livro. Este é um problema de difícil solução, ou melhor, é um problema sem solução; as únicas definições “*saussurianas*” do fonema provêm de fontes “*não oficiais*”, isto é, não foram publicadas em vida pelo próprio Saussure: falamos dos manuscritos (entre eles aquele

que citamos no início deste capítulo, sendo o que contém o maior número de teorizações do fonema e da sílaba, em conjunto com o manuscrito sobre a dupla essência da linguagem, que também contém ideias sobre os fonemas) e o ‘*Cours*’, que é por vezes, pleno de paradoxos, provavelmente por tratar-se de uma compilação póstuma. No que tange a ideia mais comumente aceita (baseada amplamente no testemunho do ‘*Cours*’, ou seja, o Saussure de Bailly e Sechehaye), o fonema é uma unidade que “*implica uma idéia de ação vocal*” (Saussure, 2009:80), o que parece corroborar as hipóteses presentes no ‘*Phonétique*’, principalmente a que escolhemos para abrir este capítulo. Recordemos: o fonema saussuriano parece estar mais próximo do conceito que atualmente chamamos de *fone* (o som absoluto). Não obstante tal noção, quando analisamos o fonema do ‘*Mémoire*’, devido à falta de uma definição exata, temos a impressão de que o fonema é algo mais que uma unidade material, mais que uma substância sonora; tal paradoxo encontra paralelos em várias citações no ‘*Cours*’ em que o fonema é descrito como uma *unidade diferencial* (Saussure, 2009:54, 67, 138, 258), entre elas:

Finalmente, para conhecer as unidades fônicas de uma língua, não é indispensável caracterizar-lhes a qualidade positiva; cumpre considerá-las como entidades diferenciais cuja peculiaridade consiste em não se confundirem umas com as outras (Saussure, 2009:258).

É importante termos em mente o fato que o legado da obra saussuriana pode ser dividido entre os trabalhos de cunho comparatista (como os inúmeros artigos apresentados na Société, o ‘*Mémoire*’ e o ‘*De l’Emploi du Génitif Absolu em Sanskrit*’) e aqueles manuscritos remanescentes que tratam de uma teoria geral da ciência da linguagem, onde podemos incluir o testemunho póstumo do ‘*Cours*’. Assim, nos parece sensato considerarmos o fonema na obra de Saussure sob dois pontos de vista diferentes: o fonema “*tradicional*” (a definição contida no ‘*Cours*’) e o fonema “*primeiro*” (isto é, aquele contido no ‘*Mémoire*’). Sabendo que Saussure não nos deixou uma definição bem acabada e definitiva deste conceito, devemos recorrer ao trabalho de outros estudiosos, que, ao analisar a grande obra de Saussure, compilaram hipóteses acerca do que o fonema aí representa. Analisaremos as definições elaboradas por Jakobson, Benveniste e Joseph, e mais alguns dados fornecidos pelos trabalhos de outros linguistas.

Começamos com Jakobson: para ele, o fonema do ‘*Mémoire*’ não tem o mesmo sentido do fonema moderno, pois representa “*um conceito histórico*”:

Os estudos comparativos descobriram que em línguas cognatas as unidades morfológicas com uma origem comum mostram correspondências fonéticas regulares, e que cada uma destas correspondências é um reflexo de um protótipo comum na língua mãe. *Este protótipo (hipoteticamente uniforme e distinto) de uma progênie multiforme mais tardia foi chamado de phonème no ‘Mémoire’ de Saussure.* Esta entidade foi concebida como um elemento de um sistema fonológico, o qual, a despeito de sua articulação precisa, é reconhecível como diferente dos outros elementos (Jakobson, 1971:397 – meu grifo).

Segundo Mugdan, tal definição foi incorporada por Jakobson a partir da definição do fonema no ‘Mémoire’ elaborada por Godel: “*Um elemento de um sistema fonológico, o qual, a despeito de sua articulação exata, é reconhecido como sendo diferente de qualquer outro elemento*” (Godel 1957:272 *apud* Mugdan, 1987:139).

Benveniste, por sua vez, liga claramente fonema e sistema, e introduz a noção de uma *unidade algébrica*:

Saussure havia discernido que o sistema vocálico do indo-europeu continha diferentes *a*. (...) Agora um destes *a* tinha a propriedade singular de se comportar de forma diferente que seus dois congêneres vocálicos. (...) Saussure caracteriza este *a* de acordo com duas características específicas. Por um lado, ele não engendra nem *e* nem *o*; por outro, ele é um *coeficiente soante*, isto é, ele é capaz de executar o mesmo papel duplo, vocálico e consonantal, como as nasais e as líquidas, e ele se combina com as vogais. Notemos que Saussure falou deste *elemento como um fonema* e não como um som ou uma articulação. Ele não nos diz como se pronuncia este fonema, de qual som ele se aproxima em qualquer sistema observável, ou mesmo se ele era uma vogal ou uma consoante. A substância fônica não era considerada. *Nós nos confrontamos com uma unidade algébrica, um termo do sistema*, o que mais tarde ele chamaria de uma entidade distintiva e opositiva (Benveniste, 1966:35 – meu grifo).

É oportuno tratarmos agora destas duas sub-questões pertinentes ao universo do fonema no ‘Mémoire’, suscitadas por Benveniste: os coeficientes soantes e as unidades algébricas. Primeiramente, acerca dos *coefficients sonantiques*: os dois fonemas soantes principais da teoria de reconstrução de Saussure (*A* e *Q*) seriam relacionados alguns anos mais tarde com o que modernamente chamamos as *laríngeas* do PIE (e de uma língua ancestral do indo-europeu chamada hitita). Acerca desta relação, diz Sihler: “*As laríngeas são a última adição ao inventário de sons do PIE. A sua reconstrução remonta à sugestão feita pelo linguista suíço Ferdinand de*

Saussure em 1879 (um período em que a reconstrução dos sons do PIE passava por uma reestruturação geral)”. O termo laríngeo é proveniente do campo das línguas semíticas, e designa as consoantes como a *parada glotal* [ʔ], a *fricativa faríngea* [ħ] e o fonema semítico chamado *ʔain* [ʕ]. “Estas consoantes laríngeas partilham de duas propriedades dos coeficientes soantes do PIE: elas influenciam as características fonéticas das vogais vizinhas ao seu ambiente fonético; elas são propensas a se unir umas com as outras ou com obstruentes, ou desaparecem totalmente. Foi a serviço de facilitar as comparações entre o PIE e o Proto-semita que os coeficientes soantes foram rebatizados como laríngeos” (Sihler, 1995:165-166). Segundo Joseph (2012), Brugmann sugeriu que o fonema *A* saussuriano era, em realidade, um “*schwa indoeuropeu*” (/ə/): na gramática do hebraico clássico, o *schwa vocálico* sinaliza a existência de uma *semivogal muito breve* (um *glide*) e o *schwa silencioso*, a ausência total de uma vogal⁷⁹. “Saussure nunca teve esta intenção, ou mesmo planejou este desenvolvimento [de sua teoria], mas notas não publicadas datadas de março de 1885, provavelmente para um curso que ele ministrava na época, indicam que ele não era hostil à ideia. Ele tira o chapéu para Möller e então, risca seu nome” (Joseph, 2012:248). Hermann Möller (1850 – 1923) foi um filólogo dinamarquês, que estudava a relação entre o PIE e o Proto-semítico; após ler o ‘*Mémoire*’, Möller – instigado pela ideia dos coeficientes soantes – foi o primeiro a propor a teoria das laríngeas (que é erroneamente creditada a Saussure).

Agora, quanto ao que Benveniste chama de “*o fonema como unidade algébrica*” em um sistema: como mencionamos na seção 2.8, tal sistema possui apenas termos complexos, que criam um jogo de relações *lógicas, complexas, representativas e abstratas*; daí advém o epíteto *algébrico*. Tal designação já estava em uso antes da criação do ‘*Mémoire*’; por exemplo, Monier Williams chama as sutras do ‘*Aṣṭādhyāyī*’ de Pāṇini e seus elementos de “*a grammatical algebra*” (Monier-Williams, 1875:175). A fim de compreender o que é tal álgebra gramatical, analisemos um pequeno trecho do ‘*Mémoire*’:

Chamemos **Z** todo *fonema* diferente de **a₁** e **a₂**. Poderemos propor a seguinte lei: toda raiz contém o grupo **a₁ + Z**.

Segunda lei: salvo em casos isolados, se **a₁** for seguido de dois elementos, o primeiro será sempre uma *soante*, o segundo sempre uma *consoante*.

Exceção: As soantes **A** e **Q** podem ser seguidas de uma segunda soante.

⁷⁹ “O *schwa* não é uma vogal. Este som, semelhante a uma vogal muito breve é igual ao ‘e’ na palavra inglesa ‘because’ (Weingreen, 1952:09).

Para criar as *formulas* de diferentes tipos de raízes que permitem estas duas leis, chamemos de **S** as *soantes i u n m r (l) A e Q*, e designemos por **C** as *consoantes* em oposição às soantes (Saussure, 1879:184 – meu grifo).

O tipo de notação em índice subscrito, o uso de letras maiúsculas para designar grupos de sons, as palavras *fonema*, *formulas* e *lei* fazem com que o texto acima mais pareça um enunciado matemático que um trecho de trabalho de linguística. Contudo, os termos *soantes e consoantes*, e o fato que fonema é uma palavra relacionada ao som, e que *raiz* significa o radical formador de sentido das palavras do indo-europeu, não deixam dúvida que este é realmente um trabalho linguístico, de um tipo muito peculiar: é um *trabalho de reconstrução*. Assim, notações modernas como **dyew* e **pH₂tér* em

- PIE **pH₂tér* > Ved. *pitṛ* : G *πατήρ*, L *pater*, OE *fæder*, IM *father* (seção 2.3 do presente capítulo);
- PIE **dyew – pH₂tér* ‘pai celestial’ > Ved. *dyāus* : S *deva* : G *Ζεύς* : L *Iuppiter* : P *Deus pai* (Sihler, 1995:189)

tiveram sua origem no trabalho pioneiro de Saussure. Tanto no **a₁ + Z** saussuriano quanto no **dyew – pH₂tér* dos estudos modernos do PIE, os símbolos utilizados frequentemente não representam somente as letras do alfabeto, tampouco realizações materiais sonoras em si; o asterisco que antecede a reconstrução do ancestral PIE da palavra *pater* representa o fato de que tal palavra não é atestada; o **H₂** na mesma reconstrução representa um dos coeficientes soantes saussurianos (a notação moderna das laríngeas) – que pode engendrar o *i* no védico *pitṛ*, o *alfa* do grego *πατήρ*, e *æ* do inglês antigo *fæder* (no ‘*Mémoire*’, **A** e **Q** representam tais coeficientes) – cuja pronúncia exata é desconhecida. O que interessa na reconstrução é a sua posição exata na palavra e sua natureza *co-eficiente*, isto é, o **H** pode ou não ser silábico⁸⁰. Quanto a **a₁** e **a₂**, Saussure nos explica que Brugmann assim designou o protótipo do *e* e do *o* europeus; além disso “quanto ao terceiro fonema, que é o **a** Greco-italico e que constitui a metade dos **a** das línguas do norte, nós o designamos pela letra **A**, afim de deixar claro que ele não engendra nem *e* (**a₁**) nem *o* (**a₂**)” (Saussure, 1879:52). O que temos aqui é uma *metalinguagem de reconstrução*

⁸⁰ Conforme Sihler: “Em grego, ***H₁** > **ε**, ***H₂** > **α**, ***H₃** > **ο**. Em latim, todo ***H** silábico se torna ***a** (...):

- PIE ***H₂onH₁mo** ‘folêgo’ do verbo **H₂enH₁mo** ‘respirar’ > G *ἄνεμος* : L *animus* : S *animum* (inf. de *an* ‘respirar’) (Sihler, 1995:99).

linguística, ou seja, uma forma de álgebra gramatical⁸¹: o ‘*Mémoire*’, como diz o título da obra, reconstrói o funcionamento do *sistema primitivo* das vogais das línguas indo-européias.

É mister recordar que a “álgebra” do ‘*Mémoire*’ (tal como a “álgebra” de Pāṇini) lida com as *palavras* da língua (os signos saussureanos), as quais são tanto imagens psíquicas de uma série de sons, quanto as ideias que estas imagens sonoras suscitam, ou seja, são *significante e significado*. Isto nos remete a outro tipo de relação complexa, que é a *natureza dupla da língua*, expressa com perfeição na metáfora da folha de papel do ‘*Cours*’: “*o pensamento é o anverso e o som o verso: não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro*”. Isto significa que “*não se pode isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som*”; e quando os elementos se combinam, “*esta combinação produz uma forma, não uma substância*” (Saussure, 2009:131). Mas, estas citações são tomadas ao ‘*Cours*’; no ‘*Mémoire*’, Saussure diz logo no início da Introdução: “*A isto se acrescenta que a questão do a está relacionada com uma série de problemas de fonética e morfologia, os quais ainda aguardam uma solução*” (Saussure, 1879:01); quando fala de “*problemas de fonética e morfologia*”, Saussure já anuncia aquele que será um dos princípios fundadores de sua Linguística: a preocupação com o som e o sentido, e com as relações complexas que produzem as formas linguísticas. Um comentário de Courtenay (tomado da obra de Jakobson) acerca do trabalho de Saussure diz justamente que “*a grande virtude de Saussure jaz no fato que ele enfatizou, com mais força que jamais fora feito antes, a conexão entre a relação fonética e a estrutura morfológica das palavras*” (Courtenay apud Jakobson, 1971:409). Assim, os coeficientes representam não apenas potencialidades sonoras, mas elementos que executam certa função no sistema, e que deixaram rastros reconhecíveis (ao desaparecerem) no sistema vocálico das línguas indo-européias.

Segundo nosso entendimento, o comentário de Courtenay ajusta-se perfeitamente, tanto às obras do Saussure comparatista quanto do Saussure teórico da Linguística; de fato, sendo a noção de sistema uma das peças chave da *arquitetura* do projeto epistemológico saussuriano, o estabelecimento de um conjunto de *relações* entre os termos deste sistema é uma condição *sine qua non*; além do mais, uma relação morfo-fonológica, como diz Courtenay, implica em outro dos princípios básicos da linguística saussuriana, que é justamente a essência dupla da linguagem:

⁸¹ A própria palavra árabe *al-jbrâ* significa tanto a parte da Matemática que estuda operações com entidades abstratas, quanto a *arte de consertar fraturas nos ossos*.

Uma sucessão de sons vocais, por exemplo, *mer* ($m + e + r$) é talvez, uma entidade que regressa ao domínio da acústica, ou da fisiologia; ela não é de jeito nenhum, nesse estado, uma entidade linguística. Uma língua existe se, à $m + e + r$, se vincula *uma ideia* (Saussure, 2004:23 – meu grifo).

Tal ideia reflete com exatidão a lógica do ‘*Mémoire*’: aí, os fonemas não são *sons em si*, tampouco podemos lhes designar uma substância sonora exata, uma vez que a obra trata de línguas já extintas. Os diferentes *a* indo-europeus são *entidades abstratas*, as quais podemos relacionar com as *entidades materiais sonoras* (mas sempre se baseando no testemunho sonoro ainda existente das línguas modernas, como quer a definição do fonema de Kruszewski). Recordamos o prólogo desta obra:

Estudar as várias formas sob as quais se manifesta aquele que é chamado de *a* indo-europeu: tal é o objeto imediato deste opúsculo; as vogais restantes não serão levadas em consideração exceto quando os fenômenos relacionados com *a* nos forneçam uma ocasião. Mas se, após termos chegado ao fim de tal campo desta forma circunscrito, a tabela do vocalismo do indo-europeu tiver pouco a pouco se modificado em frente à nossos olhos, de forma a vermos esta tabela inteiramente agrupada em torno do *a*, e se adotarmos uma nova atitude em vista disto, será claramente o sistema de vogais em sua totalidade que terá entrado no nosso campo de observação (...) (Saussure, 1879:01).

Vejamos finalmente, a terceira definição do fonema no ‘*Mémoire*’, extraída da biografia de Saussure, escrita por John E. Joseph. Segundo o pesquisador, o termo *coeficiente soante* é uma invenção do próprio Saussure, ao contrário da palavra *fonema*; no entanto, a aplicação que Saussure deu a este último foi própria dele. E foi também graças à poderosa influência do ‘*Mémoire*’ no mundo acadêmico que o fonema “*se tornou parte do léxico linguístico moderno*” (Joseph, 2012:236). Diz Joseph:

Para Saussure, não obstante, ele [o fonema] tomou um novo valor. Ele o usa quase desde o início do ‘*Mémoire*’, sempre que está falando de *A*. A razão é que isto lhe permite atrasar qualquer discussão do que *A* é exatamente, até que ele esteja pronto para introduzir a noção do *coeficiente soante*. O leitor, portanto, muito naturalmente supõe que *A* é uma vogal, uma versão de *a*, como o *A* do artigo de 77 escrito por Saussure. Ele poderia ter escolhido a palavra francesa *son* (“*som*”) como um termo neutro para cobrir *A*, mas ele queria designar muito precisamente o que este representava para ele: um “*coeficiente*” que não correspondia a nenhum *som* indo-europeu conhecido, o qual tinha como sua função essencial a realização

de um co-efeito na evolução do sistema de vogais a partir do *e* original. “Phonème” caiu como uma luva porque, além do fato de que *esta palavra tinha algo a ver com som*, ninguém tinha muita certeza do que significava. Dufriche-Desgenettes não havia dado uma definição, e tampouco o fez Saussure (Joseph, 2012:236 – meu grifo).

O fonema aparece já na página 2 (sem contarmos as menções do índice) no ‘*Mémoire*’: Saussure diz ser obrigado a retirar as opiniões que havia exposto do artigo que escrevera em 77 sobre os diferentes *a* indo-europeus; para ser exato, ele inicia o ‘*Mémoire*’ revendo sua posição acerca da teoria das líquidas e das nasais soantes de Brugmann e Osthoff, a qual ele havia rejeitado devido “*em particular à semelhança de ar com os fonemas saídos do r*” (Saussure, 2009:02 – meu grifo). Como dissemos anteriormente, o ‘*Mémoire*’ é fruto das reflexões e discussões do *milieu* acadêmico de Leipzig; já o fonema, é fruto das discussões do *milieu* acadêmico da Société; ora, deste ponto de vista, o ‘*Mémoire*’ é o *locus* onde convergem os resultados das discussões destes dois *milieux*, enquanto no conceito nascente do *fonema* temos o ponto de encontro resultante do trabalho de vários cientistas europeus, e, como vimos desde o início da presente dissertação, de séculos de pesquisa linguística.

Podemos traçar uma ousada analogia com o fonema moderno, o fonema de Saussure no ‘*Cours*’, o fonema de Saussure no ‘*Mémoire*’ e nos manuscritos, o fonema de Kruszewski e os inúmeros “*fonemas*” de Courtenay: a *palavra significante é a mesma*, mas os significados e seus respectivos valores são diferentes. Cada um destes sábios, em cada um de seus trabalhos, re-estruturou o conteúdo científico e o escopo do fonema, e foi apenas com a sistematização da Fonologia promovida pelo Círculo de Praga que o fonema ganhou sua feição moderna; não é surpreendente, contudo que as discussões acerca do tema “*o que exatamente é um fonema e o que ele representa*” estejam longe de encerradas, quase 150 anos após sua aparição. Três elementos apenas parecem subjazer a todas as definições possíveis já teorizadas acerca deste conceito: o fonema, dado o conteúdo semântico suscitado pela palavra grega φωνή, está de alguma forma ou de outra, ligado ao *som da voz humana* (seja materialmente ou psicologicamente) *articulada* na estrutura psíquica que chamamos de *língua*; estes sons são registrados *por meio da escrita*.

Um estudo detalhado do conteúdo do ‘*Mémoire*’, muito infelizmente, ultrapassa os limites impostos pela definição do tema do presente estudo, e se o revisitamos, assim como os principais elementos das hipóteses avançadas pelos teóricos comparatistas do séc. XIX, foi apenas no intuito de estabelecer claramente o *air du temps* e as condições de produção deste conceito.

Utilizaremos, contudo, alguns extratos da grande obra de Saussure para exemplificarmos a questão levantada no parágrafo acima, isto é, os “*diferentes fonemas*” de Saussure, Courtenay e Kruszewski; a importância de diferenciarmos os fonemas no ‘*Cours*’ e no ‘*Mémoire*’ já foi discutida. Vejamos agora, a questão da unidade.

Um fonema, no sentido moderno, representa *uma unidade fonológica*, isto é, representa a ideia de um único som; contudo, o que define o quanto exatamente lhe cabe de cada porção da cadeia da fala é definido pela *substância sonora material* (o fone); em outras palavras: é preciso que haja uma palavra articulada (ou a ideia de uma palavra articulada, no caso da leitura silenciosa) para que se possa fazer o recorte fonêmico, ou a segmentação da cadeia articulatória. Por exemplo, para a gramática moderna, a palavra *par* tem três fonemas, ou seja, três unidades articuladas distintamente. Se recorrermos ao ‘*Cours*’, vemos que a ideia de que estas unidades mínimas podem ser contadas já era trabalhada por Saussure, em conjunto com as hipóteses de reconstrução e parentesco entre as línguas: “*a reconstrução de ěk₁wōs quer dizer que o correspondente indo-europeu do latim equos, sânscrito ačvas, etc., era formado de cinco fonemas determinados*” (Saussure, 2009:259 – meu grifo). Ainda acerca da ideia de unidade sonora homogênea, seguindo o raciocínio de Mugdan (1987:140), outro problema surge quando recorremos a alguns dos inúmeros exemplos do fonema no ‘*Mémoire*’; nem sempre um fonema equivale a uma única unidade fonológica no sentido descrito acima; por exemplo, nas páginas 6 e 7:

É certo, para começar, que ao *r* hindu corresponde quase constantemente em zend um fonema particular, muito próximo, sem dúvida, do *r*-vogal, a saber *ērě* (Saussure, 1879:6-7).

Tal exemplo não é um deslize, ou tampouco um exemplo isolado: na nota 1 à página 35, encontramos a seguinte afirmação: “*Tal evolução da soante nasal não deve ser colocada em paralelo com os fonemas ĩr ũr tr ũr, por exemplo, titirvan, pūryáte*” (Saussure, 1879:35 – meu grifo).

Ainda, na página 19, encontramos a seguinte afirmação: “*Eis aqui os diferentes fonemas saídos das soantes nasais*”, que precede esta tabela:

Indo-eur.	<i>ŋ</i>	<i>ɲ</i>	Indo-eur.	<i>ŋ</i>	<i>ɲ</i>
Ariano	<i>a</i>	<i>a</i>	Latim	<i>em</i>	<i>em</i>
Grego	<i>a</i>	<i>a</i>	Páleo-eslavo	<i>ę</i>	<i>ę</i>
Gótico	<i>un</i>	<i>um</i>	Lituano	<i>in</i>	<i>um</i>

Fig. 4 – Tabela de fonemas originários das soantes nasais (Saussure, 1879:19).

Como vimos na Introdução do presente capítulo, a definição do fonema de Kruszewski está mais próxima desta acepção⁸² (o fonema poderia ser uma unidade que representa mais que um som, ou um determinado som e uma característica como a palatalização do fonema seguinte). Isto difere frontalmente da definição de Courtenay, em que a *unidade fonológica* não pode corresponder a mais que um som da cadeia, pois a soma dos traços distintos fisiológicos e acústicos formam um *único elemento*.

3.4.1 Após o ‘*Mémoire*’: o Fonema no ‘*Phonétique*’ e o Fonema de Courtenay

Consideraremos agora, brevemente, comentários acerca do fonema escritos por Saussure entre 1881 e 1883, e que estão contidos nos cadernos que citamos no início deste capítulo (‘*Phonétique*’). Trata-se de um material publicado em 1995 – uma coleção de manuscritos acerca de problemas relativos à Fonética Articulatória, à sílaba e aos fonemas das línguas indo-europeias. A introdução do manuscrito nos remete a questões pertinentes ao universo do ‘*Mémoire*’:

Qual é a distribuição de papéis que encontramos estabelecida entre os diferentes fonemas ario-europeus no que concerne as oposições entre a consoante e a soante? (...) I. Fonemas constantemente soantes: *e o*; II. Fonemas constantemente consonantais: *g₁ g₂ d b k₁ k₂ t p g₁h g₂h dh bh z s*; Fonemas tanto soantes quanto consonantais: *i u r l n m*. (Saussure, 1995:01 – cahier 1 – 2r).

Maria Pia Marchese, a curadora e editora do ‘*Phonétique*’ considera importante a separação das inúmeras passagens nas quais o fonema é “*usado como termo técnico, em sintonia*

⁸² De fato, Courtenay diz, em seu artigo de 1881 (que citamos anteriormente), que Kruszewski trabalhou na compilação de diversos termos novos para aplicá-los às alternâncias sonoras, e que tomara o termo fonema do trabalho de Saussure (Courtenay, 1881:126).

com aquela que era o uso corrente naquela época, isto é, como sinônimo de som⁸³” e aquelas em que Saussure “reflete sobre o conceito do fonema, buscando defini-lo” (Saussure, 1995:XXII – Introduzione). Segundo a autora, este segundo grupo de passagens é o que contém o embrião da definição tradicional do fonema saussuriano, contida no ‘Cours’, e que por sua vez, seria a base das teorias fonológicas do Circulo de Praga e de Jakobson. Os cadernos do ‘Phonétique’ lidam, em sua maioria, com questões fisiológicas e articulatórias relativas ao fonema e à sílaba, afastando-os da noção algébrica do ‘Mémoire’, e aproximando-se do fonema como “ação vocal”, conforme elaborada nos cursos de Linguística Geral. Não obstante, se examinarmos duas passagens diferentes em que Saussure parece estar tentando “isolar” uma definição adequada do fonema, é possível estabelecer elos tanto com seu trabalho como filólogo das línguas indo-europeias quanto como linguista geral. Por exemplo:

Fonema = sempre a possibilidade de um valor semiológico

Fonema = oposições acústicas

Fonema = a indivisão do som no tempo – resultado da semelhança relativa

Fonema = totalidade do som percebido de momento em momento

Fonema = impressão capaz de distinguir a vontade (onde o que é controlado não é a sonoridade como tal, mas a sonoridade que tem que concorrer com um fonema particular (...))

Delimitação em nome da semiologia do fonema (apenas negativa) e que vem apenas após a delimitação acústica (Saussure, 1995:91 – cahier 3 – 7r – meu grifo)

John E. Joseph considera que as questões levantadas nesta passagem (tais como a questão do fonema semiológico e das oposições) já eram encontradas implicitamente no ‘Mémoire’, uma vez que neste trabalho “questões de articulação e de acústica foram deixadas de lado [por Saussure] para focar-se exclusivamente na distribuição dos fonemas como unidades significantes” (Joseph, 2012:301). É importante lembrar, não obstante, que o ‘Mémoire’ inicia com uma revisão da teoria de Brugmann e Osthoff acerca das soantes nasais e líquidas em que o aspecto articulatório (como coeficientes elas podem ser tanto consoantes quanto soantes) está presente, ainda que implicitamente.

⁸³ O fonema de Desgenettes, portanto.

Em outra passagem do caderno 3 do ‘*Phonétique*’, entretanto, Saussure, traz novamente a questão das unidades diferenciais representadas pelos fonemas, mas desta vez, em conjunto com o aspecto articulatório (“*podemos retornar aos elementos do som*”), ou seja, ele procura responder à questão “*quais são as condições para que este som, este ruído, seja produzido?*”:

Fonema = fenômeno fonético oposto ao silêncio

Fonemas individuais opostos entre eles

Fonema representando uma porção de tempo em oposição à espécie fonética

Fonema em oposição à audição (em oposição à sincronia fisiológica)

Fonema em oposição ao encadeamento (Saussure, 1995:81 – cahier 3 – 3v).

O contraste entre estas duas passagens nos remete à questão que podemos chamar aqui de *dupla natureza* do fonema saussuriano: o seu aspecto de *som material* (fisiologicamente executável e acusticamente perceptível) o que, portanto, o faz um elemento da *parole* (o fonema do ‘*Cours*’) e seu aspecto de elemento *diferencial de natureza negativa* e associado à significação (o fonema do ‘*Mémoire*’), o que o faria um elemento da *langue*. Como o ‘*Phonétique*’ nunca foi publicado por Saussure, esta dualidade do fonema saussuriano permaneceu de certa forma esquecida, e a definição encontrada no apêndice de Fonologia do ‘*Cours*’ tornou-se aquela mais comumente aceita entre os linguistas e estudiosos. Não muito tempo mais tarde, Courtenay elaboraria a distinção *fonema* (equivalente psíquico do som), *morfema* (unidade psíquica indivisível da significação) e *grafema* (unidade mínima da representação gráfica). A questão está longe de resolvida, contudo, e permanece paradoxal: os fonemas (e os morfemas) de Courtenay são sempre psíquicos, enquanto os fonemas de Saussure (dos trabalhos comparatistas e dos trabalhos em Linguística Geral) são tanto psíquicos quanto fisiológicos.

Chegamos ao nosso ponto final; em 1899 Courtenay elaborou a seguinte definição (sem dúvida sob a influência do trabalho de Saussure) a qual foi publicada pela primeira vez na forma de um artigo científico, chamado ‘*O Fonema*’⁸⁴:

⁸⁴ Ver tradução do artigo completo no Anexo II.

(...) o fonema é uma *representação mental fonética única*, originada no espírito por meio da *fusão psíquica* das impressões formadas pela pronúncia de um mesmo som. A soma de representações antropofonéticas distintas está relacionada com a *representação mental* de um único fonema; tais representações são constituídas tanto como *representações das funções fisiológicas (que foram realizadas ou que tem potencial de realização)* , quanto como *representações dos resultados (ouvidos ou com potencial de serem ouvidos)* destas *funções fisiológicas* . Em suma, os fonemas são *representações mentais* , não transitórias dos sons de uma língua, integradas em uma unidade (Courtenay, 1963-I:352 – meu grifo).

4. Considerações Finais

No Capítulo I, estudamos a segmentação da cadeia de sons em unidades mínimas, segundo as teorias elaboradas pelos gramáticos hindus; no segundo capítulo, estudamos como uma forma semelhante de segmentação produziu, no cenário grego, uma forma de escrita, o alfabeto, que é ancestral dos nossos alfabetos fonêmicos modernos; esta invenção repercutiu sobre nossa maneira de ver o mundo, de reproduzi-lo e, sobretudo, sobre a capacidade de memória do homem moderno, e sobre as maneiras que este dispõe de acessar esta mesma memória. Se na Índia a ciência cultivada pelos sábios era essencialmente oral (o que nos expôs à percepção da língua pelo viés da percepção acústica), na Grécia, observamos o desenvolvimento do *apego à letra* como forma maior de representação da cadeia da fala; tal apego engendrou uma ciência chamada Gramática, que por sua vez originou livros e uma tradição linguística que persiste já há vários séculos. A possibilidade de segmentação da cadeia fonológica produziu duas unidades diferentes: primeiramente a *letra* , e quando esta já não mais servia para representar o caráter multifacetado do sistema da língua (em sua essência dual, *palavra e significado, forma e ideia*), a possibilidade de segmentação engendrou outra unidade, que conhecemos como fonema. Neste último capítulo de nosso trabalho, foi possível compreender como estes três aspectos – som, sentido e representação são inseparáveis. Qualquer que seja o ponto de vista que adotemos, isto é, qualquer que seja a definição do fonema – seja aquela mais ligada à substância sonora da *parole* , como quer o ‘*Cours*’, seja aquela mais psicológica, como preconiza Courtenay, *o fonema é sempre acompanhado por uma representação gráfica* . Hoje em dia, utilizamos um “*novo alfabeto*”, o IPA (International Phonetic Alphabet) de Paul Passy, como forma de notação e transcrição dos fonemas e fones; aliado a isto, os desenvolvimentos elaborados pelo Circulo

Linguístico de Praga (que formularam suas teorias com base nas ideias de Saussure e Courtenay) estruturaram a Fonologia e Fonética da forma que as conhecemos hoje. O resultado pode ser visto em qualquer bom manual de gramática moderno, onde a fonologia e a fonética de uma determinada língua merecem um capítulo a parte, que inclui uma descrição acurada e minuciosa dos sons, dos fonemas, das sílabas, assim como de todo o sistema fonológico da língua, em geral baseada na transcrição dos fonemas através dos símbolos da notação IPA. Nas sociedades em que o estatuto da ciência se edificou através da primazia da escrita existe a Gramática e o estudo aprofundado da linguagem; aí não de existir letras e fonemas; estes, por vezes, parecem ser inseparáveis, sejam as letras do nosso alfabeto, seja a notação IPA. Não pode haver ideia sem forma, materialidade (seja fônica ou de outro tipo) e sem um signo que a represente e perpetue.

Outra consideração a ser feita – à qual fizemos referência na Introdução do presente trabalho – é a questão da continuidade e transformação da língua no tempo. Tomemos, primeiramente, um ponto de vista geral: deixemos de lado a questão do fonema, por enquanto, e pensemos nas línguas particulares como um todo. Segundo Saussure, cada um de nós emprega o mesmo idioma que falávamos ontem, de forma que não há “*nascimento e morte*” de uma determinada língua: “*jamais aconteceu que as pessoas da França acordassem dizendo bom dia em francês, tendo, antes de dormir na véspera, dito boa noite em latim*” (Saussure, 2004:134). Para Saussure, o francês não “vem” do latim, pois *é o latim*, falado de outra maneira e em uma data diferente, e em outro local.

Do mesmo modo, se tivesse sido possível não fotografar, mas *fonografar dia a dia*, desde a origem, tudo o que foi expresso em fala sobre o globo ou sobre uma parte do globo, as imagens de língua seriam sempre semelhantes de um dia para outro, mas consideravelmente diferentes e, às vezes, *incalculavelmente diferentes* de 500 em 500 anos ou mesmo de 100 em 100 anos (Saussure, 2004:137 – meu grifo).

Esta diferença a que se refere Saussure é percebida na estrutura sonora das línguas que falamos. Segundo Courtenay, a Fonética histórica tem por objeto “*o estudo do fato evidente e geral de que a pronúncia de cada língua transforma-se com o curso do tempo, e que no lugar de alguns sons mais antigos despontam outros, novos sons*”, pois devemos levar em consideração que “*a transformação constante, ininterrupta, é peculiar ao aspecto fonético da língua, assim como a todos os outros fenômenos da vida*” (Courtenay, 1963 – II:360). Os fonemas

transformam-se de maneira, intensidade e velocidade diferentes no curso do tempo, e muitas vezes podem desaparecer por completo. Como pudemos evidenciar no curso desenvolvido pela presente dissertação, com a observação dos vocábulos em sânscrito, grego, russo, português (entre outras línguas), é possível identificar *semelhanças e diferenças* entre eles. Estas semelhanças e diferenças têm base na *proximidade ou distância* dos diferentes sons da língua. Quando há proximidade no seu *aspecto significativo e funcional*, estamos falando não mais dos sons, mas novamente dos fonemas (ou dos morfemas, dependendo do ponto de vista).

Saussure nos dá um excelente exemplo acerca do francês do séc. XIX:

Já hoje, um linguista que viesse a França com o objetivo de registrar metodicamente, por escrito, o francês falado, o *francês real e autêntico* (...) esse linguista escreveria sem hesitar que, no ano de 1891, *k-a-t, kat* é a forma exata ou a forma principal do quarto numeral (*quatre*), *l-e-t, let*, da palavra que significa *missiva* ou *signo do alfabeto (lettre)* (...) Em certas condições, há uma segunda forma, *letr*, usada antes de vogais: *letr ouverte* (Saussure, 2004:138).

A língua está em constante transformação, mas tende à permanência ao mesmo tempo; estes dois princípios que a regem – *continuidade e transformação* – podem ser verificados, no campo da prática, na relativa estabilidade do registro escrito das diferentes línguas e na tendência ao movimento e liberdade da língua falada e da cultura que engendra. Assim fundamentamos nosso estudo do triângulo formado pela História (o registro estável) da Linguística (estudo sistemático) e do Fonema (as diferentes formas de compreensão das unidades mínimas do som da voz humana ao longo do tempo).

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Editora Tecnoprint.

_____. *Liber de Interpretatione*. Oxford: Clarendon Press, 1974.

_____. *Meteorologica* (with an English translation by H.D.P.Lee, M.A.). London: William Heinemann Ltd, 1952.

_____. *On Interpretation* (translated by E.M.Edghill), 1947.

_____. *Tópicos (Volume I – Os Pensadores)*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. *Works of Aristotle* (translated under the editorship of W.D. Ross).

ARONOFF, M., REES-MILLER, J. *The Handbook of Linguistics*. Blackwell Publishing, 2002.

AUROUX, S., KOERNER, E.F.K, NIEDEREHE, H.. *History of the Language Sciences (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

AZEREDO, J.C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (redigida de acordo com a nova ortografia). São Paulo: Publifolha, 2008.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français (Rediger avec le concours de E.Egger)*. Paris: Librairie Hachette, 1963.

BASSETO, B.F. *Filologia Românica (Vol.II - História Interna das Línguas Românicas)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

BEEKES, R. *Etymological Dictionary of Greek (with the assistance of Lucien van Beek)*. Leiden, Boston: Brill, 2010.

BENVENISTE, E. *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Gallimard, 1966.

_____. *Problems in General Linguistics I*. Miami: University of Miami Press, 1971.

BHAKTIVEDANTA SWAMI. *Bhagavad Gītā as it is*. The Bhaktivedanta Book Trust, 1998.

BOMHARD, A. *The Next of Kin (The Search for Relatives of Indo-European) in Emergence of the Modern Language Sciences (Volume 2: Studies on the Transition from Historical-Comparative to Structural Linguistics)* Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

BOPP, F. *Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes (comprenant le Sanskrit, le Zend, l'Arménien, le Grec, le Latin, le Lithuan, l'Ancien Slave, le Gothique ET l'Allemand – traduit par Michel Breal – Tome III)*. Paris: Imprimerie Impériale, 1869.

_____. *Lehrgebäude der Sanskrita-Sprache*. Berlin: Akademie der Wissenschaften, 1827.

BRANDIST, C. *A Emergência da Sociolinguística Soviética das Cinzas da Psicologia dos Povos in História das Idéias: Diálogos entre Linguagem, Cultura e História*. Pelotas: Editora UPF, 2012.

_____. *Repensando o Círculo de Bakhtin (Novas Perspectivas na História Intelectual)*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Brandist, C., Shepherd, D., Tihanov, G. *The Bakhtin Circle – In the Master’s Absence*. Manchester: Manchester University Press, 2004.

BRONKHORST, J. *The Relationship between Linguistics and other Sciences in India in History of the Language Sciences, (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

BRUGMANN, H. *Nasalis Sonans in the Original Indo-European Language (1876) in A Reader in Nineteenth Century Historical Indo-European Linguistics (by Winfred P. Lehmann)* (<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/readT.html>).

_____. *Nature and Origins of the Noun Gender in the Indo-European Languages*. New York: Charles Scribner’s and Sons, 1897.

BUBENIK, V. *Variety of Speech in Greek Linguistics: the Dialects and the Koinè in History of the Language Sciences, (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

BURROW, T. *The Sanskrit Language*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 2001.

BUTT, M. *Theories of Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CALAZANS, J.C. *Bhagavad Gītā (A Canção do Senhor)*. Lisboa: Ésquilo, 2010.

CAMPBELL, L. *The History of Linguistics in The Handbook of Linguistics*. Oxford, Victoria: Blackwell Publishing, 2003.

CARDONA, G. *Pāṇini in History of the Language Sciences, (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

_____. *The Organization of Grammar in Sanskrit linguistics in History of the Language Sciences, (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

CASTRO, T. *Fale Russo (Vol. I)*. Porto Alegre: Editora Plátano Ltda, 2005.

CASSIRER, E. *The Philosophy of Symbolic Forms*. New Haven: Yale University Press, 1955.

CROSBY, H.L., SCHAEFFER, J.N. *An Introduction to Greek*. New York: Dover Publications, Inc., 2009.

DANIELS, P. T. *Writing Systems* in *The Handbook of Linguistics*. Victoria, Australia: Blackwell, 2002.

DAVIES, A.M. *Saussure and Indo-European Linguistics* in *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DESHPANDE, M. *Indian Theories on Phonetics* in *History of the Language Sciences, (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

_____. *The Role of Linguistics in Indian Society and Education* in *History of the Language Sciences, (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

DI BENEDETTO, V. *Dionysius Thrax and the Tékhne Grammatikē* in *History of the Language Sciences, (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

DONALDSON, J.W. *The New Cratylus (or Contributions towards a more Accurate Knowledge of the Greek Language)*. London: John W. Parker and Son. 1859.

DUTRA, H. *O Novo Testamento*. Brasília: Federação Espírita Brasileira - FEB, 2013.

EMPIRICUS, S. *Against the Professors – vol. IV (with an English Translation by the rev. R.G. Bury in four volumes)*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1987. (Edição bilíngue, contendo o texto original em grego e a tradução para o inglês)

_____. *Outlines of Pyrrhonism (with an English Translation by the rev. R.G. Bury in four volumes)*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2000. (Edição bilíngue, contendo o texto original em grego e a tradução para o inglês)

FICK, A. *Vergleichendes Wörterbuch der Indogermanischen Sprachen* (em três tomos). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht's Verlag, 1874.

FIRTH, J.R. *Papers in Linguistics – 1934-1951*. London: Oxford University Press.

FLORES, V. *Ensinar Saussure? Sim, mas como?* in *Caminho das Letras: Uma Experiência de Integração*. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras, 2015.

FONSECA, C.A., FERREIRA M. *Introdução ao Sânscrito Clássico*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1987.

- GARDINER, A. *The Theory of Speech and Language*. Oxford: Clarendon Press, 1951.
- GELB, I.J. *A Study of Writing (The Foundations of Grammatology)*. London: Routledge and Kegan Paul, Ltd, 1952.
- GHOSH, M. *Pāṇinīya Śikṣā (or the Śikṣā Vedāṅga ascribed to Pāṇini – being the most ancient work on Indo-Aryan Phonetic)*. Calcutta: University of Calcutta, 1938.
- GOODWIN, W.W. *Greek Grammar*. Boston: Ginn & Company, 1900.
- HEAMAN, I. M. *Baudouin de Courtenay – A Pioneer of Structural Linguistics*. University of Victoria (<http://journals.uvic.ca/index.php/WPLC/article/viewFile/5495/2103>)
- HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- _____. *Historiae – Libri V-IX*. Oxford: Clarendon Press, 1941. (Livro contendo o texto original em grego)
- _____. *The Histories: vol. 1 of 2 (Parallel English/Greek – translated by G.C. Macaulay)*. Forgotten Books, 2007.
- JAKOBSON, R. *Selected Writings I (Word and Language)*. The Hague: Mouton, 1962.
- JAKOBSON, R. *Selected Writings II (Word and Language)*. The Hague, Paris: Mouton, 1971.
- JONES, W. *The Third Anniversary Discourse, on the Hindus (1786) in A Reader in Nineteenth Century Historical Indo-European Linguistics (by Winfred P. Lehmann)* (<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/readT.html>)
- JOSEPH, John E. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- _____. *Dufriche-Desgenettes and the Birth of the Phoneme in The Emergence of the Modern Language Sciences (Volume 1: Studies on the Transition from Historical-Comparative to Structural Linguistics)*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.
- KELLER, W. E *A Bíblia tinha Razão...*São Paulo: Edição Melhoramentos, 1958.
- KELLEY H. *O Hebraico Bíblico (Uma Gramática Introdutória)*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1998.
- KOERNER E.F. *Mikołaj Kruszewski Writings in General Linguistics in Amsterdam Classics in Linguistics (1800-1925 - Volume 11)*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.
- KRUSZEWSKI, M. *On Sound Alternations, in Amsterdam Classics in Linguistics (1800-1925 - Volume 11)*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

LAERTIUS, D. *Lives of Eminent Philosophers II (with an English translation by R.D. Hicks, M.A. in two volumes)*. London: The Loeb Classical Library - William Heinemann, 1925. (Edição bilíngue, contendo o texto original em grego e a tradução para o inglês).

LIDDELL, G.H., SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1948.

MEILLET A., COHEN M. *Les Langues du Monde (par un groupe de linguistes)*. Paris: Librairie Ancienne Édouard Champion, 1924.

MILANO, L. *Jakobson, a Fonologia e a Herança Saussureana in Caminho das Letras: Uma Experiência de Integração*. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras, 2015.

MUGDAN J. *The Origin of the Phoneme: Farewell to a Myth*. in *Lingua Posnaniensis (Poznań)*, 1985.

MÜLLER, M. *Handbooks for the Study of Sanskrit (A Sanskrit Grammar for Beginners)*. London: Longmans, Green & co., 1866.

OSTHOFF, H.; BRUGMANN, K. *Preface to the Morphological Investigations in the Sphere of the Indo-European Languages I (1878) in A Reader in Nineteenth Century Historical Indo-European Linguistics (by Winfred P. Lehmann)*
(<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/readT.html>).

PILLAI, K.R. *The Vākyapadīya (Critical Text of Cantos I and II – with English Translation, Summary of Ideas and Notes)*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1971.

PLATÃO. *Cratylus by Plato* (translated by B. Jovett) (Livro em format PDF disponível no site do Projeto Guttenberg).

_____. *Phaedrus by Plato* (translated by B. Jovett) (Livro em format PDF disponível no site do Projeto Guttenberg).

_____. *The Phaedrus of Plato (with English Notes and Dissertations, Ed. By Georg Long, M.A. and the rev. A.J. McLeone, M.A.)*. London: Whittaker & Co., 1868.

_____. *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1990.

_____. *Platonis Opera (Cratylus)*. Oxford: Clarendon Press, 1977. (Edição bilíngue, contendo o texto original em grego e a tradução para o inglês)

REBELLO, L. FLORES, V. *Caminho das Letras: Uma Experiência de Integração*. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras, 2015.

RENAN, E. *Histoire Générale et Système Comparé des Langues Sémitiques (Première Partie)*. Paris: Calmann-Lévy Éditeurs, 1858.

SANDERS, C. *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SASSETTI, F. *Lettere di Fillipo Sasseti* (Racolte e Annotate da Ettore Marcucci). Firenze: Felice le Monnier, 1855.

SAUSSURE, F. *Curso Geral de Linguística*. Editora Cultrix, São Paulo, 2009.

_____. *Cours Générale de Linguistique (notes et commentaires de Tullio de Mauro)*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1967.

_____. *Escritos de Linguística Geral* (organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler). São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. *Mémoire sur le Système Primitif des Voyelles dans les Langues Indo-européennes*. Leipzig, 1879.

_____. *Phonétique (Il Manoscritto di Harvard-Houghton Library – edizione a cura di Maria Pia Marchese)*. Firenze: Università degli studi di Firenze - Unipress, 1995.

_____. *Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Librairie Payot, 1921.

_____. *Théorie des Sonantes (Il Manoscritto di Ginevra – edizione a cura di Maria Pia Marchese)*. Firenze: Università degli studi di Firenze - Unipress, 2002.

SCHENKEVELD, D. *The Impact of Language Studies on Greek Society and Education in History of the Language Sciences, (Vol. I: an International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present)*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

SCHMIDHAUSER, A.U. *The Birth of Grammar in Greece in Companion to the Ancient Greek Language*. USA, Wiley-Blackwell, 2010.

SEABRA J.R. *Marco Túlio Cícero (Brutus e A Perfeição Oratória)*. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2013.

SHARMA, R.N. *The Aṣṭādhyāyī of Pāṇini* (Vol. 1,2,3,4). New Delhi: Munshiram Monoharlal Publishers, 1999/2000/2002.

SIHLER, A.L. *New Comparative Grammar of Greek and Latin*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1995.

SMYTH, H.W. *A Greek Grammar for Colleges*. New York: American Book Company, 1920.

STANKIEWICZ, E. *A Baudouin de Courtenay Antology* (translated and edited with an Introduction by Edward Stankiewicz). Indiana University Press, 1972.

STÖRIG, H.J. *A Aventura das Línguas*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1990.

TATON, R. *Știința Modernă (Volumul II – de la 1450 la 1800)*. București: Editura Științifică, 1971.

THE JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS, ‘*Reading Greek*’. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

THIBAUT, P. *Re-reading Saussure (The Dynamics of Signs in Social Life)*. London and New York: Routledge, 1997.

THRAX D. *The Grammar of Dionysios Thrax (translated from the Greek by Thomas Davidson)*. St. Louis: Studley co., 1874.

_____. Διονυσίου τοῦ Θραικοῦς – τέχνη γραμματική (obra disponibil no site da Bibliotheca Augustana – <https://www.hs-augsburg.de/~harsch/augustana.html>)

TRUBETZKOY, N. *Principles of Phonology*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1971.

VASU, S.C. *The Aṣṭādhyāyī of Pāṇini*. Allahabad, Indian Press, 1891.

WEINGREEN, J. *A Practical Grammar for Classical Hebrew*. Oxford: Clarendon Press, 1952.

WHITNEY, W.D. *A Sanskrit Grammar (Including both the Classical Language, and the older Dialects, of Veda and Brahmana)*. Leipzig: Breitkopf and Härtel, 1879.

_____. *Taittirīya-Prāṭisākhya* (original text with translation by William Dwight Whitney – published by the American Oriental Society in 1871, proofread by Ramesh Srinivasan in August 2005) (texto disponibil em www.sanskritweb.net)

_____. *The Study of Sanskrit and the Study of the Hindu Grammarians* (artigo adaptado do *Journal of the American Oriental Society* 11 -1885) in VASU, S.C. *The Aṣṭādhyāyī of Pāṇini*. Allahabad, Indian Press, 1891.

WIKNER, C. *A Practical Sanskrit Introductory*. 1996 (disponível em <https://www.sanskritdocuments.org> e em <https://archive.org>).

WILLIAMS, M. *A Sanskrit-English Dictionary (Etymologically and Philologically Arranged)*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1981.

_____. *Indian Wisdom*. London: Allen & Co., 1875.

WILSON, H.H. *The First Ashtaka, or Book of the Rg Veda*. London: N. Trübner and Co., 1866.

WOODWARD, R. D. *Phoinikēia Grammata: An Alphabet for the Greek Language in Companion to the Ancient Greek Language*. USA, Wiley-Blackwell, 2010.

АЛПАТОВ, В. Волошинов, Бахтин и лингвистика. USA: Pubmix.com, 2005.
(ALPATOV, V. *Voloshinov, Bakhtin e Linguística*. – livro original em russo).

КУРТЕНЭ, Б. Избранные труды по общему языкознанию (Часть I и II). Moscou: Academia de Ciências da USSR, 1963. (COURTENAY, B. *Trabalhos Escolhidos em Linguística Geral (partes I e II)* – livro original em russo, em dois tomos).

ВОИНОВА, Н., СТАРЕЦ, С. Русско-Португальский словарь. Lisboa: Editora Ulmeiro, 1989
(Voinova, N., Starets, S. *Dicionário Russo-Português*).

Ferramentas de pesquisa:

The Internet Archive
Bibliotheca Augustana
Dictionary of Spoken Sanskrit
Ebrary Encyclopædia Britannica.
University of Chicago Press, 1978.
Internet Encyclopaedia of Philosophy
Perseus Digital Library
Projeto Gutenberg
The Sanskrit Web
Wikipedia
Wikisource
Wiktionary
Youtube

Videos:

Sanskrita Bhaasha Shikshanam (Learn Sanskrit) – Parts 1, 2, 3, 4 (série de vídeos disponíveis em youtube.com)

ANEXO I

Jan Ignacy Niesisław Baudouin de Courtenay (ou Иван Александрович Бодуэн де Куртэнэ, como era conhecido na Rússia) nasceu no dia primeiro de março de 1845 (dia 13, de acordo com o antigo calendário russo), na cidade de Radzymin, próxima à Varsóvia, na Polônia.

Após completar seus estudos elementares (tendo se destacado na Matemática), Courtenay ingressou na faculdade de Filologia da Universidade Polonesa de Varsóvia, e em 1866, ele completou seu Mestrado nesta mesma universidade. Baudouin deu prosseguimento aos estudos em filologia indo-européia e eslava, primeiramente em Praga (sob a orientação de Schleicher), depois em Berlin, Jena e Leipzig, onde ele recebeu seu Doutorado em 1870, e mais tarde em São Petersburgo.

Assumiu a posição de professor assistente de Gramática Comparativa do sânscrito e línguas indo-européias na Universidade de São Petersburgo em 1871. Dois anos mais tarde, foi enviado pela Academia Russa à Áustria e à Itália para o estudo de dialetos eslovenos, viagem cujo resultado foi o *‘Ensaio Fonético dos Dialetos de Rezija’*, pelo qual lhe foi conferido outro Doutorado, desta vez em São Petersburgo.

Em 1875, Courtenay foi transferido para Kazan, inicialmente como professor assistente, mais tarde, como professor titular da cátedra de Linguística Comparativa de línguas Indo-européias e sânscrito; ele viveria em Kazan por nove anos; lá dirigiu um grupo de estudantes de Linguística que passou para a história como a Escola de Kazan; entre estes jovens linguistas se encontrava o seu mais brilhante aluno, o também polonês Mikołaj Kruszewski, professor de Gramática Comparada e sânscrito (além do turcologista Wilhelm Radloff e do foneticista Vasilij Bogorodickii). Juntos desenvolveram e aperfeiçoaram um programa que visava a aplicação rígida de um método verdadeiramente científico no estudo da Linguística, e em particular no campo de interesse principal de Courtenay e Kruszewski, a Fonologia e a Fonética. A colaboração com seu aluno polonês foi curta, entretanto; Kruszewski faleceu em 1887, apenas cinco anos após o início de seu trabalho com Courtenay. Os trabalhos do jovem polonês, primordialmente acerca das alternâncias sonoras em línguas modernas, foram rapidamente relegados ao esquecimento quase total, e seriam *“ressuscitados”* por linguistas como o inglês John Rupert Firth, que escreveu um curto artigo intitulado *‘The Word Phoneme’*, (publicado em 1934), no qual refaz o traçado histórico deste conceito, ligando-o aos nomes de Kruszewski e Courtenay.

Courtenay, ao contrário, teve uma longa e profícua vida acadêmica. Seus trabalhos foram publicados em inúmeros periódicos e mereceram dois tomos de uma edição soviética de 1963, chamados ‘*Trabalhos Escolhidos em Linguística Geral*’. A pouca atenção recebida por Courtenay e seu trabalhos no ocidente é explicada pelo fato da maioria destas publicações serem escritas em polonês e russo, línguas pouco acessíveis (Stankiewicz, 1972:06). Por outro lado, a atenção dedicada ao seu trabalho pelos linguistas soviéticos é facilmente explicada: Courtenay foi o mentor de Lev Šcherba (1880 – 1944), Lev Iakubinski (1892 – 1945) e Evgueny Polivanov (1891 – 1938), todos linguistas proeminentes no cenário soviético nos primeiros anos após a revolução de 1917. Šcherba, em particular, foi um foneticista de destaque na União Soviética; Lev Iakubinski foi um dos primeiros ideólogos da Sóciolinguística soviética em geral e do *dialogismo* e da *heteroglossia* em particular, duas teorias que hoje são comumente associadas no ocidente com o nome do teórico da Literatura Mikhail Bakhtin (1895-1975), que considerava Courtenay “*um grande sábio, a despeito de ser um mau palestrante*” (Brandist, 2004:73, Alpatov, 2005:42).

Courtenay faleceu aos 85 anos, em 1929, na cidade de Varsóvia. Ele era fluente em polonês, russo, esloveno, tcheco, francês, alemão e italiano e lituano, além de profundo conhecedor de línguas clássicas e antigas, como o latim, o grego, o sânscrito, e o eslavo e o polonês antigos. Baudouin foi um entusiasta dos estudos de línguas artificiais como o Esperanto (Stankiewicz, 1972:11).

Baudouin de Courtenay foi um teórico da língua inserido nos quadros da Psicologia dos Povos (*Völkerpsychologie*⁸⁵) (Brandist, 2012:64); isto significa que sua análise da língua é predominantemente mentalista (e sociológica), e por conseguinte, sua abordagem do conceito do fonema parece diferir sobremaneira da abordagem saussuriana, em que o fonema de Courtenay é uma *representação psíquica* (представление) das funções fisiológicas e acústicas, enquanto para o “*Saussure da tradição*” (isto é, Saussure pelo viés do ‘*Cours*’), o fonema “*não pode convir senão à palavra falada, a realização da imagem interior no discurso*” (Saussure, 2009:80) – é claro que podemos considerar também as complicações advindas da acepção do fonema no ‘*Mémoire*’. Não obstante, o fonema tem um papel central na arquitetura da Linguística de Courtenay; nos dois artigos que traduzimos e analisamos para a presente dissertação (ver Anexos

⁸⁵ “*A noção da Völkerpsychologie é de que a linguagem é “uma atividade psico-social” ou um “continuum linguístico desdobrando-se no tempo e no espaço através da atividade linguística da totalidade dos indivíduos que compõem a sociedade*” (Amirova; Ol’khovikov; Rozhdestvenskii, 1975:373 *apud* Brandist, 2012:57).

II e III) – à maneira do plano epistemológico saussuriano como estabelecido nas palestras que engendraram o ‘*Cours*’ – o primeiro passo de Courtenay é definir o campo de operação de sua ciência (em grande detalhe), e igualmente, definir o escopo e as características de sua *unidade científica*.

(Dados biográficos conforme Stankiewicz (1972:03-47) e demais autores citados)

ANEXO II

O FONEMA

Baudouin de Courtenay, 1899

Fonema (do grego φωνή, φώνημα, “voz”) é um termo da Ciência da Língua⁸⁶: é uma unidade fonética, psiquicamente viva. Enquanto nos ocupamos com a fala transitória e a audição, nos é suficiente o termo “som” (звук), significando a unidade de pronúncia ou fonação mais simples, a qual produz um efeito acústico-fonético único. Mas se nos colocarmos no solo da língua real – a qual existe, em seu caráter ininterrupto e unicamente psíquico, apenas como um *mundo de representações mentais* (мир представлений) – não nos será mais suficiente a noção de som, e buscaremos outro termo, que signifique com maior ênfase o equivalente psíquico do som. É precisamente este termo que constitui o termo fonema. Ao pronunciarmos, por exemplo, a palavra polonesa “noga”, pronunciamos quatro sons, formando duas sílabas. Uma vez terminada a pronúncia, permanece no espírito o traço acústico-fonético; esta [pronúncia] pode ser reproduzida novamente através do estímulo e da colocação em movimento das respectivas associações das *representações mentais* (представления) extralinguísticas com as representações linguísticas⁸⁷. As representações fonéticas mentais constituem exatamente estas representações linguísticas, cujas manifestações, realizadas fisiologicamente e acusticamente, ainda que transitórias, constituem precisamente tais sons e suas combinações. A representação mental do som *n*, pronunciado por meio da oclusão da parte frontal da língua, da abertura da cavidade nasal, da vibração acústica das cordas vocais, sem a aproximação da porção medial da língua ao palato, etc., essa representação é o fonema *n*. “Sons”, como fenômenos fisiológicos-acústicos transitórios não servem nem para as comparações psíquico-fonéticas, nem para as comparações históricas. Desta maneira, por exemplo, a representação do diminutivo está relacionada não com os sons *ž*, *n*, *ó*, tais como pronunciados na palavra “*nóžka*”, mas sim com as representações psiquicamente

⁸⁶ O termo utilizado aqui e em outros textos por Courtenay é “*jazykovédenie*” (языковедение), com o sentido do que atualmente chamamos de “Linguística”. De *jazyk* (язык), “língua” e *védenie* (ведение), “conhecimento, competência”. Este segundo termo partilha da mesma etimologia do sânscrito *veda* (वेद), do grego *oîda* e do latim *vīdī*.

⁸⁷ Представление (*predstavl'enie*) pode significar, além do conceito filosófico de *representação mental*, a ideia de *imaginação* ou *pensamento*, à qual está estreitamente ligada. Neste contexto, pode ser sinônimo do substantivo inglês *insight*.

vivas destes sons, isto é, com seus respectivos fonemas. Na palavra “*nog*”, está o mesmo fonema *g* (que se encontra nas palavras *noga*, *noga*, *nogami*); a diferença entre estes fonemas, pronunciada por meio dos sons, não é uma diferença psíquica, mas sim fisiológica. Ela depende das condições da pronúncia: dois sons – *g* e o menos enfático *k* – correspondem aqui a um único fonema *g*.

Por conseguinte, em termos linguísticos, o fonema é *uma imagem mental antropofonética* (антропофонетический образ) única e indivisível, a qual surge de um conjunto completo de impressões idênticas e únicas, associadas às representações acústicas e às representações fonéticas mentais. Podemos dizer de outro modo: o fonema é uma representação fonética mental única, originada no espírito por meio da fusão psíquica das impressões formadas pela pronúncia de um mesmo som. A soma de representações antropofonéticas distintas está relacionada com a representação mental de um único fonema; tais representações são constituídas tanto como representações das funções fisiológicas (que foram realizadas ou que têm potencial de realização), quanto como representações dos resultados (ouvidos ou com potencial de serem ouvidos) destas funções fisiológicas. Em suma, os fonemas são representações mentais, não transitórias dos sons de uma língua, integradas em uma unidade.

Texto extraído da obra ‘ИЗБРАННЫЕ ТРУДЫ ПО ОБЩЕМУ ЯЗЫКОЗНАНИЮ’ 1-я часть (*Trabalhos Escolhidos em Linguística Geral* – Primeiro Tomo) de Baudouin de Courtenay (1963:351).

Texto traduzido do russo em 2014 por Rodrigo Garcia Garay.

Texto revisado e corrigido em dez./2015 pela prof^a. Dr^a. Denise Regina de Sales.

Versão finalizada pela prof. Svitlana Voloshyna em 2016.

ANEXO III

A Fonologia

Baudouin de Courtenay, 1899

Fonologia (do grego φωνή “voz”, “som”, e λόγος “palavra”, “discurso”, “conhecimento”, λόγιος “conhecedor”, “sábio”) ou Fonética (do grego φωνητικός “sonoro”, φωνετική τέχνη “arte sonoro-vocal, habilidade”) significam literalmente: o discurso acerca dos sons, a ciência dos sons, o conhecimento acerca dos sons⁸⁸. Tal definição filológica não é precisa, pois a Fonologia, de acordo com o significado universalmente aceito desta palavra, isto, é, como parte da dita Ciência da Língua⁸⁹, acima de tudo, interessa-se não por todos os sons na natureza, mas apenas pelos sons da fala humana, e em seu significado mais amplo – os sons tais como os produzidos pelos animais. Em segundo lugar, a tarefa da Fonologia consiste no estudo não apenas dos sons da fala humana como fenômenos acústicos, mas (e isto é ainda mais importante) *ela consiste no estudo e descrição das funções fisiológicas, necessárias para a produção destes sons (...)*

A Ciência da Linguagem em geral faz parte das ciências psicológicas; mais precisamente, está relacionada com a ciência psicossocial. A Fonologia, contudo, consiste em um elo intermediário entre o conjunto das ciências naturais, geradas por meio de conexões externas, extra-humanas, e o conjunto das ciências da psique, para as quais o único fundamento, a causa única deve ser buscada nas associações de representações.

As diferentes pronúncias e suas repetições pertencem ao mundo natural: são fenômenos físicos; mas, entre uma pronúncia e outra não existe ligação física alguma; a continuidade da pronúncia existe apenas no respectivo complexo de *representações mentais* (представления) no mundo psíquico. Por conseguinte, também com relação à pronúncia, o que existe de forma

⁸⁸N.T.: Courtenay utiliza aqui os termos *jazykovédénie* (языковедение) e *jazykoznanie* (языкознание), os quais significam respectivamente, *a Ciência da Linguagem* e o *conhecimento sobre a linguagem*, ou seja, são sinônimos do termo moderno *Linguística*. Na época em que Courtenay escreveu o presente texto, a expressão “*Linguística*” se aplicava predominantemente à “*Linguística Comparativa Indo-européia*”.

⁸⁹N.T.: A *jazykovédénie* (языковедение) ou a *Linguística* moderna.

constante é apenas aquilo que é *representado (imaginado)*, enquanto a repetição da pronúncia constitui-se apenas como indício físico das representações fonéticas que existem psiquicamente. Mas, além disto, através da pronúncia, como resultado da excitação fisiológica, surgem alguns reflexos automáticos, que se repetem, e que no entanto, não provocam nenhuma representação psíquica e que não deixam traços psíquicos que sejam. Isto significa que a cada pronúncia nós devemos distinguir dois aspectos: 1) aquele que é refletido no centro psíquico; 2) aquele puramente periférico, puramente externo.

O estudo da pronúncia, ou fonação pode ser duplo: 1) o estudo dos aspectos puramente articulatórios, ou fonéticos como fenômenos físicos, não dependentes da língua no sentido estrito desta palavra; 2) o estudo do aspecto psíquico da pronúncia, do aspecto das representações, em ligação com a língua viva. Naturalmente, entende-se que um aspecto está em constante entrelaçamento com o outro, e não é possível separar o estudo do aspecto psíquico do estudo do aspecto físico articulatório. Através do estudo da pronúncia enquanto fenômeno físico nós tratamos com os sons da língua, enquanto que com o estudo do aspecto psíquico da pronúncia estamos tratando com as *representações fonéticas mentais*, com os fonemas, assim como as suas partes componentes e combinações.

Ainda que na língua viva, baseada na psique, os símbolos transitórios pronunciados, ou os símbolos fisiológicos acústicos, sejam diretamente dependentes do aspecto psíquico cerebral (como resultado desta dependência geral de ainda um terceiro aspecto), existe entre estes símbolos uma estreita relação causal. Além disto, é evidente a dependência da pronúncia da estrutura dos órgãos da fala e do seu mecanismo nervo-muscular característico. Por tal razão, trata-se de uma ciência acerca do aspecto puramente externo da pronúncia, a qual tem plenos direitos de existir; tal ciência é a *Antropofônica* (Антропофоника), ou *fisiologia da fala humana*. Em geral, a Fonologia (Fonética), tanto a geral quanto a específica, qualquer que seja a língua, se compõe de três ciências: a Antropofônica, a *Psicofonética* (Психофонетика) e a *Fonética Histórica* (Историческая Фонетика).

O objeto da Antropofônica é o estudo e descrição das funções fisiológicas, cujos resultados são os sons da fala humana. A Antropofônica (do grego ἄνθρωπος “*homem*” e φωνική “*sonora*”, isto é, a “*arte, a ciência*” [dos sons]) se ocupa não de todos os sons produzidos pelos seres humanos, mas apenas dos sons que em sua essência são exclusivamente humanos, isto é, os

sons da fala humana. Ao chamar a Antropofônica de “*fisiologia da fala humana*”, nós cometemos um abuso com o nome “*fisiologia*”, mas ao mesmo tempo estreitamos a esfera da Antropofônica, em cuja composição entram também os fatos coletados da anatomia do corpo humano e sua acústica. A Antropofônica se interessa pelo estudo científico do modo de surgimento dos fenômenos transitórios de fonação, ou fenômenos fisiológico-acústicos da língua, assim como pelas relações de dependência entre tais fenômenos. A Antropofônica, por conseguinte, pertence à ciência da linguagem propriamente dita apenas de forma mediada, uma vez que a ciência da linguagem é baseada inteiramente na Psicologia. Mas, além disso, ela representa um conhecimento essencial para o estudioso da linguagem, porquanto sem os dados por ela fornecidos é completamente impossível compreender o modo de surgimento e a transformação dos fenômenos fisiológico-acústicos transitórios, que deixam rastros psíquicos indeléveis, e que são constituídos ininterruptamente e transferidos de pessoa a pessoa, de geração em geração.

A Psicofonética, em distinção da Antropofônica, estuda as *representações fonéticas mentais*⁹⁰, isto é, as representações fonético-acústicas, tanto como tais, quanto a sua relação com outras representações, não apenas as linguísticas (isto é, [as representações] morfológicas, em seu sentido estrito), mas também as extralinguísticas, ou seja, semasiológicas.

Tanto na Antropofônica, quanto na Psicofonética nós distinguimos por um lado, o estudo e descrição daquilo que “*permanece sempre igual*”, o que exclui a noção de variação, e de outro, o estudo e a definição das condições das variações. O primeiro modo de exame dos fenômenos de fonação nos fornece o material da *Estática* (antropofonética e psicofonética), enquanto o segundo modo de análise nos fornece o princípio da *Dinâmica*.

Finalmente, o objeto da Fonética Histórica consiste no exame dos aspectos da língua que concernem à pronúncia, ou fonação, na sucessão temporal, e isto está relacionado tanto com fenômenos antropofonéticos transitórios, quanto com as representações psicofonéticas constantes e ininterruptas. A Antropofônica e a Psicofonética se apóiam em resultados da observação de uma língua individual – para ser mais exato, da massa total das línguas individuais; já a Fonética

⁹⁰ N.T.: Segundo o ‘*Dicionário Russo-Português*’ (de Voinova et al., 2003:474), a palavra russa *представление* (*predstavl’enie*) significa “*representação, apresentação, exibição*”. No campo da Filosofia, está relacionada com os conceitos de “*imagem*” e “*representação mental*”. Também pode ser referir ao campo das ideias, do pensamento, da imaginação, o que em inglês comumente chamamos de *insight*; tudo isto parece estar cristalizado no que Courtenay chama de “*mundo psíquico*”.

Histórica (uma vez que esta está inteiramente relacionada com as línguas *tribais*⁹¹, e que examina a língua em sua interação e sob as condições da tradição social) constitui-se em uma ciência social, de *ordem sociológica* (социологическая наука).

As unidades fonéticas mais simples podem ser determinadas de acordo com diferentes *pontos de vista* (точка зрения): 1) do ponto de vista acústico extralinguístico – [estas unidades são] “*os sons*”, ou seja, as sonorizações homogêneas – ou os ruídos, ou ainda determinados tons, assim como as suas partes. A decomposição de tais unidades em séries de vibrações do ar tende ao infinito. Paralelamente às sonorizações isoladas que suscitam sensações e representações, existem também as sonorizações de “*transição*” (переходный) e outras ainda, que não se refletem no espírito humano, e por conseguinte, não constituem algo psíquico; 2) do ponto de vista fisiológico extra-linguístico, as diferentes funções dos órgãos da fala constituem as unidades fonéticas mais simples, isto é, as unidades da pronúncia, da “*articulação*” (артикуляция), divididas em uma série de vibrações e movimentos. Aqui, paralelamente com as principais funções que despertam sensações e representações, têm-se as funções de “*transição*”, e em geral, aquelas [funções] desprovidas de conteúdo psicológico; 3) do ponto de vista psicológico – o único de plenos direitos na Ciência da Linguagem, no sentido pontual desta palavra – as impressões particulares, assim como as representações fonéticas particulares, formam as unidades fonéticas. É exatamente aqui que nos chegamos aos elementos psicofonéticos mais simples, por meio do *desmembramento* (членение) das séries de representações puramente fonéticas, em distinção da composição morfológica-semasiológica: comparar, por exemplo, [p-s-y//sz-cz-e/k-a/j-q e ps-y szczek-a-jq “*os cachorros latem*”⁹²] . Diferentemente dos sons como unidades da pronúncia, não dependentes do pensamento linguístico, tais unidades psicofonéticas, ou elementos vivos mais simples da língua (quando esta se apresenta em seu aspecto da pronúncia) podem ser chamadas de fonemas. O fonema, por conseguinte, é uma representação antropofonética homogênea, indivisível (em termos linguísticos), a qual surge no espírito por meio da fusão psíquica das impressões, formadas a partir da pronúncia de um único e mesmo som.

⁹¹ N.T.: O adjetivo “*tribal*” (племенной) aqui tem o sentido de “*diferentes raças ou povos*”.

⁹² N.T.: Em polonês, no original.

Ao nos colocarmos no solo estritamente antropofônico, podemos perceber que 1) o aparato fonador do ser humano faz parte do organismo humano, o que significa que a sua descrição faz parte da anatomia, ou topografia do corpo humano; 2) o estudo e a descrição das funções do aparelho fonador como funções do organismo humano fazem parte da Fisiologia; 3) o aparelho fonador, quando em funcionamento, constitui um corpo físico, o que significa que todos os seus movimentos e funções devem ser realizados de acordo com as leis da mecânica; 4) a Acústica como parte da Física, por um lado, e a Fisiologia, por outro, se ocupam do estudo de todas as fonações – isto é, dos sons que constituem o resultado do trabalho dos órgãos da fala. Segue-se daí, evidentemente, que a Antropofonética deva apoiar-se em dados obtidos por todas estas ciências.

Dentre os dados acústicos aparecem aqui em primeiro plano: a distinção da fonte do som e do centro físico; a noção da fonação como movimento vibratório do ar, que produz uma *impressão* (впечатление) no órgão da audição; a distinção de *ruídos*⁹³ (шум) dos sons musicais; a classificação dos sons; a distinção de um tom específico e dos sons complexos; a noção dos tons básicos e dos *sobretons*, a noção de ressonância.

Para o surgimento dos sons da língua é necessário que existam três fatores: a expiração (экспирация), regulada pela musculatura da respiração; a obstrução formadora dos sons na laringe, ou na cavidade bucal, ou em ambos; ressonadores.

O aparelho fonador – ou da pronúncia – é composto: 1) da caixa torácica, que serve para a expiração do ar; 2) da laringe e das cordas vocais; 3) das partes superiores – das cavidades nasais, as quais desempenham exclusivamente o papel de caixas de ressonância – e da cavidade bucal, a qual é igualmente essencial para a fala humana. Por um lado, na cavidade bucal encontram-se órgãos móveis e pontos imóveis, que servem para a produção dos *ruídos independentes localizados*⁹⁴; por outro lado, a cavidade bucal inteira desempenha o papel de ressonadora; esta igualmente sofre transformações dependendo da aproximação ou afastamento de suas partes

⁹³ N.T.: A palavra russa шум (*shum*) significa “barulho, ruído”. Neste contexto, ela pode estar relacionada igualmente com a divisão dos fonemas consonantais sob o ponto de vista da articulação, expressada em russo, em duas categorias principais: os *obstruentes* (*shumnye soglasnye* – шумные согласные, ou seja, consoantes “ruidosas”) e as *sonorantes* (*sonornye soglasnye* – сонорные согласные, isto é, as consoantes “que ressoam”). No contexto em particular, a tradução mais apropriada parece ser “ruído”. Mais adiante, contudo, ao diferenciar as consoantes das soantes e das vogais, a noção de *ruído versus som harmonioso* parece ter relevância.

⁹⁴ Ver a nota acima.

componentes móveis umas das outras. A laringe serve principalmente para a produção dos tons musicais, enquanto as fossas superiores (nasais) servem para a transformação dos tons produzidos na laringe, ou até mesmo dos *ruídos*, assim como para a produção dos *ruídos independentes*. A distinção do que chamamos de acento (акцента) depende dos diferentes trabalhos executados pelas cordas vocais na laringe. Os movimentos e funções do palato mole regulam, acima de tudo, a comunicação entre a cavidade bucal e as fossas nasais, fechando-as ou abrindo-as a partir de baixo [da cavidade bucal].

Os sons como unidades antropofônicas são classificados de acordo com as características gerais de sua pronúncia, tanto aquelas topográficas-fisiológicas, quanto as acústicas. Aqui é necessário atentar, por um lado, para as semelhanças e diferenças da localização das funções produtoras de ruídos, de sons e de ressonância, e por outro lado, para as semelhanças e diferenças dos próprios produtos de tais funções, isto é, entre os próprios ruídos e os sons.

A classificação topográfica-fisiológica dos sons exige que se preste atenção:

- aos diferentes tipos de trabalho executados pela laringe e em particular pelas suas cordas vocais, [tipos de trabalho] peculiares à pronúncia de sons específicos;
- ao fechamento ou abertura nasal, aos modos diferentes de participação de toda a cavidade bucal, bem como às suas diferentes partes constituintes, no que tange a pronúncia;
- à distinção do ponto de formação de ruído, assim como à colocação em movimento de determinados órgãos com o objetivo de estreitar toda a cavidade bucal como espaço de ressonância;
- à distinção do ponto de articulação labial e lingual;
- à distinção da localização das funções de fonação nas diferentes partes da língua;
- aos diferentes níveis de aproximação dos órgãos em funcionamento;
- aos diferentes graus de intensidade de seu trabalho;

- à orientação das oclusões, fricções e estreitamentos que surgem como resultado desta aproximação [dos órgãos];
- à distinção entre aproximações isoladas e uma aproximação simultânea dos órgãos da fala, em dois ou até mesmo três pontos, e assim por diante.

A distinção entre as vogais (гласные – *vocales*) e as consoantes (согласные – *non-vocales*) está fundamentada no fato que nas consoantes tem-se um *foco localizado formador de ruído* (локализованный шумообразующий очаг) na cavidade bucal (por exemplo, os lábios, ao pronunciar-se *p b m...*), enquanto nas vogais tem-se apenas um estreitamento localizado, o qual transforma toda a cavidade bucal em um espaço de ressonância (por exemplo, o estreitamento dos lábios na pronúncia do *o u ...*).

Tudo isto são semelhanças e diferenças entre os sons tomados por si sós, a despeito das grandes unidades fonéticas, compostas principalmente pelas *sílabas* (слог), pelas *palavras* (слово) enunciadas e pelas *proposições* (предложение) enunciadas. Acerca da sílaba (isto é, à *combinação dos sons*) pronunciada no curso de uma expiração, os sons se dividem em formadores de sílabas, ou *soantes* (сонанты), e não-formadores de sílabas, ou *consoantes* (консонанты). Em relação à palavra fonética, da mesma forma que em relação a uma série de sons (quando a palavra é tomada como uma unidade integral com uma única acentuação), as sílabas são divididas conforme a diferente graduação do acento. Sendo o centro de cada sílaba composto por um *som formador de sílaba* (словообразующий звук), ou soante, por conseguinte, existem principalmente as soantes que possuem acento tônico mais forte ou mais fraco, isto é, elas podem ser “*acentuadas*” ou “*não acentuadas*”, e assim por diante.

Além das sílabas e das palavras fonéticas, a Antropofônica examina igualmente as diferentes combinações de sons particulares: os “*duplicados*” ou mais precisamente, os sons prolongados, os ditongos consonantais (*c = ts, dz, ...*), os ditongos vocálicos, algumas combinações especiais de sons, grupos (cadeias) consonantais, etc.

Uma parte muito importante da Fonética Geral é a ciência da *acentuação* (ударение) e seu número incomensurável de variedades formativas. Esta [ciência] concerne à relação da acentuação com:

- cada parte separada da palavra (tanto as partes pronunciadas quanto as partes semânticas);
- as combinações de sons e as proposições completas; e
- a sua influência sobre a natureza dos sons, etc.

A fonética da *proposição enunciada* (*Satzphonetik*) examina a *estrutura fonética* (фонетическая структура) da proposição, as pausas e as ligações entre as palavras, isto é, os locais de contato das palavras e a sua influência mútua. Ela determina igualmente o acento tônico da proposição – tanto o acento linguístico, sintático, quanto o acento extra-linguístico: o acento da pergunta, da exclamação, da dúvida, da ironia

Em sua forma ideal, a Fonética geral deveria fornecer a classificação de todos os sons possíveis da fala humana, assim como de todas as combinações possíveis destes sons em grandes unidades. Mas, uma vez que tal fonética universal, até o presente momento permanece sendo um ideal inacessível, será imensamente mais prático contentar-se com a apresentação de alguns sistemas fonéticos concretos. Um exemplo de tal sistema concreto é a fonética polonesa (ver ‘*A Fonologia Polonesa*’).

Ao colocarmos no lugar da idéia de som a idéia de fonema como equivalente psíquico deste som e geralmente, ao transferirmos os dados antropofônicos ao solo psíquico, nós colocamos a Psicofonética no lugar da Antropofonética e começamos a falar dos fenômenos fonéticos na linguagem da Psicologia. Assim, por exemplo, em vez de “*articulação labial*” (губная артикуляция), agora é necessário falar da “*conversão (обращение) da faculdade linguística [necessária] para a articulação labial*”. A Psicofonética está justificada, pois como sabemos, a continuidade do lado fonético da língua não é mais que uma continuidade psíquica, relacionada às *representações*. Além disso, na Fonética existem muitos fatos que à primeira vista são apenas fonéticos, e que contudo, podem ser explicados apenas com base nas associações destas representações. Ao exercitarmos nosso pensamento em silêncio, o qual é nitidamente associado com as representações linguísticas, apesar de não emitirmos som algum, ao longo do tempo, contudo, começamos a sentir – nos órgãos com o auxílio dos quais realizamos o fonema correspondente – uma estimulação de maior ou menor intensidade, um estímulo nervoso, e até mesmo, uma intensificação na temperatura (por exemplo, ao pensarmos em *r*, experimentamos

algo semelhante nos lábios). Na Psicofonética, a fonação é substituída por uma série de representações das funções da fonação, enquanto a audição e a percepção [são substituídas] por uma série de representações dos resultados acústicos destas funções.

Em distinção do acento puramente fonético, a Psicofonética determina o *acento psíquico* (психический акцент). Alguns fonemas de tipos determinados de palavras tornam-se mais fortes e oferecem maior resistência a toda mudança, de forma que com as sua representação são associadas determinadas representações morfológicas ou semânticas. Destarte, por exemplo, na palavra polonesa *stól stol-u stol-e* o *l/l* consonantal constitui este fonema psiquicamente acentuado, pois precisamente com a sua representação é associada a representação da distinção das formas do caso de declinação, e ainda a representação do cerne morfológico de uma determinada palavra.

Assim como outros fenômenos da vida, o aspecto fonético da língua não é imutável, nem permanente. Os fonemas e suas combinações transformam-se a tanto a cada minuto da vida da língua, quanto no curso do tempo, não devido à “*harmonia de sons*” ou por eufonia, tampouco devido à “*indolência linguística*”, mas apenas por resultado da tendência à economia de trabalho que ocorre em três sentidos: 1) na direção centrífuga (центробежный), (isto é, da *fonação*); 2) na direção centrípeta (центростремительный), isto é, da *audição* (e em geral da *percepção*); e finalmente, 3) na direção do próprio centro cerebral (церебрационный центр) isto é, da *língua*. Quanto mais complexo e indeterminado o fonema (ou grupos de fonemas), tanto mais facilmente ele muda. Destarte, por exemplo, o grupo velar (заднеязычные) (*k g...*) e o grupo palatal (среднеязычные) (*t' d' s'...*) submetem-se mais facilmente às transformações, do que um fonema mais *linguodental* (переднеязычные) (*t n*) ou *labial* (губные) (*p m...*). Quanto mais fraco ou inexpressivo for o fonema, mais facilmente ele se transforma e desaparece.

As tais chamadas *mudanças fonéticas* (фонетические изменения) são comumente mal compreendidas. Assim, por exemplo, o reconhecimento da mudança, ou da transição, do *g* em *ż* na palavra polonesa *może* (em relação a *mogę*), ou a transição (mudança por “*etapas*”) na palavra polonesa *pomagać*, por *pomogę* – simplesmente não faz sentido. Na língua existem apenas os quatro seguintes gêneros de transição, ou mudanças fonéticas: 1) na fala contínua – tanto na consciente, quanto na automática, as representações fonatórias transformam-se sequencialmente; 2) quando à maneira de um experimento casual, nós colocamos no lugar da representação de um

fonema, a representação de outro fonema e a realizamos na pronúncia; 3) quando há a impossibilidade de realização da intenção fonética, pela não consonância entre esta mesma intenção e a sua execução, ocorre uma *substituição* (субституция), ou *troca* (подстановка). Esta substituição de sons que são possíveis na pronúncia, no lugar de sons imaginados, mas impossíveis [de serem executados], ou é uma substituição individual, a qual ocorre em consequência da disfasia ou no crescimento infantil, ou é uma substituição geral, por todo um povo ou até mesmo de toda a humanidade; 4) mudanças histórico-fonéticas, as quais ocorrem gradualmente na língua ao longo de uma série de gerações.

As mudanças do terceiro tipo, ou substituições, são as precursoras das mudanças do quarto tipo, as *mudanças históricas* (исторических изменений). Tanto as primeiras quanto as últimas, fundamentam-se em causas fonéticas, graças às quais, em certos lugares da palavra ou da proposição, alguns sons ou combinações de sons se tornam impossíveis (por exemplo, na língua altaica⁹⁵ não se pode colocar consoantes sonoras semelhantes a ***b g d*** no início das palavras e tampouco consoantes surdas semelhantes a ***p k t*** no meio das palavras entre soantes; em estoniano não é possível ocorrer os grupos consonantais ***st kl...*** no início das palavras).

Tanto o terceiro quanto o quarto tipo de mudanças fonéticas dão início às *alternâncias*, e também às *correspondências*. O parentesco etimológico dos morfemas (isto é, as partes das palavras que possuem sentido) e dos fonemas das diferentes línguas nós chamamos de *correspondência* (корреспонденция) entre diferentes línguas; já o parentesco etimológico dentro de uma mesma língua, chamamos de *alternância* (альтернация), ou *correspondência em uma mesma língua*. A alternância consiste no reflexo do parentesco etimológico dentro de uma mesma língua; a correspondência é o reflexo do parentesco etimológico entre diferentes línguas. Tanto uma quanto a outra são extensões históricas embrionárias dessas diferenças, as quais se relacionam com diferentes períodos da vida da língua. A gramática de uma língua ocupa-se da comparação e do estudo das alternâncias; já a tal “*gramática comparada*” de línguas parentes apóia-se sobre o reconhecimento das correspondências.

As mudanças históricas com base em uma mesma língua nos permitem compreender as alternâncias, já as mudanças históricas com base em múltiplas línguas nos permitem compreender as correspondências. Um exemplo de alternância: *wod-* (*woda*) | *wodź-* (*wodzie*) |

⁹⁵ N.T.: Ramo linguístico onde se incluem o turco e o mongol (Störig, 1990:182).

wod- (*wodny*) | *wut-* (*wód*) | *wud-* (*wódek*) | *wut-* (*wódka*)..., , ou seja, . *o* || *u*, *d* || *dź*, *d* || *t*...; em polonês: *pią-ć* | *pn-ę* | *pni-ę*, *żąc* | *żnę* | *żni-ę* ... ou seja *p* || *p'*, *n* || *ń*, *q* || *n*.. . Exemplos de correspondências: em polonês. *świec-a* — russo: свеч-а (*círio*), polonês: *trac-ę*, russo *тράч-у* (*gastar*)... , ou seja, em polonês *с* = *ч* russo (*č*); polonês *sen*, *mech*, *leb*, *krew'*... — russo *сон* (*sono*), *мох* (*musgo*), *лоб* (*testa*), *кровь* (*sangue*)..., isto é, *e* polonês = *o* russo...

Merecem uma atenção especial as alternâncias psicofonéticas, que são associadas com a diferença de formas ou significações: por exemplo, em língua polonesa as alternâncias das consoantes *palatais* (среднеязычных) ou “brandas” e as *não palatais* (несреднеязычных) ou “duras”, associadas com a representação mental da diferença entre algumas formas de determinados tipos de declinação dos substantivos, como por exemplo: *ć* || *t* *dź* || *d* *p'* || *p*, *l* || *ł*... nas palavras *braci-e*, *sąsiedzi-e*, *chłopi-e*, *osi-e* ... | *brat-a*, *sąsiad-a*, *chłop-a*, *osi-a* ... As alternâncias deste tipo são relacionadas à Morfologia propriamente dita, e não à Fonética, pois se trata de um recurso morfológico (semelhante a toda sorte de recursos formadores de palavras e de flexão, como o acréscimo de terminações, sufixos, prefixos, etc.). Não obstante, a tarefa da fonética de uma dada língua constitui-se em determinar a quais partes do aparelho fonador dirige-se o pensamento linguístico, levando em conta tudo o que foi antes mencionado. Em outras palavras, trata-se de responder à pergunta: a representação de quais funções fonatórias associa-se em uma determinada língua com a representação das *nuances* (оттенок) e diferenças morfológicas (e semânticas)?

A fonética histórica ocupa-se, acima de tudo, da busca pelas fontes do material da fonação (ou pronúncia) de cada língua. Cada indivíduo falante extrai os sons (como função e como sonoridade, como representação motora e como representação sonora) do contato com as pessoas (sejam conterrâneos ou estrangeiros) e do contato com a natureza, incluindo-se aí, além disso, também os sons extra-linguísticos, produzidos pela voz humana. Já os sons da língua de um determinado povo constituem: 1) uma continuidade da linha do desenvolvimento histórico direto, isto é, a continuidade dos sons peculiares a antepassados linguísticos de uma dada geração; 2) uma continuidade dos sons (de outras línguas) que exercem influência sobre uma dada língua; 3) o resultado da imitação dos sons da natureza.

A fonética histórica ocupa-se, além disso, do estudo do fato evidente e geral de que a pronúncia de cada língua transforma-se com o curso do tempo, e que no lugar de alguns sons mais antigos despontam outros, novos sons; isto é, a transformação constante, ininterrupta, é

peculiar ao aspecto fonético da língua, assim como a todos os outros fenômenos da vida. Contudo, nem todos os fonemas ou séries de fonemas transformam-se com velocidade e força iguais: pelo contrário, enquanto alguns deles submetem-se a transformações consideráveis em um tempo relativamente curto, outros são preservados sem um desvio aparente no curso de muitos milênios.

As transformações históricas dos fonemas ocorrem de duas maneiras: ou o impulso original à transformação em uma determinada direção jaz na própria estrutura do fonema, ou um determinado fonema deve o início de sua evolução à influência da *vizinhança fonética* (фонетическое соседство) e às ligações com outros fonemas da mesma palavra ou até mesmo da proposição. Uma *mudança* (изменение) do primeiro gênero nós chamamos de *espontânea* (спонтанное), já uma mudança do segundo gênero, chamamos de *combinatória* (комбинаторное). Com frequência é complicado demarcar uma fronteira nítida entre o primeiro e o segundo tipos de transformação. Além disso, é possível falar sobre a influência do ambiente fonético sobre a transformação de um dado fonema apenas no primeiro momento desta dependência. Tão logo um dado fonema transforma a sua natureza graças às influências externas, este, já como um fonema transformado e condicionado por novos elementos que entram sua estrutura, passa a transformar-se em uma determinada direção de forma claramente espontânea, por si só, independente de qual seria a influência da vizinhança ou do meio fonético. Assim, por exemplo nas combinações *ke, ki* ... o fonema *k* pode submeter-se a um *abrandamento* (смягчение) pela influência dos fonemas *e i*; mas uma vez tornado palatal ou “*brando*”, *k* passa, por si só, como um *k’* “*brando*”, a transfigurar-se na direção posterior da língua (alveolar), como *cz* ou *c*.

Na fonética histórica nossa atenção se volta para aos seguintes aspectos da vida linguística: 1) para os resultados das acomodações, ou ajustamentos, às condições antropofonéticas e psicofonéticas, assim como em geral para os resultados da tendência à economia de trabalho em três campos: a fonação, a audição e a cerebração; 2) para a influências de outras línguas, para a miscigenação etnográfica na esfera da pronúncia; 3) para algumas orientações gerais das mudanças fonéticas, tanto conectadas com o parentesco entre os povos, quanto as que são totalmente independentes deste. Aqui tem lugar a orientação constante das mudanças, observadas na história de todas as línguas; orientação que está fundamentada na transferência das funções fonéticas ou de pronúncia de baixo para cima e da trás para diante.

A fonética “*comparativa*” pode ser tanto a Fonética “*comparativa*” geral, a qual demonstra a semelhança das mudanças fonéticas, independentemente de quaisquer ligações históricas que existam ou não entre as línguas, quanto a Fonética “*comparativa*” histórica, fundamentada no parentesco tribal entre as línguas ou em suas influências recíprocas que geram os empréstimos fonéticos.

Além da Fonética, fundamentada no estudo de línguas constituídas, existe também a Fonética que se ocupa do estudo da pronúncia individual – tanto a Fonética Embrionária da língua das crianças, quanto aquela anormal, patológica, de toda a sorte de disfásicos, isto é, nas pessoas com desvios linguísticos. Estas são a Embriologia e a Patologia Fonéticas, ou da pronúncia.

Texto extraído da obra ‘ИЗБРАННЫЕ ТРУДЫ ПО ОБЩЕМУ ЯЗЫКОЗНАНИЮ’ 1-я часть (*Trabalhos Escolhidos em Linguística Geral – primeiro tomo*) de Baudouin de Courtenay (1963:353).

Texto traduzido do russo em 2015 por Rodrigo Garcia Garay.

Texto revisado e corrigido em jan. /2016 pela prof^a. Dr^a. Denise Regina de Sales.

Versão finalizada pela prof. Svitlana Voloshyna em 2016.

ANEXO IV

TEXTO DA DEFESA (dia 28/04/2016)

Introdução

Tudo que existe tem uma história, e tudo o que existe tem um nome. Por vezes, algo que existe ao longo dos séculos – como uma língua – pode ter vários nomes, e estes nomes carregam nuances de significação que terminam por remodelar e redefinir este algo de forma ligeiramente diferente como *algo único*. “Palavra e nome não designam e significam; eles são e agem” (Cassirer, 1955:40). O nome da presente dissertação – ‘O Fonema – Linguística e História’ – lhe define primeiramente o objeto de estudo, ou *tema*; em seguida o *escopo do campo científico* no qual este tema se insere; e finalmente, o *método de análise*. Partindo do princípio de que o fonema, como algo que existe, tem materialidade concreta no campo da Linguística, pois *que tem um nome* (embora seu aspecto de conceito científico tenha tido diferentes nomes no curso dos últimos três mil anos), nos propomos a examinar sua *história*. Isto significa examinar o conceito linguístico do fonema *esmiuçando* a sua história, seus diferentes nomes, as diferentes nuances de significado que lhe couberam no curso do tempo, os diferentes lugares onde foi estudado, as diferentes línguas em que foi descrito, assim como as diferentes teorias que lhe subjazem. É neste campo do saber que encontramos Ferdinand Mongin de Saussure (1857 – 1913), Jan Baudouin de Courtenay (1845 – 1929) e Mikołaj Kruszewski (1851 – 1887), os protagonistas deste trabalho, por terem sido os primeiros estudiosos modernos do conceito científico de *uma unidade fonológica*, assim como A. Dufriche-Desgenettes (1804 – 1878), o foneticista francês que deu à palavra grega φώνημα sua forma moderna *phonème*.

Nossa ideia originou-se a partir de dois extratos diferentes escritos pelo linguista russo Roman Jakobson: 1) sobre a gênese do fonema: “A procura pelos constituintes diferenciais discretos mais elementares da linguagem nos faz remontar à doutrina do sphoṭa dos gramáticos do sânscrito e a concepção do στοιχείον de Platão, mas o verdadeiro estudo linguístico desses invariantes iniciou-se apenas em 1870” (Jakobson, 1962:467); e 2) acerca dos fundadores da Fonologia: “Os primeiros alicerces da Fonologia foram assentados por Baudouin de Courtenay, Ferdinand de Saussure e seus discípulos” (Jakobson, 1962:232). Desta forma, tentamos realizar

uma “*reconstrução*” desta trajetória histórica e linguística, dos nomes, fatos e teorias que formam o conceito da unidade fonológica no estudo científico da língua. Iniciamos com o estudo da ciência da linguagem na Índia antiga (em particular, o estudo da gramática do sânscrito), seguido pelo estudo do alfabeto grego (incluindo aí os problemas relativos à língua grega, assim como à Gramática e à Filosofia). Finalmente, tentamos fazer “*um recorte*” preciso do momento na história das ideias linguísticas quando o conceito científico do fonema foi delineado, definido e incorporado à terminologia da epistemologia linguística.

Capítulo I

Este capítulo trata da Ciência da Linguagem hindu e da *questão da unidade de som* dentro da estrutura fonológica da língua. Primeiramente, temos os hinos sacros de louvor, ou Vedas (palavra que significa “*conhecimento*”), que foram transmitidos oralmente por séculos (aprox. entre 1500 e 500 a.C.), de geração a geração por estudiosos destes Vedas, os *brahmanes*. O interesse pelo estudo da Gramática (em especial da Fonética e da Fonologia) da língua sagrada do hinduísmo, conhecida como sânscrito, surge no cenário hindu devido à necessidade de preservar e transmitir a revelação sagrada dos Vedas: “*era de uma enorme significância ritual que cada palavra usada nas récitas dos sacrifícios fosse pronunciada com correção absoluta*” (Burrow, 2001:47 – *The Sanskrit Language*). A palavra *saṁ-s-krīta* é um particípio composto: o primeiro elemento é a preposição *saṁ* “*com*”; após um *s* de ligação, temos o particípio passivo *krīta* (-*tas*, *tā*, *tam*), do verbo *krī*, “*fazer*” (em latim *creare*, em grego κρᾶίνω “*completar*”). O seu significado literal é “*feito, criado ou completamente formado*” (*con-fectus*), “*perfeito*”. Em conjunto com o substantivo *bhāṣā*, que significa “*língua*”, forma a expressão “*língua aperfeiçoada, elaborada*” (*saṁskṛita bhāṣām* संस्कृत भष).

No cerne da Ciência védica (e portanto, permeando toda a *cosmovisão* hindu, não apenas a ciência da linguagem) temos dois processos complementares: o processo de síntese *saṁskaraṇa* “*unificar, agrupar*” (semelhante à palavra sânscrito) e o processo oposto, de análise, *vyākaraṇa* “*decompor*”. Os tratados de fonética (o *prāṭisākhya* e a *śikṣa*) e a gramática de Pāṇini (ou *vyakarana* = *decomposição*) são baseados nestes dois processos complementares. Nos tratados de Fonética (compilados entre 800 e 500 a.C.), o texto contínuo (*saṁhitāpāṭha*) dos hinos é, decomposto primeiramente em palavras separadas (*padapāṭha* = a palavra *pada* significa pé e

palavra), e em seguida, em *akṣaras* (palavra em sânscrito que significa *indivisível ou imperecível*, e que é comumente traduzida como a *sílaba*). O *akṣara* era a *unidade mínima de som na cadeia da recitação do sânscrito*; tratava-se de uma unidade contável, de forma que se pudesse marcar um ritmo e facilitar a memorização. O grande exemplo do *akṣara* é ॐ, que comumente chamamos de “*a sílaba sagrada*”.

Gradualmente, o *akṣara* é então segmentado em unidades ainda menores, os *varna* (= *cor*, significando aqui a *unidade mínima de som*). Com esse desmembramento, ao redor de 400 a.C. surgem os inúmeros tratados que ensinam todos os sons do sânscrito, as vogais, semi-vogais e as consoantes, seus pontos e modos de articulação, e os mais refinados detalhes de sua pronúncia, como, por exemplo, a força da respiração durante a recitação e as diferentes posições assumidas pela língua. A preocupação nestes tratados é exclusivamente com a pronúncia acurada dos hinos.

A gramática de Pāṇini (o ‘*Aṣṭādhyāyī*’ = *os oito capítulos*, compilada no sec. IV a.C.) representa o ápice de uma tradição gramatical transmitida por uma escola de grande antiguidade; a preocupação aqui é com questões que unem *pronúncia e significado*, e com a prescrição das formas corretas do sânscrito clássico (em oposição ao sânscrito védico). Se creditamos esta gramática a Pāṇini, isto se deve ao fato de que ele é considerado pela tradição como o primeiro compilador das cerca de 4.000 *sūtrās*, ou “*regras*”. Estas regras, assim como texto dos Vedas, deviam ser aprendidas de cor, sem o auxílio da escrita, o que representa um esforço monumental *de escuta e memorização*. Não se sabe ao certo quando estes textos foram registrados em forma escrita pela primeira vez.

O que sabemos é que os *brahmanes* chamavam o corpus dos Vedas de *śruti* (= *o que deve ser ouvido*, devido ao seu caráter de *revelação*) e o corpus auxiliar (como a fonética e a gramática entre outras ciências) de *smṛti* (= *o que deve ser lembrado*, devido ao seu caráter de *preservação*); a memorização correta destes textos conduz ao *dharma* (*ordem, ou mérito religioso*) e ao *nirvana*. Por esta razão, este capítulo se chama “*A Recompensa do Ouvir*” (*śravana phala* = *o fruto da audição*).

Capítulo II

Este Capítulo trata da Ciência da Linguagem na Grécia Antiga. Três aspectos da história da ideias gregas merecem nossa atenção: a criação do primeiro alfabeto (τὰ γράμματα), a *arte das letras* (ἡ γραμματικὴ τέχνη = *a técnica gramatical*) e sua ligação com a Filosofia. É justamente deste campo que tomamos nosso ponto de partida, a definição seminal de Aristóteles (384-322 a.C.) em ‘*De Interpretatione*’:

As palavras expressadas *na voz* são os *símbolos das experiências mentais* (*experiências sofridas pela psique*), assim como as *palavras escritas* são os símbolos das palavras faladas.

A capacidade de dividir a cadeia da fala em unidades mínimas de som homogêneo é o fundamento da escrita alfabética; de uma forma idealizada, cada letra representa um determinado som. Nossa classificação moderna do repertório de fonemas de uma determinada língua requer que os falantes sejam capazes de reconhecer diferenças – por vezes muito sutis – entre os determinados sons que compõe este repertório, e que conferem nuances de significado e distinção entre os vocábulos que compõe tal língua. No período histórico (800 a.C.) língua grega antiga estava fragmentada em diversos dialetos: o Iônico-ático, o Dórico e o Eólico eram tanto *dialetos falados* (cada qual com suas diferentes características de pronúncia) quanto *dialetos literários* (representativos de diferentes tipos de literatura escrita). A principal consequência da rica variação dialetal dos povos da Hélade é justamente, a sutil distinção (representada na escrita) dos sons das palavras de um dialeto para outro, a qual coloca em evidência certos fonemas (as vogais em particular, mas não apenas) formando uma série de alternâncias facilmente identificáveis quando nos dedicamos ao estudo das obras gregas clássicas. Estas diferenças são expressas nos textos grafados no alfabeto grego, uma invenção sem par na história da antiguidade, mas da qual infelizmente, não se conhecem os inventores. Segundo Heródoto e as pesquisas modernas, o alfabeto grego foi adaptado do alfabeto semítico fenício (provavelmente ao redor do séc. VIII a.C.); sabemos da origem semítica desta escrita devido ao nome das letras (*alfa/alef* = gado, *beta/beit* = casa, *gamma/gimmel* = camelo, *delta/daeth* = porta, etc.). A grande inovação grega

foi a *grafia das vogais*, que não eram registradas no sistema fenício (sistema *silábico consonantal*).

O estudo das letras e da arte de ler e escrever torna-se então de grande importância no mundo grego. Contudo, ler em grego, no séc. V a.C., era uma tarefa mais árdua que parece, pois os textos eram escritos em *scripta continua*, isto é, sem espaços, sem pontuação e sem acentos. A leitura (*anagnose*) significava então, saber “*segmentar*” um texto de Homero, por exemplo, colocando os acentos no lugar que lhes cabe, pronunciando as palavras da forma correta, cortando as palavras de forma que façam sentido no texto (segundo os casos do grego), e pontuando com pausas, onde necessário. Desta técnica de leitura e interpretação surge a gramática em sua acepção moderna, ou a disciplina técnica que explica os casos e funções sintáticas, a ortografia e as regras da pronúncia e escrita. A gramática inicialmente é uma das disciplinas auxiliares da Filosofia. Assim, coletamos informações a respeito de seu ensino por meio das obras de filósofos como Platão e Aristóteles. É por meio das obras destes filósofos que sabemos que os mestres gregos dividiam as palavras em *sílabas* (συλλαβή = *aquilo que é tomado em conjunto*) e estas em *elementos* (τὸ στοιχεῖον). Elemento pode significar a unidade mínima da escrita, a *grammata*, ou o *som que ela representa*:

Pois o “*elemento*” (τὸ στοιχεῖον) deve ser julgado como sendo um elemento principalmente devido ao fato de que tem *um som* (φθόγγος, da palavra “*ditongo*”), o qual é não-composto, e que tem uma qualidade única, tal como *alpha*, *epsilon* e *omikron* e o resto (S.Empiricus, 1987:69-I.117 – meu grifo).

Esta definição não está distante da nossa definição moderna do fonema; a própria palavra φώνημα (*phónema*), derivada do substantivo feminino ἡ φωνή, que significa “*som, som da voz humana*”, é uma palavra grega. No mundo helênico (onde o conhecimento da escrita gozava de enorme prestígio) *som e letra* parecem ter se fundido de forma por vezes indivisível (esta dualidade será herdada pela escola filológica européia do séc. XIX). Por esta razão, este capítulo chama-se λέγω e γράφω, em grego, “*eu falo, eu escrevo*”.

Capítulo III

O capítulo final chama-se ‘*O Fonema e a Ciência da Linguagem Moderna*’. Aqui nosso estudo traça duas linhas mestras: 1) o percurso histórico da Linguística no séc. XIX nos serve de “*pano de fundo*”, em particular os desenvolvimentos da Linguística Comparatista (resultantes da redescoberta do sânscrito no séc. XVI e dos estudos da Filologia dos clássicos Greco-romanos) até o predomínio da escola conhecida como os Neogramáticos de Leipzig. Tratamos de questões envolvendo o estudo *microscópico da língua*, isto é, questões acerca do consonantismo e do vocalismo das línguas indo-européias, discussões das quais o fonema parece ter sido fruto. Avançamos assim até o limiar entre os estertores da Filologia comparatista, e os prenúncios da Linguística Geral moderna, fundada por Saussure, e da Fonologia estruturalista, cujas bases foram assentadas por Courtenay; 2) a história da invenção do conceito do fonema por A. Dufriche Desgenettes, sua adoção por Saussure no ‘*Mémoire*’ de 1878, e a re-elaboração deste conceito por Kruszewski e Courtenay entre 1881 e 1899.

O capítulo tem por objetivo demonstrar como o advento do fonema está relacionado com o nascimento da nova ciência linguística. Os cursos ministrados por Saussure propuseram um projeto epistemológico bem estruturado calcado em *um objeto de pesquisa bem definido* (a língua como fenômeno social, o sistema linguístico de signos e a língua do ponto de vista dos fenômenos relativos à sua estrutura sonora), uma *metodologia verdadeiramente científica* (no caso da Fonologia de Courtenay e Kruszewski, o estudo de línguas vivas tornava os dados fonológicos levantados pelas pesquisas *verificáveis*, pois as línguas modernas ainda dispõem de falantes, ao contrário das línguas mortas pesquisadas pelos Filólogos comparatistas), e o estabelecimento de *unidades científicas*. O advento desta nova maneira de se trabalhar a Linguística exigiu uma reformulação dos conceitos e do aparato terminológico; foi desta forma que surgiram alguns destes conceitos modernos como o fonema, o morfema, o grafema, o signo, a semiologia, etc...

Inicialmente, o fonema careceu de uma única definição; cada um dos linguistas que utilizou este conceito pareceu dar-lhe características diferentes, de acordo com a natureza de sua própria pesquisa. Encerramos este capítulo com um estudo das “*fases*” iniciais do fonema, desde sua re-invenção por Desgenettes em 1873 até o primeiro artigo sobre este conceito (*O Fonema*,

de Courtenay, publicado em 1899), e incluímos comparações com a definição e as características do fonema segundo o ‘*Cours*’ (1916). Aqui encontramos os “*diferentes fonemas*”: 1) “*som da língua*” (Desgenettes), 2) “*unidade algébrica portadora de sentido*” (Saussure no ‘*Mémoire*’), 3) “*a mínima unidade de som na correlação entre palavras de uma mesma língua ou línguas diferentes*” (Kruszewski) e 4) “*mínima unidade da representação psíquica produzida por um dado som da língua*” (Courtenay) e 5) “*unidade mínima de som da parole, produto da ação vocal*” (Saussure no ‘*Cours*’).

Damos uma atenção especial ao fonema na obra saussuriana, primeiramente no ‘*Mémoire*’ (1878), contrastando-o com a noção de *sistema*, tão cara ao mestre. Realizamos uma análise dos diferentes posicionamentos sobre este conceito encontrados no ‘*Mémoire*’ e no ‘*Cours*’, e a definição do fonema saussuriano no ‘*Mémoire*’ do ponto de vista de três linguistas (Benveniste, Jakobson e Joseph), pois Saussure não nos deixou uma definição neste trabalho. Finalmente, encerramos com uma seção sobre o Fonema no manuscrito saussuriano chamado ‘*Phonétique*’, que apresenta inúmeras tentativas de definição deste conceito por parte de Saussure, sob diferentes pontos de vista.

Em anexo apresentamos três textos: 1) uma curta biografia de Baudouin de Courtenay; 2) o artigo *O Fonema* e 3) o artigo *A Fonologia*, ambos escritos por Courtenay, os quais traduzi do russo ao português.

Encerro esta apresentação de meu trabalho com uma correção necessária que vem ainda a tempo: na minha tradução do artigo *A Fonologia* (p. 162 – linhas 21 e 22) a expressão *psy szczekajq* significa em polonês literalmente “*os cães latem*” (em russo “*собаки лают*”). Inadvertidamente, julguei inicialmente esta expressão compor uma só palavra, e confundi-a com o adj. *psychiczna* (equivalente ao russo *психическая* = *psíquica*) um termo que Courtenay utiliza com frequência em seu texto. Agradeço esta tradução inestimável (que coloca esta parte do texto de volta nos eixos) ao ex-colega do curso de Letras, Marcelo Rodrigues o qual, sendo falante de polonês, teve o olho mais preciso e me auxiliou com esta correção.

Rodrigo Garcia Garay

